

CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA

---

# ANTOLOGIA PORTUGUEZA

Trechos selectos coordenados  
sob a classificacão dos generos litterarios e precedidos de uma

POETICA HISTORICA PORTUGUEZA

POR

THEOPHILO BRAGA

Professor de Litteraturas modernas no Curso Superior de Letras

ELZOT 20

Rua 15 de Novembro

PERNAMBUCO

PORTO.

LIVRARIA UNIVERSAL

DE

MAGALHÃES & MONIZ - EDITORES

12—Largo dos Loyos—14

1876

# POETICA HISTORICA PORTUGUEZA

## PARTE I

### DA METRIFICAÇÃO

1. O rythmo de uma lingua estabelecido por um dado numero de palavras, dentro das quaes se distribue um numero certo de pés, ou de accentos, chama-se *metro*. (Do grego *metron*, medida )

2. O estudo prosodico de uma lingua, sob o ponto de vista da *quantidade* ou dos *accentos*, chama-se *Metrificacão*.— Este estudo não forma os poetas, mas ensina a criticar as obras que constituem a riqueza poetica de um povo, filiando a sua origem, ou provando a sua autenticidade.

3. Como os principaes documentos da historia da humanidade são obras poeticas, muitas vezes restituidas á sua integridade por processos criticos, d'aqui a importancia do estudo da metrificacão. Applicado este estudo ao ponto de vista particular do nosso povo, forma-se assim uma *Poetica historica portugueza*.

#### I—Da Accentuação

4. Na poetica das linguas romanicas perdeu-se a noção da *quantidade*; a duração ou a rapidez da phrase, combinando syllabas longas e breves, em grupos chama-

dos *pés*, constitue a metrificacão das linguas flexionaes, como no sanskritico, no grego, no latim, e no allemão.

5. Quando se perde o sentido ideologico das flexões, e as palavras são derivadas de outras mais antigas por abreviacão, dá-se a revolução phonetica da decadencia das vogaes mudas e consoantes mediaes, permanecendo sempre inalteravel a vogal accentuada. Ex.: *Quadragesima, Quarésma, Carême*, em que desapareceram as consoantes mediaes *d, g, s*, e as vogaes mudas *u, a, i* e *a*, conservando-se inalteravel a vogal accentuada *é*.

6. A acção da vogal accentuada nos dialectos românicos, explica-nos o modo como a metrificacão moderna, produzida pelo povo, estabeleceu a accentuacão como base da metrificacão litteraria.

7. As alteraçõs phoneticas provocadas pelas proprias necessidades poeticas, como o augmento ou diminuicão de syllaba, a mudança de letra, são um meio artificial para harmonisar a accentuacão dentro do metro. O uso d'estas licenças repugna á espontaneidade da concepção poetica.

8. Conforme o numero de syllabas accentuadas que se incluem no metro, assim se caracteriza o verso, em *Redondilha, Endecasyllabo* ou *Alexandrino*. Chama-se pausa metrica o ultimo accento que cabe no metro. A syllaba grammatical não se conta.

## II—Do Verso

9. Ao grupo de *accentos* distribuidos dentro de qualquer metro chama-se *Verso*. (Do latim *versus*, de *verto*, voltar para traz.) Pode caracterisar-se: *a)* segundo o numero de syllabas que contém; *b)* segundo a disposicão dos accentos, ou syllabas metricas.

10. O verso é susceptivel de dividir-se em partes, chamadas *hemistichios*, que se ligam á cadencia da ac-

centuação total; esta propriedade tira ao verso a monotonia e facilita a variedade das estrophes.

a) Segundo o numero de Syllabas

11. Em geral os versos de uma syllaba, de duas, trez ou mesmo quatro, por isso que difficilmente servem para exprimir o pensamento, são empregados como hemistychios, e como estribilhos da estrophe.

12. O verso de cinco syllabas, com accento na primeira e quinta, ou tambem na segunda e quinta, de origem popular e nacional, chama-se *Redondilha menor*; ou segundo a designação historica provençal *Arte menor*, como lhe chamava Santillana. (Vid. n.<sup>os</sup> 59, 91 etc.) (4) Este verso é hemistychio do verso tambem nacional composto de dez syllabas (*em decas*) *Endexa*.

13. A' mesma designação de *Redondilha menor* pertence o verso de seis syllabas, tambem empregado como hemistychio de *Endecasyllabo*. (Vid. n.<sup>o</sup> 7.)

14. O verso mais natural e espontaneo tanto no hespanhol como no portuguez é o de sete syllabas, que se falla e cadencia inconscientemente tanto nos improvisos como na prosa dos escriptores. Chama-se *Redondilha maior*, mas pertence ainda á categoria provençal da *Arte menor*. (Vid. n.<sup>os</sup> 9, 95, etc.) O uso quasi exclusivo d'este verso, provocou no principio do seculo XVI, tanto em Portugal como em Hespanha, a imitação dos *Endecasyllabos* italianos; por este motivo chamou-se-lhe *medida velha*, e nunca foi abandonado na poesia palaciana.

15. O verso de oito syllabas não é do genio prosodico da lingua portugueza; ha comtudo exemplos produzidos por um esforço não louvavel. Tanto nos versos de *Redondilha menor* como *maior*, a disposição dos accentos

(1) Os numeros citados entre parenthesis referem-se á sigla marginal de cada composição da Antologia.



é arbitraria, comtanto que se sinta uma certa regularidade.

16. O verso de nove syllabas, com accentos rigorosamente na terceira, sexta e nona, é de uso moderno; pode-se caracterisar com o epitheto de *Marcial*, posto que seja tambem elegiaco. (N.º 243.)

17. O verso de dez syllabas apparece na antiga poesia portugueza, proveniente da imitação provençal da Eschola de Limoges; chamou-se no seculo xv *limosino*; quando era formado por hemistychios de Redondilha menor chamava-se-lhe *Endexa*. Proveiu da imitação da metrificacão por *quantidade*. Tambem se lhe chama *Endecasyllabo heroico*, e é o unico metro que dispensa completamente a *rima*. A disposicão das syllabas é sempre variavel, e é n'isto que está a sua aproximacão da harmonia da quantidade latina. (Vid. n.ºs 26, 42, 48. Forma moderna, n.º 149.)

18. Existe outro verso heroico, com accentos na segunda, quinta, outava e undecima syllabas; bastante usado na antiga poesia nacional, e renovado na eschola romantica portugueza. (Vid. n.ºs 12, 28, 112.)

19. Chama-se verso *alexandrino*, o que consta de doze syllabas, com accentos rigorosamente na sexta, decima e duodecima. Este verso é formado por dois hemistychios da redondilha menor de seis syllabas, e em geral a sua rima é em parellas. Chama-se *alexandrino*, por ter sido empregado pelo troveiro Alexandre de Paris, no seculo XII, no poema de *Alexandre*. As formas antigas são imperfeitas. (Vid. n.ºs 1 e 39.) Foi renovado na eschola romantica. Alem de doze syllabas a metrificacão torna-se prosa rythmica.

b) Segundo a disposicão da Syllaba metrica

20. A *syllaba metrica* é aquella que termina o metro, e chama-se assim para a distinguir das syllabas não accentuadas, que excedem o metro e são grammaticaes.

21. Se o verso termina rigorosamente na syllaba metrica, chama-se *agudo*; é empregado nas pausas estrophicas, e deve ser sempre evitado no verso solto endecasyllabo. Se além da syllaba metrica, existe uma outra syllaba grammatical, o verso é *grave*; usa-se exclusivamente no verso solto, e nos versos de redondilha é combinado com o *agudo*. Se a syllaba metrica coincide na antepenultima da palavra com que o metro termina, o verso chama-se *extruxulo*.

22. O hemistychio de qualquer metro tambem se considera como um verso completo, e chama-se *verso quebrado*.

### III—Da Estrophe

23. A reunião de dois ou mais versos, ligados entre si pela rima, constitue uma *estancia*, ou *estrophe*. Esta designação não tem já o sentido primitivo, derivado do seu uso religioso nos templos gregos.

#### a) Segundo o numero de Versos

24. Um verso só pode considerar-se como *Divisa* ou *Mote*, ou mesmo um aphorismo, como se vê nos anexins populares.

25. Dois versos, rimando conjunctamente formam a estrophe de *Parelhas*; usa-se de preferencia no verso *alexandrino*. Muitas vezes as parellhas alternam a rima, quando são separadas por um *estribilho*. (Vid. n.º 10.)

26. Trez versos, rimando o primeiro com o terceiro, e o segundo encadecendo-se com a rima do seguinte, formam a estrophe chamada *Terceto*. Deriva-se da poetica italiana, e foi introduzida em Portugal no seculo XVI; era empregada esta estrophe nas *Elegias* ou *Capitulos*, nas *Cartas* e *Eclogas*. Nas imitações provençaes era usado

como *Cabo*, no fim das Tenções; e na eschola italiana termina sempre os Sonetos. (Vid. n.<sup>os</sup> 184 e 185.)

27. Quatro versos formam a estrophe mais natural da poetica das linguas romanicas. Tal é a *quadra* popular, rimando o segundo com o quarto verso. (Vid. n.<sup>o</sup> 7, 20.) Ou a *quadra* litteraria, rimando o primeiro verso com o terceiro, e o segundo com o quarto. (Vid. n.<sup>o</sup> 41.) Ou rimando o primeiro com o quarto, e o segundo com o terceiro. (Vid. n.<sup>o</sup> 45.) Ou rimando o primeiro, segundo e terceiro, ficando o quarto verso rimando com todos os quartos das estrophes seguintes. (Vid. n.<sup>o</sup> 103.) A *quadra* em endecasyllabos ou alexandrinos já era conhecida na antiga poesia da Peninsula pelo nome de *quaderna via*.

28. A *quintilha* compõe-se de cinco versos, rimando na seguinte ordem: primeiro com o quarto e quinto, e segundo com o terceiro verso. (Vid. n.<sup>o</sup> 37.) Ou o primeiro com o terceiro e quinto, e segundo com o quarto. (Vid. n.<sup>o</sup> 38.) Ou o primeiro com segundo e quarto, e terceiro com o quinto. (Vid. n.<sup>o</sup> 60.) Ou o primeiro com o terceiro e quarto, e segundo com o quinto. (Vid. n.<sup>o</sup> 115.) Esta ultima forma da *quintilha* é a mais usual, renovada de Sá de Miranda no seculo XVIII por Tolentino. Ha outras variedades. (Vid. n.<sup>o</sup> 30.)

29. A *sextilha* ou *sextina*, é uma estrophe composta de seis versos; rimando o segundo, quarto e sexto. (Vid. n.<sup>o</sup> 3.) Ha muitas combinações de rima, a mais notavel é a da *maneira italiana*; na primeira estrophe não ha rima, porém na seguinte estrophe cada verso irá repetindo na primeira a palavra do ultimo, no seguinte a palavra do primeiro. (Vid. n.<sup>o</sup> 136.) Sá de Miranda e Camões usaram este artificio. (Vid. n.<sup>o</sup> 49 e 64.)

30. A *septilha*, compõe-se de sete versos, rimando o primeiro com o quarto e septimo, e o segundo com o terceiro, quinto e sexto. (Vid. n.<sup>o</sup> 26.) Ou o primeiro com o terceiro e septimo, o segundo com o quarto, e o quinto

emparelhado com o sexto. (Vid. n.<sup>os</sup> 27, 48.) Ou o primeiro com o quarto e septimo; o segundo emparelhado com o terceiro, e o quinto com o sexto. (Vid. n.<sup>o</sup> 62.) Ou o primeiro com o quarto e quinto, o segundo emparelhado com o terceiro; e o sexto emparelhado com o septimo. (Vid. n.<sup>o</sup> 87.) Ou o primeiro verso rimando com o terceiro; o segundo com o quarto e quinto, e o sexto emparelhado com o septimo. (Vid. n.<sup>o</sup> 91.)

31. A *outava*, apresenta duas construcções distinctas, uma anterior á imitação italiana, propriamente hespanhola empregada por Affonso o Sabio; e outra usada na eschoa quinhentista, tal como a formou Boccacio e a vulgarisou Ariosto. Na outava castelhana, rima o primeiro verso com o quarto, quinto e outavo; e o segundo emparelhando com o terceiro, e o sexto com o septimo. (Vid. n.<sup>o</sup> 69.) Era mais usual na forma lyrica. Esta outra disposição: o primeiro verso rimando com o quarto, quinto e septimo; o segundo emparelhando com o terceiro, e o sexto rimando com o outavo, (Vid. n.<sup>o</sup> 71) era mais propria da poesia heroica. Ou o primeiro rimando com o terceiro; o segundo com o quarto, quinto e outavo, o sexto emparelhando com o septimo. (Vid. n.<sup>o</sup> 112.)—Na *outava* italiana, como a introduziu Sá de Miranda, e a aperfeiçoou Camões, rima o primeiro com o terceiro e quinto; o segundo com o quarto e sexto; o septimo verso emparelha com o outavo. (Vid. n.<sup>o</sup> 149.) Esta é uma das estrophes de maior belleza.

32. A *decima*, é sempre em verso de redondilhas; ou formada de duas quintilhas independentes. (Vid. n.<sup>o</sup> 143.) Ou rimando o primeiro verso com o terceiro, sexto e septimo; o segundo, com o quarto e quinto; e o outavo, nono e decimo entre si. (Vid. n.<sup>o</sup> 57.) Ou o primeiro com o quarto e quinto; o segundo emparelhando com o terceiro; o sexto com o septimo e decimo, e o outavo emparelhando com o nono. Todas estas combinações são a capricho.

33. No verso sôlto não ha estrophe definida.

b) Segundo a disposição metrica.

34. Segundo a disposição metrica a estrophe apresenta muitas variedades, sobretudo pela combinação dos versos quebrados, (Vid. n.<sup>os</sup> 79 e 82) ou pela repetição dos estribilhos, (Vid. n.<sup>os</sup> 19, 20, etc.) ou de um *Mote* obrigado. (Vid. n.<sup>os</sup> 98 e 99.)

35. As divisões de *Antistrophe* e *Epodo*, introduzidas por Diniz nas odes pindaricas da Arcadia, são alheias á poesia moderna. Apenas existe o *Côro*, em que a multidão responde á voz que vae cantando. (Vid. n.<sup>o</sup> 74, 75 e 76.)

#### IV — Da Rima

36. A palavra *hrima*, na poesia do norte, significava verso e composição metrica. N'este sentido usaram-na os nossos poetas, como *Rimas* de Camões, etc. Deu-se especialmente o nome de *rima*, ou *consoante*, á correspondencia de sons da ultima syllaba metrica de um verso com a de outro ou outros versos, formando assim um todo harmonico ou estrophe. Segundo esta correspondencia de sons, a rima apresenta muitissimas variedades:

a) Em quanto á repetição de uma mesma letra.

37. A fôrma mais rudimentar da rima, é a *Aliteração*, a qual consiste na repetição intencional de uma dada letra, que provoca o ouvido a buscar a accentuação da phrase. E' muito frequente na tradição popular, sobretudo nos anexins:

*Domar protros, porém poucos.*

Tambem nos apparece com fórma litteraria na poetica do seculo xv. (Vid. n.º 89.)

38. Depois da aliteração, a *Tautologia* é o rudimento da relação entre o rythmo e o metro; é a repetição da mesma ideia por palavras differentes, e quasi sempre aliteradas. A *tautologia* pode ser simples; ex.: *Dito e feito*; ou aliterada; ex.: *São e salvo*. Este vestigio da poesia primitiva raras vezes se encontra na poesia individual. (Vid. n.ºs 138 e 139.)

39. Quando a estrophe tem uma só rima por effeito da repetição da mesma palavra, ou por effeito da correspondencia de um mesmo som, chama-se *Monorrímo*. E' tambem um caracteristico da poesia primitiva. Do primeiro genero, temos imitações provençaes. (Vid. n.º 56.) Do segundo genero temos monumentos populares (Vid. n.º 1,) e imitações das Gestas francezas. (Vid. n.º 39.) N'este ultimo caso as estrophes conhecem-se pela mudança de rima, terminando com uma *Neuma*, ou grito interjecional.

b) Enquanto á a aproximação de uma letra

40. A forma mais simples e espontanea da rima é a *Assonancia*; consiste na correspondencia da vogal accentuada da ultima syllaba metrica, abandonando a egualdade de sons das outras letras restantes. E' sobretudo empregada na poesia popular, especialmente nos Romances. (Vid. 66, 106.) A esta fórma de rima tambem se lhe chama *Toante*.

41. A *Consoante* é a rima perfeita, quando a vogal final e as letras restantes são identicas nos differentes versos. A rima é *pobre*, se a rima se estabelece entre suffixos de adjectivo, ou entre suffixos verbaes; *rica*, se a cadencia e harmonia se procura conjunctamente entre substantivos, adjectivos, verbos e adverbios.

## c) Formas estrophicas derivadas da disposição da Rima

42. As letras obrigadas no principio ou no fim de cada verso, chamam-se *Acrostico*; (Vid. n.<sup>os</sup> 85 e 86) ou *Telestichio*. (Vid. n.<sup>o</sup> 88.) Estes artificios pertencem ás epochas de decadencia.—Os *Labyrintos*, em que cada estrophe póde ser lida de muitos modos; os *Eccos*, (Vid. n.<sup>o</sup> 140) em que a syllaba metrica final se repete com um sentido novo, e mil outros artificios, acham-se na poetica portugueza, mas não devem ser imitados. Citaremos o *Centão*, no qual a estrophe é formada com versos escolhidos de um poeta celebre, formando um novo sentido. (Vid. n.<sup>o</sup> 203.)

43. A rima pode *encadear-se* do fim do verso para o meio do que se lhe segue, como usaram Sá de Miranda e Camões; a repetição do verso tambem dá origem a varias formas estrophicas, como a *Canção redonda* e a *lexaprem*, dos artificios provençaes. Porem estes caracteristicos só podem ser melhor definidos, ao tratar dos generos poeticos.

---

## PARTE II

## DA TAXONOMIA POETICA

44. A classificação dos generos poeticos assenta hoje sobre bases positivas, do mesmo modo que a classificação da linguagem; o estudo comparativo das litteraturas leva a determinar nas concepções poeticas da humanidade trez formas fundamtaes, *Epicas*, *Lyricas* e *Dramaticas*.

45. A *Epopêa* é uma degeneração de mythos religiosos, em que os nomes dos deuses se tornaram os nomes de heroes nacionaes, impondo-se com realidade historica. E' esta a epopêa natural, formada de grupos de differentes poematos locaes, como as *Ityasas*, na India, as *Rhapsodias*, na Grecia, as *Cantilenas*, na idade media, ou os *Episodios* na epopêa individual de Virgilio ou dos poetas modernos.

A concepção epica corresponde á epoca da constituição nacional, da qual ella é como a unificação. Em quanto ao estado de espirito representa os factos de um modo objectivo, e sempre narrativo.

46. O *Lyrismo* corresponde a um estudo de espirito costumado á especulação subjectiva, e ao habito de exprimir a passividade psychologica. Pertence ás epocas de cultura litteraria, e é sempre representado por altas individualidades. E' descriptivo.



47. O *Drama*, corresponde a uma phase social em que existem idéas moraes definidas, entre as quaes se estabelece a collisão ou *situação*, e quando existe um certo desenvolvimento de vida burgueza que se manifesta por um poder novo ou opinião publica. Este genero é digressivo.

Todas as creações litterarias se reduzem completamente a estas trez categorias.

48. Na Poesia portugueza, não havendo um forte elemento *tradicional* para ser elaborado segundo as necessidades do sentimento nacional, prevaleceu a *imitação* desde a idade media até hoje. Sigamos essas varias correntes.

## I—Eschola provençal

### a) Genero epico

49. Na poesia da idade media, a fôrma epica designa-se pelo nome de *Gesta*, ou *Canção*, e é composta de diversos poemetos cyclicos, chamados *Cantilenas*. Na Poesia portugueza do seculo XIV apenas se encontram estes rudimentos da epopêa, ou *Cantilenas*, uma só vez com o nome de *Gesta*; (Vid n.º 39) e segundo o uso vulgar com o nome de *Canção*. (Vid. n.º 1.) E' em versos alexandrinos, e monorrimos.

50. A designação popular de *Loenda*, deriva-se da fôrma latina da *Legenda*, poesia intermediaria ao povo e aos eruditos, redigida para celebrar as sanctificações locais da idade media. (Vid. n.º 2.)

51. A fôrma epica de *Romance*, apresenta varios sentidos; primeiramente a designação provençal de *Romans*, significava qualquer composição versificada sem separação de estrophes e com character narrativo. (Vid. n.º 41.) Antes porém de designar as cantilenas populares, significava qualquer dialecto novo-latino, e extensivamente a

linguagem, e o canto narrativo vulgar; dizia-se *Cantar romance*. Só no seculo XIV veio a exprimir as tradições epicas peninsulares em verso de redondilha em assonancia. Um dos mais antigos romances do seculo XIV é o de D. Fernando de Castella. (Vid. n.º 3.) Na Eschola quinhentista verêmos as transformações do *Romance*.

52. A *Chacone* era tambem um canto epico, que os cegos, segundo os costumes germanicos, entoavam; d'esta circumstancia lhe adveiu a denominação de *Ciecone*; acha-se nos costumes italianos, francezes e hespanhoes, o que justifica mais esta origem. (Vid. n.º 4.)

b) Genero lyrico—Eschola gallega.

53. A Canção lyrica popular de vigilia de santos e romarias, derivada das *letanias* sacras, como as *Prosas* e as *Salvas*, chama-se *Canto de ledino*. (Vid. 5 e 6.) Pertence á tradição galleziana e chegou a ser imitada nos Cancioneiros aristocraticos.

54. A *Serranilha*, ou *Serrana*, como lhe chamava o Marquez de Santillana, é a canção pastoril da tradição galleziana, em redondilha menor e quasi sempre em dialogo. Por ventura na serranilha existe algum elemento arabe, como se pode inferir do arabe *sehra*. Foi esta fórma popular a que mais fecundou o lyrismo portuguez. (Vid. 37, 87, 123, 130, 198.) O genero de composições populares arabes chamado *Zadschal*, foi imitado aqui pelo povo portuguez.

55. O genero da *Serranilha* toma differentes nomes conforme os estribilhos ou tautologias que o distinguem; quando a canção é dirigida a um amigo ou namorado chama-se *Cantiga de Amigo*; el-rei D. Diniz separa sob esta designação a imitação do lyrismo da eschola gallega da imitação provençal. (Vid. 7, 8, 9.)

O *Cantar guayado*, é a serranilha, assim chamada da neuma *Guay* ou *Ai*, com que sempre era começada. (Vid. 14, 15, 16, 17, 18, 19.)

O *Dizer*, é a serranilha quando começa por uma pergunta ou por uma affirmação: *Dizei-me* ou *Disse-me*. (Vid. 20, 21, 22.) O *Dito*, ou *Ditado*, significava linguagem e poesia; ainda no seculo XVI *Dizidor* significava improvisador satyrico.

56. A *Barca* ou *Barcarola* é o idyllo maritimo gallegiano,—que entrou nos Cancioneiros de imitação provençal. Ainda nos apparece no seculo XVI usado por Gil Vicente na *Não d'Amores*, e citado por Ayres Telles. (Vid. 31, 32, 33, 34, 35, 36.)

#### Eschola franceza

57. A *Sirvente* era a canção satyrica e a expressão da opinião publica da idade media; era *politica*; (Vid. n.º 40.) *moral*, (Vid. n.º 49.) Este genero teve entre nós um nome nacional *Cantiga de mal-dizer*, e sob a influencia hespanhola teve o nome de *Apodo*.

58. A *Planh* era uma especie de *Sirvente* elegiaca, á morte de algum grande personagem. (Vid. n.º 42.) Era escripta em endecasyllabos para ser cantada. Ao mesmo genero sirventesco pertencem:

A *Devinalls*, canção lyrica de imitação provençal, a qual, segundo Diez, era baseada sobre um equivoco de palavra, que se adivinha. (Vid. n.º 25.)

A *Noellaire* ou *Novas*, cantava uma acção ficticia, mas com intenção moral. (Vid. 26.)

59. A Canção em que dois contendedores tomam parte, encarecendo cada qual o seu amor, chama-se *Jocz-partitz*. (Vid. 43.) Quando a questão é entre os namorados, chama-se *Jocz enamoratz*; (Vid. 44 e 45) e se é entre varios trovadores é a *Torneamens*.

60. A *Alvorada*, é a canção de vigilia de origem popular sem caracter religioso, destinada a celebrar os pequenos successos da vida do trabalho, feitos ao amanhecer. (Vid. 10, 11, 12 e 13.) Coincide com a imitação

provençal da *Aubade*, á qual se succedia a *Serena*, ou ou descante nocturno, ainda nos costumes portuguezes.

61. A Canção destinada a acompanhar o baile ou bailia chamava-se a *Baylata*. Isidoro de Sevilha fala das vetustissimas *Balismatias*. Tem um metro adequado ao rythmo da dança; o refrem obrigado varia na collocação das palavras em cada estrophe. (Vid. n.º 28 e 59.) Ainda no seculo XVI se lhe chamava *bailho villão*. Foi introduzido nos Cancioneiros pela influencia artistica provençal.

62. O *Descort* era uma canção discorde já pela variedade do metro, já pela irregularidade da estrophe, já pela confusão dos dialectos misturados na mesma composição. (Vid. 46.) Era um artificio para exprimir o estado de um espirito perturbado por um amor não correspondido.

63. A *Canção franceza*, distingue-se porque a mesma palavra serve de rima na estrophe, e sobretudo o mesmo verbo em diversos tempos. (Vid. 47 e 1.) A este genero pertencem as *Coblas monorrimas*, que em cada strophe tem uma só rima. (Vid. 56.)

64. O artificio da rima produziu muitas outras variedades de canção; taes são o *Mansobre doble*, forma peninsular caracterisada pelo Marquez de Santillana, em que a rima é duplamente encadeada, (Vid. 53.) no meio e no fim do verso; a Canção de *Mansobre menor*, em que se repete a mesma palavra em dois versos como rima, no principio da estrophe. (Vid. 55.) A Canção de *Lexaprem* (deixa e pega) ou segundo a poetica provençal, *Canção redonda*, em que o ultimo verso de uma estrophe serve de primeiro á estrophe seguinte. (Vid. 54.) Tambem se lhe chamava *Encadenada*.

65. A Canção chamada *Refrem* é aquella em que o estribilho não serve só para unir uma estrophe a outra, mas encerra o pensamento total da canção. (Vid. 50, 51 e 53.) A esta classe pertencem as *Lyras*, ou refrens en-

soados, (Vid. 61.) tornados a pôr em moda por Gonzaga no seculo XVIII, tendo sido conservados na tradição brazileira desde o seculo XVI.

66. A *Decima*, assim designada pelo numero de versos de cada estrophe, pelo seu sentido indeterminado conservou-se na poesia até ao presente. (Vid. 57.)

67. A canção amorosa em que o trovador fallava da sua dama mysteriosamente chamando-lhe *Dona*, conservou por isso a designação de *Donaire*. (Vid. 58.) A canção em que o trovador saúda a sua dama, era o *Salutz*, (Vid. n.º 29.) O *Solatz* ou *Soláo*, ou *cantar solariego*, como lhe chamava Quevedo, é a canção elegiaca em que o trovador desabafa em um monologo consolando-se; reapparece no seculo XVI; a elle alludem Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Jorge Ferreira e D. Manoel de Portugal. (Vid. 30, 60.)

68. A *Pastorella*, *Pastoreta* ou *Vaqueira*, é o idylio provençal em que se celebra uma Pastora que guarda gado e se lamenta do seu amor perdido. Algumas vezes o trovador intercalla no meio das estrophes como retornello ou em jocs-partitz as queixas da pastora. (Vid. 37 e 38.) E' a *Serranilha* com um character mais restricto e narrativo.

69. A canção commum aos trovadores e aos jograes, em que se discute satyricamente um dado thema de amor, chamava-se *Tenção*. Termina com uma estrophe, chamada *Cabo*, em que cada trovador improvisa a sua metade, na qual resume a sua opinião. (Vid. 62 e 63.) Era realmente composta por diferentes trovadores, improvisada e julgada pelo auditorio; quando era sómente satyrica chamava-se *Tenção de mal-dizer*.

#### Eschola bretã

70. O *Lai* era uma canção lyrica de amor, cantada no gosto das arias bretans introduzidas na Peninsula no

seculo XIV. Tem apenas de caracteristico a designação; acham-se allusões a este genero de que os Cancioneiros não conservaram o typo. (Vid. n.º 64.) Na poesia hespanhola ainda se conservavam no seculo XV os *Virelay*, genero contraposto ao *Lai*.

## II—Eschola hespanhola

### Genero epico

71. No seculo XV desaparece a maneira provençal, e o *Romance* nacional continúa quasi desconhecido dos eruditos; no emtanto o povo continúa a celebrar em cantilenas as suas tradições e os factos da historia portugueza. (Vid. 65 e 68.) O *Romance* tem varios generos, segundo os assumptos que celebra; é *cavalheiresco*, quando trata tradições carlingianas ou arthurianas; (Vid. n.º 67) de *aventuras*, quando se não refere a algum cyclo tradicional da idade media; *historico*, quando celebra facto real; (Vid. 68) *sacro*, quando celebra a lenda da paixão; e *entretenido* ou *subjectivo*, quando perde o seu character narrativo e serve de expressão do sentimento. Todas estas fórmulas foram imitadas pelos eruditos, quando o *Romance* popular se tornou Litterario. (Vid. 109 a 111; 187 e 188; 195 e 196.)

72. A *Glosa* é uma composição em redondilhas, em geral em outavas ou decimas, que terminava com um verso de romance velho. Resende, á maneira hespanhola glosou o Romance de *Tiempo bueno*. Tomou um character lyrico subjectivo, e é mais conhecida pelo nome de *Volta*.

A designação popular do Romance tradicional é a de *Aravia*, usada sobretudo nas ilhas dos Açores. A classe popular essencialmente mosarabe, conservou mui-

tas melopêas arabes, ao som das quaes repetiu as suas redondilhas narrativas. D'aqui uma tal designação, derivada d'esta circumstancia accidental e exterior.

73. A fôrma epica litteraria do seculo xv, na qual se celebrava os desastres politicos, era em verso endecasyllabo, com a estrophe em outava castelhana; era uma especie de sirventesio a que se dava o nome de *Lamentação*. (Vid. n.º 71.) Esta designação acha-se abonada pelo Marquez de Santillana; tem intima analogia com os *Poemeti* italianos.

#### Genero lyrico

74. O lyrismo popular apresenta varias formas sem distincção fundamental, como o *Cantarcilho*, em quadras de redondilha menor. (Vid. n.º 72.) A *Tonadilha*, ou quintilha em redondilha menor, cuja tradição por ventura influiu nos *Tonos* da côrte de D. João iv. A *Seguidilha*, nome hespanhol da cantiga em quadras, quando se seguem entre si; (Vid. n.º 74) podia ter mais de quatro versos na estrophe, com retornello, a que se chamava *pé*, quando é de trez versos. Os *Clamores* são a elegia popular. (Vid. n.º 76.)

75. A *Esparsa*, é uma estrophe elegiaca, em fôrma epigrammatica, usada na poesia palaciana; é uma especie de *Volta*, independente de *Mote*. (Vid. n.ºs 83, 84 e 85.)

76. A *Volta*, é uma especie de glosa, em que se não reproduzem os versos do *Mote*, mas em que se interpreta ou disserta sobre o seu sentido. (Vid. n.ºs 79 e 80.) A Glosa é que prevaleceu na poesia portugueza até ao principio do seculo xix. O *Mote* era uma estrophe tomada da tradição ou de qualquer escriptor, e então chamava-se *Mote alheio*. Tambem toma o nome de *Vilancete* (Vid. n.º 90, 91 e 92.)

77. A *Copla* e a *Trova* eram a designação mais geral de qualquer composição poetica em redondilha maior, com estrophes de outavas ou de decimas. (Vid n.<sup>os</sup> 69, 70, 78.) A *Trova* tambem tinha o sentido de glosa; assim se diz *Vilancete trovado*, (Vid. n.<sup>o</sup> 87.) Romance *trovado*; e podia ser com redondilhas quebradas. (Vid. n.<sup>o</sup> 82.) A *Copilha* era a trova em redondilha menor. (Vid. 92.) As *Trovas aliteradas*, ou em *rimas forçadas*, (Vid. 89 e 88) são restos dos artificios provençalescos, que se reproduziram novamente no principio do seculo XVIII. Este genero offerece diferentes variedades, conforme o seu uso palaciano; assim o *Rifão* e o *Apodo*, eram como o mote e voltas das trovas ou coplas satyricas; as *Perguntas*, os *Porquês?* as *Ajudas*, os *Louvores*, as *Respostas*, nada offerecem de caracteristico. (Vid. n.<sup>os</sup> 96, 97, 100.) A *Volta* tem intimas analogias com o genero arabe *Muvaschaja*.

78. A *Oração farsi* ou *Fursiture*, é a copla com versos latinos intercallados, fórma derivada dos antigos cantos ecclesiasticos, quando o povo tomava parte na liturgia. (Vid. n.<sup>o</sup> 101.)

#### Genero dramatico

79. A *Chacota* era um baile dialogado, em que uma pessoa só cantava e servia de *Guia*, e os outros respondiam em côro. (Vid. n.<sup>o</sup> 75.) Gil Vicente termina muitos dos seus Autos assim. Tambem se chamava *Ratorta*, e á letra cantada, *Breve*. (Vid. 104.) O *Mômo*, era a fórma dramatica rudimentar das festas palacianas; era misturado de prosa e verso e fallavam pelo menos trez figuras. Tinha um caracter allegorico. (Vid. n.<sup>o</sup> 102.)



## III—Eschola quinhentista

## A) IMITAÇÃO HISPANO-ITALICA

## Genero epico

80. O Romance no seculo XVI é imitado pelos eruditos, que põem em verso a prosa das Chronicas (Vid. 111) ou parodiam no sentido burlesco os romances antigos mais populares. (Vid. 110.) Os Romances de *cativos* (Vid. 107) e *mouriscos* (Vid. 105 e 106) tiveram certo desenvolvimento, e os seus versos tornaram-se proverbias nas composições litterarias.

81. A pequena narração historica, em outavas á maneira castelhana, ou em estylo de lamentação, toma um caracter mais geral, como os *Poemetas* italianos. (Vid. 112 e 113.)

82. Ao genero epico, pela sua origem tradicional primitiva, de mythos degenerados, pertence a *Fabula*, conhecida no seculo XVI pela fórma esopica. Quer pela corrente arabe, pela provençal, ou pela erudição da renascença, a *Fabula* acha-se representada na poesia portugueza por Sá de Miranda. (Vid. 114, 115, 116, 117 e 118.) E' a *Fabula* uma ficção, tendente a estabelecer uma dada lei moral da collisão de interesses, tornados mais pittorescos por se passarem entre animaes.

## Genero lyrico

83. O lyrismo popular apresenta a fórma pura da Serranilha galleziana na colonia do Brazil. (Vid. 119.) O *Rumor*, a que allude Ayres Telles, especie de conto uzado na idade media á mesa dos principes, reaparece na tradição popular. (Pag. 140.)—A *Salva* era a *Prosa* liturgica tornada popular; especie de benção ou saudação no fim das rezas, e ao terminar do dia. (Vid.

n.º 121.) As *Orações*, (Vid. n.º 125) tantas vezes prohibidas nos Indices Expurgatorios, eram a parte principal da medicina do povo.—Os *Jogos*, ainda appresentam uma fôrma rythmica incósciente, e podem-se considerar como a parte mais antiga da poesia primitiva que ainda hoje se conserva. (Vid. n.º 126.) A *Adivinhação*, tambem conserva a fôrma rythmica, e é um dos grandes vestigios da tradição humana. (Vid. 127.)

84. O lyrismo litterario reproduz os generos principaes da Êschola hespanhola; (Vid. 128 a 135) e ao mesmo tempo os novos artificios da poesia italiana. (Vid. 136.)

85. As *Exclamações em Ecco* são um artificio poetico em que a estrophe termina com uma rima que é uma syllaba da palavra antecedente, mas com sentido completo e como resposta. (Vid. n.º 140.)

86. A *Ecloga*, em verso de redondilha, foi primeiramente imitada da poesia castelhana; e em verso endecasyllabo, da poesia italiana. E' um dialogo pastoril, ao qual corresponde na poesia popular o *Vilancico*. (Vid. 143.)

87. A *Carta*, é uma fôrma comum á imitação hespanhola, (Vid. 144) e italiana (Vid. 185.) N'esta ultima phase chamava-se-lhe *Epistola*, e era sempre em tercetos. Sá de Miranda e Falcão de Resende tambem lhe chamaram *Satyra*.

#### Genero dramatico

88. O *Auto* é a fôrma dramatica da idade media usada no theatro portuguez antes da Renascença. Tem o character *hieratico*, quando a acção pertencia á liturgia religiosa, como o Natal, os Reis ou a Paschoa; chamam-se *Farças* quando os assumptos se tiram de interesses burguezes; e *Tragicomedias*, quando se referem á vida de heroes ou personagens novellescos. Os persona-

gens eram reaes e allegoricos; fallavam sempre em verso ora de redondilha, ora endecasyllabo. (Vid. 146, 147 e 148.) A eschola italiana substituiu-lhe a *Comedia* em prosa dividida em *scenas* e *actos*.

#### B) IMITAÇÃO ITALIANA

##### Forma epica

89 A fórma narrativa litteraria, imitada das antigas concepções poeticas da humanidade, reapareceu na renascença pela imitação de Virgilio, com o mesmo nome de *Epopêa*. As regras da *Epopêa*, deduzidas por Aristoteles dos poemas homericos são incompletas, por que se conhecem hoje as epopêas indianas, persa, germanica, francezas, e finlandeza. A *Epopêa* celebra um grande *facto*, que resume a vida historica de uma nacionalidade; o *Maravilhoso* é uma reminiscência inconsciente da relação entre os deuses do mytho obliterado e as heroes em que elles se transformaram por effeito do conflicto das raças; os *Episodios* são as tradições parciaes, analogas aos pequenos poemas cyclicos da epopêa natural, bem como a *invocação* é derivada ainda do modo da sua propagação. (Vid. 149.)

##### Forma lyrica

90. O *Soneto* é de origem provençal; nos Cancioneiros portuguezes allude-se muitas vezes ao *Son*, mas deve entender-se sempre a parte musical da composição; os italianos é que fixaram a forma actual do *Soneto* desde Dante de Maiano. E' uma das formas lyricas mais perfectas; consta de quatorze versos em duas quadras e dois tercetos. Offerece mil variedades de structura, de que apenas indicaremos os nomes: *Soneto simples*, *dobrado*,

*terciado, com quebrados, encadeado, retrogrado, com estrambote*, (Vid. 166.) e outros artificios que só servem para perverter o gosto. (Vid. 150 a 182.)

91. A *Canção*, da eschola italiana, é mais extensa do que a provençal; tem maior numero de *estancias*, regulares ou irregulares; chamam-se *Canções seguidas*, as que encerram mais de dez ou doze estancias; a ultima estancia é o *Remate*, em que o poeta se dirige á propria canção como uma entidade ideal. (Vid. 183.) Subordinam-se á *Canção* as seguintes formas especiaes: a *Elegia*, expressão de um sentimento melancholico, em tercetos; (Vid. n.º 184.) o *Idyllo*, ou pequeno quadro descriptivo mais ou menos elegiaco, ou em monologo. Quando breves, as *Canções* tomam o nome de *Madrigaes*, e *Balatas*.

92. Muitas das formas da poetica italiana são um artificio erudito, procurando imitar as formas gregas, mas sempre debalde, como succedeu com a *quantidade*. Tal é a *Ode*, que se não distingue da *Canção*; subdivide-se em *alcaica, epodica, epithalamica, genethliaca, pindarica, saphica*, que se não distinguem, e que nos apparecem póstas em vigor pela Arcadia, no seculo XVIII.

#### Formas dramaticas

93. A imitação da tragedia grega e romana levou a poesia moderna a procurar as situações patheticas da historia moderna. O desenvolvimento da *Tragedia* moderna foi dificultado pela servil imitação da estrutura da tragedia grega, que debalde se procura reconstituir. Consta racionalmente de trez *Actos*, a proposição da acção, a situação ou intriga, e a peripecia ou desenlace; os dos actos *prologo* e *epilogo*, em que se previne a attenção e em que se deduz a moralidade, tambem foram aproveitados.

*terciado, com quebrados, encadeado, retrogrado, com es-trambote, (Vid. 166.) e outros artificios que só servem para perverter o gosto. (Vid. 150 a 182.)*

91. A *Canção*, da eschola italiana, é mais extensa do que a provençal; tem maior numero de *estancias*, regulares ou irregulares; chamam-se *Canções seguidas*, as que encerram mais de dez ou doze estancias; a ultima estancia é o *Remate*, em que o poeta se dirige á propria canção como uma entidade ideal. (Vid. 183.) Subordinam-se á *Canção* as seguintes formas especiaes: a *Elegia*, expressão de um sentimento melancolico, em tercetos; (Vid. n.º 184.) o *Idyllo*, ou pequeno quadro descriptivo mais ou menos elegiaco, ou em monologo. Quando breves, as *Canções* tomam o nome de *Madrigaes*, e *Balatas*.

92. Muitas das formas da poetica italiana são um artificio erudito, procurando imitar as formas gregas, mas sempre debalde, como succedeu com a *quantidade*. Tal é a *Ode*, que se não distingue da *Canção*; subdivide-se em *alcaica, epodica, epithalamica, genethliaca, pindarica, saphica*, que se não distinguem, e que nos apparecem póstas em vigor pela Arcadia, no seculo XVIII.

#### Formas dramaticas

93. A imitação da tragedia grega e romana levou a poesia moderna a procurar as situações patheticas da historia moderna. O desenvolvimento da *Tragedia* moderna foi dificultado pela servil imitação da estrutura da tragedia grega, que debalde se procura reconstituir. Consta racionalmente de trez *Actos*, a proposição da acção, a situação ou intriga, e a peripecia ou desenlace; os dos actos *prologo* e *epilogo*, em que se previne a attenção e em que se deduz a moralidade, tambem foram aproveitados.

O *Côro* grego é que não chegou a ser comprehendido. As subtilizas da *unidade de tempo*, *unidade de acção* e *unidade de logar*, foram uma superstição erudita, que serviu para abafar o genio creador. (Vid. n.º 186.)

#### IV — Eschola seiscentista

94. A forma narrativa popular tornada litteraria por Quevedo e imitada pelos escriptores do seculo XVII, foi a *Chacara* ou *Xacara*, derivada dos Xaques ou fadictas d'essa epoca, que celebravam em improvisos os seus feitos. E' sempre em quadras assonantadas, ás vezes com o quarto verso em hemistichio e encadeado com a estrophe seguinte. (Vid. n.º 197.) Tem modernamente o nome de *Fado*.

95. A *Sylva* é a fórma culteranesca da Ode italiana.—Predominaram os *Madrigaes* e as *Balatas*; as *Ecllogas* e as *Epistolas*. Os *Tonos* eram canções breves, allegoricas, e serviam de pretexto para a musica. As Aca-demias exageraram todos os artificios poeticas.

96. Da fórma dramatica, a mais caracteristica é a *Lôa*, prologo de comedia, que se torna uma especie de entre-acto; o *Vilancico* tornou-se o entremez hieratico dos presepios. (Vid. n.º 205.)

#### V — Eschola arcádica

97. O lyrismo apenas apresenta com caracter nacional a *Modinha*, (Vid. n.º 220.) renovada na litteratura por influencia dos poetas brasileiros; e as *Lyras*. (Vid. n.º 221.) Tudo o mais é uma imitação dos quinhentistas e dos poetas latinos.

98. Das imitações eruditas, apparecem o *Dythirambo*, especie de ode irregular destinada a celebrar os pra-

zeres do vinho; a *Ode pindarica*, para celebrar os heroes á maneira de Pindaro; a *Cantata*, imitação italiana, especie de poemeto narrativo elegiaco, em endecasyllados e terminando com uma *Aria*, ou pequena anacreontica. (Vid. n.º 222.) O *Romance em endecasyllabos*, em quadras não rimadas, e de um pobre effeito poetico; por ultimo a forma lyrica do *Amphiguri*, conservada dos ridiculos artificios dos cultistas.

99. A falta de liberdade sob o cesarismo deu a decadencia da criação dramatica; a *Opera* era um pequeno drama em redondilha menor, para ser cantado; n'este genero só traduzimos mal.

## VI—Eschola romantica

100. Todas estas classificações e subgeneros foram abandonados, e foi-se procurar a poesia não na reprodução material de dadas formas, porém na comprehensão das *tradições* nacionaes.

PRIMEIRA EPOCA

ESCHOLA PROVENÇAL

(SECULOS XIII E XIV)

SECCÃO 1.<sup>a</sup>

ESCHOLA GALEGA OU JOGRALESCA

**I** GENERO EPICO: a) *Tradicional*: 1. Canção do Figueiral — 2. Loenda de Santa Iria — 3. Romance de D. Fernando de Castella. b) *Litterario*: 4. Chacone de Frei Mendo Vasques.

**II** GENERO LYRICO: *Tradicional*: 5 — 6. Cantos de ledino — 7 — 9. Cantares d'amigo — 10 — 13. Alvoradas — 14 — 19. Cantares guayados — 20 — 22. Dizeres — 23 — 24. Pragas — 25. Devinalhs — 26. Noellaire — 27. Sirvente — 28. Baylata — 29. Salutz — 30. Solatz — 31 — 36. Barcarolas — 37 — 38. Seranilhas e Pastorellas.

**III** GENERO DRAMATICO: *Tradicional*: (Arremedilho?)



## CANÇÃO DO FIGUEIRAL

(LIÇÃO DO CANC. MS. DO CONDE DE MARIALVA)

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey,  
seis ninhas encontrara, seis ninhas encontrei,  
para elas andára, para elas andei,  
lhorando las achara, lhorando as achei;  
logo las percurára, logo las percurei  
quem las mal tratara y a tam mala lei?

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei,  
uma reprecara: «Infançom nom sei,  
mal cunusse la terra que teme ó mal rei;  
s'eu las armas usara, ya mi fee nom sei,  
se hombre a mi levara de tam mala lei;  
adios vos vayados, garçom, ca nom sei  
se onde me falades mais vos falarei.»

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei,  
eu la reprecara:—A mi fee nom irey,  
ca olhos d'essa cara caros comprarey,  
a las longas terras en traz vós me irei,  
las compridas vías eu las andarei,  
lingua de aravias eu las falarei;  
mouros se me visse eu los matarei.—

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei,  
mouro que las guarda cerca las achei,  
mal las meazara, eu mal me anogey,  
troncom desgalhara, troncom desgalhey;  
todolos machucara, todolos machuquey,  
las ninhas furtara, las ninhas furtei,  
la que a mim falara na alma la chantey,  
no figueiral figueiredo a no figueiral entrei.

(Vid. Brito, e Miguel Leitão.)

## LOENDA DE SANTA IRIA

Estando eu a coser na minha almofada,  
 Com agulha de ouro e dedal de prata,  
 Veiu o cavalleiro pedindo pousada;  
 Se lh'a meu pae dera, estava bem dada,  
 Deu-lh'a minha mãe, que mui me custava;  
 Fui fazer a cama no meio da sala.

Era meia noite, a casa roubada,  
 De trez que nós eramos só a mim levava.  
 Eram sete leguas, nem falla me dava,  
 Lá para as outo é que me perguntava:  
 —Lá na tua terra como te chamavam?  
 «La na minha terra eu era morgada,  
 «Cá n'estas montanhas serci desgraçada.

—Por essa palavra serás degollada.  
 Ao pé d'um penedo serás enterrada,  
 Coberta de rama bem enramalhada.—  
 No fim de sete annos por ali passava,  
 E a todos que via lhe perguntava:  
 —Dizei-me pastores que guardaes o gado,  
 Que ermida é aquella que alem branquejava?

—É de Santa Iria bemaventurada,  
 Que ao pé d'um penedo morreu degollada.  
 —Oh minha Santa Iria, meu amor primeiro,  
 Por doa-me a morte, serci teu romeiro!  
 «Não te perdôo, ladrão carniceiro,  
 «Que me degollaste que nem um carneiro;  
 «Veste-te de azul, que é côr do céu,  
 «Se elle te perdoar, perdoar-te quero.

## ROMANCE DE D. FERNANDO, REI DE CASTELLA

3

Desfiar enviarom  
ora de Tudela  
filhos de Dom Fernando  
del-rey de Castella;  
e disse el-rey logo  
—Hide a lá Dom Vella:

Desfiade e mostrade  
por mim esta razom,  
se quizerem per talho  
do reino de Leom,  
filhem por en Navarra,  
ou o reino de Aragon.

Ainda lhes fazede  
outra preitesia,  
dar-lhes-hei per cambo  
quanto hei em la *Galicia*,  
e aquesto lhe fazo  
por partir perfia.

E faço grave dito  
cá meus sobrinhos som,  
se quizerem per talho  
do reino de Leom,  
filhem por en Navarra  
ou o reino de Aragon.

E veede ora, amigos,  
se prend'eu engano,  
e fazede de guisa  
que seja sem meu dano;  
se quizerem em tregua  
dade-lh'a por um anno.

Outorgo-a por mim  
 e por elles dom,  
 e ar tem se quizerem  
 per talho de Leom,  
 filhem por en Navarra  
 ou o reino de Aragom.

Ayres Nunes, clérigo.  
 Restituído do n.º 466 do CANCIONEIRO PORTUGUEZ, da Vaticana. Ed. Monaci. 1875.

### CHACONE

À MORTE DE SUA MULHER D. XIMENA, CHAMADA A LUCRECIA  
 PORTUGUEZA, PORQUE FINGINDO ASSENTIR  
 AOS DESEJOS DO CAPITÃO Mouro, QUE A FIZERA  
 PRISIONEIRA, ABRAÇOU-SE COM ELLE E SE PRECIPITOU  
 NO MAR, ONDE AMBOS PERECERAM:

- 4      A juso da querida, Mendo, jases  
           que nos ceos a tem Deos;  
           goivos teredes la bentos angeos  
           a suso em pases.
- A roman me semelhas de boa semente  
           que per ser forçada  
           estrancinhou pela goela triguosamente  
           á ponta da espada.
- Porém tu basmando ficar luxosa  
           chimpada no peguo  
           co Alchoroista da ralé pegujosa  
           me deixaste ceguo.
- Eu fulgoriando ripei pes da terra  
           a tenho capús,  
           sou freire per ti onde se nom erra  
           em chuz nem muz.

Nem vos perlevo em nada, Ximena,  
 que sendo delguada,  
 cambaste no lago a chusma de pena  
 a sois mui honrada.

Frei Mendo Vasques de Briteiros.

(Ap. HIST. CHRONOLOGICA DA REAL ABBAD.  
 D'ALCOBAÇA, Provas e Addições, p. 64.)

---

## CANTOS DE LEDINO

- 5 Ondas do mar de Vigo,  
 se vistes meu amigo  
 c'ay Deus, se verrá cedo!  
 Ondas do mar levado,  
 se vistes meu amado  
 c'ay Deus, se verrá cedo!  
 Se vistes meu amigo,  
 o por quem eu suspiro,  
 c'ay Deus, se verrá cedo!  
 Se vistes meu amado,  
 o por quem ey gram cuydado,  
 c'ay Deus, se verrá cedo!

Martim Codax, *Canzoniere Port.*, n.º 884.

- 6 Mha irmana fremosa,  
 treydes commigo  
 a la egreja de Vigo  
 hu é o mar salido,  
 e miraremos las ondas!  
 Mha irmana fremosa,  
 treydes de grado  
 a la egreja de Vigo  
 hu é o mar levado,  
 e miraremos las ondas!

A la egreja de Vigo  
 hu é o mar salido,  
 e verra hy, madre,  
 o meu amigo,  
 e miraremos las ondas!

A la egreja de Vigo,  
 hu é o mar levado,  
 e verra hy, madre,  
 o meu amado,  
 e miraremos las ondas!

*Id., Ibidem, n.º 886.*

### CANTARES D'AMIGO

7 Tal vay o meu amigo  
 com amor que lh'eu dey,  
 como cervo ferido  
 de monteiro d'el-rey.

Tal vay o meu amigo,  
 madre, c'o meu amor,  
 como cervo ferido  
 de monteiro-mayor.

E se el vay ferido  
 hirá morrer al mar,  
 'si fará meu amigo  
 se eu d'el nom pensar.

E guardade-vos, filha,  
 ca já m'eu a tal vi,  
 que se fez coitado  
 por guanhaar de mi.

E guardade-vos, filha,  
 ca já m'eu vi a tal,  
 que se fez coitado  
 por de mi ganhar.

*Pero Meogo, Canzoniere Portoghese, n.º 791.*

8

Tres moças cantavam d'amor  
 mui fremosinhas pastores,  
 mui coytadas dos amores,  
 e diss'ende mha senhor:  
 «Dized'amigas, commigo  
 «O cantar do meu amigo!»

Todas tres cantavam mui bem  
 como moças namoradas  
 e dos amores coitadas;  
 e diss' a por que perco o sen:  
 «Dized'amigas, commigo,  
 «O cantar do meu amigo.»

Que gram saber eu hayya  
 de as oyr cantar entom,  
 e prougue-mi de coraçom  
 quanto mha senhor dizia:  
 «Dized'amigas commigo  
 «o cantar do meu amigo.»

E se as mays oysse  
 a que gram sabor estava,  
 e que muyto me pagava  
 de como mha senhor disse:  
 «Dized'amigas, commigo  
 o cantar do meu amigo.»

Lourenço Jograr, *Canzoniere Portoghese*, n.º 867.

9

Hum cantar novo d'amigo  
 querrey agora aprender  
 que fez ora o meu amigo,  
 e cuydo logo entender  
 no cantar que diz que fez  
 por mi, se o por mi fez.

Hum cantar d'amig'ha feyto,  
 e se m'o disser alguem  
 deyto como el é feyto,  
 cuydo-o eu entender mui bem  
 no cantar que diz que fez  
 por mi, se o por mi fez.

O cantar est' é mui dito  
 pero que o eu non sey,  
 mays pois m'o houveram dito  
 cuydo eu que entenderey  
 no cantar que diz que fez  
 por mi, se o por mi fez.

Pedro Amigo de Sevilha, *Ibid.*, n.º 819.

10

## ALVORADAS

Levad'amigo, que dormides as manhanas frias,  
 todalas aves do mundo d'amor diziam:

Leda m'and'eu!

Levad'amigo, que dormidelas frias manhanas,  
 todaslas aves do mundo d'amor cantavam:

Leda m'and'eu!

Todalas aves do mundo d'amor diziam:  
 do meu amor e do vosso en mentariam:

Leda m'and'eu!

Todas las aves do mundo d'amor cantavam:  
 do meu amor e do vosso y en mentavam:

Leda m'and'eu!

Do meu amor e do vosso en mentariam  
 vós lhi tolhestes os ramos em que siiam;

Leda m'and'eu!



Do meu amor e do vosso en mentavam,  
 vós lhe tolhestes os ramos em que pousavam;  
 Leda m'and'eu!

Vós lhes tolhestes os ramos em que siiam,  
 e lhes secastes as fontes em que beviam;  
 Leda m'and'eu!

Vós lhes tolhestes os ramos em que pousavam,  
 e lhis secastes as fontes hu se banhavam;  
 Leda m'and'eu!

Nuno Fernandes Torneol. *Ibid.*, n.º 242.

11

Levantou-se a velida,  
 levantou-se alva,  
 e vay lavar camisas  
 en o alto.  
 Vay las lavar, alva.

Levantou-se a louçana,  
 levantou-se alva,  
 e vay lavar delgades  
 en o alto.  
 Vay las lavar, alva.

Vay lavar camisas,  
 levantou-se alva,  
 o vento lh'as desvia  
 en o alto.  
 Vay las lavar, alva.

E vay lavar delgades,  
 levantou-se alva;  
 o vento lh'as levava  
 en o alto.  
 Vay las lavar, alva.

O vento lh'as desvia,  
 levantou-se alva,  
 meteu-se alva, em ira  
 en o alto.  
 Vay las lavar, alva.

O vento lh'as levava;  
 levantou-se alva,  
 meteu-se, alva, em sanha,  
 en o alto.  
 Vay las lavar, alva.

El-Rey D. Diniz, (*Canc.*, p. 142.)

- 12 Vayamos, irmana, vayamos dormir  
 nas ribas do lago, hu eu andar vy  
 a las aves meu amigo!
- Vayamos, hirmana, vaiamos folgar  
 nas ribas do lago, hu eu vi andar  
 a las aves meu amigo.
- En nas ribas do lago, hu eu andar vi .  
 seu arco na mão as aves ferir  
 a las aves meu amigo.
- En nas ribas do lago, hu eu vi andar  
 seu arco na mão a las aves tirar  
 a las aves meu amigo.
- Seu arco na mano as aves ferir,  
 a las que cantavam deixal-as guarir,  
 a las aves meu amigo!
- Seu arco na mano a las aves tirar,  
 e las que cantavam nom nas quer matar  
 a las aves meu amigo.

Fernam desquyo. (CARCIONEIRO da Vati-  
 cana, n.º 302. Ed. Menaci.)

- 13 Fui eu, madre, lavar meus cabellos  
 a la fonte, e paguei-me eu d'elos,  
 e de mi,  
 louçana e...
- Fui eu, madre, lavar mhas garceras  
 a la fonte, e paguei-m'eu d'ellas,  
 e de mi,  
 louçana, e...
- A lá fonte, paguey-m'eu d'elas  
 a lá achei, madre, o senhor d'ellas  
 e de mi,  
 louçana, e...
- Ante que m'eu d'ali partisse  
 fui pagada do que m'el disse  
 e de mi,  
 louçana, e...

D. João Soares Coelho, *Ibid.*, n.º 291.

---

## CANTARES GUAYADOS

14

- Ay fremosinha, se bem ajades,  
 longe de vila quem esperades?  
 Vim atender meu amigo.
- Ay fremosinha, se grado avedes,  
 longe de vila quem atendedes?  
 Vim atender meu amigo.
- Longe de vila quem esperades?  
 Direy-vol-eu, pois me perguntades,  
 Vim atender meu amigo.
- Longe de vila quem atendedes?  
 Direy-vol-cu, poyl-o sabedes,  
 Vim atender meu amigo.

Bernal de Bonaval, *Ibid.*, n.º 728.

- 15 Ay Sanctiago, padron sabido,  
 vós m'adugades o meu amigo.  
 Sobre mar vem  
 quem frores d'amor tem;  
 mirarey, madre,  
 as terras de Jaen.
- Ay Sanctiago, padron provado,  
 vós m'adugades o meu amado.  
 Sobre mar vem  
 quem frores d'amor tem;  
 mirarey, madre,  
 as torres de Jaen

Pay Gomes Charrinho, *Ibid.*, n.º 429.

- 16 Ay flores! ay flores do verde pino!  
 se sabedes novas do meu amigo?  
 Ay Deus! E' hu é?

Ay flores! ay flores do verde ramo,  
 se sabedes novas do meu amado?  
 Ay Deus! E hu é?

Se sabedes novas do meu amigo,  
 aquel que mentiu do que poz commigo?  
 Ay Deus! E hu é?

Se sabedes novas do meu amado,  
 aquel que mentiu do que m'a jurado?  
 Ay Deus! E hu é?

—Vós me perguntades pel-o vosso amado!  
 e eu ben vos digo que é vivo e sano.—  
 Ay Deus! E hu é?

E eu bem vos digo que é sano e vivo,  
e seerá vosc' ant' o prazo saído.

Ay Deus! E hu é?

E eu bem vos digo que é vivo e sano  
e seerá vosc' ant' o prazo passado.—

Ay Deus! E hu é?

El-Rei D. Diniz. (Ap. CANTI ANTICHI  
PORTOGHESI, p. 1; Lopes de Moura  
CANC., p. 139.)

17 Non chegou, madre, o meu amigo;  
e oj' é o prazo saydo;

Ay! madre, moiro d'amor.

Non chegou, madre, o meu amado  
e oj' é o praso passado.

Ay! madre, moiro d'amor.

E oj' é o prazo saydo;  
porque mentiu o desmentido,

Ay! madre, moiro d'amor.

E oj' é o praso passado,  
porque mentiu o perjurado,

Ay! madre, moiro d'amor.

E porque mentiu o desmentido  
pesa-mi, pois per si é falido,

Ay! madre, moiro d'amor.

Porque mentiu o perjurado  
pesa-mi, pois mentiu per seu grado,

Ay! madre, moiro d'amor.

El-Rei D. Diniz, (CANC. p. 136.)



## DIZERES

20 Disse-m'a mi meu amigo,  
quando se ora foy sa via,  
que nom lh'estevess'eu triste  
e cedo se tornaria.

E soo maravillhada  
por que foi esta tardada.

Disse-me a mi meu amigo,  
quando s'ora foy d'aquem  
que nom lh'estevesse eu triste  
e tarda, e mi nom vem.

E soo maravillhada  
porque foy esta tardada.

Que nom lh'estevess'eu triste  
cedo se tornaria,  
e pesa-me de que tarda;  
sabe-o santa Maria.

E soo maravillhada  
porque foy esta tardada.

Que nom lhe estevess'eu triste,  
tarda e nom mi vem,  
e pero nom é por cousa  
que m'el nom queira gram bem.

E soo maravillhada  
porque foy esta tardada.

*Idem, Ibid., n.º 234.*

21

—Digades, filha, mha filha velida,  
porque tardastes na fontana fria?

Os amores ey.

Digades, filha, mha filha louçana,  
 porque tardastes na fria fontana?

Os amores ey.

«Tardei, mha madre, na fontana fria,  
 cervos do monte a augua volviam.

Os amores ey.

Tardei mha madre na fria fontana,  
 cervos do monte volviam a augua.

Os amores ey.

—Mentis, mha filha, mentis por amigo,  
 nunca vi cervo que volvesse o rio.

Os amores ey.

Mentis, mha filha, mentis por amado,  
 nunca vi cervo que volvesse o alto.

Os amores ey.

Pero Mcogo, *Ibid.*, n.º 797.

22

Cabelos, los meus cabelos,  
 el-rey m'envyou por ellos;  
 que lhis farei, madre?

Filha dade-os a el-rey.

Garceras, las mis garceras,  
 el-rey me mandou por ellas;  
 que lhes farei madre?

Filha, dade-as a el-rey.

Johan Zorro, *Ibid.*, n.º 756.

## PRAGAS

23

A donzela de Biscaya  
 ainda a ma preito saya  
 de noyte ao luar;



Poys m'agora assi desdenha,  
 ainda a ma preito venha  
 de noite ao luar;  
 Poys d'ela soom maltreito,  
 ainda mi venha a preito  
 de noite ao luar.

Ruy Paes de Ribela, *Ibid.*, n.º 1045.)

24

Mala ventura mi venha,  
 se eu pola de Belenha  
 d'amores ey mal.  
 E confunda-me Sam Marcos,  
 se pola donzela d'Arcos  
 d'amores ey mal.  
 Mal me venha cada dia,  
 se eu por dona Maria  
 d'amores ey mal.  
 Fernam d'Escalho me pique  
 se eu por sevyllhan' Anrique  
 d'amores ey mal

Idem, *Ibid.*, n.º 1026.

## DEVINALHS

25  
 Huã dona (non digu' eu qual)  
 non agoirou ogano mal,  
 pelas outavas do Natal  
 ia per sa missa oir,  
 e viu corvo carnaçal,  
 e non quiz da casa sayr.

A dona muy de coração  
 oyra sa missa enton;  
 e foy por oyr o sermon,  
 e veedes que lh'o foy partir,  
 ouve sign'a corv'acaron  
 e non quiz da casa sayr.

A dona disse: que será?  
 e hi o clerigo está já  
 revestido, mal dizer-m'a,  
 se me na igreja non vir;  
 e disse o corvo qua-cá,  
 e non quiz da casa sayr.

Nunca tacs agoyros vi  
 des' aquel dia que naci;  
 com' aquest'ano ouv'aqui;  
 e ela quiz provar de s'ir,  
 e ouv'v corvo sobre si,  
 e non quiz da casa sayr.

João Ayres (*Cancioneiro portuguez da  
 Vaticana*, n.º 1077.)

---

## NOELLAIRE

26 Porque no mundo mengou a verdade,  
 punhei un dia de a hyr buscar,  
 e hu per ela fui preguntar  
 disseram todos—alhur la buscade;  
 cá de tal guisa se foy a perder  
 que non podemos em novas aver,  
 nen já non anda na yrmandade.

Nos moesteyros dos frades regrados  
 a demandey e disserom-m'assi:  
 —Non busquedes vós a verdade aqui,  
 cá muytos annos avemos passados  
 que non mor' en nosco per boa fé;  
 . . . . .  
 e d'al avemos maiores coidados.

E em Cistel hu verdade soya  
 sempre morar, disserom-me que non  
 morava hy, avia gran sazon;  
 nen frade hy já nen conhocia,  
 nen o abade us'y non estar;  
 sol nen queria que foss' y pousar.  
 e anda já fóra da abadia.

En Santiago sêcd' albergado,  
 en mha pousada, chegarom romeos,  
 preguntei-os e disseran por Deus  
 muito levade-lo caminh' errado,  
 cá se verdade quizerdes achar  
 outro caminho conven a buscar,  
 cá nen saben aqui della mandado.

Ayres Nunes (*Cancioneiro da Vaticana*,  
 n.º 455.)

---

## SIRVENTE

27

Quem m'-ora quizesse cruzar  
 bem assy poderia ir,  
 bem como foy a Ultramar  
 Pero d'Ambroa Deos servir,  
 morar tanto quant' el morou  
 na melhor rua que achou,  
 e dizer—Venho d'Ultramar.  
 E tal vila foi el buscar  
 de que nunca quiso sair,  
 atá que pôde bem osmar  
 que podia ir e vir  
 outr'ome de Jerusalem,  
 e poss'eu hir se andar bem  
 hu el foy tod' aquest'osmar.

E poss'en Mompilher morar  
 bem como el fez por nos mentir  
 e ante que chegu' ao mar  
 tornar-me posso de partir  
 com'el de partir com Deus,  
 pois mort'em poder dos judeus  
 e em as tormentas do mar.

E se m'eu quizer enganar,  
 Deus, bem o posso aqui comprir,  
 em Burgos, cá se perguntar  
 por novas, bem no posso oyr  
 tambem como el em Mompilher,  
 e dizel-as poys a quem quer  
 que me por novas perguntar.

E poys end' as novas souber  
 tambem poss'eu se me quizer  
 como um gram palmeiro chufar.

Pero Amigo, *Canzoniere Portoghese*, n.º 1136.

---

## BAYLATAS

28 Baylemos já todas, todas, ay amigas,  
 sô aquestas avelaneyras floridas;  
 e quem for velida como nós velidas,  
     se amigo amar,  
 sô aquestas avelaneyras floridas  
     verrá baylar.

Baylemos já todas, todas, ay yrmanas,  
 sô aqueste ramo d'estas avelanas;  
 e quem for louçana como nós louçanas,  
     se amigo amar,  
 sô aqueste ramo d'estas avelanas  
     verrá baylar.

Por Deus, ay amigas, mentr'al non fazemos,  
 sô aqueste ramo florido baylemos;  
 e que ben parecer como nos parecemos  
     se amigo amar,  
 sô aqueste ramo, sol que nos baylemos  
     verrá baylar.

Ayres Nunes (*Canti antichi portoghesi*,  
 p. 6. Ms. da Vaticana, fl. 72.)

---

SALUTZ

29  
 Bon dia vi, amigo,  
 sois seu mandad' ey migo  
     Louçana.  
 Bon dia vi, amado,  
 poys mig' ey seu mandado  
     Louçana.  
 Poys seu mandad' ey migo,  
 rogo eu a Deos e digo  
     Louçana.  
 Poys migo ey seu mandado  
 rog' eu a Deos de grado  
     Louçana.  
 Rog' eu a Deos e digo  
 por aquele meu amigo  
     Louçana.  
 Por aquel meu amigo  
 que o veja comigo  
     Louçana.  
 Por aquel namorado  
 que fosse já chegado,  
     Louçana.

El-Rey D. Diniz (*Cancioneiro*, p. 135.)

## SOLATZ

- 30 Par deus, coytada vivo,  
 poys nom vem meu amigo,  
 poys nom vem, que farey?  
 meus cabellos com sirgo  
 eu nom vos liarei.
- Poys nom vem de Castella,  
 nom é viv', ay mesela!  
 ou m'o detem el-rey;  
 mhas toucas da Estella  
 eu nom vos tragerey.
- Pero m'eu leda semelho,  
 nom me sei dar conselho,  
 amigas, que farci?  
 em vós, ay meu espelho,  
 eu nom veerey.
- Estas doas muy bellas  
 el m'as deu, ay donzellas,  
 nom vol-as uzarey;  
 mhas cintas das fivelas  
 eu nom vos cingirei.

Pero Gonçalves de Porto Carrero, *Canc. Vat.*, n.º 505.

## BARCAROLAS

- 31 Per ribeira do rio  
 vi remar o navio,  
 e sabor ey da ribeira!  
 Per ribeira do alto  
 vy remar o barco;  
 sabor ey da ribeira!  
 Vy remar o navyo  
 hu vay o meu amigo;  
 e sabor ey da ribeira!

Vi remar o barco  
 hu vay o meu amado  
 e sabor ey da ribeira!  
 Hy vay o meu amigo,  
 quer-me levar comsigo,  
 e sabor ey da ribeira  
 Hu vay o meu amado  
 quer-me levar de grado,  
 e sabor ey da ribeira.

Joham Zorro, *Ibid.*, n.º 753.

32

Pelà ribeira do rio  
 cantando ia la dona sigo:  
 D'amor venham-nas barcas  
 polo rio a sabor;  
 Pela ribeira do alto  
 cantando ia la dona d'alto:  
 D'amor venham-nas barcas  
 polo rio a sabor!

*Id.*, *Ibid.*, n.º 757.

33

Hyrey a lo mar vel o meu amigo,  
 preguntal-o-ey se querra viver migo,  
 e vou-m'eu namorado!  
 Hyrey a lo mar vel-o meu amado,  
 perguntal-o-ey se fará meu mandado,  
 e vou-m'eu namorado!  
 Preguntal-o-ey porque nom vive migo,  
 e direy-lh'a coyta em que por el vivo,  
 e vou-m'eu namorado!  
 Preguntal-o-ey porque m'ha despagado,  
 e si m'assanhou a torto endoado,  
 e vou-m'eu namorado.

Nuno Perco, *Ibid.*, n.º 719.

- 34           As froles do meu amigo  
              briosas vam no navio;  
                  e vam-se as flores  
                  d'aquel bem com meus amores.  
As froles do meu amado  
briosas vam no barco;  
              e vam-se as flores  
                  d'aquel bem com meus amores.  
Briosas vam en o navio  
pera chegar ao ferido;  
              e vam-se as froles  
                  d'aquel bem com meus amores.  
Briosas vam en o barco  
pera chegar ao fossado;  
              e vam-se as froles  
                  d'aquel bem com meus amores.  
Pera chegar ao ferido  
servir mi corpo velido;  
              e vam-se as froles  
                  d'aquel bem com meus amores.  
Pera chegar ao fossado  
de servir mi corpo loado;  
              e vam-se as froles  
                  d'aquel bem com meus amores.

Pay Gomes Charrinho, *Ibid.*, n.º 401.

- 35           Quand'eu vejo las ondas  
              e las muit'altas ribas,  
              logo mi veem ondas  
              al cor pol-a velyda...  
                  Maldito sea 'l mare  
                  que mi faz tanto male!



Nunca vejo las ondas  
 nem as altas rocas,  
 que mi non venham ondas  
 al cor por la fremosa...  
 Maldito sea 'l mare  
 que mi faz tanto male!

Se eu vejo las ondas  
 e vejo las costeyras,  
 logo mi veem ondas  
 al cor per la benfeita...  
 Maldito sea 'l mare,  
 que mi faz tanto male!

Ruy Fernandes (*Canti antichi portoghesi*, p. 7.  
 Ed. da Vaticana, n.º 488.

36

Se oj' o meu amigo  
 soubesse, hiria migo;  
 eu al rio me vou banhare!  
 Se oj' el este dia  
 soubesse, migo hiria;  
 eu al rio me vou banhare!  
 Quem lhi dissesse a tanto  
 ca já filhey o manto;  
 eu al rio me vou banhare!

Estevam Coelho, *Ibid.*, n.º 322.

## PASTORELLAS

37 Oy oj' eu huã pastor cantar;  
 eu cavalgava per huã ribeira,  
 e a pastor estava senlhaira;  
 e ascondi-me pola ascultar  
 e dizia mui ben este cantar:

«Sol o ramo verde flido  
 «vodas fazem a meu amigo,  
 «choram olhos d'amor.»

E a pastor parecia mui ben,  
 e chorava e estava cantando:  
 e eu, mui passo fui-me achegando  
 pola oyr, e sol nom falei ren;  
 e dizia este cantar mui ben:

«Ay estorninho do avelanedo,  
 «cantades vós e moiro eu e peno;  
 «d'amores ei mal.»

e eu oya suspirar enton,  
 e queixava-se estando con amores;  
 e fazia guirlanda de flores,  
 des y chorava mui de coraçon;  
 e dizia este cantar enton:

«Que coita ei tam grande de soffrer!  
 «amar amig' e não ousar veer;  
 «e pousarei sol-o avelanal!»

Pois que a guirlanda fez a pastor,  
 foi-se cantando, indo-s'en manselinho;

e irei-me eu logo a meu caminho,  
ca de a nojar non ouve sabor.  
e dizia este cantar bem a pastor:

«Pola ribeira do rio cantando  
«já la virgo d'amor, quem amores  
«ha, como dorm'or' aí, bela frol.»

Ayres Nunes. (*Cancioneiro  
da Vaticana*, n.º 454.)

38

Huã pastor se queixava  
muyt'estando n'outro dia;  
e sigo medes falava,  
e chorava e dizia  
com amor que a forçava:

«Par Dèos, vi-te em grave dia,  
ay amor!

Ella s'estava queixando  
como molher com gram coita,  
e que a pesar des quando  
nascera, non fora doyta;  
poren dizia chorando:

«Tu non es senon vãa coyta.  
ay amor!

Coytas lhe davan amores,  
que non lh'eram senon morte,  
e deitou-se antre uãs flores  
e disse con coyta forte:

«Mal te venga per hu fores,  
ca non és senon minha morte.  
ay amor!

El-Rei D. Diniz. (*Canc.*, p. 34.)

## SECÇÃO 2.<sup>a</sup>

### CYCLO DIONISIO, DE IMITAÇÃO FRANCEZA

**I** GENERO EPICO: *Litterario*: 39. Gesta de mal dizer—40. Sirvente—41. Fragmento do Romance da Batalha do Salado.

**II** GENERO LYRICO: a) *Tradicional*: (Vid. secção 1.<sup>a</sup>—Eschola jogralesca. b)—*Litterario*: 42. Planh—43. Jocs-Partis—44, 45. Jocs-Enamorats—46. Descorts—47. Canção franceza—48-49. Sirventes ou Cantigas de mal dizer—50-52. Refrens—53. Mansobre-doble—54. Canção redonda ou lexaprem—55. Mansobre menor—56. Coblas monorrimas—57. Decimas—58. Donaires—59. Balatas—60-61. Soláos e Liras—62-63. Tenções.

**III** GENERO DRAMATICO: *Litterario*: (Corte d'amor?)

AQUI SE COMEÇA A GESTA QUE FEZ  
DOM AFFONSO LOPES DE BAIAM  
A DOM MEENDO E A SEUS VASSALOS,  
DE MAL-DIZER:

- 39 Seria-xi Dom Velpelho en hunha sa mayson  
que chamam Longos, ond'eles todos som;  
per porta lh'entra Martin de Farazon,  
escud' a colo en que serv' um capon,  
que foy já pol' eyr' en outra sazon;  
caval'agudo que semelha forom;  
em cima d'el um velho selegom,  
sem estribeiras e com roto bardon;  
nem porta loriga, nem porta lorigom,  
nem geolheiras quaes de ferro som,  
mays trax perponto roto sem algodom,  
e coberturas d'um velho zarelhom,  
lança de pinho e de bragal o pendom,  
e chapel de ferro que xe lhi mui mal pom,  
e sobraçad'um velho espadarrom,  
cuytel a cachas, cintas sem farcilhom,  
duas esporas destrás, ca sestras nam som,  
maça de fusto que lhi pende do alçom;  
a Dom Velpelho moveu esta razom:  
—«Ay, meu senhor, assi Deos vos perdon,  
«o vosso alferes que vos tem o pendom,  
«se é aqui, saia d'esta maysom  
«cá já os outros todos em Basto som.»  
Eoy!

Estas horas chega Joham de Froyam,  
cavallo velho cuçurr' e alazam,  
sinaes porta em o arçom d'avam,  
campo verde u inquiryreu cam,  
e no escud' a taes lh'acharám  
cerame, cinta e calças de Roam

sa catadura semelha d'um sayam;  
 ante Dom Velpelho se vay aparelhan'  
 e diz:— «Senhor nom valredes um pam,  
 «se os que son em Basto se xi vos assy vam,  
 «mays hid'a eles, cá xe vos nom iram  
 «achalos-edes e scarmentaram,  
 «vyngad'a casa em que vos mesa dam,  
 «que digam todos quantos pós vós verram  
 «que tal conselho deu Joham de Froyam.»  
 Eoy!

Esto per dito, chegou Pero Ferreira,  
 cavallo branco, vermelho na pereyra  
 escud'a colo, que foy d'uma masseira,  
 ca lanç' ha torta d'um ramo de cerdeira,  
 capelo de ferro, o anasal na trincheyra,  
 e fura de rua da moleyra,  
 traguam ousa e huma geolheyra,  
 estrebeyrando vay de mui gram maneyra,  
 e achou Velpelho estand'em huma eyra;  
 e diz:— «Aqui estades, ay Belpelho de matreyra,  
 «venha Pachacho e dono Cabreyra  
 «para dar a mi a deanteyra,  
 «ca já vos tarda essa gente da Beyra,  
 «e mordom'é o sobrinho de Cheyra  
 «e Meem Sapo, e Dom Martim de Meyra,  
 «e Lopo Gato, esse filho da freyra,  
 «que nom ha ante nos melhor lança por peydeyra.»  
 Eoy!

## SIRVENTE

(CANTIGA DE MAL DIZER, DOS QUE DERAM OS CASTELLOS,  
COMO NOM DEVIAM AL REY DOM AFFONSO)

40           Nom tem Sueyro Bezerra  
qu'é torto em vender Monsanto,  
cá diz que nunca Deos dess'  
a Sam Pedro mais de tanto:  
*quem tu ligares en terra  
erit ligatum in caelo;*  
porem diz, cá nom é torto  
de vender hom'o castello.

      E por en diz que nom fez torto  
o que vendeu Marialva,  
cá lhe diss'o Arcebispo  
hum verso per que se salva:  
*estote fortes in bello  
et pugnate cum sponte;*  
por en diz que nom ha torto  
quem faz trayçom ao Conde.

      O que vendeu Leyria  
muyto tem que fez dereyto,  
cá fez mandado do Papa,  
e confirmou-lh'o o eleyto:  
*super istud caput meum,  
et super ista mea capa,*  
dade o castello ao Conde  
pois vol-o manda o Papa.

      O que vendeu Faria  
per remiir seus peccados,  
se mays tevesse mais daria,  
e disserom dous prelados:  
*tu autem domine dimite*  
aquelle que se confonde,  
bem esmollou em sa vida,  
quem deu Santarem ao Conde.

Offereceu Martim Dias  
 a a cruz que os confonde  
 Covylham; e Pero Dias,  
 Sortelha; e diss'o Conde:  
*centuplum accipiatis*  
 da mão do Padre Santo;  
 diz Fernam Dias bem est  
 porque o serv'i Monsanto.

Offereceu Trancoso  
 ao Conde Roy Bezerro;  
 falou entam Dom Soeyro,  
 p'ra sacar os filhos d'erro:  
*non potest filios meos facere*  
*sine patre suo quiquam,*  
 salvos som os traedores  
 poys bem hysopados ficam.

O que offereceu Cintra  
 fez como bom cavalleiro,  
 e disse-lh'y o legado  
 logo um verso do Salteiro:  
*surgent potentis acute,*  
 e foy hy bem acordado,  
 melhor é de seer traedor  
 ca morrer escomungado.

E quando o Conde ao Castello  
 chegou de Celorico  
 Pachequ'entom o cuytelo  
 tirou et disse-lhe um (rico):  
*mite gladium in vagina,*  
 com el nom nos empeescas;  
 diz Pacheco: alhur Conde  
 poedé hu vos digam crescas.

Mal disse Dom Ayras Soga  
 a huã velha n'outro dia,  
 disse-lhe hi Pero Soares  
 um verso per heresia:



*non vetula bonbatricon  
scandis confusio ficum,*  
nom foy Soeiro Bezerra  
alcayde de Celorico.

Salvos san os traedores  
quantos os castellos derom,  
mostraram-lhis em escrito  
*super ignem eternum  
et duplicatis opem,*  
salvo é quem trae Castello  
a preyto, que o hysópem.

Canç. 1088. (*Canç. da Vaticana.*  
Ed. de Monaci.)

---

## FRAGMENTOS DO ROMANCE DA BATALHA DO SALADO

41

Pois que este Rey naceu  
a grão viço foi criado,  
e deshi como creceu  
sempre foi bem ensinado.

Seu padre o criou  
e des que foi de entendimento,  
de vinte annos lhe justou  
um muy rico casamento.

Seu padre Rey Dom Diniz  
foi justioso e mui santo,  
el o casou com Dom Brites  
filha do nobre rei Dom Sancho.

E depois que foi casado  
com aquella nobre Infante  
seu padre lhe deu estado  
como ouvireis adiante.

Deu-lhe terras a mandar  
de mui nobres cavalleiros,

\*

e muitos portos de mar,  
rendas de muitos dinheiros.

Quinze annos compridos viveu  
o padre, des que o casou,  
deshi quando el morreu  
muito d'algo lhe deixou. (1)

E fez bem aos criados seus  
e grão honra aos privados,  
e fez a todos os judeus  
trazer signaes divisados.

E os Mouros almexias  
que os pudessem conhecer;  
todas estas cortezias  
este rey mandou fazer. (2)

Gonçalo Gomes de Azevedo  
alferes de Portugal,  
entrava aos Mouros sem medo,  
como fidalgo leal. (3)

Affonso Giraldes.

## PLANH

42 Os namorados que trobam d'amor  
todos deviam gram dó fazer  
e nom tomar ensin' en haver prazer,  
por que perderom tam boo senhor  
com' é el-rey dom Denis de Portugal,  
de que nom pode dizer nenhum mal  
homem, pero seja porfaçador.

(1) Apud Brandão, *Mon. Lusit.*, t. VI, p. 106.

(2) Ap. Bluteau, vb.º *Almexia*.

(3) Ap. *Monarch. Lusit.*, P. v, liv. 26, cap. 13.

Os trovadores que poys ficárom  
 en no seu regno e no de Leon,  
 no de Castela e no de Aragon,  
 nunca poys de sa morte trobárom;  
 e dos jograes vos quero dizer  
 nunca cobraram panos nem aver,  
 e o seu bem muyto desejárom.

Os cavalleyros e cidadãos  
 que d'este rey aviam dinheiros,  
 outrosi donas e escudeiros,  
 mátar-se deviam com sas mãos,  
 porque perderom a tam boo senhor,  
 de quem eu posso en bem dizer sem pavor  
 que nom ficou d'al nos christãos.

E mays vos quero dizer d'este rey  
 e dos que d'el haviam bem fazer,  
 deixam-se d'este mundo a perder  
 quand' el morreu; por quant' eu vi e sey  
 cá el foy rey á fame muy prestador  
 et saboroso e d'amor trovador,  
 tod' o seu bem dizer nom poderei.

Mays tanto me quero confortar  
 en seu neto, que o vay semelhar  
 en fazer feitos de muy sabeo rey.

Joham, jogar, morador em Leon.  
 Canc. n.º 708.

---

## JOCS-PARTIS

43

— Dizen senhor, cá distes per mi  
 que foi já temp', e que foi ja sazón,  
 que vos prazia de oyrdes enton  
 en mi falar, e que non é já si?

«Dizen verdad'amigo, por que non  
 entendia o que pois entendí.

— E senhor, dizen, pero vos tal ben quero, que moyro, que ren non me val, cá vós dizedes d'est'amor a tal que nunca vos ende se non mal ven:

«Dizen verdad', amigo, e pois é mal, nen y faledes, ca prol non vos ten.

— Pero cuid'eu, fremosa mia senhor, des que vos vi que sempre me guardei de vos fazer pesar, mais que farei cá por vós moir', e non ei d'al sabor.

«Non vos ha prol, amigo, cá já sei o porque era todo voss'amor.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 279.)

## JOCs-ENAMORATS

44

— Vedes senhor, quero vos eu tal ben qual mayor posso no meu coração, e non diredes vós por ende non.

«Non amigo; mais direi-me outra ren; non me queredes vós a mi melhor do que vos eu quero, amigo e senhor.

— U vos non vejo, *senhor non ei prazer* se Deus me valha, de ren, nen de mi, e non diredes que non est assi.

«Non amigo; mas quero-me al dizer; non me queredes vós a mi melhor do que vos eu quer', amigo e senhor.

— Amo-vos tanto, que eu ben sei que non podia mais per boa fé; nen o diredes que assi non é.

«Non amigo; mas al me vos direi, non me queredes vós a mi melhor, do que vos eu quer', amigo e senhor.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 248.)

45

— Senhor, veedes-me morrer  
desejando o vosso ben,  
e vos non doêdes por en ren,  
non vos queredes en doer.

« Meu amig', em quant'eu viver,  
nunca vos eu farei amor,  
per que faça o meu peor.

— Mia senhor, por Deus que vos fez,  
que me non leixedes assi  
morrer, e vós faredes y  
gran mesura, con muy bon prez.

« Direi-vol'o, amigo, outra vez:  
nunca vos eu farei amor,  
per que faça o meu peor.

— Mia senhor, que Deus vos perdon,  
nembre-vos quant'affan levei  
por vós, cá por vós morrerei;  
e forçad' esse coração.

« Meu amig', ar direi que non;  
nunca vos eu farei amor,  
per que faça o meu peor.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 238.)

## DESCORTS

46

Puñei eu muit' en me quitar  
de vós fremosa mia senhor;  
e non quis Deus, nem voss'amor,  
e poil-o non podi acabar,  
dizer-vos quero uã ren,  
senhor, que sempre bem quige:  
*or sachaz veroyamen,*  
*que ie soy votre ome-lige.*

De querer ben outra molher  
 puñei eu ha y gran sazón,  
 e non quiso meu coraçón;  
 e pois qu'el, nen Deos non quer,  
 dizer vos quero uã ren,  
 senhor, que sempre ben quige:  
*or sachaz veroyamen,*  
*que ie soy votre ome-lige.*

E mia senhor, per boa fé,  
 puñei eu muito de fazer  
 o que a vós foron dizer;  
 e non pud', e pois assi é,  
 dizer-vos quero uã ren,  
 senhor, que sempre ben quige:  
*or sachaz veroyamen,*  
*que ie soy votre ome-lige.*

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 140.)

### CANÇÃO Á FRANCEZA

47

Se eu podesse desamar  
 a quen me sempre desamou,  
 e podess' algum mal buscar  
 a quen me sempre mal buscou,  
 assi me vingaria eu,  
 se eu podesse coita dar  
     a quen me sempre coita deu.  
 Mais non poss'eu enganar  
 meu coraçón que m'enganou;  
 por quanto me fez desejar,  
 a quen me nunca desejou;  
 et por esto non dormo eu;  
 porque non posso coita dar  
     a quen me sempre coita deu.

Mais rog' a Deus, que desampare  
 a quen m'assi desamparou;  
 u el que podess' end'estorvar  
 a quen me sempre destorvou;  
 e logo dormiria eu,  
 se eu podesse coita dar

a quen me sempre coita deu.

U el que ousass' en perguntar  
 a quen me nunca perguntou,  
 porque me fez em si cuidar,  
 pois ella nunca em mi cuidou;  
 e por esto lazeiro eu,  
 porque non poss' eu coita dar  
 a quem me sempre coita deu.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 113.)

## CANTIGAS DE MAL DIZER

48

De quantas cousas en o mundo son,  
 non vejo en ben qual pod'ensemelhar  
 al Rey de Castella e de Leon,  
 se uã, qual vos direi, o mar:  
 o mar semelha muit'aquest rey,  
 e d'aqui en deante vos direi  
 en quales cousas, segundo razon.

O mar dá muit', e creede que non  
 se pod' o mundo sen el governar;  
 e pode muit' e a tal coraçon  
 que o non pode ren apoderar;  
 desy ar temudo, que non sei  
 quen o non tema, e contar vos ey  
 ainda mais; e judga-m'enton.

En o mar cabe quant'y quer caber,  
 e manten muitos, e outros y a;  
 quê x'ar quebranta e que faz morrer

enxerdados, e outros a que dá  
grandes herdades e muit'outro ben;  
e tod'esto que vos cunto, aven  
al rey, se o souberdes conocer.

E da mansedume vos quero dizer,  
do mar non á cont' e nunca será  
bravo, nem sanhudo, se lh'o fazer  
outro non fezer, e soffrer-vos-a  
toda las cousas; mais se en desden  
ou por ventura algun loco ten,  
con gran tormenta o fará morrer.

Estas mañas, segundo meu sen,  
que o mar a, a el-rey. E por en  
se semelhan, quen o ben entender.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, canç. n.º 286.)

49

Proençaes sóem muy ben trobar,  
e dizen elles, qu' é con amor;  
mays os que troban no tempo da frol,  
e non en outro, sey en ben que non  
am tam grã coyta no seu coração,  
qual m'eu por mha senhor vejo levar.

Pero que troban e sabem loar  
sas senhores o mays e o melhor  
que elles poden, soõ sabedor,  
que os que troban quand' a frol sazón  
a, e non ante, se Deos mi perdon,  
non am tal coyta qual eu ey sen par.

Ca os que troban, e que s'alegrar  
van, en o tempo que tem a calor  
a frol comsigu'e, tanto que se for



aquel tempo, logu' en trobar razon  
non am, nem vivem en qual perdiçon,  
oj' eu vivo, que pois m'ade matar.

El-rey D. Diniz, (*Cancioneiro*, p. 70.)  
Vat. n.º 127.

## REFRENS

50 A mais fremosa de quantas vejo  
en Santaren, e que mais desejo,  
e en que sempre cuidando sejo,  
non cha direi, mais direi commigo:

Ay sentirigo! ay sentirigo!  
al e Alfanx, e al sesserigo.

Ela e outra, amigo, vi-as,  
se Deus me valha, non ha dois dias,  
e non cha direi eu, cá o dirias  
e perder-t'ias por en comigo:

Ay sentirigo! ay sentirigo!  
al e Alfanx, e al sesserigo.

Caydand' ela já ey perdudo  
o sen, amigo, e ando mudo,  
e non sey ome tan entendudo  
que m'oj' entenda o porque digo:

Ay sentirigo! ai sentirigo,  
al e Alfanx e al sesserigo.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 119.)

51 Pero eu vejo aqui trobadores,  
senhor e lume d'estes olhos meus,  
que troban d'amor per sas senhores,  
non vejo eu aqui trobador, por Deus,  
que m'oj' entenda o porque digo:  
Al e Alfanx e al sesserigo.

Senhor fremosa mais de quantas son  
 en Santaren, e que mais desejo;  
 dizer vos quero, se Deus me perdon,  
 non vej'ome, de quantos vejo,  
     que m'oj' entenda o porque digo:  
     Al e Alfanx e al sesserigo.  
 Amo-vos tant' e tan de coraçõn,  
 que o dormir já o ey perdudo;  
 senhor de mi e do meu coraçõn,  
 non vej'eu ome tan entendudo  
     que m'oj' entenda o porque digo:  
     Al e Alfanx e al sesserigo.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 120.)

52

Amigos, des que me parti  
 de mia senhor, e a non vi,  
 nunca fuy ledõ, nem dormi,  
 nem me paguei de nulla ren.  
     Tod'este mal soffro e soffri  
     des que me vin de Santarem.  
 Assi me tem forçad' amor,  
 par Deos, por ela, que sabor  
 non ey de min, e se non for  
 veel-a, perdud'ey o sen.  
     Tod'este mal soffro e soffri  
     des que me vin de Santarem.  
 O seu fremoso parecer  
 me faz en tal cuita viver,  
 que mal posso, nem sei dizer;  
 e moiro querendo-lhe bem;  
     osto me fez amor soffrer  
     des que me vim de Santarem.  
 E ella e o seu ben  
     desejando, perco meu sen.

*Trovas e Cantares*, n.º 121.

## CANÇÃO DE MANSOBRE-DOBLE

53 Pero m'eu ei amigos, non ei nium amigo  
 com que falar ousasse a coita que comigo  
 ei; nem ar ei a quem ous'eu mais dizer e digo:  
 de muy bon grado querria a un logar ir,  
 e nunca m'end'ar viir.

Vi eu viver coitados, mas nunca tan coitado  
 viver com' oj' eu vivo, nen o viu ome nado,  
 des quando fui ú fui, e a que vol-o recado  
 de muy bon grado querria a um logar ir,  
 e nunca m'end'ar viir.

A coita que eu prendo non sei quen a tal prenda,  
 que me faz fazer sempre dano de mia fazenda;  
 tod'aquest' eu entendo, e quem mais quizer entenda:  
 de muy bon grado querria a un logar ir  
 e nunca m'end'ar viir.

De cousas me non guardo, mas espero guardar  
 de soffrer a gran coita que soffri del-o dia  
 des que vi o que vi, e mais non vos eu diria:  
 de muy bon grado querria a un logar ir  
 e nunca m'end'ar viir.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 4.)

## CANÇÃO REDONDA OU LEXAPREN

54 Agora me part'eu muy sen meu grado  
 de quanto ben oje no mund'avia,  
 cá assi quer Deus e máo meu pecado.

Ay eu! de mais se me non val Santa Maria  
 d'aver coita muita teñ'eu guisado,  
 e rog'a Deus que mais d'oj'este dia  
 non viva eu, se m'el y non dá conselho.

Non viva, se m'el y non dá conselho,  
 non viverei, non é cousa guisada,  
 cá pois non vir meu lum'e meu espelho;  
 ay eu! já por mia vida non daria nada,  
 mia senhor, e digo-vos en concelho,  
 que se eu moir'asi d'esta vegada  
 que a vol-o demande meu liñage.

Que a vol-o demanda meu liñage,  
 senhor fremosa, ca vós me matades,  
 poys voss'amor en tal coyta me trage;  
 ay eu! e sol non quer Deus que mi o vós creades  
 e non me val y preito nen menage,  
 e ides-vos, e me desamparades,  
 desampare-vos Deus, a quen o eu digo.

Desampare-vos Deus a quen o eu digo,  
 ca mal perfic'oj'eu desamparado,  
 de mays non ey parente, nen amigo;  
 ay eu! que m'aconselho e desaconselhado.  
 fic'eu sen vós, e non ar fic'amigo,  
 señor, senon gran coita e cuidado,  
 ay Deus! valed'a omen que d'amor morre.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 114.)

### MANSOBRE-MENOR

55

Ja, mia Senhor, ni un prazer  
 non mi fará gran prazer,  
 sen vosso ben, cá outro ben

non me fará cuita perder,  
mentr'eu viver, e quen viver  
a ver-mi-a pois est a creer.

E que mal conselho filhei  
aquele dia en que filhei  
vos por senhor; ca mia senhor  
sempr'eu mia morte desejei:  
meu mal cuidei porque cuidei  
d'amar-vos, já mais que farei.

Que farei eu con tanto mal?  
pois vosso ben todo é meu mal,  
pois est assi, morrer assi,  
com'ome a que senhor non val  
a cuita tal, que nunca tal  
ouv' outro ome, d'amor nem d'al.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 53.)

## COBLAS MONORRIMAS

56

Que guarir non ei per ren  
se non vir a que gran ben  
quero, cá perco o sen:  
poil-a non vejo, me ven  
tanto mal, que non sei quen  
mi o tolha, pero mi al den  
mais Deus mi amostre por en  
cedo, que a en poder ten.

E se eu mia senhor vir,  
a que me tolhe o dormir,  
se eu ousasse pedir  
lhe-ia logo guarir,  
me leixass'ú servir  
podess'eu; mais consentir  
non mi o querrá, nen oyr,  
mais leixar-m'a morrer ir.

Anonymo, (*Trovas e Cantares*, n.º 48.)

## DECIMAS

57

Cavalgava n'outro dia  
 per hun caminho francés,  
 e huna pastor oía  
 cantando com outras tres  
 pastores. E, non vos pés,  
 eu direi-vos todavia  
 o que a pastor dizia  
 a as outras: « En castigo,  
 nunca molher crea por amigo,  
 poys o meu foy e non falou migo.»

—Pastor, non dizedes nada»  
 (diz huna d'elas enton;)  
 se se foy esta vegada  
 ar verrá-s'outra sazon.  
 E dig' a vós porque non  
 falou vosc'.... Ay ben talhada!  
 é cousa mays aguisada  
 de dizerdes com' eu digo:  
 Deus! ora vehess' o meu amigo,  
 e averia gran prazer migo.—

D. João de Aboim. (Ap. *Canti antichi  
 portoghesi*, p. 22.—Canc. da Vaticana, fl. 43.)

## DONAIRE

58

Eu sei la dona velida,  
 que a torto foy ferida;  
 cá non ama.

Eu sei la dona loada,  
 que a torto foy mallada;  
 cá non ama.

Cá se oj' amigo amasse  
mal aja quem a mallasse,  
cá non ama.

Se se d'amigo sentisse  
mal aja quem a ferisse,  
cá non ama.

Que a torto foy ferida  
nunca eu seja guarida,  
cá non ama.

Que a torto foy mallada,  
nunca eu seja vingada  
cá non ama.

Anonymo (*Trovas e Cantares*, n.º 122.)

---

## BALADAS

59

Mha madre é velyda,  
vou-me a la baylia  
do amor.

Mha madre é loada,  
vou-me a la baylada  
do amor.

Vou-me a la baylia,  
que fazem em vila  
do amor.

Que fazem em vila,  
do que eu bem queria  
do amor.

Que fazem em casa  
do que eu muyt'amava  
do amor.

Do que eu bem queria  
chamar-me-ha garrida  
do amor.

Do que eu muyt'amava  
chamar-me-ha perjurada  
do amor.

El-Rey D. Diniz (*Cancioneiro*, p. 178.)

---

### SOLÁOS E LIRAS

60

Pois que diz meu amigo  
que se quer ir comigo  
pois que d'el praz,  
praz a mi, bem vos digo,  
e este é o meu solaz.

Pois que diz que todavia  
non imos nossa via,  
pois que a el praz,  
praz-m' en y bon dia,  
este é o meu solaz.

Pois de me levar vejo  
que est' é o seu desejo,  
pois que a el praz  
praz-me muito de sobejo,  
este é o meu solaz.

El-Rey D. Diniz (*Canc. de D. Diniz*, p. 189.)

---



61

Fex huã cantiga d'amor  
 ora meu amigo por mi,  
 que nunca melhor feyta vi;  
 mais como x' é muito trobador  
     fez huãs *Lirias* no som,  
     que mi sacon o coração.

Muito bem se soube buscar  
 por mi, ali, quando a fez,  
 en loar-me muit' em meu prez;  
 mais de pran por xe mi matar,  
     fez huãs *Lirias* no som  
     que mi sacon o coração.

Per boa fé, bem baratou  
 de a por mi boa fazer,  
 e muito lh'o sey agradecer;  
 mais vedes de que me matou:  
     fez umas *Lirias* no som,  
     que mi sacon o coração.

Julião Bolseiro. *Canc. Vat.*, n.º 779.

---

TENÇÃO DE MEM RODRIGUES TENOYRO  
 A JULIÃO BOLSYRO

62

Joyão quiso comtigo fazer  
 se tu quiseres huma entençon,  
 e querrey-te na primeyra razom  
 huma punhada mui grande poer;  
 em o rostro chamar-te trapaz,  
 mui mais é o que assy faz  
 uã entençon que nom quer fazer.

Meem Roiz, muit'em meu prazer  
 a farey vôsco, assy Deos me perdon',

\*

cá vos eu ey de chamar cochon,  
 poys que eu a punhada receber;  
 desy trobar-vos-ey muy mal assaz,  
 et a tal entençon se a vós praz  
 a farey vosco muyt'em meu prazer.

Juyão, poys tigo começar  
 fui, dyrei-t'ora o que te farei,  
 uma hunhada grande te darei,  
 desy querey-te muytos couces dar  
 na garganta por te ferir peor  
 que nunca vylão aia sabor  
 d'outra tençon comigo começar.

Mem Roiz, quer eu m'emparar,  
 se Deos me valha, como vos direi;  
 corujo nojoso vos chamarey  
 pois qu'en a punhada recadar;  
 desy direi, poys s' aos couces for  
 lexade-me ora, por nostro senhor,  
 ca assy se sol' meu padr'a emparar.

Juyão, poys que t' eu filhar  
 pelos cabellos, e que t'arrastrar,  
 aqui dos couces te posso trazer.  
 Mem Roiz, se m'eu repostar,  
 ou se me salvo, ou se me quero star,  
 ay tunador, já vês, nom tens mays a dizer.

*Canc. da Vaticana, n.º 14. Ed. Monaci.*

63 — Vasco Martins, poys vós trabalhades  
 e trabalhades de trobar d'amor,  
 do que agora, por nostro senhor,  
 quero saber de vós, que m'o digades.

E dizede-m'o, cá bem vós estará,  
pois vos esta por quem trobastes já  
morreu, por Deos, porque trobades?

«Affonso Sanches, vós perguntades,  
e quero-vos eu fazer sabedor;  
eu troba e trobey pola melhor  
das que Deos fez; esto lo *ajades*.  
Esta do coraçon nom me salrrá,  
e atenderey seu ben, se m'ho fará,  
e vós al de mi saber non queirades.

—Vasco Martins, vós non respondedes:  
nen er entendo, assi veja prazer,  
porque trobades, que ouvi dizer  
que aquela por quem trobad'avedes  
e que amastes vós mais d'outra ren,  
que vos morreu de gram temp'; e por en  
pola morta trobar non deveades.

«Affonso Sanches, pois non entendedes  
em qual guysa vos eu fui responder,  
a mi en culpa non deveis poer,  
mais a vós, se o saber non podeades.  
Eu trobo pola que m'en poder tem,  
e vence todas de parecer bem;  
pois hu i nom é, amarey como o vedes.

—Vasco Martins, pois vos morreu por quem  
sempre trobastes, maravilhho-m'en,  
pois vos morreu, porque non morredes?

«Affonso Sanches, vós sabede ben,  
quem ama he com perda de sen,  
depois que trobeys sabel-o-edes!

### SECÇÃO 3.<sup>a</sup>

## INFLUENCIA DAS TRADIÇÕES BRETANS

N. B.—Esta parte não pôde ser representada, porque os *Lais* portuguezes occupavam as folhas perdidas do Cancioneiro da Vaticana. Pelo indice do Cancioneiro de Angelo Colocci se conhece o titulo das composições d'este genero:

- 1 *Lais de Elis o Baço.*
- 2 *Lais das quatro donzellas.*
- 3 *Lais de Tristão enamorado.*
- 4 *Lais de Tristam.*

5 *Lais de Dom Tristam para Genebra.* (Apud Monaci, *Canzoniere portoghese*, p. xix.) Adiante segue-se uma Cantiga de mal dizer, em que se allude á forma do *Lais*: (64)

Dom Pedro est cunhado del-rey  
 que chegou ora aqui d'Aragon,  
 com hum espeto grande de latom  
 e para que vol-o perlongarei  
 deu por vassalo de si a senhor  
 faz sempre nojo, nom vistes mayor.

Pera se lhi nom poder aperceber  
 já el tinha prestes cabo si  
 aquel espeto que filhou logo hi,  
 e que compre de vos en mais dizer:  
 deu por vassalo de si a senhor  
 faz sempre nojo, nom vistes mayor.

Muy ledo s'ends hu cantára seus *Lays*,  
 a sa lidice pouco lhi durou  
 e o espet' em sas mãos filhou  
 e pera que o perlongarei mays?  
 deu por vassalo de si a senhor  
 faz sempre nojo, nom vistes mayor.

E en tal que nom podess'escapar  
 nem lhi podesse em salvo fogir  
 filhou o espeto em som d'esgrimir  
 e para que eyde vol-o perlongar,  
 deu por vassalo de si a senhor  
 faz sempre nojo, nom vistes mayor.

## SEGUNDA EPOCA

# ESCHOLA HESPANHOLA

(SECULO XV)

---

**I** GENERO EPICO: a) *Tradicional*: 65-68. Romances. b) *Litterario*: 69. Coplas em lamentação.—70. Versão de Barlam et Josaphat.—71. Lamentação em endechas.

**II** GENERO LYRICO: a) *Tradicional*: 72. Cantareilho—73. Tona-dilha—74. Seguidilha—75. Chacota de terreiro—76. Clamo-res — 77. Ditado, ou rifão rimado.—b) *Litterario*: 78 Coplas.—79-80. Voltas—81. Quadras—82. Trovas na forma de Re-cuerd el alma—83-85. Eparsas—86. Acrostico—87. Vilance-te trovado—88. Trovas em consoantes forçados—89. Trovas aliteradas—90-91. Vilancetes com ajuda — 92-93. Coplilhas—94. Cantiga—95. Decimas—96-97. Pergunta—98-99. Mo-tos—100. Apodo—101. Farsiture.

**III** GENERO DRAMATICO: *Litterario*: 102-103. Momos — 104. Mou-risca retorta.

## ROMANÇO DO CONDE NIÑO

(VERSÃO DE TRAZ OS MONTES)

65

Vae o Conde, Conde Ninho,  
seu cavallo vae banhar;  
emquanto o cavallo bebe  
cantou um lindo cantar:  
— Bebe, bebe, meu cavallo,  
que Deos te hade livrar,  
dos trabalhos d'este mundo  
e das areias do mar.

— Esperta, oh bella princeza,  
ouveide um lindo cantar,  
ou são os anjos no céu,  
ou as sereias no mar?

« Não são os anjos no céu,  
nem as sereias no mar,  
é o Conde, Conde Ninho,  
que commigo quer casar.

— Se elle quer casar commigo  
eu o mandarei matar.

« Quando lhe deres a morte  
mandae-me a mim degolar;  
que a mim me enterrem á porta,  
a elle ao pé do altar.

Morreu um e morreu outro,  
já lá vão a enterrar;  
d'um nascera um pinheirinho,  
do outro um lindo pinheiral;  
cresceu um e cresceu outro,  
as pontas foram juntar,  
que quando el-rei ia á missa  
não o deixavam passar;

pelo que o rei maldito  
logo as mandava cortar;  
d'um corraer leite puro,  
e do outro sangue real!  
fugira d'um uma pomba  
e do outro um pombo trocal,  
sentava-se el-rei á meza,  
no hombro lhe iam poisar:

=Mal haja tanto querer,  
e mal haja tanto amar,  
Nem na vida, nem na morte  
nunca os pude separar.

Romanceiro geral, colligido da tradição, n.º 14.

## ROMANCE DE BRANCA-FLOR

(VERSÃO DA EXTREMADURA)

66 — A' guerra, á guerra, mourinhos,  
quero uma christã captiva;  
uns, vão pelo mar abaixo,  
outros, pela terra acima:  
tragam-me a christã captiva  
que é pora a nossa rainha.

Uns vão pelo mar abaixo,  
outros pela terra acima;  
os que foram mar abaixo  
não encontraram captiva;  
os que foram terra acima  
tiveram melhor atina,  
deram com o Conde Flores  
~~que~~ que vinha da romaria:  
vinha lá de Santhiago,  
Santhiago da Galliza.



Mataram o Conde Flores,  
a Condessa vae captiva;  
mal que o soube a rainha  
ao caminho lhe sahia:

«Venha embora a minha escrava,  
boa seja a sua vinda!  
aqui lhe entrego estas chaves  
da dispensa e da cosinha;  
que me não fio de moiras  
que me dêem bruxaria.  
— «Acceito as chaves, senhora,  
por grande desdita minha!  
hontem, Condessa jurada,  
hojè moça de cosinha.

A rainha está pejada,  
a escrava tambem o vinha;  
quiz a boa ou má fortuna,  
que ambas parissem n'um dia.  
Filho varão teve a escrava,  
e uma filha a rainha;  
mas as pérras das comadres  
para ganharem alviçaras,  
deram á rainha o filho,  
e á escrava deram a filha.

— «Filha minha, da minha alma,  
com que te batisaria?  
as lagrimas dos meus olhos  
te sirvam de agua bemdita.  
Chamar-te-hei Branca-rosa,  
Branca-flor de Alexandria,  
que assim me chamava d'antes  
uma irmã que eu tinha.

Captivaram-na os Mouros,  
 dia da Paschoa-florida,  
 quando andava a apanhar rosas  
 n'um rosal que meu pae tinha.

Estas lastimas choradas  
 veis la rainha que ouvia;  
 e com as lagrimas nos olhos  
 muito depressa accudia:

«Criadas, minhas criadas,  
 regalem-me esta captiva  
 que se eu não fôra de cama,  
 eu é que a regalaria.

Mal se alevanta a rainha  
 vae-se ter com a captiva.

«Como estás, oh minha escrava,  
 como está a tua filha?

— «A filha boa, senhora,  
 eu como mulher parida.

«Se estiveras em tua terra  
 que nome lhe chamarias?

— «Chamava-lhe Branca-Rosa,  
 Branca-flor de Alexandria,  
 que assim se chamava d'antes  
 uma irmã que eu tinha:  
 captivaram-na os Mouros  
 dia de Paschoa florida,  
 quando andava a apanhar rosas  
 n'um rosal que meu pae tinha.

«Se viral-a tua irmã  
 se tu a conhecerias?

— «Assim eu a vira núa

da cintura para cima;  
debaixo do peito esquerdo  
um lunar preto ella tinha.  
«Ai triste de mim coitada,  
ai triste de mim mofina!  
mandei buscar nma escrava,  
trazem-me uma irmã minha.

Não são passados tres dias  
morre a filha da rainha  
chorava a Condessa Flores  
como quem por sua a tinha;  
porem mais chorava a mãe  
que o coração lh'ó dizia.  
Deram á lingua as criadas,  
soube-se o que succedia:  
a mãe com o filho nos braços  
cuidou morrer de alegria.  
Não são passadas tres horas  
uma á outra se dizia:

«Quem se vira em Portugal,  
terra que Deos bem dizia!

Juntaram muita riqueza  
d'ouro e de pedraria;  
uma noite abençoada  
fugiram da mouraria;  
foram ter á sua terra,  
terra de Santa Maria,  
meteram-se n'um mosteiro,  
ambas professam n'um dia.

## ROMANCE DE D. EURIVES (GWENIWAR.)

(VERSÃO DA ILHA DA MADEIRA)

67 Andava D. Eurives  
 cá e lá em triste andar,  
 chorando las suas penas,  
 que devia de chorar.

—O que tendes, Dona Eurives,  
 que vos não seja de agrado?  
 «Por Deus vos peço, a vós sogra,  
 por Deus vós peço, rogado,  
 que em vosso filho vindo,  
 nada lhe seja contado:  
 que eu vou-me alem ao castello  
 carpir aquelle finado.

A falsa de sua sogra  
 por ver o filho vingado,  
 tudo que a nora lhe disse  
 tudo lhe fôra contado.  
 Puxou elle suas esporas  
 tinha o cavallo sellado...

—«Deus vos salue a vós, guardas  
 d'este castello guardado;  
 dizei-me que gente é essa  
 que carpe n'esse finado?  
 =São senhoras e donzellas,  
 cousa de grande estado.  
 Uma carpe marido,  
 outras carpem cunhado,  
 e tambem a Dona Eurives  
 carpe lo seu bem amado.  
 —«Digam-me a essa senhora

que seu amor é passado;  
entre duas facas finas  
seu pescoço degollado,  
mettido entre dois pratos  
a seu pae será mandado.  
«Matae-me, já que a meu pac  
eu falar lhe não sabia:  
que este é que era o meu amor,  
que eu a vós não vos queria.  
De sete filhos que eu tive  
quatro são de vós senhor,  
os vossos vestem brilhante  
os outros... triste rigor.

Digam todos que aqui estão  
digam todos, toda a gente,  
se ha peor cousa no mundo,  
do que casar mal contente?  
Ora adeos, que eu vou-me embora,  
com meu amor para sempre.

*Ed. das Saudades da Terra, p, 768.*

---

## ROMANCE Á MORTE DO PRINCIPE D. AFFONSO (1491)

(VERRÃO DA ILHA DE S. JORGE)

68

Casadinha de oito dias,  
sentadinha á janella,  
vira vir um cavalleiro  
com cartinhas a abanar:

«Que trazeis p'ra me contar?  
—Senhora, trago-vos novas  
muito caras para as dar.

«Quando vós de as dares,  
 que farei eu de aceitar!  
 — Vosso marido caiu  
 no fundo do areial;  
 rebentou-lhe o fel no corpo,  
 está em risco de escapar!  
 se o queres achar vivo,  
 tratae já de caminhar.

Cobrira-se com o seu manto,  
 tratara de caminhar;  
 as servas iam traz ella,  
 cuidando de a não alcançar.  
 O pranto que ella fazia  
 pedras fazia abrandar.  
 Respondeu-lhe o marido  
 do logar aonde estava:

— Calae-vos, minha mulher,  
 não me dobreis o meu mal;  
 tendes pae e tendes mãe,  
 podem-vos tornar a levar.  
 Ficaes menina e moça  
 podeis tornar a casar.  
 «Esse conselho, marido  
 eu não o heide tomar,  
 heide pegar n'umas contas  
 não farei fim a resar.  
 — Abri lá esse portão,  
 o portão da galhardia,  
 para a senhora entrar,  
 senhora D. Maria.  
 «Chamem-me triste viuva,  
 apartada de alegria,  
 que me morreu um cravo,  
 a quem eu tanto queria.

Elle não morreu na guerra,  
nem em batalha vencida;  
morreu, morreu cá em terra,  
n'um poço de agua fria.

*Cantos popul. do Archipelago, n.º 55.*

Á MORTE DO INFANTE DOM PEDRO,  
QUE MORREU N'ALFARROBEIRA, E VAM EM NOME  
DO INFANTE

69

Pola morte de mym soo  
e d'alguns vossos parentes,  
vós outros, que sois presentes,  
todos deveys filhar doo.  
Os que tinheis em mim noo,  
e folguays com minha morte  
antre todos lançay sorte,  
qual seraa mayz cedo poo?

E do mal que me fyzestes  
entam sereys lá lembrados,  
e d'aquestes meus criados  
que matastes e prendestes.  
Empero, todos perdestes  
em mym huma nobre dôa;  
sobre todos fuy corôa  
segundo todos soubestes.

Nom foy outro no Oriente  
tam perfeito em saber;  
ja em mym foy o poder  
d'escusar o mal presente.  
Nunca uscy em meu talente  
de fazer cousa errada,  
mas esta morte foy fadada  
pera mym e minha jente.

Eu crycy em gram alteza  
 hum soo rey e seu irmão,  
 sempre lho beyjey mão,  
 e resguardey ssa realeza.  
 Fuy eu frol de gentileza,  
 e na minha mocidade  
 usey sempre de verdade,  
 e amey muyto franqueza.

Quando eu ante vós era,  
 todos m'assy esguardaveys,  
 e assy me adoraveys,  
 como se vos eu fizera.  
 Aguora já nenhum espera  
 receber de mym mercês,  
 antes me avorrecês  
 como huma besta fera.

Nam ha reyños em Cristãos  
 que em todos nom andasse  
 e que sempre nom achasse  
 nos reis d'elles doces mãos.  
 Fidalguos e cydadãos  
 me serviam lealmente,  
 e aguora cruelmente  
 me mataram meus irmãos.

Eu andey per muytas partes,  
 e per outras boas terras,  
 muyta paz e tambem guerras  
 vy tratar per muytas artes.  
 Mas aqueste dia-martes  
 foy infelis para mym;  
 o meu sangue me deu fim,  
 e rompeu meus estendartes.



Naturays de Portugal  
contra mym armas fyllhastes,  
certamente muito errastes,  
que vos não mereci tal.  
Roubastes meu arrayal,  
toda minha artelharia;  
grande enveja e perfia  
ordenou todo este mal.

Mal vos lembram as mercês  
que vos fez el-rey meu padre  
com a rainha minha madre,  
d'u melhores descêdes.  
Eu não sey que ganharês  
por minha destruiçam;  
se o fezestes sem rezam,  
d'este vos nam lavareys.

Muyto trabalho levou  
meu padre por vos criar,  
muyto mais por vos liurar  
e leixar como leyxou.  
Se vos elle acrecentou  
em mentres qu'ele viveu,  
nem por mym nam faleceo  
quanto meu tempo durou.

E vós fostes os culpados  
causadores de meu dano,  
que já passa de hum anno  
que andays aconselhados;  
e com rostros desvairados  
me falaveys cada dia:  
mas de vós nam me temya,  
porque ereys meus criados.

Natureza nam deerva  
 consentir-vos tal crueza,  
 bem mostrara jentileza  
 algum que me vyda dera.  
 Mas no anno d'esta era  
 tays pranetas sam correntes,  
 que amyguos e parentes  
 todos andam por derrera.

A morte tenho passada,  
 e o medo já perdido;  
 pero levo já sentido  
 da infante lastimada,  
 e da rainha muyto amada:  
 e meus filhos orfãos leyxo,  
 d'esto todo me aqueyxo,  
 que da morte nam do nada.

Ora lá vos temperay  
 o melhor que já poderdes;  
 pero se syso teverdes  
 sempre vos bem avysay.  
 Cada dia esperay  
 receber por u medistes,  
 a que ora de mym vistes  
 quando vos vier, tomay.

*Cabo*

Todos fostes muy ingratos  
 e de pouco conhecer;  
 bem quizestes parecer  
 os do tempo de Pylatos.

## BARLAAM ET JOSAPHAT

## FRAGMENTO DE UMA TRADUÇÃO

70

. . . . .  
 Quando ella assy bremava  
 todos compeçam de fugir,  
 e quando chegou o dia  
 que ella ouve de parir,  
 pariu um rato pequeno,  
 bem faz escarnho do ryr,  
 suas vozes e espanto  
 em rogo foram salyr.

Bem outrosy acontece  
 a muitos e a teu amo,  
 se vêe dar muyto estrago  
 fugindo com falso engano;  
 cegam muitos com o vento,  
 vão-se perder com mal ramo;  
 vay dis-lhe que me nom queyra,  
 ca o nom quero nem amo.

O homem que muyto fala  
 faz muyto menos ás vezes  
 e põem em muyto espanto  
 o pouco stroido de mezes;  
 e as cousas muito caras  
 outra ora sam rrefeces,  
 e as astrosas de vil preço  
 sam para avellas revezes.

Como por pequena cousa  
 avorrecimento e sanha,  
 arredou-se logo de my  
 e fez-me de jogo manha;

assy o diz enganado  
o que cuida quem engana,  
desto eu fiz uma trova  
*Ay que tristeza tamanha.*

Assi o diz Salamon  
e diz grande verdade,  
que as cousas d'este mundo  
sem dulda sam vaidade;  
e sam todas passadoiras  
fugem-se com a hydade,  
salvante o amor de Deos,  
todo o al he neicidade.

Despoys que vy a dona  
de mi partida e mudada,  
dixe: querer d'u nom me querem  
fazia ponto ou nada;  
responder d'u me nom chamam  
he vaidade provada;  
partiu-se de seu preyto  
pois de mi he arredada.

Sabe Deos que nem em esta  
aa quantas donas nunca vy,  
eu sempre quige mandalas  
outro sy sempre as servi;  
e se servir nom as pudi  
certo nunca as deservy,  
de dona bem mesurada  
sempre dela bem screvy.

Muyto seria eu torpe  
a malo vylano pagez,  
se eu de la mulher nobre  
razoase cousa refez;

ou en na molher louçana,  
fremosa, nobre e cortez  
todo bem d'aqueste mundo  
todo prazer em ela és.

Se Deos quando formou  
ao o homem entendera  
que era tam mala cousa  
a mulher, nom lhe la dera  
ao homem por companheira  
nem dele a nõ fezera,  
e se pera bem nõ fora,  
tanto nobre nõ s'avera.

Se ó homem ou á molher  
nõ lhe quizesse bem,  
nõ teria tantas pressas  
no amor quantas lhe tem;  
nõ por sanctos nem por sanctas  
que seja nom sabe quem  
mais ame que su campanha  
em este siso se mantem.

Os estrolegos antigos  
dize em na sciencia,  
eu digo da estrologia  
que he muy nobre sabença;  
que o homem quando naçe  
logo na sua nacença  
o sino em que ele nace  
aquel o julga por sentença.

Esto disse Tholomeo  
e assi o disse Prató  
e outros grandes maestros  
todos n'este acordo som;

qual he o acidente  
e a sua costellaçom  
daquelle que naçe tal he  
seu estado e o seu dom.

A y muytos que trabalham  
muyto pela crelizia,  
e aprendẽ grandes tempos,  
despendem grande contia;  
mas no cabo sabem pouco  
ca o fado os guya,  
nem o nom podem dos mays  
a esta estrologia.

Y outros entram em ordem,  
por salvarem suas almas,  
outros tomam officiaes  
em querer usar em armas;  
outros servem a senhores  
com suas manos austr'ambas,  
por muytos de aquestes  
dam em terra d'ambas palmas.

Nõ acabam em ordẽ  
nem sam grandes cavalleyros,  
nẽ em mercê dos senhores  
nẽ erdam de seus dinheiros;  
porque pode seer esto  
querem é ser verdadeiros,  
segundo natural curso  
os meestres estrolageiros.

Porque tu creas o curso  
destes sinales a tales  
dizer te hei um juiso  
som de a que naturales,

os quaes julgaram um nino  
 per seur certos sinales  
 de per juizos muy fortes  
 forom d'acabades males:

Era hum roy de mouros  
 alcaras nombre avia;  
 e naçe-lhe hum fylho  
 mais que aquel non tenya;  
 mandou per seus sabedores  
 ca deles saber queria  
 o signal e a praneta  
 do filho que lhe naçia.

Antre aquelles estrologos  
 que la veerom para veer,  
 veerom hi cinco d'eles  
 que eram de mayor saber;  
 des que o ponto tomarom  
 no qual el ouve de naçer,  
 disse-lhe um dos maestros,  
 que medrado hade ser.

. . . . .

Fol. avulsa do Ms. 785 da Bibl. do Porto.

## LAMENTAÇÃO

Á MORTE DEL-REY DOM JOÃO O SEGUNDO QUE HE EM SANTA  
 GRORIA

71

. . . . .  
 Dizer dos antigos, que sam consumidos,  
 nam quero, em Gregos falar, nem Romãos;  
 mas nos que nos caem aqui d'antr' as mãos,  
 vistos de nós e de nós conhecidos.  
 Despertemos de todo os nossos sentidos,

poyz este mundo he tam inconstante:  
creamos dos que nam sam perdidos,  
mas que sam hydos hum pouco adiante.

. . . . .

Antigos exempros a parte deyxados,  
sem os alheos querer memorar,  
os mortos em canas deyxemos estar  
com outros mil contos que sam já passados.  
Deyxem de ser aqui relatados;  
abaste fallar nos possuidores  
d'esta nossa terra, que dela abayxados  
foram assy com' a pobres pastores.

Que se fez d'aquale que Ceyta tomou  
por força aos Mouros com tanta vitorea,  
o intitulado da Boa-Memorea,  
que a sy e aos seus tam bem governou?  
Às cousas tam grandes que vivend' acabou,  
afora nas batalhas mostrar-se tam forte,  
com outras façanhas em que s'esmerou,  
nunca poderam livral-o da morte.

Seu fylho, primeiro bom rey Dom Duarte,  
que foy tam perfeito e tam acabado;  
reynando muy pouco, da morte levado  
foe, como quys quem tudo reparte.  
Seus irmãos, os Ifantes, que tanta de parte  
na virtude toveram pelo bem que obraram,  
tendo nas vidas trabalhos que farte,  
com tristes soçessos alguns acabaram.

O sobrinho d'estes, Ifante de grorea,  
progenitor de quem nos governa,  
que foy de vertudes tam crara lucerna,  
tambem ouve d'ele a morte vytorea.



Com todo nom pode tirar-lh'a memorea,  
de ser esforçado e forte na fee,  
tomou este princepe, dino d'estorea  
per força ós Mouros o grand'Anafee.

O quinto Affonso non quero calar,  
que assy como teve vytorea crecida,  
tantos trabalhos sosteve na vida,  
que lhe causaram mais ced' acabar.  
Tambem acabou o filho de dar  
fim a esta vida de tanta miserea,  
no qual determino um pouco falar,  
posto qu'emprenda muy alta materia.

Este foy aquele bom rey dom Joham,  
o mays eycelente, que ouve no mundo,  
rey d'estes reynos, d'este nome segundo,  
humano, catolico, sojeyto á razam.  
Do qual muy bem creio, sem contradicam,  
iulguando sas obras, e como morreo,  
que deve bem certo de ter salvaçam,  
poys tam justamente sempre viveo.

Poys em Castela, ahy n'essa guerra,  
se foy esforçado muy bem se mostrou;  
depois da batalha no campo ficou,  
os mortos n'aquela metendo so terra.  
Tambem n'essas pazes, s'a penna nam erra,  
foy muy prudente e muy sabedor,  
os meos tomando dos vales e serra:  
que n'estes consiste vertude mayor.

Nam menos no reyno, por este teor,  
no tempo que foy aquela discordia,  
usou mays com eles de misericordia

do que n'isso fez com justo rigor.  
Era temido dos seus com amor,  
e a Deos temya com todo querer;  
que quando o rey de Deos tem temor,  
emtam o soemos muy mais de temer.

Com animo grande d'esperas reacs,  
abrio o caminho de todo Guyncé,  
mays por crecer a catolica fé  
que nam por cobiça dos bens temporaes.  
Com ela fez rico os seus naturacs,  
os infieis trouxe a ver salvaçam,  
poy's obras tam justas e tam devynaes,  
seram sempre vivas segundo razam.

S'em todo ponente se sente gram grorea,  
por serem as Indias a nós descobertas,  
ele foe causa de serem tam certas  
e tam manifestas por nossa vitorea.  
Pois he sua fama a todos notoria,  
culpem-me muytos e mais d'uma vcz,  
se dele nom faço aquella memorea  
que justa merecem os feytos que fez.

A fim já chegada de sua partida,  
sendo de todas a cousa mais forte,  
já muito cerca da hora da morte,  
nam se esqueceu das obras da vida.  
Tendo a candea já quasi pedida,  
a penna na mão tremendo tomava,  
e com moderada justiça devida  
tenças, mercês, padrões assynava.

Seus males e culpas gemendo com dor,  
partyo d'esta vida na fé esforçado;  
polo qual creio, que outro reynado

possuy la com Deos muyto melhor.  
Fez fim no Algarve, na vila d'Alvor,  
no decimo mez, á fim já propinco,  
sendo da era de nosso Senhor  
quatorze centenas noventa mais cinco.

Com gram cyrimonia a Sylves levado  
d'aly foy dos seus, que o muyto sentyam,  
quem antes hum pouco as gentes seguyam.  
aly ficou soo de todos deyxado.  
O' morte, que matas quem é prosperado,  
sem de fremoso curar, nem de forte,  
e deyxas vyver o mal aventurado  
porque vivendo receba mays morte.

D'aly a trez annos nam bem precedentes  
foy com gram festa d'aqui trespasado,  
e posto no lugar que está deputado  
em ser mauseolo dos nossos regentes.  
Quer Deos d'aly dar a muytos doentes  
comprida saude, tocand' onde jaz;  
em serem os anjos com elle contentes  
nos he manifesto nas obras que faz.

Fez isto por ele o muy poderoso  
rey excelente Manuel o primeyro,  
quem ele deyxou successor verdadeiro,  
como rey justo e muy virtuoso.  
Soube este princepe muy animoso  
que oje governa com tanta medyda,  
pagar-lhe na morte, como piadoso,  
o bem recebido d'aquelle na vida.

## CANTARCILHO Á PADEIRA DE ALJUBARROTA

72

Pois que Madanella  
remediou meu mal,  
viva Portugal,  
e morra Castella.

Seja amor testigo  
de tamanho bem,  
não chege ninguem  
a zombar commigo.

Que a espada é rodela,  
a forneira sal'  
viva Portugal,  
e morra Castella!

*Romancero general (Rom.: Un gallardo portuguez.)*

## TONADILHA DOS POBRES

## Á PORTARIA DO CONVENTO DO CONDESTAVEL

73

O gram Condestabre  
em o seu Mosteiro  
dá-nos sua sôpa,  
mail-a sua rôpa,  
mail-o seu dinheiro.

A benção de Deos  
cahiu na caldeira  
do Nunalves Pereira,  
que abondo cresceo  
e todolo deu.

Se comer queredes  
nom vades além,

d'on menga nam tem,  
ahi lo comeredes  
como lo bedes.

Ap. *Chronica dos Carmelitas*, do P.  
Santa-Anna, t. I, p. 438.

74

## SEGUIDILHAS

QUE AS MULHERES DE LISBOA CANTAVAM PELA PASCHOA  
FLORIDA NA SEPULTURA DO CONDESTAVEL:

GUIA, só; e de-  
pois todos:

Nó me lo digades, none,  
Que santo he o Conde.

GUIA, só:

O gram Condestabre  
Nunalves Pereira,  
defendeo Portugale  
com sua bandeira,  
e com seu pendone.

TODOS:

No me lo digades, none;  
que santo he o Conde.

GUIA, só:

Na Aljubarrota  
levou a vanguarda,  
com braçal e cota  
os Castelhões mata,  
e toma o pendonc.

TODOS:

No me lo digades, none;  
que santo he o Conde.

GUIA, só:

Com sua chegada  
filhou Badalhouce,  
sem usar d'avença  
entrou sua torre,  
e poz seu pendone.

TODOS: No me lo digades, none;  
que santo he o Conde.

GUIA, só: Dentro no Valverde  
venceu os Castellhões,  
matou bons e maos,  
so c'o sua hoste  
e seu esquadrone.

TODOS: No me lo digades, none;  
que santo he o Conde.

*Ibid.*, t. 1, P. 3, p. 466.

75

## CHACOTA DE TERREIRO

QUE OS MORADORES DO RESTELLO CANTAVAM NA  
SEGUNDA OUTAVA DO ESPIRITO SANTO, NA SEPULTURA  
DO CONDESTAVEL

VOZ: Santo Condestabre,  
bone portugues,  
Conde d'Arrayolos,  
de Barcellos, d'Orém.

TODOS: Santo Condestabre,  
bone portugues.

VOZ: Na campanha somdes  
alem d'uma bez;  
e mais otra bez,  
e mais otra bez.

TODOS: Santo Condestabre,  
bone portugues.

VOZ: Por faison da patria  
 todo esto lo fez,  
 mata os Castellhões  
 salva a nossa grey.

TODOS: E mais otra bez,  
 e mais otra bez.

VOZ: No me lo digades,  
 qu' aboudo lo sey,  
 librou as obelhinhas  
 do leo de Castel.

TODOS: E mais otra bez  
 e mais otra bez.

*Ibidem.*

76

## CLAMORES

### DOS MORADORES DE SACAVEM NO ANNIVERSARIO DO CONDESTAVEL

VOZ: Do Restello a Sacavem  
 nem ningola, nem ninguem  
 tem semelho ao Condestabre,  
 que lo prouge, e que lo praze,  
 ho fazernos tanto bem.

TODOS: E bem, e bem.

VOZ: O rapaz das cobreturas  
 que morre e cahe para traz,  
 já nom vae à sepultura,  
 que otra bez vive o rapaz:  
 e o Conde le fizo bem.

TODOS: E bem, e bem.

- VOZ:           Á filha de Joanne Estês  
que finou por nom mamar,  
ao do Moinho do cubo  
que finou por se afogar,  
viventa o Conde tambem.
- TODOS:           E bem, e bem.
- VOZ:           O mal d'aquella alfayata  
a gram dor de Lopo Affonso,  
nom les chega aos coraçons,  
que o Conde santo los guarda:  
y tudo por fager bem.
- TODOS:           E bem, e bem.
- VOZ:           E bem, Condestabre santo,  
cobri-nos com vosso manto,  
e co vosso manto de gales,  
defendimento de males,  
e faga-nos munto bem.
- TODOS:           E bem, e bem.

*Ibid.*, extrahido de um Ms. de Azurara.

## DITADO OU RIFÃO VULGAR,

### A QUE ALLUDE AZURARA

- 77           «Oh noite má,  
para quem te apparelhas?  
—Para os pobres soldados  
e pastores de ovelhas.  
«E os homens do mar  
aonde os deixas?  
—Esses ficam metidos  
até ás orelhas.



## COPLAS DO INFANTE DOM PEDRO,

FILHO D'EL-REI DOM JOÃO I, EM LOUVOR DE JOÃO  
DE MENA:

78

Nom vos será gram louvor  
por serdes de mym honrado,  
que nam sam tam sabedor  
em trovar, que vos dey grado.  
Mas meu desejo de grado  
a mym praz de vos louvar,  
e vós o podeys tomar  
tal, quejando vos he dado.

Sabedor e bem falante,  
gracyoso em dizer,  
coronysta abastante  
em poesyas trazer.  
Ou de novo as fazer,  
hu compre, com gram maestrya;  
de comparar melhorya  
dos outros deveys aver.

D'amor trovador sentydo  
coma quem seu mal sentiu,  
e o ouve bem servydo  
e os seus segredos vio;  
e de todo departio  
muy fermoso e muy bem,  
como poode dizer quem  
vossas copras ler ouvyo.

De louvar quem a vos praz  
aconselhar lealmente,  
d'esto sabeis vós assás,  
e fazeyl-o sagesmente;

e assentar-s'oo presente  
creo nam terdes ygoal,  
de consoar outro tal;  
julgue-o quem o bem sente.

Infante D. Pedro, *Canc. geral*, t. II, p. 70.

## VOLTAS D'EL-REI DOM PEDRO (CONDESTAVEL DE PORTUGAL) A UMA SENHORA

79           Honde acharaão folguanças  
meus amores,  
honde meus grandes temores  
segurança!

Tristeza nam dá luguar,  
menos consente reço,  
temor me faz sospirar,  
mudança faz que nam creo.  
D'outra parte esperança  
daa favores,  
sem averem meus amores  
segurança.

*Ibid.*, t. II, p. 67.

## OUTRA D'EL-REI DOM PEDRO

80           Ho deseiosa folguança,  
u fazem pausa meus males!  
non es em vano esperança,  
se me vales.

Se me vales, tornaraa  
todo meu mal em prazer,  
a meus trabalhes daraa  
gualardam meu merecer.

Mais poderá confiança  
 que todos meus tristes males;  
 morrerá desesperança  
 se me vales.

*Ibid.*, p. 68.

## QUADRAS NO FIM DE UMA TRADUÇÃO DOS EVANGELHOS

81            Nam vos sirvo, nem vos amo,  
 mas desejo-vos amar,  
 de sempre vossa me chamo  
 sem quem nom he repousar.

Oh vida lume e luz,  
 infindo bem e inteiro,  
 meu Jesus, Deos verdadeiro,  
 por mim morto em a cruz.

Se mim mesma nom desamo  
 nem vos posso bem amar,  
 a me ajudar vos chamo,  
 para saber repousar.

D. Filippa, filha do Duque de Coimbra,  
 (*Ap. Agiolog. Lusit. t. I, p. 411.*)

## TROVAS NA FORMA DE *RECUERD EL ALMA* *ADORMIDA* (DE MANRIQUE.)

82            Poys nacy por vós amar,  
 e ser vosso ta morrer,  
 sem me partir,  
 eu não devo recear  
 coytas, trabalhos soffrer  
 por vos servir.

Ca pois sempre vos amey  
e vos amo certamente,  
dizer posso,  
que já nunca poderey  
d'outra ser inteiramente,  
se nam vosso.

De vos eu aquele ser  
que vos sempre fuy e sou  
ategora,  
vós o devês firme crêr,  
qu'esta fé nam se mudou  
de mym, senhora.

Poys que outra liberdade  
nunca pude desejar,  
nem queria,  
se nam soo vossa vontade  
sempre cumprir e guardar  
como devia.

Eu não creio que nacesse  
quem mais males suportasse  
nem sentisse;  
nem que d'amar me vencesse,  
como quer que bem amasse  
ou servisse.

E coytas desesperadas  
e tantos padecimentos  
tenho passados,  
que soo de serem lembrados  
os meus tristes sentimentos  
sam torvados.

Poys leixarey por ventura  
de vos sempre ser leal,  
sem galardam?  
ou fará minha tristura  
meu desejo querer al?  
por certo, nam!

Ante soportar aquella  
vida mal aventurada,  
em que nacy,  
por vós, sesuda donzella,  
mays dina de ser amada  
de quantas vy!

Aquelles que bem amaram  
e lealmente serviram  
no passado,  
fama de sy nos leyxaram  
pelas penas que sentiram  
e cuydado.

A qualquer que bem ama,  
de si leixa tal memoria,  
em meus dias  
eu soo devo ser na fama  
em huma ygual gloria  
com Mancias.

*Fim*

Ho vos, minha esperança  
todo meu bem e prazer  
tam sem medida,  
minha grande segurança  
em cujas mãos e poder  
he minha vida!

Tanto devês ser lembrada  
 e com tam grande sentido  
 de meu dano,  
 quanto soes desejada  
 e servyda sem partido  
 nem engano.

Gil Moniz, *Canc. geral*, t. I, p. 486.

---

### ESPARSAS

83

Nam vos enganês, senhora,  
 nos desenguanos que daes,  
 porque com elles causaes  
 que vos queyra muyto mays,  
 o triste que vos adora.  
 Devês buscar outro modo  
 para vos mais descansar;  
 este nam podês achar,  
 sem me matardes de todo.

Diogo Brandão, *Canc. ger.*, t. II, p. 220.

---

### OUTRA

84

As cousas d'aquesta vida  
 todas vem a uma conta,  
 poys vemos que tanto monta  
 ser curta como comprida.  
 Quem d'ella parte mais cedo  
 he livre de mil cuidados;  
 quem vive tem-nos dobrados  
 afora sempre ter medo.

Duarte da Gama, *Ibid.*, t. II, p. 498.

---

## ESPARSA

EM QUE ESTÁ O NOME DE UMA SENHORA NAS PRIMEIRAS  
LETRAS DE CADA REGRA

85

D e vós, senhora, e de mim  
O usarey de m'aqueixar;  
N os males, que não tem fim,  
A ntes vam em gualarim

I urando de m'acabar.  
L astimado com resam,  
R mores bem me fizeram  
I esistir minha paixam;  
A nteyra satisfaçam  
A a mester, pois me perderam.

Jorge de Resende, *Canc. geral*, t. III, p. 342.

## ACROSTICO

EM QU'ESTÁ O NOME POR QUEM SE FEZ, POLAS PRIMEIRAS  
LETRAS D'ELLE

86

D o grande mal que causaram  
O s olhos, quando vos viram,  
N 'estes dias o pagaram,  
A fóra quando partiram.

V yda, qu'assy atormenta  
I á melhor se perderia,  
O penar, que s'accrecenta  
L edo morrer me faria.  
A s lagrimas que se dobraram,  
N o coração se sentyram;  
F odas meus olhos choraram  
E m vendo que não vos viram.

Dioguo Brandão, *Canc. geral*, t. II, p. 208.

## TROVAS A ESTE VILANCETE:

Abayx' esta serra  
vercy minha terra.

O' montes erguidos,  
deyxay-vos cair,  
deyxay-vos somyr  
e ser destroydos.  
Pois males sentidos  
me dam tanta guerra,  
por vêr minha terra.

Ribeyras do mar,  
que tendes mudanças,  
as minhas lembranças  
deixae-as passar.  
Deyxay-m' as tornar  
das novas da terra  
que dá tanta guerra.

*Cabo*

O sol escurece,  
a noite se vem,  
meus olhos, meu bem,  
já nam apparece.  
Mays cedo anoytece,  
áquem d'esta serra,  
que na minha terra.

Francisco de Sousa, *Canc. geral*, t. III, p. 562.

TROVAS QUE ACABAM SEMPRE EM *DOS*

Que cuydados tam cansados  
e tam sentydos,  
e sentydos trabalhados



dos cuydados  
donde nunca são partidos.  
Meus desejos nam compridos  
sam dobrados,  
cada dia mais crecidos,  
repartidos  
em mil modos desvairados.

Os prazeres desvairados,  
escondidos,  
porque sempre sam lembrados  
os passados,  
com mais força sam queridos.  
Lembranças dos recebidos,  
apartados,  
sam sospiros e gemidos  
nam ouvidos  
da parte por quem sam dados.

Os esforços esforçados  
promettidos,  
de muytas contra cercados  
conquistados,  
de receos combatidos.  
D'outra parte escorridos  
e esforçados  
nos esforços dos ouvidos  
merecydos  
em nos ver contrariados.

Muytos dias mal gastados,  
padecidos,  
sospirades, enfadados,  
e mostrados,  
mil prazeres infengidos.  
O' que dias tam perdidos

e tam mingoados,  
de mym mesmo perseguidos  
e avorrydos,  
qual pior pior contados.

Meus olhos nam sam culpados  
mas vencidos,  
meus dias foram fadados  
e julgados  
pera pena já nacydos.  
Siguo caminhos seguidos,  
despovoados,  
em que caem e sam cahidos  
e feridos  
os presentes e passados.

*Cabo*

Os *dos*, que vam apartados  
sejam lidos,  
e nos cabos ajuntados,  
concertados,  
em cada regra metidos.  
Gualantes muy resabidos  
e avisados,  
nam leyxei-vos esquecidos,  
nem partidos  
os *dos* dos cabos riscados.

Nuno Pereira, *Canç. geral*, t. 1, p. 263.

TROVAS ALITERADAS

EL-REY DOM FERNANDO, NAS QUAES METEO O SEU  
NOME, E LEM-SE DE TANTAS MANEYRAS,  
QUE SE FAZEM SESENTA E QUATRO.

Forte, fiel, façanhoso,  
fazendo feitos famosos;

florecente, frutuoso,  
 fundando fiis frotuosos.  
 Fama, fé fortaleizando,  
 famosamente florece;  
 fydalguias favorece,  
 francas franquezas firmando.

Exalçado, excelente,  
 ensinados estimando,  
 espiritual evidente,  
 erezias evitando.  
 Em Espanha esmerado,  
 espelho esclarecido,  
 especial escolhido,  
 estremado em estado.

Rey real, reglorioso,  
 reforçando receosos,  
 real rey remuneroso,  
 refreando revoltosos.  
 Rycos regnos recobrando,  
 ricamente resprandece;  
 redobrado remerece,  
 realissimo reinando.

Notem notoryamente  
 n'estes notados notando,  
 nóto n'estas novamente,  
 notem-no noteficando.  
 Notefiquem no notado  
 necessario nacido,  
 nobremente, nobrecido,  
 nobre nome nam negado.

Alto, alto aumentado,  
 alto autor avondoso,

alto amante amado  
 alto, auto, anymoso.  
 Anymo angelical,  
 altas altezas avendo,  
 altos, altos abatendo,  
 Alexandre, Anyball!

Merece maximo mando  
 manyfico mayoral,  
 maiores mandos mandando  
 mauno, modesto, moral.  
 Mostra-se merecedor,  
 merece mais melhorias,  
 merecendo monarchias,  
 merecente mandador.

De Deos dom deliberado,  
 domynante dadivoso,  
 de Deos dino doutrinado,  
 dominando dereytoso;  
 De desejo devinal  
 descompasos defendendo,  
 diabruras desfazendo  
 de dominius doutrinal.

*Fim*

Onores ofecyando  
 absoluto ofecial,  
 ofeciaes ordenando,  
 curador onyversal.  
 Ousado ordenador,  
 onestando ousadias;  
 orem-lhe oras, omílias  
 ó onrado onrador.

## VILANCETE

90

Meu bem, sem vos ver  
se vivo hum dia,  
viver nam queria.

Calando e soffrendo  
meu mal sem medida  
mil mortes na vida  
synto nam vos vendo;  
e pois que vivendo  
moyro toda vya,  
viver nam queria.

## OUTRO

91

A vida, sem ver-vos,  
he dor e cuidado,  
que sinto dobrado  
querendo esquexer-vos;  
porque sem querer-vos  
já nam poderia  
viver um só dia.

Já tanta paixam  
valer nam pôdera,  
se vos não tivera  
em meu coraçam;  
sem tal defensam,  
meu bem, um só dia  
viver nam queria.

## AJUDA

Sospiros, cuidados  
 paixões de querer,  
 se tornam dobrados,  
 meu bem, sem vos vêr;  
 nom sinto prazer,  
 sem vós um só dia  
 viver nam queria.

Nam quero, nem posso  
 nem posso querer  
 viver sem ser vosso  
 e vosso morrer;  
 poys isto hade ser,  
 por morte averia  
 nam vos vêr hum dia.

García de Resende, *Ibid.*

## VYLANCETE DE D. JOÃO DE MENEZES

## A UMA ESCRAVA SUA

91  
 Catyvo sam da catyva,  
 servo d'uma servidor,  
 senhora de seu senhor.

Porque sua fermosura  
 sua gracia gratis data,  
 o triste que tarde mata,  
 he por mór desventura.  
 Que mays val a sepultura  
 de quem he seu servidor  
 qu' a vida de seu senhor.

Nam me dá catividade  
 nem vyda pera viver,  
 nem dita pera morrer,  
 e comprir sua vontade;  
 mas paixam sem piadade,  
 huma dor sobre outra dor,  
 que faz servo do senhor.

Assy moyro manso e manso,  
 nunca leixo de penar,  
 nem desejo mais descanso  
 que morrer por acabar.  
 Oh que triste desejar,  
 para quem com tanta dor  
 se fez servo do senhor.

D. João de Menezes, *Canc. geral*, t. 1, p. 130

## COPLILHAS DE JOÃO GOMES DA ILHA

92

Queria saber  
 hu vive rasam,  
 se na entençaçam,  
 se em bem fazer.  
 Se em bem querer  
 a quem me bem quer,  
 se a quem me der,  
 eu correspouder.

Se em bem falar  
 se em bem servir,  
 se em commedir  
 em qualquer obrar.  
 Em exercitar  
 o que justo fôr;  
 se he no senhor,  
 se mais no vulgar.

Se he aquerida  
a fym no proveito,  
se soo no dcreyto  
he constituida.  
Se he na medida  
do dar galardam,  
se na puniçam  
da alma perdida.

E por aprender  
hu rasam está  
a quem se mais dá,  
amo conhecer.  
Se mais ó poder,  
se mais á vertude,  
assy na saude  
como no doer.

E d'onde procede  
razam per effeito,  
e se do effeito  
razam se despede.  
Ou se se desmede  
contra desmedido,  
ou no arroydo  
em parte concede.

Se he cousa viva  
em vida sómente,  
ou se he vivente  
no que vyda priva.  
Se he sensitiva  
em soom d'animal,  
se racional  
se vegitativa.



Se tem natural  
razam seu sogeito  
se d'outro respeito  
arteficial.

Se he aumetal  
se demenuyda,  
se he per sy vida,  
se cousa mortal.

Se reje per si,  
ou se é regida  
ou que he mais querida  
aquy que aly.  
Se he mais no *y*  
do que he no *g*,  
se tem *a b c*  
se tem *quis ul qui*.

E quanto s'estende  
em sua doutrina,  
e quanto s'ensina,  
se tudo s'aprende.  
Tam bem se reprende  
quem d'ela nam usa,  
e se sua musa  
sua arte defende.

Bem saber quera  
em qual d'estas vive,  
pera que s'alyve  
minha fantasia.  
Se na cortezia  
da livre vontade,  
se pela verdade  
tornar melhoria.

Rezam e fadairos  
nam sey se resiste,  
nem sey se consyste  
em doys aversairos.  
Ou aos contrayros  
s'ordena commuã,  
ou tem parte alguã  
em alguns desvairos

Porque me parece  
segundo que entendo,  
que nada comprehendo  
da rasam falece.  
E no que carece  
eu me desatino  
desejo ser dino  
ver hu permanece.

A quem me dissesse  
rasam he tal cousa,  
e em que repousa  
saber me fizesse.  
Em quanto podesse  
eu ho serviria  
por huã tal via  
que satisfyzesse.

Pelo qual m'encryno  
aos trovadores  
espiculadores  
que me dem ensino.  
No que determino  
aprender, se posso,  
com graças do nosso  
hum so Deos e trino.

*Cabo*

E mande-me quem  
 ensino me der,  
 ca no que quereser  
 sayba que me tem.  
 Ensyne-me bem  
 hu vive razam,  
 por vista visam  
 segundo convem.

João Gomes da Ilha, *Canc. geral*, t. II, p. 75

## COPLAS DO CAPITÃO DE MACHICO

93

Folguo muyto de vos vêr,  
 pesa-me quando vos vejo,  
 como pod' aquisto ser?  
 que ver-vos he meu desejo?

Isto nam sey que o faz,  
 nem d'onde tal mal me vem;  
 sey bem que vos quero bem,  
 com quanto dano me traz.

Mas ysto é para descrer,  
 ter, senhora, tam gram pejo,  
 morrer muyto por vos vêr,  
 pésa-me quando vos vejo.

Tristão Teixeira, *Canc. geral*, II, 2.

## CANTIGA

94

Nam pode triste viver  
 quem esperanças deixar,  
 nem ha no mundo prazer  
 ygual a desesperar.

A esperança cumprida  
bem vedes quam pouco dura,  
e dura sempre a tristura  
antes e depouys da vida.  
Quem esperança tomar,  
sempre tristeza hade ter;  
quem quizer ledto viver  
sayba-se desesperar.

D. João Manoel, *Canc. geral*, 1, 400.

---

## DECIMAS

95

Que dias tam mal gastados,  
que noites tam mal dormidas,  
que sonos tam desvelados,  
que suspiros e cuidados,  
que tristezas tam sentidas!  
Que lembranças, que pesar,  
que dôr e que sentimento,  
que gemer, que sospirar,  
que males pera chorar  
dentro em meu coraçam sento!

Sento sempre meu desejo  
encontra de mim esquivo,  
sento tanto mal, que vejo  
meu cuidado tam sobejo,  
que nam sam morto nem vivo.  
Sento certo minha morte  
sento nam ser minha fim,  
sem ver bem que me conforte;  
sento pena de tal sorte,  
que nam sey parte de mim.

Vós, meu nojo e meu prazer,  
meu pesar e minha gloria,  
meu desejo e meu querer,  
vela de minha memoria,  
descanso de meu viver.  
Desamor de meu amor,  
quem meu bem e mal ordena,  
meu prazer e minha dôr,  
meu descanso, minha pena,  
meu favor e desfavor!

Minha morte, e minha vida,  
meu bem e todo meu mal;  
minha docença e ferida  
de minha chaga mortal.  
Meu desejo e saudade,  
de meus males galardam,  
tormento sem piadade,  
doce coyta da vontade  
de meu triste coraçam.

A memoria enganada  
de meus tristes pensamentos  
anda chea, desvelada,  
em lagrimas muy banhada,  
com gram força de tormentos.  
E continua tristura,  
com que ando suspirando  
com voz chea d'amargura,  
s'algum bem me dá ventura,  
m'ó tiras desesperando.

*Fim*

Dam a fé de meus gemidos  
as lagrimas piadosas,

de que sentem meus sentidos  
 dos secretos escondidos  
 de minhas coytas dorosas.  
 Cada dia, cada hora  
 assy ando d'esta arte,  
 de meu sentido tam fóra,  
 como quem canta e chora,  
 que nam sabe de sy parte.

Duarte de Brito, *Canc. geral*, t. I, p. 354,

### PERGUNTA A ALVARO BARRETO

96

Quem bem sabe, em tudo sabe,  
 e porem, d'aqui concrudo,  
 que a vós, que sabês tudo,  
 a solver as questões cabe.  
 E porem muy de verdade  
 peço, que esta respondeas,  
 pera ver, se concertaes  
 com minha negra vontade.

Ca eu já me vi partir  
 e tambem depois chegar,  
 e senty todo o sentyr  
 do prazer e do pezar.  
 Mas com tudo he de saber  
 qual he vossa concrusam:  
 se partir dá mays paixam,  
 ou chegar mayor prazer?

O Coudel-mór. *Ibid.*, I, 166.

### RESPOSTA

De m'atrever que vos gabe,  
 minha openiam mudo,  
 por nam ser um tam sesudo,

que de vos louvar acabe.  
 É pois tal extremidade  
 sobre meu saber mostraes  
 o nome que vós me daes  
 vosso gram louvor emade.

Porem sem detremynar  
 ante quem devo seguir,  
 ficando meu departyr  
 a se por vós emendar:  
 Que chegar tenha poder  
 d'alegrar um coração,  
 partyr dá may's afriçam,  
 u ha grande bem quer.

Alvaro Barreto, *Ibid.*

### PERGUNTA GERAL

97

A todolos trovadores,  
 jentys homens namorados,  
 mancebos, velhos, casados,  
 poetas e oradores,  
 por mercê que me respondam  
 á pergunta, qu'aqui diguo,  
 e se mal trago commiguo  
 este bem, nom m'o escondam.

Desejo muyto saber  
 dos que sabem, sem mais grosa,  
 as feyções que ha de ter  
 a dama pera ferosa;  
 e seja com condiçam,  
 que nam toquem na feyçam  
 d'uma soo, que foy nacida  
 e escolhida  
 antre as filhas de Siam.

Porque n'esta nunca toca  
sentido pera entendel-a,  
item, mays nenhuma bocca  
nam merece falar n'ela.  
Mas das outras, c'a meu vêr  
vemos todas enganosas,  
saybamos o qu'am de ter  
pera fermosas.

Fernão Brandão, *Canc. geral*, II, 350.

### MOTO

O que a ventura tolhe  
nam o pode o tempo dar.

98 Quem no tempo se fyar,  
senhora, pyor escolhe,  
*porqu' o que a ventura tolhe  
nam o pode o tempo dar.*

E por isso o que é melhor,  
ysto é o que mais empece,  
porqu' o mal sempr' é mayor  
e tudo vem ser pior  
a quem ventura falece.  
Tudo he tamporizar,  
e pois nada nam s'escolhe,  
*o que a ventura tolhe,  
nam ho pode o tempo dar.*

D. Pedro d'Almeida, *Canc. geral*, t. III, 317.

### DOCES ESPERANÇAS TRISTES

99 Com quanto mal sempre vistes  
padecermos, coração,  
tomastes por galardam  
*doces esperanças tristes.*



Que s'esperança nam dereys  
 a meus crecidos cuydados,  
 n'elles culpa nam tyvereis,  
 ó quanto melhor vivêreis,  
 se foram desesperados!  
 Mas com quanto sempre vistes  
 nossas dores e paixam,  
 tomastes por galardam  
*doces esperanças tristes.*

Jorge de Resende, *Ibid.* III, 337

### APODO

ÀS DAMAS, PORQUE FIZERAM UM ROL DOS HOMENS QUE  
 AVIA PARA CASAR, CORTESÃOS, E ACHARAM  
 SETENTA, E ANTE ELES HYAM ALGUNS QUE PASSAVAM  
 DOS SESSENTA :

100            Temos já sabido qua  
                  que pondes la em ementa  
                  os que passam de sessenta.

Tomastes cuidado certo  
 poys nam he de muyta dura,  
 qu'elles tem a morte perto  
 e vós vida mais segura.  
 Quem tevera tal ventura,  
 qu'entrara lá na ementa  
 e fóra já de setenta!

D. Rodrigo Lobo, *Ibid.*, III, 572.

### PATER NOSTER GROSADO (FARSI)

101            *Cryeleyson, Cristeleysom,*  
                  tu, senhor, que nos fizeste,  
                  dá-nos, poys que padeceste

por nós outros, salvaçam.  
Dos fylhos de maldiçam  
a ty praza, que nos veles;  
dá-nos senhor, contriçam,  
*Pater noster, qui es in celes.*

*Santificetur nomen tuum,*  
muy temido e adorado,  
de toda gente commum,  
de sempre tee fim louvado.  
Poys que com a devindade  
es eterno Deos e hum,  
poys tomaste humanidade  
*adveniat regnum tuum.*

*Fiat voluntas tua,*  
Senhor, que nos has livrado  
da eternal pena crua,  
por teu sêr crucificado.  
E poys que da cruel guerra  
nos livraste, redentor,  
damos-te graças, Senhor,  
*sicut in caelo et in terra.*

*Panem nostrum cotidiano*  
em o qual per fe te vêmos,  
praza-te, pois que te crêmos,  
que nos livres de gram dano.  
Dá-nos o bem que esperamos  
depoys da morte, per fé,  
com a qual te confessamos,  
*tu da nobis hodie.*

*Demite nobis debita nostra;*  
poys he mais ta piedade  
que toda nossa maldade,

o bom caminho nos mostra.  
 O' trez em uma pessoa  
 d'onde nos todo bem vem,  
 perdôa, Senhor, perdôa  
*sicut et nos dimitimos, amen.*

*Et ne nos inducas in tentationem,*  
 dá-nos firme fé sem cabo,  
 per hu livres do diabo  
*per tua remissionem.*  
 E se nos magynações  
 de Satam ou seu vassalo  
 vyerem, ou tentações,  
*sed libera nos a malo.*

*Oração do autor*

Tu, que a porta ábriste  
 do lago do desconforto,  
 tu, que o mundo remiste,  
 per ta morte, sem ser morto  
 dá-me, Senhor, contriçam  
 no ultemo d'esta vida,  
 firme fé e salvaçam,  
 e guarda per ta paixam  
 minh'alma de ser perdida.

Luys Anriques, *Canc. geral*, t. II, p. 20.

BREVE DE UM MOMO

NO QUAL LEVAVA POR ANTREMEZ HUM ANJO E HUM DIABO,  
 E O ANJO DEU ESTA CANTIGA Á DAMA:

102

O amante (*desavindo.*)

Muyto alta e excellente princeza e poderosa senhora!  
 Por me apartar da fé e em que vivo, muytas vezes

tentado d'este diabo, e de todas minha firmeza pode  
 is que sua sabedoria, porque tam verdadeyro amor,  
 tam falsas tentações nam podia ser vencido. E co-  
 cecendo em seus experimentos a grandeza de minha  
 me tentou na esperança, pondo diante mim a perda  
 minha vida e de minha liberdade, avendo por impos-  
 vel o remedio de meus males. E com todas estas cou-  
 não me vencera, se mais nom poderam os desengua-  
 s alheos que o seu enguano, com os quaes desesperey  
 fuy posto em seu poder. Mas este Anjo que me guar-  
 vendo que minha desesperança nam era por mingua  
 fôe, nem minha pena por minha culpa, se quys lem-  
 ar de my e de quem me fez perder, em me trazer  
 ni, porque com sua vista o diabo me soltasse, e ellé  
 ndo meus danos, da parte que tem n'ellas se podesse  
 repender.

*Cantigua que deu o Anjo*

Senhora, no quyere Dios  
 que seays vos omccida,  
 em ser elh'alma perdida  
 de quien se perdió por vos.

Ordenó vuestra crueza  
 qu'este triste se matasse  
 en deixar-vos, y negasse  
 vuestra fêe, qu'es su firmeza.

Mas ha permitido Dios  
 que por mi fuese valida  
 su alma, y que su vyda  
 se torna perder por vos.

## VILANCETE

QUANDO EL-REI VEO DE SANTIAGO, QUE FEZ O SENGULAR  
 MOMO DE SANTOS, O QUAL VILANCETE  
 HYAM CANTANDO DIANTÉ DO ENTREMEZ E CARRO EM QUE  
 HYA SANTIAGUO: (1493.)

103

Alta rainha, senhora,  
 Santyaguo por nós ora!

Partymos de Portugal  
 catar cura a nosso mal,  
 se nos ele e vós nam val,  
 tudo é perdido agora.

Poys que somos seus romciros  
 e das damas tam enteyros,  
 cessem já nossos marteyros  
 que nunca cessam hum'ora.

Pedimos a vossa alteza  
 em qu'estaa nossa firmeza,  
 que nam consinta crueza  
 n'este seram oos de fóra.

Aquy nos tem já presentes  
 de nossos males contentes;  
 poys nam valem aderentes,  
 oje nos valey, senhora.

## BREVE

DE UMA MOURISCA RATORTA, QUE MANDOU FAZER  
A SENHORA PRINCEZA QUANDO CASOU (1451.)

104 A min rey de negro estar Serra Lyôa  
lonje muyto terra onde viver nós,  
andar carabela, tubao de Lixboa,  
falar muyto novas casar pera vós.  
Querer a mym logo vervos como vay;  
leyxar molher meu, partyr muyto 'synha,  
porque sempre nós servir vosso pay,  
folgar muyto negro estar vós raynha.

Aqueste gente meu taybo terra nossa,  
nunca folguar, andar sempre guerra,  
nam saber quy que balhar terra vossa,  
balhar que saber como nossa terra.  
Se logo vos quer, mandar a mym venha,  
fazer que saber tomar que achar,  
mandar fazer taybo, lugar Dês mantenha  
e loguo meu negro, senhora, balhar.

Condell-Mór, *Canc. geral*, t. I, p. 172.

## TERCEIRA EPOCA

# ESCHOLA QUINHENTISTA

(SECULO XVI)

SECÇÃO 1.<sup>a</sup>

## ESCHOLA HISPANO-ITALICA

**I** GENERO EPICO: a) *Tradicional*: 105-109. Romances mouriscos, de cativos, sacros e arthurianos. b) *Litterario*: 110-111. Romances brulesco e com forma culta — 122-123. Poemetos — 114-118. Fabulas.

**II** GENERO LYRICO: a) *Tradicional*: 119. Modinha—120. Alvorada—121. Salva.—122-125. Orações — 123. Serranilha—124. Cantiga em Chacota—126. Jogo — 127. Adivinhação. b) *Litterario*: 128-130. Cantigas e Vilancetes — 131. Voltas — 132. Vilancete—133-5. Esparsas—136. Sextina á maneira italiana — 137. Trovas—138-139. Arrenegos—140. Exclamações em Ecco — 141. Cantar de Soláo — 142. Glosa de Soláo — 143. Ecloga em redondilhas—144-145. Cartas.

**III** GENERO DRAMATICO: a) *Tradicional*: 146. Vigilia de Santos — 147. Auto hieratico, ou de devoção—b) *Litterario*: 148. Auto da Paixão.

## ROMANCE DE *GUAI VALENÇA*

105

Ai Valença, guai Valença,  
de fogo sejas queimada,  
primeiro foste de Mouros  
que de Christianos tomada;  
alfaleme na cabeça,  
en la mano uma azagaia,  
guai Valença, guai Valença,  
como estás bem assentada;  
antes que sejam tres dias  
de Mouros serás cercada.

*Rom. geral, n.º 35.*

## ROMANCE DO MOURO ATRAIÇOADO

(VERSÃO INSULANA)

106

— Vesti-vos vós, minha filha,  
vesti-vos d'ouro e prata;  
detende-me aquelle Mouro,  
de palavra em palavra.  
As palavras sejam poucas,  
sejam bem arrematadas,  
essas poucas que lhe deres  
sejam de amores tocadas.

« Bem vindo sejas, bom Mouro,  
melhor a vossa chegada,  
ha sete annos, oh bom Mouro,  
que sou tua namorada.

— « Ha sete annos, vae em outo,  
que eu por vós cinjo a espada!  
« Se por mim cinjís a espada  
com vosco quero ir de casa.

— « Se o fizerdes, senhora



não sercis mal avisada,  
sercis rainha de Mouros  
em minha terra estimada.  
«Se por mim cinjís a espada  
não digas que te fui falsa,  
que eu vejo vir cavalleiros,  
sinto-lhe tocar as armas.  
Lá vejo vir uma armada,  
n'ella vejo vir um homem  
que se parece meu pae.  
— «Eu não temo cavalleiros,  
nem armas, que elles tragam;  
não temo senão Gabello,  
filho da minha egua baia,  
que-o perdi em pequenino  
andando n'uma batalha.

Chegados os cavalleiros  
elle se foi na destillada.

— «Valha-me o Deos dos Mouros,  
em tam comprida lavrada!

— Essa lavrada, perro mouro,  
fora lavrada em *Maio*,  
que os bois andavam gordos,  
e os mancebinhos em bragas;  
eram bois de cinco annos,  
mancebos de vinte e quatro.

— «Oh mal haja o barqueiro  
que não tem a barca na agua;  
que a hora da minha morte  
já para mim é chegada.

## ROMANCE DO CATIVO DE ARGEL

(VERSÃO INSULANA)

107

Os Mouros me cativaram  
entre a paz e a guerra;  
me levaram a vender  
para Argelim, que é sua terra.  
Não houve perro nem perra,  
que o comprar-me quizera;  
só o perro de um mouro  
a mim só comprar houvera.  
Dava-me tanta má vida,  
tanta má vida me dera!  
de noite a moer esparto,  
de dia a pizar canella;  
punha-me um freio na bocca  
para eu não comer d'ella;  
mas parabens á ventura  
da filha ser minha amiga;  
quando o perro ia á caça  
commigo se divertia;  
dava-me a comer pão branco  
do que o perro comia;  
deitava-me em catre d'ouro,  
junto commigo dormia.

«Christiano, vae a tua terra,  
Christiano, cu bem t'ô digo. . .  
— Como posso ir a mi terra  
se eu sou escravo e cativo?

Um dia pela manhã  
mil branquinhas me trouxera:

«Toma lá, meu bom christão,  
Resgate para tu terra;

Pelo Deos que tu adoras  
tu não digas a meu pae.

Palavras não eram ditas  
o patrão era chegado.

—Vem cá, oh meu bom turco,  
vem-me agora aqui ouvir;  
toma lá este dinheiro  
para me eu redimir.

—«Vem-te cá, meu bom christiano,  
dize-me aqui a verdade,  
quem te deu esse dinheiro  
para tua liberdade?

—Meu pae é um pobre velho,  
por mim anda desterrado;  
as manas que eu tivera  
por mim andam assoldadas.

Um irmão que eu tinha  
sentou praça de soldado;  
me mandaram o dinheiro  
para minha liberdade.

—«Oh vem cá, meu christiano,  
vem agora aqui ouvir,  
eu te faria alferes,  
capitão d'este reinado,  
dera-te a cara mais linda  
que em Argel ha afamado.

—Como posso eu ser alferes,  
capitão do teu reinado,  
se eu trago a Jesus Christo  
no coração retratado?

—«Vem-te cá, Angela, filha,  
dize-me aqui a verdade!  
se o bom do christiano  
a ti deve a liberdade?

—Deixae vós ir o bom christiano,  
 que elle a mim não deve nada,  
 se não a flor de mi bocca,  
 que a dou por bem empregada.  
 Abre-me aquella janella,  
 fecha-me aquelle postigo,  
 Deos que me fez tão bella  
 Deos me hade dar marido.

*Cantos do Archipelago, n.º 52.*

## ROMANCE DA VESPERA DO SACRIFICIO

(VERSÃO INSULANA)

108

Falou a Senhora a Christo,  
 grande pranto lhe fez ter:

«Oh meu filho tão amado,  
 parece que ouvi dizer,  
 que andavam os Phariseus,  
 meu filho, p'ra vos prender!  
 assim andaes demudado,  
 filho, a semana que vem,  
 vos hão de vir buscar prezo  
 p'ra ir a Jerusalem.  
 Meu filho, não vades lá,  
 filho da minha alegria!  
 eu não posso estar no mundo  
 sem a vossa companhia.  
 —Lagrimas de minha mãe,  
 que bem as vejo correr!  
 antes da festa chegar  
 tambem vos quero dizer:  
 que terei crueis martyrios  
 pelas ruas e caminhos,

na cabeça me porão  
uma corôa de espinhos,  
e a corôa é toda feita  
feita de juncos marinhos.  
Corra verdadeiramente  
corra o sangue do meu lado  
para abrandar o meu povo  
que vae tão atormentado.

Quem esta oração souber  
e por um anno a resar,  
Jesus lhe manda dizer  
a hora em que hade acabar.

*Cantos do Archipelago, n.º 67.*

## ROMANCE DE DOM DUARDES

(VERSÃO DO CAV. D'OLIVEIRA)

109

Era pelo mez de Abril,  
de Maio antes um dia,  
quando lyrios e rosas  
mostram mais alegria;  
era a noite mais serena  
que fazer no céo podia,  
quando a formosa infanta  
Flérída já se partia;  
e na horta de seu padre  
entre as arvores dizia:

«Com Deos vos ficade, flores,  
que ereis a minha alegria!  
vou-me a terras estrangeiras  
pois lá ventura me guia;  
e se meu pae me buscare,

pae que tanto me quera,  
digam-lhe que amor me leva,  
que eu por vontade não ia;  
mas tanto ateimou commigo  
que me venceu c'oa a porfia.  
Triste não sei onde vou,  
e ninguem m'o dizia!...

Ali fala Dom Duardos:

—Não chorcis, minha alegria,  
que nos reinos de Inglaterra  
mais claras aguas havia,  
e mais formosos jardins,  
e flores de mais valia.  
Tereis trezentas donzellas  
de alta genealogia;  
de prata são os palacios  
para vossa senhoria;  
de esmeraldas e jacinthas  
e ouro fino de Turquia,  
com letreiros esmaltados  
que a minha vida se lia,  
cantando das vivas dores  
que me destes n'esse dia,  
quando com Primaleão  
fortemente combatia;  
mataste-me vós, senhora,  
que eu a elle não temia...

Suas lagrimas enchuga  
Flérída, que isto ouvia.  
Já se foram ás galcras  
que Dom Duardos havia;  
cincoenta eram por conta  
todas vão em companhia.

Ao som do doce remar  
a princeza adormecia  
nos braços de Dom Duardos  
que tão bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos  
sentença que não varia:  
contra a morte e contra amor  
que ninguém não tem valia.

Gil Vicente.

PARODIA BURLESCA DO ROMANCE  
*YO ME ESTAVA EM COIMBRA.* (1526)

110

Yo me estava em Coimbra,  
cidade bem assentada;  
pelos campos do Mondego  
não vi palha nem cevada.  
Quando aquillo vi, mesquinho,  
entendi que era citada  
contra os cavallos da côrte,  
e minha mula pelada.  
Logo tive a mão signal  
tanta milham apanhada,  
e a peso de dinheiro  
ó mula desamparada.  
Vi vir ao longo do rio  
uma batalha ordenada,  
não de gente, mas de mús  
com muita raiva pisada.  
A carne está em Bretanha  
e as couves em Biscaia.  
Sam capellam d'um fidalgo  
que não tem renda nem nada;  
quer ter muitos apparatus,  
e a casa anda esfaimada;

toma ratinhos por pagens,  
anda já a cousa danada.  
Quero-lhe pedir licença  
pague-me a minha soldada.

Gil Vicente, *Obras*, t. III, p. 202.

## ROMANCE

### DA BATALHA QUE EL-REY ARTHUR TEVE EM MORDERET, SEU FILHO

111

Gram Bretanha desleal,  
ao melhor rei que tiveste  
d'agora té o fim do mundo  
chora quanto bem perdeste:  
Jaz no campo, entregue á morte  
que falsa, ingrata, lhe deste,  
a flor da cavalleria  
com que te ensoberveceste.  
A pena tem já da culpa  
que lhe assi favoreceste,  
oh traidor de Morderet,  
porque um tal rei vendeste?  
Oh Bretanha desleal  
que grande traição fizeste,  
a vinte e quatro da Tavola  
que por Ginebra escolheste.  
A' Demanda do Grial  
triste remate poseste;  
morto jaz de mil feridas,  
e tu, soberba lh'as deste,  
Dom Galvão tão animoso  
por quem mil glorias tiveste;  
e matar Dom Galeazo,  
ingrata, como podeste?  
Que em obras de fortaleza



não sei se outro egual houveste!  
pôde matar-te Bretanha  
que tu tanto engrandeceste!  
Esforçado Flordemares,  
que em forças mares venceste,  
a morte, que em defenderes  
tal rei, d'ella padeceste.  
Oh animadó Troyano,  
nunca lh'o tu mereceste,  
mal lhe merecias, mal  
o que d'ella recebeste.  
Palamedes, oh pagão,  
que nas armas floreceste;  
Dom Tristão de Leonís  
que por amores morreste;  
eu não morrerei aqui  
ditosa morte tiveste  
tu, Lançarote do Lago,  
que as glorias de amor houveste;  
de damas servido, amado  
da dona a quem mais quizeste,  
com dano dos traydores  
á morte a que te rendeste.  
Ficarás sem sepultura  
co'a pena que mereceste  
tu, traidor Morderct,  
pois tal traição commetteste.  
Aqui se acabou a gloria  
quanta, Bretanha, tiveste:  
em pago da qual a Arthur  
nem a sepultura deste.  
Cá na Ilha de Avalom,  
Merlim, vergel lhe fizeste  
em que vive e só salv-o  
de affronta e morte pudeste.  
Como amigo, que as más manhas

de Bretanha conheceste,  
 mas n'algum tempo inda Arthur  
 bom rei que desmereceste  
 Bretanha virá a vingar-se  
 da traição que lhe fizeste.

*Jorge Ferreira, Memorial, cap. III.*

## POEMETO

AO DUQUE DE BRAGANÇA QUANDO TOMOU AZAMOR,  
 EM QUE CONTA COMO FOY. (1513)

112      A quinze d'Agosto de treze e quinhentos  
 da era de Christo, nosso redemtor,  
 do que se passou, estay muy atentos:  
 no dia da madre do mesmo Senhor,  
 o Duque eycelente, nosso guiador,  
 Dom James, da casa d'antigua Bragança,  
 de gente levando muy grande pujança,  
 geral capitam partiu vencedor.

No dia da festa da santa Assumpçam,  
 partio de Lixboa com toda sa frota,  
 muy apontada em tal perfeiçam  
 qual outra nom vimos, nem livros se nota.  
 Assy todos juntos seguyram sa rota,  
 juntando-se em F'áram a nobre campanha  
 de condes, fidalgos, mais nobres d'Espanha,  
 onde surgiram tod'alma devota.

Levando comsigo a bandeira real  
 que nunca vencida se pode dizer,  
 pois he invencivel aquelle sinal  
 tomado das chagas que quis padecer

O summo bem nosso com muytos marteyros,  
porque salvasse o mundo perdido;  
tambem senefica os trinta dinheiros  
per cujo preço foy Christo vendido.

Depoys de chegados e todos surgidos,  
quando vio tempo mais conveniente,  
senhores, fidalgos foram requeridos,  
qu'a ele se fossem todos juntamente.  
Dos que congregados com ele presente  
lhes fez huma falla de tanto primor,  
como aquelle que tem gram favor,  
ajuda sossidio de mays eloquente:

Onde per ele lhes foy decrarado  
toda a tençam del-rey, seu senhor,  
que foy envial-o sobre Azamor  
pola maldade do erro passado.  
C'a todos pidia que d'amor e grado  
quisessem sem outra vontade, nem zello  
em sua tomada tambem cometel-o,  
pera que sempre lhes fosse obrigado.

Porque, depoys de ter esperanza  
em nosso Senhor de lhe dar vitorea,  
em elles levava tanta confiança  
pera todo feyto mais dyno de grorea.  
Que lhes pedia qu'ouvessem memorea  
das cousas de Roma quando prosperava,  
em quanta maneira a ley se goardava,  
segundo se nota na sua estorea.

Com Romus e Romulo tambem alegando,  
de quando s'aquella cidade fundou,  
a pena que ouve, porque quebrantou  
a ley, que foy pósta em se começando.

Que lhes pidia, que nunca desmando  
a guerra durante em eles ouvesse,  
mas que obedecessem ho qu'ele quisesse,  
e que elle sempre seria a seu mando.

Com doces palavras forradas d'amor,  
com muy animoso desejo e vontade,  
com mil cortezias, com grande favor,  
com humas entranhas de pura verdade,  
Assy os provoca, com tal mansidade,  
que todos respondem, dizendo: Senhor,  
nosso desejo he muyto maior  
do que nos pidis, em gram quantidade.

Ouvyndo palavras tão bem rasoadas  
ficou de contente a tam satisfeyto,  
de sa senhoria a tam estimadas,  
que o por fazer estimou por feyto,  
dizendo: que sempre seria sogeyto  
fazendo por todos, como bem veriam,  
que d'y en diante eles conheceriam  
as suas palavras ficar em effeyto.

*Prossigue:*

Eram quatrocentas as velas d'armada,  
sobre cinquenta, sem huma faltar,  
foy huma das cousas mays para notar  
que vimos, nem vio a gente passada.  
Tam posta em ponto, tam aparelhada  
de todalas cousas que se requeriam,  
e d'artelharia tambem compassada  
que nada faltava, segundo deziam.

Partimos em ponto, sem mays esperar,  
depoys d'esta falla assy acabada,

e em poucos dias podêmos chegar  
 aa boca do rio da cidad Onrada.  
 E porque a barra estava çarrada,  
 e era um pouco perigoso d'entrar,  
 ouve conselho com detreminar  
 que em Mazagam fosse terra tomada

Luis Anriquez, *Canc. geral*, t. II, p. 277.

## ESBOÇO DE EPOPÊA EM ENDECHAS

113

O campo de Ourique já'gora he contente  
 da grande victoria que n'elle será,  
 onde Christo em carne apparecerá,  
 mostrando as chagas publicamente.  
 Ao qual este rey santo e prudente  
 dirá:—O' meu Deos, a mim pera que?  
 sê aos herejes, imigos da fé,  
 fé, em que eu ardo d'amor mui ardente.

O' armas divinas, que aqui sereis dadas,  
 dadas por Christo por mais perfeição,  
 ter-vos-hão todos tal veneração  
 quanto com obras sereis exalçadas.  
 Porque pelas terras ireis espalhadas  
 banhadas em sangue de nossa victoria,  
 cobrando de imigos tão grande memoria  
 que sobre todas sereis collocadas.

E tu esforçado Dom Sancho, serás  
 aquelle a quem elles hão de seguir  
 té chegar ao rio de Gualdaquivir,  
 que com sangue de imigos escurecerás:  
 E por mais mereceres, depois tomarás

a cidade de Silves contraminando,  
e as almas dos corpos sempre tirando  
de corpos de Mouros que ali matará.

Alcacer do Sal será bom penhor,  
oh mui poderoso Dom Affonso segundo,  
de tuas obras cá n'este mundo,  
e no outro corôa de conquistador;  
E partindo para elle mui vencedor,  
a teus leixará Dom Sancho capello  
por rei de virtudes e obras de zelo,  
de zelo mui santo e clemente senhor.

Bolonha, Bolonha, quanto hasde perder,  
e tu Portugal quanto hasde cobrar  
no terceiro Affonso, que se hade chamar  
rei do Algarve, por seu gram saber!  
Aqueste por mais se ennobrecer  
dourados castellos em campos vermelho  
porá na orla das Quinas, e espelho  
em que todalas armas se poderão vêr.

Paderne, Alvor, Silves e Loulé  
e Faro sentem já o destroço  
do grande poder e bravo esforço  
d'elle que hade pugnar pela fé.  
E o grande favor que foi sempre e he  
em ajuda das obras de tal calidade,  
será n'estas suas com prosperidade  
que as erga, exalce e ponha de pé.

O justo Diniz tão nobre e clemente,  
lhe succederá como filho primeiro,  
em obras de princepe mui verdadeiro,  
e em todalas cousas sabido e prudente.  
E por mais estender seus povos e gente

fundará as villas e nobres logares,  
 igrejas maiores, sagrados altares,  
 em que se louve por muy excellente.

É aquelle gram Cabo de Boa Esperança  
 que tanta de terra esconde ao mundo,  
 virá mui alegre com rosto jocundo  
 a lhe obedecer sem alguma tardança.  
 De terras e povos fazendo uma dança  
 vindo cantando com doce harmonia  
 estas palavras de grande alegria:  
 Vivamos cantando com tanta bonança.

É quem a todos trará dianteira,  
 e para tal festa estará mais a pique,  
 será o fiel e leal Moçambique,  
 vindo Çofála por essa bandeira.  
 A qual é louvada por ser thesoureira  
 do mais precioso e louvado metal,  
 e com vozes alegres dirá: Portugal  
 me fez para sempre sua prisioneira.

João de Barros, *Clarimundo*, cap. 4, liv. 3.

## FABULA DO LEÃO E DA RAPOSA

114

Os desejos são sem termo,  
 A esperança é saborosa;  
 Eu contento-me d'este ermo,  
 Pela razão da Raposa  
 Que deu ao Leão enfermo:

\*

«Meu rei, meu senhor Leão,  
O'ho cá, e ólho lá,  
Vejo pégadas no chão  
Que todas para lá vão,  
Nenhuma vem para cá.»

Sá de Miranda, *Carta a Pero Carcalho.*

## O RATO DO CAMPO E O RATO DA CIDADE

115

Um rato d'uma cidade  
Tomou-o a noite fóra,  
(Quem foge á necessidade!)  
Lembrou-lhe a velha amizade  
D'outro que hi no monte móra.

— Saiu-me a conta errada,  
(Muitas vezes acontece)  
Creceu-me a minha jornada.  
(Diz, entrando na pousada  
Logo cidadão parece.)

O pobre assi salteado  
D'um tamanho cidadão,  
Em busca de algum bocado  
Vae, e vem muito apressado,  
Que não punha os pés no chão.

Ordena sua mêzinha,  
Inda tinha algum legume,  
Inda algum pó de farinha;  
Poz-lhe hi tudo quanto tinha,  
Pede perdão por costume.

Diz: «Quem tal adivinhára.  
(Contra o cidadão severo)



Tanto revolvera e andára,  
Que alguma cousa buscára  
A quem tanto devo e quero.

Cumpre muito aquella mesa,  
Mais da fome que da gulla;  
Tem a fogueirinha accesa,  
Faz rosto ledo á despeza,  
Co trabalho dissimula.

Diz o cidadão comsigo:  
—Que gente ha entre penedos!  
Que vae de Pedro a Rodrigo!  
Bem disse o bom senso antigo,  
Que não são eguaes os dedos.—

Depois do fraco comer,  
Estando de traz do lar,  
Começa o rico a dizer:  
—Dous dias que has-de viver  
Aqui os queres passar?

Na aspereza do dezerto,  
Que não sei quem o suporte,  
D'urzes e tojos cuberto,  
Sendo tudo tão incerto  
E tão certa só a morte?

Vive, amigo, a teu sabor,  
Mais é que cousa perdida,  
Quem por si toma o peor,  
Vae-te commigo onde eu for,  
Lá verás que cousa é vida.

Quando a ambas provares,  
(Que eu d'outrem não adivinho)

Quando te enganado achares,  
Aí ficam teus manjares,  
Ahi tens tambem o caminho.—

Assi disse. Eis o villão  
Em alvoroço o balança,  
Ia e vinha o coração,  
Ora si e ora não;  
Venceu porem a esperança.

E que pode hi al fazer?  
Vive com tanto cansaço,  
Inda não póde viver  
Não pode o anno vencer,  
Que lhe assi corre d'espaco.

E diz: «Quem não se aventura  
Não ganha, quem ha que o negue?»  
Escolhem hora segura,  
Era pela noite escura  
Guia o rico, o outro segue.

Entram por paços dourados,  
Cheirosos inda da cêa;  
Fiquem os casacs colmados  
Por sempre de sol torrados,  
Fique a faminta da aldêa.

Vou-me por meu conto avante;  
Amostra o cidadão tudo,  
Que traz no bucho um infante;  
Quem quereis que não se espante?  
Anda o villãosinho mudo.

Que tão sómente em provar  
Das cousas que mais lhe aprazem,

Começam já de engeitar,  
Começam de bucejar,  
Em finos tapetes jazem.

Ora o dispenseiro chega,  
(Que estes bens não duram tanto)  
Sente-os, mas a pressa o cega,  
Um tiro e dois mal emprega,  
Segue-os de canto em canto.

Os cães á volta correram,  
Ladram, que é alto serão,  
As casas estremeceram,  
Uns e outros hi correram,  
Quiz Deos, que os gatos não.

Sabia o da casa a manha,  
Sabia os-passos, fugiu;  
O ratinho da montanha  
Aos pés, em pressa tamanha,  
O coração lhe caiu.

Mas espaçado o perigo  
Da morte que ante si vira  
O coutado assi consigo  
Pelo seu repouso antigo  
Que mal deixara, suspira:

«Minha segura pobreza,  
Se chegarei a ver quando  
A ti torne? e esta riqueza,  
Mal que todo o mundo préza,  
Fuja se poder voando.

Mal tomadas esperanças  
A paga aqui não me tome.

Traças, que não abastanças,  
 Assás vi de vossas dansas,  
 Deos me torne á minha fome.

*Sá de Miranda, Carta a Mem de Sá, (1543)*

## A CHUVA DE MAIO

116

Dia de Maio chuveu,  
 A quantos a agua alcançou  
 O miolo revolueu;  
 Houve um só que se salvou,  
 Que ao cuberto se acolheu.  
 Dera vista ás sementeas,  
 As que tinha mais visinhas,  
 Viu armar as trovoadas,  
 Acolhe-se ás bem vedadas,  
 Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia um lhe dava  
 Paparotes no nariz,  
 Vinha outro, que o escornava;  
 Aí tambem era o juiz  
 Que se de riso fiava.  
 Bradava elle:—Homens, estay!  
 Iam-lhe co dedo ao ollo,  
 Disse então:—E assi che vae?  
 Não creio logo em meu pay,  
 Se me d'esta agua não mólho.—

Apaixonado qual vinha,  
 Achou um chareo que farte,  
 (O conselho avido o tinha)  
 Molhou-se de toda a parte,  
 Tomou-a como mésinha.  
 Quantos viram, lá correram,

Um que salta, outro que trota,  
 Quantas graças lhi fizeram!  
 Logo todos se entenderam,  
 Eil-os vão n'uma chacota.

Sá de Miranda, *Ed.*, p. 262. (Ed. 1804).

## O BÁCORO OVELHEIRO.

117

Um Bacorote honradiço  
 Foy ver o gado ovelhum,  
 Pôl-o todo a seu serviço,  
 Trombejava ali: Hum! e hum!  
 Que espantal-o era o seu viço.  
 Vem um dia o Lobo, e apanha  
 O Bacorote engrifado;  
 Abrandou-lhe aquella sanha;  
 Brada elle em pressa tamanha,  
 Cada um de si tem cuidado.

Vinham os porcos da aldeia  
 Atraz, e grunhir ouviram;  
 Um escuma, outro esbravca,  
 Estes sim, que lhe accudiram.  
 Perde o Lobo a sua cêa.  
 Olhou elle e viu tremer  
 De lam branca o gado, e olhando  
 De longe se põe a vêr,  
 Disse:—Antes mandado ser,  
 Que a tal perigo tal mando.

Sá de Miranda, *Ibid.*, p. 242.

## O CAVALLO E O CERVO

Quando tudo era fallante  
Pascia o Cêrvo um bom prado,  
Ai veiu o Cavallo andante,  
Quiz comer algum bocado,  
Poz-se-lhe o Cêrvo diante.  
Outra rasão lhe não deu,  
(Que eram pacigos geraes)  
Salvo: «Posso e quero o meu;»  
Este meu e este teu  
Tanto ha já que nos fez taes.

Vendo tão pouca prestança  
O Cavallo d'antes fôrro  
Com desejo de vingança  
Pedindo ao homem socorro  
Por terra aos seus pés se lança.  
Não pode á justa querella  
Deixar de se pôr no meio;  
Mas foi necessaria a sella,  
Fez-se o homem forte n'ella,  
Toma a redea, prova o freio.

Assi dão volta ao inimigo.  
O Cêrvo quando tal viu,  
Homem ao Cavallo amigo  
Deixou-lhe o campo e fugiu,  
Foi buscar outro pacigo.  
O Cavallo vencedor  
Corre o verde e corre o secco,  
Fôra, fôra o contendor,  
Ficou-lhe porém senhor,  
Não foi tanto o outro enxeco.

Quem ha tal medo á pobreza  
 Tal á fome e frialdade,  
 Que por ouro e por riqueza  
 Dá só rica liberdade,  
 E mais outrem que a si preza.  
 Se lhe vês herdades largas  
 Não hajas inveja á troca,  
 Que embaraça as roupas largas, (*as alpargas*)  
 Faz sangue o freio na bocca,  
 As esporas nas ilhargas.

Sá de Miranda, *Ibid.*, p. 251.

### MODINHA POPULAR BRAZILEIRA

- 119 «Vem cá Vitu! Vem cá, Vitu!  
 —Não vou lá, não vou lá, não vou lá.  
 «Que é d'elle o teu camarada?  
 —Agua do monte o levou.  
 «Não foi agua, não foi nada,  
 Foi cachaça que o matou.

Ap. *Florilegio*, de Varnh., t. 1, p. xxii—xxiii.

### ALVORADAS DA SENHORA DO CARDAL

(VERSÃO DE POMBAL)

- 120 Vindas são as alvoradas;  
       E' levada alva.  
 Que são da Virgem sagrada,  
       E' levada alva.  
 Rainha dos ceos  
       E' levada alva.  
 Sois dos anjos coroada  
       E' levada alva.

A' porta d'este mordomo  
 E' levada alva.  
 Deos lhe deixe fazer o bodo,  
 E' levada alva.  
 Que elle tem muita vontade  
 E' levada alva.  
 Deos lhe dê muita saude  
 E' levada alva.  
 Para Frandes é andada  
 E' levada alva.  
 Parreirinha de Aguada  
 E' levada alva.

(Ap. *Epopêas mosarabes*, p. 366)

---

## RUMOR

—Oh Dona Maria,  
 Pombinha sem fel,  
 Porque te matou  
 Aquelle cruel.

Em dia de Sam Braz  
 Ouve, n'este dia,  
 Mataram o Abbade  
 E Dona Maria.

(Ap. Almeida, *Dicc. abr. de Chorograph.*, t. 1, p. 2)

---

## 121 SALVA DA EGREJA DO PORTO

MOÇOS DO  
 CORO:

Boa gente! boa gente  
 Fazeie penitencia,  
 Sé vos quereis salvar!  
 Confessade e commungade,  
 Que este mundo é vaidade.



DE CONEGOS: (*De joelhos*) *Bis.*

MOÇOS: Senhor Jesus Christo,  
Misericordia com piedade.

(Ap. *Agiologio Lusitano*, t. III, p. 114.)

## FRAGMENTO DE ORAÇÃO

122 Antoninha pequena  
Dos olhos grandes,  
Mataram-te idolatras  
E feros gigantes.

(*Ibid.*)

## SERRANILHA POPULAR

123 — D'onde vindes, filha  
Branca e colorida?  
«De lá venho, madre,  
De ribas de um rio;  
Achei meus amores  
N'um rosal florido.  
— Florido, enha filha  
Branca e colorida?  
«De la venho, madre,  
De ribas de um alto,  
Achei meu amores  
N'um rosal granado.  
— Granado, enha filha,  
Branca e colorida.

## CANTIGA EM CHACOTA DE PASTORES

124 Não me firaes, madre,  
Que eu direi a verdade.

Madre, um escudeiro  
Da nossa rainha,  
Falou-me d'amores,  
Vereis que dizia.  
Eu direi a verdade.

Falou-me d'amores  
Vereis que dizia:  
Quem te me tivesse  
Desnuda em camisa!  
Eu direi a verdade.

Gil Vicente, *Obras*, II, 445.

## ORAÇÃO DE SANTA APOLLONIA

(VERSÃO INSULANA)

125 A Virgem Santa Apollonia  
Pelos calhãos do mar ia;  
E com a dor dos seus dentes  
Encontra a Virgem Maria.

E perguntou-lhe a Senhora:  
«Santa Apollonia aonde ia?  
Ella respondeu:—Senhora,  
Em cata de vós me ia.

«Torna atraz, Santa Apollonia,  
Que por esses nove mezes  
Que andei com o filho no ventre  
Que os teus dentes se adormentem.

*Cantos popul. do Archipelago*, p. 136.

## JOGO POPULAR

126

E no penedo, João Preto  
E no penedo.

Quaes foram os perros,  
Que mataram os lobos,  
Que comiam as cabras,  
Que roiam o bacello,  
Que puzera João Preto  
No penedo?

Ap. Gil Vicente, *Obras*, II, 448.

## ADIVINHAÇÃO POPULAR

127

Ainda o pae não é nado,  
Já o filho anda por cima do telhado?

Ap. João de Barros, *Grammat.*, p. 176.

CANTIGA DEVOTA DA ASCENSÃO  
DE NOSSO SENHOR

128

O meu doce amigo  
Que eu tanto queria,  
Foi-se o outro dia  
Sem fallar commigo;  
Lá leva consigo  
A minha vontade;  
Fica-me a saudade.

Leva o coração  
Dentro no seu lado,  
Vêde se é rasão  
Ter outro cuidado.

Serei só lembrado  
Da sua bondade,  
E da minha saudade.

Gastarei os dias  
Chorando por elle,  
Minhas alegrias  
Foram-se com elle;  
Que farei sem elle  
N'este triste valle  
Cheio de saudade.

Foste-vos á gloria  
Eu fico na terra,  
Vós tendes victoria  
Eu estou em guerra.  
Oh quem me dêsse  
Da minha piedade  
Fermosura, bondade.

E pois vos não vejo  
Lá onde estaes  
Estará meu desejo  
Estarão meus ais.  
Que não acabais  
Tanta saudade  
E tão de verdade.

O' que pura sorte  
Em mim é cumprida,  
Pois desejo a morte  
E alargas-me a vida.  
Mas não tenho perdida  
A minha saudade  
Do Senhor de verdade.

Levae-me, Senhor,  
 Que faço aqui,  
 Se não o amor  
 Me tirará de mim.  
 Viver eu assim  
 Em tanta saudade  
 Parece crueldade.

Glorioso dia  
 Que vos heide ver,  
 Mas quando seria,  
 Ou se hade ser.  
 Caro é o viver  
 Que aparta a amisade  
 E deixa saudade.

*Jorge da Silva, Tratado da criação  
 do mundo. (1552).*

### VILANCETE, NO AUTO DE ABEL

Adorae, montanhas  
 O Deos das alturas,  
 Tambem as verduras;  
 Adorae desertos  
 E serras floridas  
 O Deos dos secretos,  
 O senhor das vidas:  
 Ribeiras crecidas  
 Louvae nas alturas  
 Deos das criaturas.  
 Louvae arvoredos  
 De fructo presado;  
 Digam os penedos  
 Deos seja louvado.

E louve meu gado  
 N'estas verduras  
 O Deos das alturas.

*Gil Vicente, Obras, I, 317.*

CANTIGA DE ABEL, NO AUTO DO DIA DE JUIZO

130

Doloroso gado  
 De tanto primor,  
 Dôa-te o fado  
 Do triste pastor.

Lembrae-vos, cordeiros  
 Da minha tristura,  
 Ovelhas, carneiros,  
 Que pastaes verdura.  
 Abel sem ventura  
 De vós apartado,  
 Meu gado amado,  
 De mim com amor,  
 Dôa-te o fado  
 Do triste pastor.

Doei-vos de quem  
 De vós se doía;  
 Lembrae-vos tambem  
 Minha companhia,  
 De quem ser soía  
 Sou outro tornado  
 Ficaes só deixado,  
 Sem ter guardador.  
 Doei-vos do fado  
 Do triste pastor.

*Anonymo.*

## VOLTAS

## A ESTA CANTIGA QUE CANTAM PELAS RUAS EM DIALOGO

131

N'aquella alta serra  
 Me quero ir morar,  
 Quem me quizer bem,  
 Quem bem me quizer  
 Lá me irá buscar.

*Voltas*

N'estes povoados  
 Tudo sam requestas,  
 Deyxae-me os cuidados  
 Que eu vos deixo as festas.  
 D'aquellas florestas  
 Verey longe o mar,  
 Por-me-hey a cuidar.

*Responde a parceira*

Sombras e aguas frias  
 Quando o sol mais arde;  
 Depois sobre a tarde  
 Por cá bradarias,  
 Vês, que pressa os dias  
 Levam sem cansar,  
 Nunca ham de tornar.

*A Primeira*

Nam julgue ninguem  
 Nunca outrem por si,  
 Mais de um bem que ouvi  
 A vida nam tem.

Nam deixa este bem,  
 Onde s'elle achar  
 Mais que desejar.

*A parceira*

Deyxa as vaidades  
 Que da mão á bocca  
 O prazer se troca,  
 Trocam-se as vontades.  
 Essas sam saudades  
 Armadas no ár,  
 Que podem durar?

N'aquella espessura  
 Me heyde ir esconder,  
 Venha o que vier  
 Achar-me-ha segura;  
 Se tal bem não dura  
 Ao seu trespassar  
 Tudo ha-de acabar.

Sá de Miranda, *Obras*, p. 314. Ed. 1667.

VILANCETE POR OUTRO QUE DIZ: *SERRANA*  
*ONDE JOUVESTE*, FEITO MEIO DORMINDO

132           Coração onde jouveste,  
 Que tão má morte me déste?

Toda a noite pelejei  
 Eu que já mais não podia,  
 Busquei-vos, não vos achey,  
 Sem vós, eu só que faria?  
 Destes-me dores de dia  
 Polo que assi me fizestes,  
 De noite dores me destes.

Sá de Miranda, *Obras*, p. 383. Ed. 1804.



## ESPARSAS

133

Cerra a serpente os ouvidos  
 aa voz do encantador;  
 eu nam, e agora com dor  
 quero perder os sentidos.  
 Os que mais sabem do mar  
 fogem d'ouvir as serêas,  
 eu nam me soube guardar;  
 fui-vos ouvir nomear,  
 fiz minh'alma e vida alhêas.

Sá de Miranda, *Canc. geral*, II, 324.

134

Porque pudera abafar  
 Senhora, o mudo se ouvira,  
 a natureza lhe tira  
 o ouvir e o falar.  
 Poys s'avia de nacer  
 d'ouvir tal desejo em my,  
 coytado, pera que ouvi,  
 poys que vos nam posso vêr.

Sá de Miranda, *Ib.*, p. 322.

Nam passeis vós, cavalleiro,  
 Tantas vezes por aqui,  
 Que abaixarei meus olhos,  
 Jurarei que vos não vi.

Se me quereis de verdade  
 Nam m'ó deis a entender,  
 Folgae muito de me vêr  
 Dentro na vossa vontade;  
 Merecey-me em soydade,  
 Mas se passais por aqui,

Pois não tenho liberdade  
Jurarei que vos não vi.

Quem tanto mal por vós sente  
Nam lhe deveis causar mais;  
E pois em minha alma estaes  
Nam deis que fallar á gente;  
Ynda que nam stejais ausente  
Sempre vos vejo em mim;  
Mas se mais vos vir presente  
Jurarei que vos não vi.

*Cristovam Falcão, (Ed. da Colonia, de  
1559, ff. CLXIV. Y.)*

135

Ysabel e mais Francisca  
Ambas vão lavar ao mar,  
Se bem lavam, melhor torcem,  
Namorou-me o seu lavar.

Lavam com grande socego,  
Sem fazer nenhum rogado,  
Ynda que o mar he crecido  
Faziam-no andar quedo;  
Ambas em hum penedo  
Lavam com doce cantar,  
Se bem lavam, melhor torcem,  
Namorou-me o seu lavar.

Vam-se ao longe da praia,  
Afastadas do logar,  
Deitam a roupa a enxugar  
A' sombra de uma faya;  
Ysabel encolhe a saia,  
Francisca deixa molhar,  
Se bem lavam, melhor torcem,  
Namorou-me o seu lavar.

Eu me achei no presente  
 Onde estavam escondidas  
 E no penedo metidas  
 Lavando secretamente;  
 Mais quizera ser ausente  
 Que presente me achar,  
 Se bem lavam, melhor torcem,  
 Namorou-me o seu lavar.

Lavam com lagrimas vivas,  
 Todas as vans esperanças,  
 Batem em desconfianças,  
 Ahi vos torcem as vidas;  
 Inda d'isso mal servidas  
 Piores de contentar,  
 S'ellas bem lavam melhor torcem,  
 Namorou-me o seu lavar.

Christovam Falcão, *Ibid.*, R. CLXV.

## SEXTINA Á MANEIRA ITALIANA

136

Não posso tornar os olhos  
 D'onde os não leva a razão.  
 Quem porá ler á vontade  
 Confirmada do costume?  
 Vontade que as suas leis  
 Manda defender por força?

Isto que al he senão força  
 Que me fazem os meus olhos?  
 Quebrantadores das leis  
 Brada apoz mim a razão;  
 Mas que val contra o costume  
 Que senhorêa a vontade.

Conselhos vão á vontade,  
Que só pôde, e só sem força,  
Ajudada do costume,  
Vós não podeis estes olhos  
Alçar um pouco á razão  
Que faz e desfaz as leis.

Amor, taes são tuas leis,  
Tal dureza a da vontade,  
A gram mingoa da rasão;  
Queira ou não queira he por força  
Que se me vão estes olhos  
Onde se vão por costume.

Não valem leis sem costume,  
Val o costume sem leis,  
Ay escravos dos meus olhos,  
Mandados da má vontade,  
A que déstes tanta força  
Em desprezo da rasão.

He morta ou dorme a rasão,  
Não sente já por costume,  
Que farei á maior força?  
Ajam piedade as leis  
De quem entregue á vontade  
Vae prezo após os seus olhos.

Olhos apos á vontade,  
As leis após o costume,  
Apoz a força a rasão.

TROVAS Á MORTE DE DONA YNES DE CASTRO,  
ENDERENÇADAS AS DAMAS

137

Senhoras, s'algum senhor  
vos quizer bem, ou servir,  
quem tomar tal servidor  
eu lhe quero descobrir  
o gualardam do amor.  
Por sua mercê saber  
o que deve de fazer  
vej' o que fez esta dama  
que de sy vos dará fama,  
s'estas trovas quereis ler.

*Fala Dona Ynes:*

Qual será o coração  
tam crú e sem piedade,  
que lhe nam cause paixam  
humã tam gram crueldade  
e morte tam sem rezam!  
Triste de mym, ynocente!  
que por ter muyto fervente  
lealdade, fê, amor,  
ho princepe, meu senhor,  
me mataram cruamente!

A minha desaventura,  
nam contente de acabar-me,  
por me dar mayor tristura,  
me foy por em tanta altura  
para d'alto derribar-me.  
Que se me matara alguém  
antes de ter tanto bem,  
em taes chammas nam ardera,  
pay, filhos nam conhecera,  
nem me chorára ninguem.

Eu era moça menina  
per nome dona Ynes  
de Crasto, e de tal doutrina  
e vertudes, que era dina  
de meu mal ser ho revés.  
Vivia sem me lembrar  
que paixam podia dar,  
nem dal-a ninguem a mim;  
foy-m' o principe olhar  
por seu nojo e minha fym.

Começou-m' a desejar,  
trabalhou por me servir,  
fortuna foy ordenar  
dois corações conformar  
a huma vontade vyr.  
Conheceo-me, conheci-o,  
quiz-me bem, e eu a elle,  
perdeu-me, tambem perdi-o,  
nunca té morte foi frio  
o bem que triste puz n'elle.

Dey-lhe minha liberdade,  
nam senty perda de fama,  
puz n'elle minha verdade,  
quys fazer sua vontade  
sendo muy fremosa dama.  
Por m'estas obras pagar,  
nunca jamais quys casar,  
polo qual aconselhado  
foy el-rei, qu'era forçado  
polo seu de me matar.

Estava muy acatada,  
como princeza servida,  
em meus paços muy honrada,

de tudo muy abastada  
de meu senhor muy querida.  
Estando muy de vaguar  
bem fóra de tal cuidar,  
em Coimbra d'aseguo,  
*polos campos de Mondego*  
*cavalleiros vy somar.*

Como as cousas qu'am de ser  
loguo dam no coraçam,  
comecey entristecer  
e commiguo só dizer:  
estes homens d'onde yram?  
E tanto que preguntey,  
soube logo que era el-rey;  
quando o vy tam apressado,  
meu coraçam trespasado  
foy, que nunca mais faley.

E quando vy que decia,  
sahy á porta da sala,  
devinhando o que queria  
com gram choro e cortezia  
lhe fiz uma triste fala.  
Meus filhos puz derredor,  
de mim com gram omildade;  
muy cortada de temor  
lhe disse: avey, senhor  
d'esta triste piadade:

Nam possa mays a paixam  
que o que de deveis fazer,  
metey n'isso bem a mão:  
que é de fraco coraçam  
sem porque matar molher.  
Quanto mais a mim que dam

culpa, não sendo rezam,  
 por ser mãy dos ynocentes,  
 os quaes vossos netos sam.

E tem tam pouca ydade  
 que, se nam forem criados  
 de mim, só com saudade  
 e sua gram orfyndade  
 morreram desamparados.  
 Olhe bem quanta crueza  
 fará n'isso voss'alteza,  
 e tambem, senhor, olhay,  
 poys do princepe soys pay,  
 nam lhe deis tanta tristeza.

Lembre-vos o grande amor  
 que me vosso filho tem,  
 e que sentira gram dor  
 morrer-lhe tal servidôr  
 por lhe querer grande bem.  
 Que s'algum erro fizera,  
 fora bem que padecera,  
 e qu'estes filhos ficaram  
 orfãos tristes e buscaram  
 quem d'elles paixão houvera.

Mas poys eu nunca errey,  
 e sempre mereci mais,  
 deveys, poderoso rey,  
 nam quebrantar vossa ley,  
 que se moyro, quebrantaes.  
 Usay mais de piadade  
 que de rigor nem vontade:  
 avey dó, senhor, de mym,  
 nam me deis tam triste fim  
 pois que nunca fiz maldade.



Elrey, vendo como estava,  
houve de mim compaixam,  
e vy-o que não oulhava,  
que eu a elle nam errava,  
nem fizera traçam.  
E vendo, quam de verdade  
tive amor e lealdade  
ho princepe, cuja sam,  
pôde mais a piadade  
que a determinaçam.

Que se m'ele defendera  
c' a seu filho nam amasse,  
e lh'eu nam obedecera,  
entam com rezam podera  
dar-m' a morte qu'ordenasse.  
Mas vendo que nenhum'ora,  
des que naci atégora  
nunca n'isso me falou,  
quando d'isto se lembrou  
foi-se pola porta fóra.

Com seu rosto lagrimoso,  
c'o proposito mudado,  
muyto triste, muy cuidadoso,  
como rey muy piadoso,  
mny christam e esforçado.  
Hum d'aquelles que trazia  
comsiguo na companhia,  
cavaleyro desalmado  
de traz d'ele muy irado  
estas palavras dezia:

— Senhor, vossa piadade  
he dina de reprimir,  
pois que sem necessidade

mudaram vossa vontade  
lagrimas d'uma molher.  
E quereys qu'aberreguado  
com filhos, como casado,  
estê senhor vosso filho?  
de vós mais me maravilho,  
que d'ele qu'é namorado.

Se a loguo nam matais  
nam sereis nunca temido,  
nem faram o que mandays  
do conselho qu'era avido.  
Olhay que justa querella  
tendes, poys por amor d'ella  
vosso filho quer estar  
sem casar e nos quer dar  
muyta guerra com Castela.

Com sua morte escusareis  
muytas mortes, muytos danos,  
vós, senhor, descansareis,  
e a vós e a nós dareis  
paz para duzentos annos.  
O princepe casará,  
filhos de bençam terá,  
será fóra de pecado,  
c'aguora seja arrojado  
a nenhum lh'esquecerá.—

E ouvindo seu dizer  
el-rey ficou muy torvado,  
por se em mais extremos ver,  
e que avia de fazer  
ou de um ou de outro forçado.  
Desejava dar-me vida,  
por lhe não ter merecida

a morte, nem nenhum mal:  
sentia pena mortal  
por ter feito tal partida.

E vendo que se lhe dava  
a ele toda esta culpa,  
e que tanto o apertava,  
disse aaquelle que bradava:  
minha tençam me desculpa.  
Se o vós quereis fazer,  
fazei-o sem m'o dizer;  
qu'eu n'isso nam mando nada,  
nem vejo a essa coyitada  
porque deva de morrer.

*Fim*

Dous cavaleyros irosos  
que taes palavras ouviram,  
mui crús e nam piadosos  
perversos, desamorosos  
contra mim rijo se viram.  
Com as espadas na mam,  
m'atravessam o coraçam  
a confissam me tolheram:  
este é o gualardam  
que meus amores me deram.

*Garcia de Resende, ás Damas:*

Senhoras, nam ajaes medo,  
nam receeis fazer bem,  
tende o coraçam muy bem quedo;  
e vossas mercês veram cedo  
quam grandes bens do bem vem.  
Nam torvem vosso sentido

as cousas qu'aveys ouvido,  
porqu'é ley de deos d'Amor,  
bem, vertude, nem primor  
nunca jámais ser perdido.

Por verdes o gualardam  
que do amor recebeu,  
porque por ele morreu  
n'estas trovas saberam  
o que ganhou ou perdeu.  
Nam perdeu senam a vida,  
que podera ser perdida  
sem na ninguem conhecer,  
e ganhou por bem querer  
ser sua morte tam sentida.

Ganhou mais, que sendo d'antes  
nom mais que ferosa dama,  
serem seus filhos ifantes,  
seus amores abastantes  
de deixaram tanta fama.  
Outra moor honra direi:  
como o princepe foi rey,  
sem tardar, mas muy asinha,  
a fez alçar por rainha,  
sendo morta, o fez por lei.

Os principaes reis d'Esanha  
de Portugal e Castela,  
e emperador d'Alemanha,  
olhae, que honra tamanha!  
que todos deçendem d'ela.  
Rey de Napoles, tambem  
duque de Borgonha, a quem  
todo França medo avia,  
e em campo el-rei vencia,  
todos estes d'ela vem.

Por verdes como vingou  
 a morte que lh'ordenaram,  
 como foy rei, trabalhou  
 e fez tanto, que tomou  
 aqueles que a mataram.  
 A um fez espedaçar  
 e ho outro fez tirar  
 por detras o coração;  
 poys amor dá gualardam  
 nam deixe ninguem d'amar.

*Cabo*

Em todos seus testamentos  
 a decrarou por molher,  
 e por s'isto melhor crêr  
 fez dois ricos moymentos,  
 em que ambos vereys jazer:  
 Rey, rainha coroados,  
 muy juntos, nam apartados,  
 no cruzeiro d'Alcubaça:  
 quem poder fazer bem, faça  
 pois por bem se dam taes grados.

Garcia de Rezende, *Canc. geral*, t.  
 III. 616 a 624.

ARRENEGUOS, QUE FEZ GREGORIO AFFONSO,  
 CRIADO DO BISPO DE EVORA

138

Arreneguo de ti, Mafoma,  
 e de quantos crem em ti,  
 arreneguo de quem toma  
 o alheyo para sy.  
 Reneguo de quantos vi  
 de quem foram esquecidos,  
 arreneguo dos perdidos

por causas nam muy honestas;  
 reneguo tambem das festas  
 que trazem pouco proveito.  
 Arreneguo do dereito  
 que se vende por dinheiro.  
 Arreneguo de palreyro  
 e de quem em elle crê  
 arreneguo da mercê  
 mais pedida huma vez.....

*Canç. geral, t. II, p. 534.*

**ARRENEGOS DO BARQUEIRO DO INFERNO**  
 NOVAMENTE TROVADOS, POR GIL VICENTE, DE LISBOA

139

Pois o rio vae tão mal,  
 E a Barca tão vasia,  
 Começo de arrencar  
 Primeiro, de minha tia.  
 Arrenego da phantasia  
 De quem mais que a mim amou;  
 Arrenego eu do grou  
 Que voando foi ao céo.  
 Arrenego de quem morreu  
 de medo de uma sardinha.  
 Arrenego da mesinha  
 que faz inchar o doente;  
 Arrenego da semente  
 que não nasce em dois annos.  
 Arrenego dos humanos  
 que têm miolo de pato.  
 Arrenego do barato  
 que me leva quanto tenho.  
 Arrenego eu do lenho  
 que se faz verde no fogo.

Arrenego eu do jogo  
 Onde vou escalavrado.  
 Arrenego eu do Prelado  
 que se préza de taful.  
 Arrenego do azul  
 que está no meio do olho.  
 Arrenego do piolho  
 que mais que seu dono val.  
 Arrenego do relógio  
 que nam sabe que horas são.  
 Arrenego do caravelão  
 que sempre está em secco.  
 Arrenego do dinheiro  
 que ganho n'esta viagem.  
 Arrenego da barcagem  
 e do malvado barqueiro,  
 e a Lucifer requeiro  
 que por este arrenegar  
 me queira logo entregar  
 a priminencia do Inferno.

Folha volante de 1649. (Falta na  
*Auto da Barca do Inf.*)

## EXCLAMAÇÕES EM ECCO

140  
 Oh o mais triste onde you?  
 Onde vou triste de mi?  
 O' dores, matae-me aqui  
 Onde nunca homem chegou.  
 Ecco: *Hou!*

Hou males, quem me vos deu  
 Deu-vos pera me acabar.  
 Oh, quem soffreu por amar  
 Tamanho mal como o meu?  
 Ecco: *Eu.*

Eu em me matar não pecco;  
 Nem sei se alguém me responde.  
 Que será, ou quem ou d'onde  
 Que ande em vale tão seco?

**Ecco:** *Ecco.*

E' conveniente quando  
 A tal tristeza combate  
 Que homem per si se mate  
 Por não andar mais penando.

**Ecco:** *Ando.*

Ando qual nunca fiz tal.  
 Oh vós, pois me respondes,  
 E de mi assi te escondes,  
 Que farei a tanto mal?

**Ecco:** *Al.*

Al não quero, al não sei.  
 O' voz de meu triste grito,  
 Pois que sabes meu espirito  
 Has medo que morrerei?

**Ecco:** *Hei.*

Hei por bem morrer por ella;  
 Porem damno tão profundo  
 Qual mulher o fez no mundo,  
 Servindo-a sem offendel-a?

**Ecco:** *Ella.*

Ella me dá triste guerra,  
 Ella me tem despedido,  
 Ella me tem convertido  
 Que moura por esta serra.

**Ecco:** *Erra. etc.*



## CANTAR Á MANEIRA DE SOLÃO

141

Pençando-vos estou, filha,  
Vossa mãe me está lembrando;  
Enchem-se-me os olhos de agua,  
N'ella vos estou lavando.  
Nascetes, filha, entre magoa,  
Pera bem inda vos seja,  
Pois em vosso nascimento  
Fortuna vos teve inveja.  
Morto era o contentamento  
Nenhuma alegria ouvistes,  
Vossa mãe era finada,  
Nos outros eramos tristes.  
Nada em dor, em dor criada,  
Não sei onde isto hade ir ter,  
Vejo-vos filha fermosa  
Com olhos verdes crescer.  
Não era esta graça vossa  
Pera nascer em desterro;  
Mal haja a desventura  
Que poz mais n'isto que o erro.  
Tinha aqui sua sepultura,  
Vossa mãe, e magoa a nós;  
Não creis vós filha, não,  
Para morrerem por vós.  
Não houve em fados rasão,  
Nem se consentem rogar;  
De vosso pae hei mór dor,  
Que de si se hade queixar.  
Eu vos ouvi a vós só,  
Primeiro que outrem ninguem;  
Não foreis vós, se eu não fôra,  
Não sei se fiz mal, se bem.  
Mas não pode ser, senhora,

Pera mal nenhum nascerdes,  
 Com esse riso gracioso,  
 Que tendes sob olhos verdes.  
 Conforto mais duvidoso  
 Me é este que tomo assi,  
 Deos vos dê melhor ventura  
 Do que tiveste té aqui.  
 A dita e a formosura,  
 Dizem patranhas antigas  
 Que pelejaram um dia  
 Sendo d'antes muito amigas.  
 Muitos hão que é phantasia;  
 Eu que vi tempos e annos,  
 Nenhuma cousa duvido  
 Como ella é aso de danos.  
 Nenhum mal não é crido;  
 O bem só é esperado;  
 E na crença e na esperança  
 Em ambas ha hi cuidado,  
 Em ambas ha hi mudança.

Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, cap. XXI.

GLOSA DE: *PENSANDO-VOS ESTOU FILHA*

POR BERNALDIM RIBEIRO

142

A morte mais me matou  
 Por me deixar com a vida  
 E levar a quem errou  
 Esta filha que deixou  
 De minha alma tão querida.  
 Como o mar cerqua a ilha  
 Cuidados me estão cercando;  
 Sam vivo por maravilha,  
*Pensando-vos estou filha,*  
*Vossa mãe me está lembrando.*

Lembra-me a gloria passada,  
Padeço o mal presente,  
E sinto pena dobrada,  
Muito penada e cansada  
Como o que minha alma sente.  
Meu cuidado é uma fragua  
Em que me estou queimando,  
E de vós e de my magoa  
*Enchem-se-me os olhos d'agua*  
*N'ella vos estou banhando.*

O desejo bem contente  
Tinha eu poucos dias ha,  
Porem na vida presente  
A fortuna sempre mente,  
Bens promette, males dá.  
A passada gloria pago,  
Com pena e dor sobeja,  
Meus olhos são fontes d'agua,  
*Nascestes, filha, antre mágoa,*  
*Pera bem inda vos seja.*

Lembra-me que a minha amada  
Me estava dizendo um dia  
Que se sentia pejada  
E das dores já toquada,  
Dores que eu não sentia.  
Antes o meu pensamento  
Teve gloria tão sobeja,  
Foi tanto o contentamento,  
*Que no vosso nascimento*  
*Vos houve fortuna enveja.*

A ventura que guiava  
Quantos males ordenou,  
Com taes dores a fincava,

Que a morte se achegava,  
Chegava e emfim chegou.  
E levou-m'a n'um momento  
Em que vós, filha, sorgistes,  
Triste tinha o pensamento,  
*Morto era o contentamento,*  
*Nenhuma alegria ouvistes.*

De esposo muito amado  
Fiquei viuvo e só,  
De tristeza acompanhado,  
Meu prazer já sepultado,  
Alegria feita em pó.  
Filha minha muito amada,  
Se alegria não ouvistes,  
Foi porque sendo vós nada,  
*Era vossa mãe finada,*  
*Nós ambos ficamos tristes.*

Eu fico e vos ficastes  
E ambos bem descontentes,  
Se em nascendo chorastes,  
Tão bem chorando me achastes  
Males por vir e presentes.  
Veja-vos melhor fadada  
Do que fostes no nasser,  
Pois fostes mal festejada  
*Nada em dor, em dor criada,*  
*Não sei isto onde hade ir ter.*

Nacerdes em confusão  
De grão desterro e morte  
Dá pena a meu coração,  
As planetas saberão  
Vossa ventura e sorte.  
Se houver de ser ditosa

Quem tiver bom parecer,  
Vejo-vos mui graciosa,  
*Filha minha mui fermosa,*  
*Com olhos verdes crescer.*

Ainda humanos tem por ver  
Em logar desabitado  
Tacs olhos, tal parecer,  
Como vos Deos quiz fazer,  
Sobre-rosto alumiado.  
Não ha y quem saber possa  
Se causou desdita, se erro  
Nascerdes na serra d'Ossa,  
*Não era essa graça vossa*  
*Pera nascer em desterro*

Se em Amor rasão houvera  
Vossa mãe me não deixara,  
Porque ella não fenecera,  
E eu, triste, ledo vivera,  
Mais prazer me visitara.  
Ella he na sepultura,  
E vós em este desterro  
Habitado de tristura;  
*Mal haja a desventura*  
*Que mais poz n'isto que o erro.*

Foram mui mal celebradas,  
Filha, essas vossas festas,  
E em logar de festejadas  
Foram de mi lamentadas  
Em campinas de giestas.  
Pelo qual nunca tristura  
Deixarei nem deixeis vós,  
Porque nossa desventura

*Tinha aqui sua sepultura  
Vossa mãe e magoa a nós.*

Quando cuido no passado  
Sam mais triste do que sam,  
Bem posso dizer: coitado  
Que eu só fui o mal logrado,  
Magoado sem rasão.  
Foi cruel de openião  
Morte que nos deixou sós,  
Carecida da rasão;  
*Não ereis vós, filha, não  
Pera morrerem por vós.*

Não era tal gentileza  
Nem tal graça e fremosfera  
Qual pintou a natureza  
Pera causar mais tristura,  
Ao triste sem ventura;  
E este mal foi maldição  
Tivera de se executar,  
Em mim só, e outrem não,  
*Mas termos que os fados dão  
Não se podem escusar.*

Os males se repartiram  
Por vossa mãe, vós e mim,  
A ella já consummiram,  
E a vós também feriram,  
Mas todos são meus emfim.  
Dóe-me muito vêr-vos só  
E vossa mãe o estar  
No sepulchro feita pó,  
*De vosso pae ey mór dó,  
Que de si se hade aqueixar.*

Se eu nunca lealmente amara  
Não chegara a ser querido,  
E se vos eu não plantara,  
Vossa mãe se não finara  
Nem eu ficara sentido.  
Vós me achastes tal qual Job,  
Bem carecido do bem,  
Sem haver quem m'haver dó,  
*Eu vos houve a vós só,  
Primeiro que outro ninguém.*

Ouvi mil lamentações  
Que eu a my pera mi dava  
E d'outras mil afflições,  
Paixões sam comparações  
E as mais porque ficava.  
Esta vida matadora  
Não sei porque me detem,  
Que se não fôra tredora  
*Não foreis vós se eu não fora,  
Não sei se foi mal se bem.*

Deos, que vos fez extremada  
Quiz-vos bem muito em extremo,  
Se fordes tambem fadada  
Sereis bem aventurada,  
Mas arreção o que temo.  
Oh filha, quam bem vos fôra,  
Pera segura viverdes  
E da fortuaa bem fôra,  
*Mas não pode ser senhora  
Para mal nenhum nascerdes.*

Lembranças, tristes logares  
Em cuidar trago occupados,  
Não cuidados par nem pares,

Mas contos de mil milhares,  
E todos em vossos fados.  
Porem como este erro nosso  
Não pode deixar de serdes,  
Tal que me façaes ditoso  
*Com esse rosto gracioso*  
*Que tendes sobrolhos verdes.*

Perfeita vos fez natura  
Em quanto teve poder,  
Sem terdes corpo e figura  
Vos dotou de fremosura  
Por se alegrar e vos vêr.  
Pelo qual eu o cuidadoso  
M'alegro a furto de my,  
E me acho victorioso;  
*Conforto mais duvidoso*  
*Não he isto que temo assy.*

A causa que me dá a vida  
Só a de que mais me aqueixo,  
E' ficardes sem guarida  
Ainda rasão nascida  
Pelo qual penar me deixo.  
Mas se este mal muito dura  
Aturay-o vós sem my,  
Que vos conheça tristura,  
*Deos vos dê melhor ventura*  
*Da que tiveste té aqui.*

De longe vindes fadada  
Para serdes combatida,  
Pois que sois tambem sagra<sup>da</sup>  
Como é recopilada  
Da morte a humana vida.  
Uns dizem que a ventura



Tem continuada alegria,  
Outros com a profecia  
*Que a dita da formosura*  
*Disse em pratica antiga.*

E declara a figura  
Em que esta figura vae,  
Feita por mão da ventura  
Que esta dita e formosura  
São ambas filhas de um pae.  
Mas como o peccado cria  
Presumpções por dar fadigas,  
A estas tanto crescia,  
*Que pelejaram um dia,*  
*Sendo d'antes mui amigas.*

Eu tambem, creio que erraram  
Os que d'isso tem aviso,  
Que a vida vos tentearam  
Florida mais vos acharam,  
E formosa que narciso.  
E muitos tem em porfia  
Aggravos com que traz danos,  
Creo como profecia,  
*Outros hão que he phantasia,*  
*Eu que vi tempos e annos.*

Crerey quanto mal ouvir,  
Porque o tenho e padeço,  
Se algum me fica por vir  
Não lhe ey nem posso fugir  
Posto que o não mereço.  
Creo que o tempo é comprido  
Ordenam por mais meus danos  
Ter minha fé acedido

*Nenhuma cousa dovido,  
Como he azo d'enganos.*

Não dovido que a morte  
Por m'a fazer desejar,  
Uma dor muito mais forte  
Me dá vida d'esta sorte  
Por mais vezes me matar.  
Já se quer fôra ouvido  
D'alguem fôra consolado  
Em mal tão mal merecido,  
*Mas hu mal que não é crido  
Só o bem é esperado.*

O qual eu já desespero  
Em quanto mais esperar,  
N'esta vida que não quero  
Pois he mais cruel que Nero,  
Mais tormentos me hade dar.  
Nem quero ter confiança  
Pois está feita cajado,  
E na vida e na esperança  
*Em ambas ha y mudança,  
Em ambas ha y cuidado.*

Ap. Conc. ms. de Luiz  
Franco. (Inedita).

---

**ECLOGA: INTERTOCULORES SYLVESTRE  
E MONTANO (INEDITA)**

143

*Sylvestre:* Dize, Montano amigo,  
como andas qua apartado  
em este despavoado

assim só mesmo contigo,  
sem ti e sem o teu gado?  
Vejo-te a cor mudada,  
sem o teu saio de festa,  
a pessoa mal tratada,  
grão paixão deve ser esta  
que tens esta madrugada!

Folgavas quando me vias,  
não me queres ver agora,  
mudou-se o tempo e ora  
contra ti que não soías  
ser tão triste que de fóra.  
Fizeste grande mudança  
cada vez para pior,  
trazes a vida em balança  
guar-te, Montano pastor,  
porque o mal prestes s'alcança.

Peza-me de assi te vêr  
quanto me pode pezar,  
com sentir e com chorar  
se te podesse valer  
poder-me-hias descansar.  
Mas, eu coitado de mi,  
cada vez que te mais vejo,  
vida eu não a desejo,  
pois a morte vejo em ti  
com tal tormento sobejo.

Lembra-me a ora do anno  
andando eu pela serra,  
ouvi dizer d'esta guerra  
tua, se tu es Montano  
natural da minha terra.

Como tal cousa ouvi  
logo m'este mal doeu,  
por tua causa o senti,  
tanto que me pareceu  
que fóra fóra de mi.

Se este teu nojo d'amores  
em grão trabalho e perigo  
te vejo mais meu amigo  
guar-te das cousas piores,  
que estas sã, se mal não digo:  
que amores não guardam lei  
nem rasão querem por si;  
já contr'elles pelejei,  
hum tempo venceram a mi,  
outro d'elles me guardei.

Pelo qual d'este engano  
tu não sejas enganado,  
que se te dás ao cuidado  
tu não vez a fim do anno  
pera ser desenganado.  
Mas porem este desterro  
que tu qua trazes contigo  
de ti saber o espero  
como de pastor amigo  
a quem certo muito quero.

*Montano:*

Sylvestre, tu saberás  
que este meu apartamento  
não se fez sem fundamento.  
que em grão paixão me traz  
assim ás voltas co vento.  
E nestes tempos d'agora,  
la por esse povoado  
não se vive só hua hora

pera menos enganado  
 ando assy por qua de fóra.

Porem sabes o que digo  
 para que melhor m'entendas,  
 fogi as grandes contendas  
 como ogano fez Rodrigo,  
 porque a elle menos reprendas.  
 Porque este mundo he tal  
 que he melhor qua nos desertos  
 soffrer e calar o mal,  
 que descobrir os secretos  
 d'este nosso temporal.

*Sylvestre:*

Quem sabe do mal fugir  
 muito faz em se apartar,  
 que o cuidado do cuidar  
 faz mil vezes cair,  
 e tambem desesperar.  
 E a vista sempre a tem,  
 mas isto não é d'agora  
 se ha y mal e sair bem,  
 se tudo junto não fôra  
 não fôras tu nem ninguem.

*Montano:*

Bem sei isso, meu amigo,  
 andando só n'esta terra;  
 mas não deixa de ir commigo  
 bom cuidado do perigo  
 em que vejo toda a terra.  
 Os tempos vão de mudanças,  
 de razão mui differentes,  
 os seguros d'accidentes  
 nas maiores esperanças  
 se acham menos contentes.

Pelo que vês levantadas  
gentes contra mesmas gentes,  
com vontades condemnadas,  
sem respeito de innocentes,  
e com as almas danadas.  
Tal não posso comprehender,  
nem sei que diga ao fado  
que possa tanto o peccado,  
que o justo venha a morrer  
por culpas do condemnado.

Quando n'isto cuido eu  
e em tão grão deferença,  
quero me tornar sandeu  
porque faz a mór sentença  
que entre tudo se nos deu.  
É por tanto dou estes brados,  
ouça-me quem tem sentidos,  
assy vão tempos perdidos  
e os máos são levantados,  
e os bons são destroidos.

Não te parece, pastor,  
que me dá isso paixão  
nem outro nenhum rancor;  
mas de ver eu a razão  
cada vez mal e peor.

*Sylvestre:* Assy ó certo, Montano,  
bem dizes Deos nos proveja,  
que n'este mundo d'inveja  
ha n'elle tanto engano  
que não sei quem ledo seja.

*Montano:* Ainda mais te direi,  
Silvestre, pastor amigo

encobrir nada te sei,  
não ha amigo de amigo,  
nem nenhum vive por lei.  
Se andas pela cidade  
tudo acharás mintira,  
o bom viver já sospira  
porque as cousas da vontade  
fazem-se todas com ira.

Tempo é de opiniões,  
de pastores não discretos;  
vão mui grandes confusões  
se buscaes paraísos certos  
cada passo ha y ladrões.

E o pobre zagalejo  
não tem onde se acolher,  
quando se quer defender,  
o que tem mais de sobejo,  
não no consentem viver.  
Se alguma justiça brada  
que lhe roubam seu rebanho,  
ou lh'o levam da manada,  
porque seja mór o dano  
ninguem lhe responde nada.

E se por aventura alguém  
lhe responde é de través,  
que estes sátrapas maiores  
que governam grandes prados  
usam tanto dos cajados  
que lobos são, não pastores  
por nossos grandes peccados.

E porem Deos onde está  
tambem dá suas pancadas,

a quem não vive bem qua,  
assy as longas jornadas  
como viste que fez ja.  
Pois mais claro hasde ver  
que se não crro o que digo,  
perto vejo o teu testigo  
de se mais cedo perder  
seu curral e seu abrigo.

E a vingança divinal  
tarde ou perto apparece,  
e a quem faz mal faz ho mal  
que ponto a nenhum esquece,  
por ser a todos igual.

Eu vi já o outro dia  
mui claro dizer a Braz  
como se homem perdia  
oulhando pera detraz,  
assim fallando deczia:  
Eu deixo vir o grão Cão  
por cima d'este montado,  
como perro mui danado  
com danado coração  
nos roubar o nosso gado.

Assi fez já o verão  
lá pelos campos d'Ongria,  
deu no curral de Joham  
por huma negra porfia,  
que teve André com Beltrão.  
Por má guarda dos rafeiros  
perde o pastor as manadas,  
que andam tão derramadas  
por cima d'esses outeiros  
perdidas, desbaratadas,



Quando isto nos contava  
o coutado assi chorando  
muitas vezes sospirando  
cansado de quando em quando  
em seu bordão se encostava.  
Muitas cousas disse ali  
do porvir e do passado,  
e depois de ir já cansado  
bolveu seus olhos a mi  
com um sobejo cuidado.

E disse assi: Montano,  
pois és zagal entendido,  
fuge, fuge a tanto dano,  
antes d'elle ser ferido,  
e te roube seu engano.  
Por isso que me apartei  
como tu, Silvestre vês,  
não o fiz, em que me pez,  
mas parece que acertei  
nos passos que dei e'os pés.  
Que fugi aduladores,  
em fugir a dilações,  
estes montes são milhores  
que as praças das confusões  
nas quaes os erros são móres.

Andem pelos povoados  
os que em muito tem a vida,  
porque he cousa sabida,  
que os que tem grandes estados  
dão comsigo mór caída.  
Sabes como anda tudo  
sem concerto e sem direito;  
a Deos não se tem respeito,

quem presuma mais d'agudo  
não quer ter nenhum sogeito.

O que vive mais atado  
n'esta vida emprestada  
este tem maior soldada,  
mas quando for condenado  
e lá será *condenado*.

Que o que he virtuoso  
não no deixam descansar  
nem com vida, nem repouso;  
se me deixasse fallar,  
mas fallar, pastor, não ousou.

Porque heide dizer verdade,  
livremente e sem engano,  
traz comsigo tanto dano;  
e pede tanto a maldade  
que faz mal o desengano.

Quem fala pontos dividos  
os que Deos quiz e mandou,  
o tal logo brasfemou  
mas reprimir os perdidos  
a muitos santos matou;  
donde os nossos pregoeiros  
não curam já de dar brados  
senão como lisongeiros,  
dissimulam os pequados  
que vão por esses outeiros.

Esta gente infernal  
que regra nem ordem tem,  
o mal lhe parece bem  
porque não sentem nem vêm.  
Assim vivem sem vergonha

vestidos de mansidão;  
mas dentro do coração  
anda escondida a pessoa  
que poz mészinha no são.

Mas não sei já o que diga,  
todo o mal é da panella,  
selada e se dão nella  
n'ella só é a fadiga.  
Tudo é contra os pequenos  
eu do demo arrenego,  
a justiça não a vemos  
senão no manco no cego,  
asi que tudo perdemos.

Quero-me calar amigo,  
porque não dizer o que sento,  
de teus danos e perigo  
Silvestre, tenho tormento,  
e desenganos commigo.  
Por nossos grandes pequados  
quer Deos que taes nos vejamos  
que já vês em nossos amos,  
como andam accossados  
porque o tambem andamos.  
Mal no vale, mal na serra,  
em toda a parte vae mal;  
dá grandes brados a terra,  
falta-nos o temporal  
mas não com festa nem guerra.

Isto fazem embolvedores  
e muitos pequados feos,  
e os senhores alhos  
que vês roubar roubadores  
sem justiça e sem bons meos.

Pelo qual já vez que digo  
as minhas redes colhendo,  
sobretudo sem castigo  
como tuberas vivendo.  
O' meu Sylvestre e meu amigo,  
que já viste do passado  
como Deos nos castigou,  
na cabeça nos tocou  
leixando o corpo aleijado  
mais do que nunca ficou.

Hora canso de falar  
não te quero mais dizer,  
porque dizem que o calar  
vem do mui grande saber,  
não ha quem possa acabar.

Sá de Miranda. (Ap. *Canc. Ms. de Luís Franco*, fl. 95 a 97 &.

---

CARTAS DE MANOEL MACHADO DE AZEVEDO  
A FRANCISCO DE SÁ E MIRANDA

144

- I Respondendo á vossa, digo,  
Amigo, senhor e hirmão,  
Que entre tanta confusão  
Não ha carta sem perigo.
  
- II Em que cõrra aveso tudo,  
Tudo correrá direito,  
Se lhe sabe andar a geito  
O prudente e o sesudo.

- III Quando dem couce os planetas,  
Tem mais altos poderios  
Aquelle que o mar e os rios  
Enfrêa e pica os poetas.
- IV Fez o homem differente  
De qualquer outro animal,  
Se elle do bem usa mal  
E do mal bem, elle o sente.
- V Deu-lhe livre a eleição  
Que outro chamam escolhimento,  
Poz na mão do homem tento,  
Do seu ganho ou perdição.
- VI Vós quereis com descripções,  
E com vossas letras grandes  
Que em Italia, Espanha e Frandes  
Vos reconheçam as nações.
- VII Eu quizera que os salloyos  
Vos estimassem sómente;  
Porque da nossa semente  
Sempre colhereis mais moios.
- VIII Hade enfrear sua penna  
Como um pôtro desatado  
Quem quizer ser mais medrado  
Que Camõens ou João de Mena.
- IX Não queiraes emendar tudo  
No mundo o seu desconcerto,  
De cujos erros é certo  
Ouvir, calar ou ser mudo.

- X Só a penna e lingua são  
As que causam mayor pena;  
Que só Deos julga e condemna  
As culpas do coração.
- XI Só da lingua ou do tinteiro  
As palavras saem á praça,  
Já por graça ou por desgraça  
Não lhes falta pregoeiro.
- XII Poem-se em muy grande perigo  
Quem descobre todo o peito,  
Por hu bom dito ou conceito,  
Não perdaes nenhum amigo.
- XIII Os Carvalhos e os Carneiros  
Da Beyra, entre Douro e Minho,  
São muy bons qua no seu ninho,  
Aos fidalgos e escudeiros.
- XIV A quem d'elles se aproveita  
São de proveito e sustento,  
Mas lá, com seu valimento,  
Só vive quem os respeita.
- XV Vosso parente e amigo  
Joane de Sa—ber tanto  
Descantar tanto em seu canto,  
Que deu n'um canto comsigo.
- XVI Descoseu linhas a tantos?  
Se bem mais canonisou,  
Mas hu d'esses se vingou  
Sem lhe valer estes Santos.

- XVII Se se diz bem dos ingratos,  
Cuidam que tudo lhes devem,  
Se a poderosos se atrevem  
Dão unhas como gatos.
- XVIII Assim sou de parecer,  
Que nem bem nem mal digamos,  
N'esta era em que estamos  
Para poder bem viver.
- XIX A verdade e bom conselho  
São hoje grande dilito,  
Mame na ovelha o cabrito,  
E na raposa o coelho.
- XX O grande afeito me ordena  
Que aconselhe a um letrado,  
Perdoae-me; que um Machado  
Não apára bem a penna.

Manoel Machado de Azevedo;  
ap. *Vida*, p. 16 a 19.

145

## OUTRA DO MESMO

- I Dizem-me que estás doente,  
Pesa-me, porque não posso  
Ir ver-vos de presente,  
Porque tive um accidente  
De amor, não; mas de humor grosso.
- II Este medico Sandeu  
Quer que seja humor da côrte,  
Cada um conhece o seu,  
Eu conheço o mal que é meu,  
Que o d'ella sempre é mais forte.

- III De medicos nem sangrias  
 N'esta idade não curemos;  
 Bomas são as Romarias  
 De mais longe, e sem Marias  
 Porque não nos marecêmos.
- IV Os Santos de longas terras  
 Sempre foram mais buscados,  
 Os da nossa estão cansados;  
 Busquemos santos das serras,  
 Que estão mais desoccupados.
- V Sigamos nossa nação  
 A quem todo o seu parece  
 De menos estimação;  
 Elle faz mais devoção  
 O que menos se conhece.

Manoel Machado de Azevedo,  
 ap. *Vida*, p. 86 a 88.

## VIGILIA DE S. ANTONIO, LIVRANDO O PAE DA FORÇA

146

(VERSÃO INSULANA)

## I

PRESO: Santo Antonio da gloria,  
 Nascido da flor da palma,  
 Remedio da nova lei,  
 Eu preso aqui estarei,  
 E perante el-rei irei!  
 Morte tão sentenciada,  
 Que por mim foste provada;  
 Eu tenho mulher e filhos,



Ficam orfinhos perdidos:  
 Eu te peço, anjo bendito,  
 Que do céo vens mandado,  
 Eu te torno a pedir  
 Que vás para o céo sagrado.

ANJO:

Avia-te, santo Antonio,  
 Avia-te, brevemente,  
 Vae livrar teu pae da fôrca,  
 Que está preso innocente.  
 Em o pino do meio dia  
 Elle sac logo a matar,  
 Tirado do Limociro  
 Para ir a enforcar.

## II

Santo Antonio ajoelhou,  
 Ave-Maria pediu  
 E em quanto a resou  
 Duas mil legoas andou.  
 Chegou á dita cidade  
 E a justiça encontrou:

PREGÃO:

Velho preso, mal levado,  
 Matastes por vossa mão  
 Um menino innocente  
 Sem mais causa nem razão.

S. ANTONIO:

Eu te requeiro Justiça  
 Que adiante não vás mais;  
 Esse homem que levais,  
 Não matou quem vós cuidais.  
 Se cuidais que falo trumfo  
 Não vos falo confrangido,  
 P'la bocca do homem morto

Eu farei falar o vivo.  
Moço morto, fala, fala,  
Dize-me aqui commigo,  
Se este homem te matou  
Ou se quer por ti passou.

JUSTIÇA: Este homem sae a penar  
Por um homem que matou;  
No seu quintal o enterrou,  
Testemunha o jurou,  
E elle lá se achou  
Vestidinho e calçado  
Como no mundo andou.

## III

S. ANTONIO: Eu te peço, homem morto,  
Pelo Deos, que te criou,  
Que te levantes do chão  
E digas quem te matou.

MORTO: Esse homem não me matou  
Nem a morte me causou;  
Antes me aconselhou  
Como o pae que me criou!

JUSTIÇA: Solto, solto o padecente  
Vá governar sua vida.

PRESO: Oh meu padre reverendo  
Dizei-me aonde moraes?  
Quero-vos ir visitar,  
Já que não sirvo p'ra mais.

S. ANTONIO: N'este estado em que me vêdes,  
Sou vosso filho Fernando,

Mas tomei o nome Antonio,  
P'ra me livrar do demonio.

PRESO: Filho meu muito amado,  
De mim tam escandalisado!  
Cadeiras tenhas no céo,  
Para estares assentado.

S. ANTONIO: Meu pae, botae-me a benção,  
Que eu quero ir a Padua  
Acabar o meu sermão,  
Que se eu o não acabar,  
Ai, que de mim não dirão?

PAE: Eu te abençoô, filho,  
Que sejas abençoado;  
Confessor das criaturas  
Que vás para o céo sagrado.

---

### AUTO HIERATICO OU DE DEVAÇÃO:

147 SCENA DA BILHA DE AZEITE

PAYO VAZ: Pois Deos quer que pague e peite  
Tão daninha pegureira,  
Em pago d'esta canseira  
Toma este pote de azeite  
E vae-o vender á feira;  
E quiçaes, medrarás tu,  
O que eu contigo não posso.

MOF.  
MENDES: Vou-me á feira de Trancoso  
Logo; nome de Jesu,  
E farei dinheiro grosso.  
Do que este azeite render

Comprarei ovos de pata,  
 Que he a cousa mais barata,  
 Que eu de lá posso trazer.  
 E estes ovos chocarão;  
 Cada ovo dará um pato,  
 E cada pato um tostão,  
 Que passará de um milhão  
 E meio, a vender barato.

Casarei rica e honrada,  
 Por este ovo de pata,  
 E o dia que for casada  
 Sahirei ataviada  
 Com um brial de oscarlata;  
 E diante o desposado  
 Que me estará namorando,  
 Virei de dentro bailando  
 Assi d'esta arte bailado,  
 Esta cantiga cantando.

*Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça,  
 e andando enlevada no bailo, cae-lhe, e diz:*

PAYO VAZ: Agora posso eu dizer  
 E jurar e apostar,  
 Qu'es Mofina Mendes toda.

PESSIVAL: E se ella baila na voda  
 Qu'está ainda por sonhar,  
 E os patos por nascer,  
 E o azeite por vender,  
 E o noivo por achar,  
 E a Mofina a bailar;  
 Que menos podia ser?

*Vae-se Mofina Mendes cantando:*

MOFINA: Por mais que a dita me engeite,  
 Pastores, não me deis guerra;

Que todo o humano deleite  
 Como o meu pote de azeite  
 Hade dar consigo na terra.

Gil Vicente, *Obras*, t. I, p. 115.

## AUTO DOS PASSOS DA PAIXÃO

1547.

TROVAS QUE FEZ HO AUTOR PARA HUNS PASSOS  
 DA PAIXÃO, QUE ORDENOU DE FAZER  
 PREGANDO A MESMA PAIXÃO

Vae a VIRGEM *nossa Senhora prantando, caminho do Monte Calvario, e diz:*

148

*Fili mi, Jesu, Jesu*  
*O mi Jesu, fili mi.*  
 Quem me matasse por ti,  
 Porque não morresses tu.

*Oh vós omnes qui transitis*  
 Pola via da amargura,  
 Choraes a desventura  
 D'esta triste Sunamitis,  
 Senti sua gram tristura.  
 Oh gentes, choraes meu mal,  
 Vede bem sua grandeza,  
 O cutelo de crueza  
 Que córta com dôr mortal  
 Minha alma com tal tristeza.

Oh judaica crueldade,  
 Onde me levas meu bem.  
 Oh cruel Hierusalem  
 Matador sem piedade

Dos Prophetas que a ti vêm.  
Que te fez o meu cordeiro  
Filho do meu coração,  
Porque tanto sem rezão  
Condemnaste ao madeiro  
Toda sua salvação.

Oh donas, pois que paristes  
Filhos que tanto amais,  
Porque tal dor não vejaes,  
Se vós de filho sentistes  
Senti dores tão mortaes.  
O que me levam a matar  
Todo meu bem e conforto  
E o mayor desconforto  
E' que hei medo de ficar  
Viva, depois d'elle morto.

Como poderei viver,  
Sem ti que será de mim,  
Oh triste, quam tarde vim,  
E quam cedo heide ver  
Tua fim e minha fim.  
Oh filho tão desejado,  
Em pureza concebido,  
Em virgindade parido,  
Em tal doçura criado,  
Em mãos de algozes metido.

Oh meu bem que não te vejo  
E não posso já contigo  
Tão francamente te sigo  
Quam fortemente o desejo  
Me leva a morrer contigo.  
Oh quem podesse chegar  
Antes da fim um momento,

A ver teu padecimento,  
 Porque de ver-te matar  
 Me mate teu sentimento.

Mas este mortal desmaio  
 Tem cortado o coração  
 De tão forçosa paixão,  
 Que se quero andar caio,  
 Esmorecida no chão.  
 Oh donas, encaminhae,  
 Esta mais triste das tristes;  
 Se meus males cá ouvistes  
 Dizei-me por onde vae  
 O meu filho, se o vistes?

*Chegando a Senhora ao pé do cadafalso onde estava o Senhor crucificado melido em hum esparavel, sae uma FIGURA e mostra-lho abrindo o esparavel, dizendo :*

Oh mais fremosa e mais bella  
 Que quantas no mundo são,  
 De ver tua gram paixão  
 E tua mortal querella  
 Se me quebra o coração.  
 Pois que vens com tanta pena  
 Em busca do teu amado,  
 Sabe que é crucificado,  
 Que nos salva e nos condemna  
 Vel-o aqui condemnado.

*Aqui se deixa a Senhora cair no chão sem dizer nada, e depois já no cabo vem Nicodemus e Joseph ab Arimatia para sepultar ho corpo; e adorando o Senhor de gíolhos, diz JOSEPH:*

Oh filho de Deos eterno,  
 Verbo divino encarnado  
 Tam sem culpa condemnado,  
 Por nos salvar do inferno,  
 Tão sem culpa justicado.  
 Pois não pode nossa sorte  
 Servir teu merecimento  
 Na vida nem no tormento,  
 Vimos servir-te na morte  
 Com mortalha e moimento.

*E despegando o Senhor da Cruz poem-no em o regaço da  
 SENHORA, e ella diz esta trova:*

Oh cruel cutelo forte,  
 Oh crueza desmedida,  
 Oh mortal dor tam crecida,  
 Ver morto e ver a morte  
 A' vida de minha vida:  
 Oh morte, por que acrescentas  
 Mais mortes com teus espaços?  
 Filho meu, morto nos braços,  
 Oh, como não arrebatas  
 Coração em mil pedaços!

*Já por derradeira pede SAM JOAM licença á Senhora para  
 enterrar o corpo, dizendo:*

Um triste desconsolado  
 Mal poderá consolar,  
 Senhora, teu grão pezar,  
 Porque sangue tão chegado  
 Não se roga em tal logar.  
 Ver meu Deos e meu Senhor  
 Soffrer cruezas tamanhas,



Ver tuas dores estranhas  
 Me dão tamanha dor  
 Que me rasgam as entranhas.

Mas pois foi assi vontade  
 Da divina providencia,  
 Tua virginal prudencia  
 N'esta dor sem piedade  
 Tenha alguma paciencia.  
 A' tua mortal tristura  
 Dá-lhe um pouco de vagar,  
 E consente soterrar  
 O corpo na sepultura,  
 Pois se não pode escusar.

*E tirando-lhe á SENHORA o corpo dos braços, diz esta trova:*

Oh triste despedimento  
 Oh ausencia tão mortal,  
 O meu bem, o meu grão mal  
 Não abasta soffrimento  
 Para poder soffrer tal.  
 Deixae-me tambem morrer,  
 Então em um moimento  
 Ambos mortos de um tormento  
 Nos enterrae, por não ver  
 Tão mortal apartamento.

*E então levam o corpo metido no ataude com: Miserere mei Deus, a fabordam, a enterral-o.*

SECÇÃO 2.<sup>a</sup>

ESCHOLA ITALIANA

- I** GENERO EPICO: *Litterario*: 149. Episodio dos Lusíadas.
- II** GENERO LYRICO: *Litterario*: 150-182. Sonetos—183. Canção—184. Elegia—185. Epistola.
- III** GENERO DRAMATICO: *Litterario*: 186. Scena final da tragedia *Castro*.

## EPISODIO DE INEZ DE CASTRO

149

Passada esta tão prospera victoria,  
Tornando Affonso á lusitana terra  
A se lograr da paz com tanta gloria,  
Quanta soube ganhar na dura guerra,  
O caso triste e digno de memoria  
Que do sepulcro os homens desenterra  
A conteceu, da misera e mesquinha  
Que, depois de ser morta foi rainha.

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,  
(Que os corações humanos tanto obriga)  
Dêste causa á molesta morte sua,  
Como se fôra perfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua  
Nem com lagrimas tristes se mitiga,  
E' porque queres aspero, tyranno,  
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Inez, pósta em socego,  
De teus annos colhendo o doce fruto,  
N'aquelle engano d'alma ledo e cego  
Que a fortuna não deixa durar muito;  
Nos saudosos campos do Mondego  
De teus formosos olhos nunca enxuito,  
Aos montes ensinando e ás ervinhas  
O nome que no peito escripto tinhas

Do teu principe alli te respondiam  
As lembranças que n'alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam  
Quando dos teus formosos se apartavam;  
De noute em doces sonhos que mentiam,  
De dia em pensamentos que voavam,

E quanto emfim cuidava e quanto via  
Eram tudo memorias de alegria.

De outras, bellas senhoras e princezas,  
Os desejados thalamos enjeita;  
Que tudo emfim tu, puro amor, desprezas,  
Quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas estranhezas  
O velho pae sisudo, que respeita  
O murmurar do povo e a phantasia  
Do filho, que casar-se não queria;

Tirar Inez ao mundo determina  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo co' o sangue só da morte indina  
Matar do firme amor o fogo acceso.  
Que furor consentiu que a espada fina  
(Que poude sustentar o grave peso  
Do furor mouro) fosse alevantada  
Contra uma fraca dama delicada?

Traziam-a os horrificos algozes  
Ante o rei já movido a piedade;  
Mas o povo com falsas e ferozes  
Razões á morte crua o persuade.  
Ella com tristes e piedosas vozes,  
Sahidas só da magoa e saudade  
Do seu principe e filhos que deixava,  
Que mais que a propria morte a magoava,

Para o céu crystalino alevantando  
Com lagrymas os olhos piedosos,  
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
Um dos duros ministros rigosos;  
E depois nos meninos attentando,  
Que tão queridos tinha e tão mimosos,

Cuja orphandade, como mãe, temia  
Para o avô cruel assim dizia:

Se já nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento,  
E nas aves agrestes, que sómente  
Nas rapinas aérias tem o intento,  
Com pequenas crianças viu a gente  
Terem tão piedoso sentimento,  
Como co'a mãe de Nino já mostraram,  
E co'os irmãos que Roma edificaram;

O' tu que tens de humano o gesto e o peito,  
(Se de humano é matar uma donzella  
Fraca, sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencel-a)  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens á morte escura d'ella;  
Mova-te a piedade sua e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha.

E se, vencendo a maura resistencia,  
A morte sabes dar com fogo e ferro,  
Sabe tambem dar vida com clemencia  
A quem para perdel-a não fez erro.  
Mas se t'ó assim merece esta innocencia,  
Põe-me em perpetuo e mísero desterro,  
Na Scithia fria, ou lá na Libya ardente  
Onde em lagrymas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,  
Entre leões e tigres; e verei  
Se n'elles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei:  
Alli co'o amor intrinseco e vontade.  
N'aquelle por quem mouro, criarei

Estas reliquias suas que aqui viste,  
Que refrigerio sejam da mãe triste.

Queria perdoar-lhe o rei benino  
Movido das palavras que o magôam;  
Mas o pertinaz povo, e seu destino,  
Que d'esta sorte o quiz, lhe não perdôam.  
Arrancam das espadas de aço fino  
Os que por bom tal feito alli pregôam,  
Contra uma dama, ó peitos carnicheiros,  
Feros vos amostraes e cavalleiros?

Qual contra a linda moça Polyxena  
Consolação extrema da mãe velha,  
Porque a sombra de Achilles a condemna,  
Co'o ferro o duro Pyrrro se aparelha:  
Mas ella, os olhos com que o ár serena  
Bem como paciente e mansa ovelha  
Na misera mãe póstos, que endoudece,  
Ao duro sacrificio se offerece;

Taes contra Inez os brutos matadores  
No collo de alabastro, que sustinha  
As obras com que o amor matou de amores  
Aquelle que depois a fez rainha,  
As espadas banhando e as brancas flores  
Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam fervidos e irosos  
No futuro castigo não cuidadosos.

Bem poderas, ó sol, da vista d'estes  
Teus raios apartar aquelle dia,  
Como da séva mesa de Thyestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comia!  
Vós, ó concavos valles, que podestes  
A vóz extrema ouvir da bocca fria,

O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,  
Por muito longo espaço repetistes!

Assi como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi candida e bella,  
Sendo das mãos lascivas maltratada  
Da menina que a trouxe na capella,  
O cheiro tras perdido e a côr murchada,  
Tal está morta a pallida donzella;  
Seccas do rosto as rosas, e perdida  
A branca e viva côr, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura,  
Longo tempo chorando, memoraram,  
E por memoria eterna, em fonte pura  
As lagrymas choradas transformaram;  
O nome lhe puzeram, que 'inda dura,  
Dos amores de Inez, que alli passaram;  
Vêde que fresca fonte rega as flores  
Que lagrymas são a agoa, e o nome amores

Camões, *Lusíadas*, Cant. III, st. 118 a 135.

150 Não sei qu'em vós mais vejo; não sei que  
Mais ouço, e sinto; ao rir vosso e fallar;  
Não sei que entendo mais, té no calar,  
Nem quando vos não vejo a alma o que vê;  
Que lhe apparece em qual parte que estê,  
Olhe o céo, olhe a terra, ou olhe o mar;  
E triste aquelle vosso suspirar,  
Em que tanto mais vay, que direi que he?  
Em verdade não sei: nem isto qu'anda  
Antre nós: ou se é ar como parece,  
Se fogo d'outra sorte e d'outra ley,

Em que ando, e de que vivo, nunca abrandá;  
 Por ventura que á vista resplandece;  
 Ora o que eu sei tão mal, como o direy.

Sá de Miranda, *Obras*, p. 16 (Ed. 1804).

151 Este retrato vosso é só signal,  
 Ao longe, do que sois, por desemparo  
 D'estes olhos de cá, porque um tão claro  
 Lume, não pode ver vista mortal.

Quem tirou nunca o sol por natural,  
 Nem viu, (se nuvens não fazem reparo)?  
 Em noite escura, ao longe acceso um faro,  
 Agora se não vê, ora vê mal.

Para uns taes olhos, que ninguem espera  
 De face a face, gram remedio fôra  
 Acertar o pintôr vêr-vos dormindo.

Mas inda assim não sci que elle fizera,  
 Que a graça em vós não dorme nenhuma hora;  
 Fallando, que fará? que fará rindo?

Sá de Miranda, *Son.* XXVII. Ed. 1677.

152 Apetece minha alma a fonte viva  
 No estio de amor, em sésta ardente;  
 Sequiosa se lança á gram corrente  
 Da fermosura que de vós deriva.

Cuidando de amansar a sêde estiva  
 Quanto mais de amor bebe é mais vehemente;  
 Nunca se acabará este accidente  
 Que arde amor na minha alma em cousa viva.

Não resiste ao ardor, nem se consumme,  
 Porque ella é immortal, elle benino;  
 N'elle deleita a dor, dá gosto a pena.

Se imagina passar raio divino  
 Deseja a alma abrasar-se no seu lume,  
 Tal é do que em si esconde o bem que acena.

D. Manoel de Portugal, *Obras*, B. 199.



153      Ainda que o metal luzente e duro  
 tocado do divino vosso objeito  
 como raio vos torne o brando peito  
 de que Amor a ninguem quiz dar seguro;

Ainda que o pincel claro e escuro  
 tal semblante vos tenha contrafeito  
 que ficaes obrigada a vêr por feito  
 tudo o que elle obrar n'um peito puro;

E inda que em culto verso desornado  
 imitando em si vá a formosura  
 de que nasce, e a que é sacrificado;

Nem lustroso verso, nem pintura  
 poderá alcançar ser quotejado  
 ó que n'alma imprimiu vossa figura.

D. Manoel de Portugal (*Canc. Ms. de*  
*L. Franco, fl. 240.*)

154

Um firme coração posto em ventura,  
 Um desejar honesto que s'engeite  
 De vossa condição, sem que respeite  
 A meu tão puro amor, a fé tão pura:

Um vêr-vos de piedade e de brandura  
 Imagem sempre, faz-me que suspeite  
 Que alguma brava féra vos deu leite,  
 Ou que nasceste de uma pedra dura.

Ando buscando causa que desculpe  
 Cruenza tão extranha; porem quanto  
 N'isso trabalho mais, mais me maltrata.

D'onde vem que não ha quem nos não culpe,  
 A vós, porque mataes quem vos quer tanto,  
 A mim, que tanto quero a quem me mata.

Bernardes, Soneto XX, das *Rimas Varias.*  
 (Ed. 1780.)

A UMA DAMA, QUE LIA POR O LIVRO DE FRANCISCO  
DE SÁ DE MIRANDA

155

Quem não louvará muito, em toda a hora  
O Sá Miranda, nunca assás louvado,  
D'engenho, estudo, estilo alto, apurado  
E sobretudo tão ditoso agora?

Que é do puro alabastro, assim, senhora,  
De vossas delicadas mãos tocado,  
D'essa voz doce ora pronunciado,  
No seio d'alva neve posto outr'ora?

Pyramides, sepulchros sumptuosos,  
Edifícios, que enfim, o tempo gasta,  
Tanto sem fim não fazem sua memoria:

Quanto a luz d'esses olhos tão formosos,  
Que graça e vida dar a tudo basta,  
E a mim dão vida e morte, pena e gloria.

André Falcão de Resende, *Obras*, p. 87.

A SEU IRMÃO DIOGO BERNARDES

156

Do Lima, d'onde vim já despedido,  
Cavar cá n'esta Serra a sepultura,  
Não sinto que louvar possa brandura,  
Sem me sentir turbar do meu sentido:

A lam, de que me vêm andar vestido  
Torcendo em varias partes a costura,  
Os pés, que nós se dão á pedra dura,  
Não me deixam ouvir, nem ser ouvido.

O povo, cujo applauso recebeste  
Vendo teu brando *Lima* dedicado  
A princepe real, claro, excellente,

Louvará muito mais quanto escreveste;  
De mim, meu caro irmão, menos louvado  
Louva commigo a Deos eternamente.

Frei Agostinho da Cruz, Soneto XVI, Ed. 1751.

157

Aquelle claro sol, que me mostrava  
 O caminho do céo mais chão, mais certo,  
 E com seu novo raio, ao longe e ao perto  
 Toda a sombra mortal me affugentava;  
 Deixou a triste prisão em que cá estava,  
 Eu fiquei cego e só, co' passo incerto,  
 Perdido peregrino no deserto  
 A que faltou a guia que o levava.

Assi co' sprito triste, o juizo escuro,  
 Suas sanctas pisadas vou buscando,  
 Por valles e por campos e por montes.

Em toda a parte a vejo e a figuro.  
 Ella me toma a mão e vae guiando,  
 E meus olhos a seguem feitos fontes.

Dr. Antonio Ferreira, Son. V, liv. II.  
*Poemas lusitanos.*

158

Despojo triste, corpo mal nascido,  
 Escura prisão minha, e peso grave,  
 Quando rôta a cadêa, e sôlta a chave,  
 Me verei de ti solto e bem remido?

Quando co' sprito prompto, aos céos erguido,  
 (Despois que esta alma em lagrimas bem lave)

Batendo as azas, como ligeira ave,  
 Irei aos céos buscar meu bem perdido?

Triste sombra mortal e van figura

Do que já fui, uns dias só sostida  
 D'aquelle sprito, por quem cá vivia;

Quem te detem n'esta prisão tão dura?

Não viste a clara luz, a santa guia  
 Que te lá chama á verdadeira vida?

Dr. Antonio Ferreira, Son. III, do liv. II. *Ib.*

## NA ANTIGA LINGOA PORTUGUEZA

- 159 Vinha Amor pelo campo trebelhando  
 Com sa fremosa madre e sas donzellas;  
 El rindo, e cheo de ledice entre ellas,  
 Já de arco e de sas setas non curando.  
 Brioranja hi a sazom sia pensando  
 Na gram coita que ella ha, e vendo aquellas  
 Setas de Amor, filha em sa mão huã dellas,  
 E mete-a no arco, e vay-se andando.  
 Deshi volveu o rostro hu Amor sia,  
 Er, disse: Ay traidor, que me has fallido,  
 Eu prenderey de ti crua vendita.  
 Largou a mão, quedou Amor ferido,  
 E catando a sa sestra endoado grita:  
 Ay, mercê! — a Brioranja, que fugia.

Dr. Antonio Ferreira, Son. XXXV. Liv. II. *Ibid.*

- 160 Está o lascivo e doce passarinho  
 Com o biquinho as pennas ordenando,  
 O verso sem medida, alegre e braudo  
 Despedindo do rustico raminho.  
 O cruel caçador, que do caminho  
 Se vem calado e manso desviando,  
 Com prompta vista a seta endireitando  
 Lhe dá no estygio lago eterno ninho.  
 D'esta arte o coração que livre andava  
 (Posto que já de longe destinado)  
 Onde menos temia, foi ferido.  
 Porque o frecheiro cego me esperava,  
 Para que me tomasse descuidado  
 Em vossos claros olhos escondido.

Camões, Sou. 30. (*Paruaso*).

161 Um mover d'olhos, brando e piedoso,  
Sem vêr de que; um riso brando e honesto,  
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,  
De qualquer alegria duvidoso.

Um despejo quieto e vergonhoso;  
Um repouso gravissimo e modesto;  
Uma pura bondade, manifesto  
Indicio da alma, limpo e gracioso.

Um encolhido ousar; huma brandura;  
Um medo sem ter culpa; um ár sereno;  
Um longo e obediente soffrimento:

Esta foi a celeste formosura  
Da minha Circe, e o magico veneno  
Que pode transformar meu pensamento.

Camões, Son. 30. (*Parnaso*).

162 Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo d'esta vida descontente,  
Repousa lá no céo eternamente  
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste  
Memoria d'esta vida se consente,  
Não te esqueças d'aquelle amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te  
Alguma cousa a dor que me ficou  
Da magoa, sem remedio, de perder-te;  
Roga a Deos, que teus annos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
Quão cedo de meus olhos te levou.

Camões, Son. 13, *Ibid.*

- 163 No mundo poucos annos e cansados  
Vivi, cheios de vil miseria e dura;  
Foi-me tão cedo a luz do dia escura,  
Que não vi cinco lustres acabados.  
Corri terras e mares apartados  
Buscando á vida algum remedio ou cura;  
Mas aquillo que, enfim, não dá ventura,  
Não o dão os trabalhos arriscados.  
Criou-me Portugal na verde e cara  
Patria minha Alemquer; mas ár corrupto  
Que n'este meu terreno vaso tinha,  
Me fez manjar de peixes em ti, bruto  
Mar que bates a Abassia fera e brava,  
Tão longe da ditosa patria minha.

Camões, Son. 103. (*Parnaso*).

- 164 Erros meus, má Fortuna, amor ardente  
Em minha perdição se coujuraram;  
Os erros e a Fortuna sobejaram;  
Que para mi bastava Amor sómente.  
Tudo passei; mas tenho tão presente  
A grande dor das cousas que passaram,  
Que já as frequencias suas me ensinaram  
A desejos deixar de ser contente.  
Errei todo o discurso de meus annos;  
Dei causa a que a fortuna castigasse  
As minhas mal fundadas esperanças.  
De amor não vi senão breves enganós.  
Oh quem tanto pudesse, que fartasse  
Este meu duro Genio de vinganças.

Id., Son. 116.

165 Horas breves do meu contentamento,  
 Nunca me pareceu, quando vos tinha,  
 Que vos visse mudadas tão asinha,  
 Em tão compridos annos de tormento.

As altas torres que fundei no vento,  
 Levou, emfim, o vento que as sustinha;  
 Do mal que me ficou a culpa é minha,  
 Pois sobre cousas vans fiz fundamento.

Amor com brandas mostras apparece,  
 Tudo possivel faz, tudo assegura;  
 Mas logo no melhor desaparece.

Extranho mal, extranha desventura!  
 Por um pequeno bem que desfallece,  
 Um bem aventurar que sempre dura!

Camões, Son. 184 (*Parnaso*.)

### SONETO COM ESTRAMBOTE

166 Tanto se foram, Nympha, costumando  
 Meus olhos a chorar tua dureza,  
 Que vão passando já por natureza  
 O que por accidente iam passando.

No que ao somno se deve estou velando,  
 E venho a velar só minha tristeza:  
 O choro não abrandá esta aspereza,  
 E meus olhos estão sempre chorando.

Assi de dor em dor, de magoa em magoa,  
 Consummindo-se vão inutilmente,  
 E esta vida também vão consummindo.

Sobre o fogo do amor inutil agua!  
 Pois eu em choro estou continuamente  
 E do que vou chorando te vás rindo;

Assi nova corrente  
 Levas do choro era fôro;  
 Porque de ver-te rir, de novo choro.

Camões, Son. 223. *Ibid.*

- 167 Formoso Tejo meu, *quão* diferente  
 Te vejo e vi, me vês agora e viste;  
 Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,  
 Claro te vi eu já, tu a mim contente.  
 A ti, foi-te trocando a grossa enchente  
 A quem teu largo campo não resiste;  
 A mim trocou-me a vista em que consiste  
 Meu viver contente ou descontente.  
 Já que sômos no mal participantes,  
 Sejamol-o no bem; ah quem me dera  
 Que fossemos em tudo semelhantes.  
 Lá virá então a fresca primavera,  
 Tu tornarás a ser quem eras d'antes,  
 Eu não sei se serei quem d'antes era.

Camões, Son. 349. (Parnaso).

168 DO FRADE DA RAINHA

- Quem podera dizer o que tem n'alma  
 Para desenganar em tudo a vida;  
 Mas não vejo ninguem que trate d'alma  
 Que todas as esperanças põe na vida.  
 O céu é o verdadeiro lugar d'alma,  
 A' terra basta dar-lhe o corpo e a vida;  
 Pois não podem ter fim os males d'alma  
 E como sombra passam os bens da vida.  
 E se queremos vêr o preço da alma,  
 Vejamos que poz Deos por ella a vida,  
 Viveremos nós n'elle e elle em nossa alma.  
 O mundo he uma sombra vã que enleva a vida,  
 Quem n'elle está melhor tem peor alma,  
 E quem o desprezou tem alma e vida. <sup>(1)</sup>

Frei Paulo da Cruz. (Ms. da Academia.)

(1) Bibl. da Academia. 3 E. 1-4.



169

Entre as nuvens se esconde o pensamento  
 Corrido de se vêr qual eu me vi,  
 E pela gloria antiga me perdi  
 Me deixa hoje na pena o sentimento.

Armei rêdes no ár, ao leve vento,  
 Na areia semeêi, n'agua escrevi,  
 Edifiquei na ideia o que não cri,  
 Que mal se deixa crêr contentamento.

Pensamento cruel, deixa-me em paz,  
 Que não querem meus olhos que te crêa;  
 A quem os não sonhar, teus bens publica.

Que eu bem sei, quem de ti mais conta faz,  
 No ár, na areia, n'agua, na ideia  
 Arma, semêa, escreve e edifica.

Anonymo. (Ms. da Academia.)

170 D'onde achastes, senhora, esse ouro fino  
 D'essas tranças que Amor se enleva em vel-as?  
 Em que praia essas perolas tão bellas  
 Que descobris no riso peregrino?  
 Em que sereno céo o sol divino  
 Que co'os raios defende a vista d'ellas?  
 D'onde os finos rubis, que por entre ellas  
 Com tantas graças vêmos de contino?  
 Em que monte, lá do Indo até ao Douro,  
 A neve d'esse gesto delicado?  
 Em que espinho essas rosas tão formosas?  
 Mas quiz natura em vós fazer thezouro,  
 E assi poz, dama, em vós recopilado  
 Ouro, neve, rubis, sol, perlas, ouro.

Anonymo. (Ms. da Academia.)

- 171      Esses olhos, senhora, onde descança  
O menino que as flexas d'ouro atira,  
Esse cabello d'onde o sol inspira  
Mil raios em que a vista cega e cansa;  
E essas faces que a pura semelhança  
Das bellas rosas tem, antes lh'a tira,  
Essa bocca, que graças mil respira,  
E onde um bem está que não se alcança;  
Essa testa, que o sêr tem de ser vossa,  
E d'onde Amor ordena cada hora  
Viva e morra o desejo; mas que presta...  
Não ha quem tanto bem merecer possa,  
Eu me contento só com vêr, senhora,  
Olhos, cabellos, faces, bocca, testa.

Anonymo, (Ms. da Academia.)

- 172      F'ermosa Catherina, que dominas  
Sobre minha vontade e pensamento,  
Pois entendes a fé em meu tormento,  
Porque com o não crêr me desatinas?  
Sempre mais na crueza te refinas,  
Indigna de teu alto entendimento,  
Nem te prezas, cruel, de dar alento  
A quem de amor tem dado mostras finas.  
O que eu cuido, oh fera, n'este passo  
He que com verdadeiro amor te ama  
O mesmo Amor de teu amor rendido.  
E por isso te deu animo escasso,  
Porque tendo-te já por sua dama  
Pretende elle só ser favorecido.

Anonymo, (Ms. da Academia.)

173

Em varias fórmas corre a fantasia  
Por leves accidentes da vontade,  
Magina e anda com velocidade  
Do mundo as partes todas n'um só dia.

Vontade a leva pela solta via  
De pensamentos, em que a liberdade  
Sem deleites lhe dar na variedade,  
Torna os cuidados em melenconia:

Assi se vae de hum mal a outros maiores,  
Porque seguimos o que não devemos,  
A desejos sugeitos e accidentes;

Largo caminho de tormento e dôres,  
Que em roda viva d'asperos extremos  
Nos deixam como em sonhos de doentes.

Pedro da Costa Perestrello, *Obras*, pag. 85.

174

Oh tu, de puro amor, Deos, fonte pura!  
O' paternal bondade mais que humana,  
O' Deos, luz eternal e soberana,  
Deos meu, nova e antiga formosura!

Não póde haver sem ti cousa segura,  
Pois o seguro sêr de ti só mana;  
Como está fóra de si, como se engana  
Quem fóra de ti bem algum procura.

Sem ti caminha vago o pensamento,  
Sem ti, para mór mal, e toda gloria,  
Sem ti, coberto estou de escuridade;

Mas em ti, fixa está minha memoria,  
Em ti repousa meu entendimento,  
Em ti se satisfaz minha vontade.

Francisco Galvão. Ed. Caminha, p. 98.

175 Não era mortal cousa o seu passeio,  
Espirava mais que humana magestade,  
Prazer, graças, amor, felicidade,  
D'altas riquezas um thesouro cheio.

Qual sae a Aurora do rosado seio,  
Com justo passo abrindo a claridade,  
Modestia altiva, honesta gravidade,  
Que o céo nos representa d'onde veio;

O celeste vigor que dentro anima  
Transluz no concertado movimento,  
Que até na menor parte corresponde:

Por taes pisadas sobe, e muito acima  
N'outras graças se perde o pensamento,  
E só me leva amor não sei por onde.

Bernardo Rodrigues. (Ap. edição de Rodrigues  
de Castro, p. 165.)

176 Ausente, pensativo, solitario,  
Como se vos tivera ali presente,  
Dou e tomo as razões ousadamente  
Firme em amor, em pensamentos vario.

Quando venho ante vós, com temerario  
Fervor, renovo n'alma juntamente  
Quantos cuidados tive estando ausente,  
Que tudo em tal aperto é necessario.

Uns aos outros se impedem na sahida  
E querem commetter e não se abalam,  
E vou para fallar e fico mudo.

Porém, meus olhos, minha côr perdida,  
Meu pasmo, meu silencio por mim fallam,  
E não dizendo nada, digo tudo.

Estevam Rodrigues de Castro, (Ed. Ca-  
minha, p. 150.)

177

Claros olhos azues, olhos formosos,  
 Que o lume d'estes meus escurecestes,  
 Olhos que o mesmo Amor d'amor vencestes  
 Com vivos raios sempre victoriosos;

Olhos serenos, olhos venturosos,  
 Que ser luz de tal gesto merecestes,  
 Ditosos em render quanto rendestes,  
 E em nunca ser rendidos mais ditosos.

Que morra eu por vos vêr, e que vos traga  
 Nas mininas dos meus perpetuamente  
 Cousa é que justamente Amor ordena;

Mas que de vós não tenha mais que a pena,  
 Com que Amor tanta fêz tão mal me paga,  
 Nem o diz a razão, nem o consente.

Fernão Rodrigues Lobo Sorapita (Ap.  
 ed. de Rodrigues de Castro, 168.)

178

Como, se do céo és senhor superno,  
 Te vejo, immenso Deos, pobre menino?  
 Como te offende o frio, Rei benino,  
 Se tens dos elementos o governo?

Ou como o ventre te encerrou materno,  
 Se não comprehende o céo teu sêr divino?  
 Como choras, se cantam de contino  
 Anjos, com que dispensas gosto eterno?

Como, se és Verbo, tu, do Padre immenso  
 Me não fallas, senhor?—Como, se infante,  
 Maravilhas ao mundo já disseste?

Se és Deos, como te falta o sacro incenso?  
 Se homem, como t'o dão?—Ninguem se espante:  
 Que homem terreno sou, sou Deos celeste,

Fernão Alvares d'Oriente, *Lusitania  
 transformada*, p. 163.

- 179      Se sois riqueza, como estaes despido?  
 Se Omnipotente, como desprezado?  
 Se rei, como de espinhos coroado?  
 Se forte, como estaes enfraquecido?  
         Se luz, como a luz tendes perdido?  
 Se sol divino, como ecclipsado?  
 Se Verbo, como é que estaes calado?  
 Se vida, como estaes amortecido?  
         Se Deos? estaes como homem n'essa cruz?  
 Se homem? como daes a um ladrão,  
 Com tão grande poder pósse dos céos?  
         Ah, que sois Deos e Homem, bom Jesus!  
 Morrendo por Adão em quanto Adão,  
 E redimindo Adão em quanto Deos.

Anonymo, (Ms. n.º 317, da Livr.  
 da Universidade.)

180

Quem sou eu que assim vivo descuidado?  
 Quem sou eu, que não vivo arrependido?  
 Quem serei, que não ando apercebido?  
 Não sei aonde irei dar tão mal parado.  
         Fui quem não foi; do nada fui formado,  
 Sou quem não sou, sou nada conhecido;  
 Serei quem fôr a nada reduzido,  
 Que em fim lá vae parar todo o creado.  
         Sôpro fui, vento sou, e heide ser vento,  
 O sôpro é não; o vento cousa errada;  
 Mentira a vida, e nada o pensamento.  
         Em fim, que eu fosse sombra respirada,  
 Ou seja, ou venha a ser algum momento,  
 Nada fui, nada sou e heide ser nada.

Anonymo. (*Ibidem.*)

181

Querendo Amor tomar dura vingança  
 Da liberdade antiga que gosara,  
 E fazer-me comprar em dobro cara  
 A vida que passei entre bonança:

Poz-me o cuidado em aspera balança,  
 Pelo desejo de uma phenix rara,  
 E quando o pensamento a mais chegara,  
 Deixara-o de seguir minha esperança.

Mostrou-me huns olhos verdes socegados,  
 E por cima dois arcos victoriosos  
 De uma certa brandura acompanhados;

Mas achei seus effeitos rigorosos,  
 Que nunca de matar vivem cansados,  
 E tão duros me são quanto formosos.

Frei Bernardo de Brito, Soneto XVIII.  
 (*Súvia de Lisardo.*)

### A UM IRMÃO AUSENTE

182

Dividiu o amor e a sorte esquiva  
 Em partes o sujeito em que moraes;  
 Este corpo tem preso onde faltaes,  
 Esta alma onde andaes anda cativa.

Contente na prisão, mas pensativa,  
 Porque este mal tão mal remediaes,  
 Que vós commigo lá solto vivaes,  
 E eu sem mim e sem vós cá preso viva.

Mas lograe d'esse bem quanto lograes,  
 Que eu como parte vossa o estou logrando  
 E sinto quanto gosto andares sentindo;

Cá folgo, porque sei que lá folgaes,  
 Porque minha alma logra imaginando  
 O que lograr não pode possuindo.

P. Balthazar Estação, *Obras*, fl. 28.

## CANÇÃO

183

Junto de um seco, duro, esteril monte,  
Inutil e despido, calvo e informe,  
Da natureza em tudo aborrecido;  
Onde nem ave vôa, ou fêra dorme,  
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,  
Nem verde ramo faz doce ruido;  
Cujo nome, do vulgo introduzido  
E' Felix, por antiphrase infelice;  
O qual a natureza  
Situou junto á parte  
Aonde um braço d'alto mar reparte  
A Abassia da arábica aspereza,  
Em que fundada foi já Berenice,  
Ficando á parte d'onde  
O sol, que n'ella ferve, se lhe esconde:  
O Cabo se descobre, com que a costa  
Africana, que do austro vem correndo,  
Limite faz, Arómata chamado;  
Arómata, outro tempo; que volvendo  
A roda, a rude lingua mal composta  
Dos proprios outro nome lhe tem dado.  
Aqui, no mar, que quer apressurado  
Entrar por a garganta d'este braço,  
Me trouxe um tempo e teve  
Minha fera ventura.

Aqui, n'esta remota  
Parte do mundo, quiz que a vida breve,  
Tambem de si deixasse um breve espaço;  
Porque ficasse a vida  
Por o mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando uns tristes dias,  
Tristes, forçados, máos e solitarios,  
De trabalho, de dor e de ira cheios:  
Não tendo tão sómente por contrarios



A' vida, o sol ardente, as aguas frias,  
Os áres grossos, férvidos e feios,  
Mas os meus pensamentos, que são meios  
Para enganar a própria natureza,  
Tambem vi contra mi,  
Trazendo-me á memoria  
Alguma já passada e breve gloria,  
Que eu já no mundo vi quando vivi,  
Por me dobrar dos males a aspereza,  
Por mostrar-me que havia  
No mundo muitas horas de alegria.

Aqui 'stive eu com estes pensamentos  
Gastando tempo e vida; os quaes tão alto  
Me subiam nas azas, que cahia  
(Oh vede se seria léve o salto!)  
De sonhos e vãos contentamentos  
Em desesperação de vêr um dia.  
O imaginar aqui se convertia  
Em improvisos choros e em suspiros,  
Que rompiam os áres.  
Aqui a alma cativa,  
Chagada toda, estava em carne viva,  
De dores rodeada e de prazeres,  
Desamparada e descoberta aos tiros  
Da soberba Fortuna,  
Soberba, inexoravel e importuna.

Não tinha parte d'onde se deitasse,  
Nem esperança alguma, onde a cabeça  
Um pouco reclinasse por descanso;  
Tudo dor lhe era e causa, que padeça,  
Mas que pereça não, porque passasse  
O que quiz o destino nunca manso.  
Oh que este irado mar gemendo amanso!  
Estes ventos, da voz importunados,  
Parece que se enfreiam:  
Sómente o Céu severo,

As estrellas, e o fado sempre fero,  
Com meu perpetuo dano se recreiam;  
Mostrando-se potentes e indignados  
Contra um corpo terreno,  
Bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse  
Saber inda por certo que alguma hora  
Lembrava a uns claros olhos que já vi;  
As orelhas angelicas tocasse  
D'aquella em cuja vista já vivi;  
A qual, tornando um pouco sobre si,  
Revolvendo na mente pressurosa  
Os tempos já passados  
De meus doces amores,  
De meus suaves males e furores  
Por ella padecidos e buscados,  
E (posto que já tarde) piedosa,  
Um pouco lhe pezasse,  
E lá entre si por dura se julgasse!

Isto só, que soubesse, me seria  
Descanso para a vida que me fica;  
Com isto affagaria o soffrimento.  
Ah senhora! Ah senhora! E que tão rica  
Estaes, que eu cá tão longe de alegria,  
Me sustentaes com doce fingimento!  
Logo que vos figura o pensamento,  
Foge todo o trabalho e toda a pena.  
Só com vossas lembranças  
Me acho seguro e forte  
Contra o rosto feroz da fera morte;  
E logo se me juntam esperanças  
Com que, a fronte tornada mais serena,  
Torna os tormentos graves  
Em saudades brandas e suaves.

Aqui com ellas fico perguntando  
Aos ventos amorosos, que respiram

Da parte d'onde estaes, por vós Senhora;  
 A's aves qu'alli voam, se vos viram?  
 Que fazieis? qu'estaveis praticando?  
 Onde? como? com quem? que dia e que hora?  
 Alli a vida cansada se melhora,  
 Toma espiritos novos, com que vença  
 A fortuna e trabalho,  
 Só por tornar a vêr-vos,  
 Só por ir a servir-vos e querer-vos.  
 Diz-me o tempo que a tudo dará talho:  
 Mas o desejo ardente, que detença  
 Nunca soffreu, sem tento  
 Me abre as chagas de novo ao soffrimento.  
 Aqui vivo, e se alguém te perguntasse,  
 Canção, porque não morro,  
 Podes-lhe responder: que porquê morro.

Luiz de Camões, Canção IX. Ed. da *Actualidade*.

---

### ELEGIA

184

Aquelle mover de olhos excellente  
 Aquelle vivo espirito inflammado,  
 Do crystalino rosto transparente;  
 Aquelle gesto immoto e repousado,  
 Que estando n'alma propriamente escripto  
 Não pode ser em verso trasladado;  
 Aquelle parecer, que he infinito  
 Para se comprehender de engenho humano;  
 O qual offendo em quanto tenho dito;  
 Tanto a inflammar-me vem d'um doce engano,  
 E tanto a engrandecer-me a phantasia,  
 Que não vi maior gloria que meu dano.  
 Oh bem aventurado seja o dia  
 Em que tomei tão doce pensamento,  
 Que de todos os outros me desvia.

E bem aventurado o soffrimento  
Que soube ser capaz de tanta pena,  
Vendo que o foi da causa o entendimento.

Faça-me, quem me mata, o mal que ordena  
Trate-me com enganos, desamores;  
Que então me salva, quando me condena.

E se de tão suaves desfavores  
Penando vive um'alma consummada,  
Oh que doce penar, que doces dores.

E se uma condição endurecida  
Tambem me nega a morte por meu dano,  
Oh que doce morrer, que doce vida!

E se me mostra um gesto lindò, humano,  
Como que de meu mal culpada se acha,  
Oh que doce mentir! que doce engano.

E se em querer-lhe tanto ponho tacha,  
Mostrando refrear o pensamento,  
O' que doce fingir, que doce cacha!

Assi que ponho já no soffrimento  
A parte principal de minha gloria,  
Tomando por melhor todo o tormento.

Se sinto tanto bem só com a memoria,  
De ver-vos, linda dama, vencedora,  
Que quero eu mais que ser vossa victoria?

Se tanto a vossa vista mais namora,  
Quanto eu sou menos para merecer-vos,  
Que quero eu mais que ter-vos por senhora?

Se procede este bem de conhecer-vos  
E consiste o vencer em ser vencido,  
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?

Se em meu proveito faz qualquer partido  
Só na virtude de uns olhos tão serenos,  
Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?

Se emfim, os meus espiritos de pequenos  
A merecer não chegam seu tormento,  
Que quero eu mais, que o mais não seja menos?

A causa, pois me esforça o soffrimento,  
 Porque, apesar do mal que me resiste,  
 De todos os trabalhos me contento;  
 Que a razão faz a pena alegre ou triste.

Camões, *Eleg.* IV. Ed. da Actual.

JERONYMO CORTE REAL A FRANCISCO DE SÁ,  
 CAPITÃO MÓR DA GUARDA DE EL-REI.

185

No tempo em que deixei aquelle estado,  
 Aquella vida livre e prigueirosa  
 Que o nosso entendimento traz atado,  
 Passando quantos termos a ociosa  
 Edade juvenil vae tropeçando,  
 Seguindo via occulta e tenebrosa,  
 Me recolhi no campo e fui deixando  
 O vão inutil tempo em que vivia  
 E ao estudo latino me fui dando.  
 Umhas horas gostando da poesia,  
 Buscando as duras guerras do Troyano  
 E os naufragios do mar que padecia.  
 Buscava tudo o mais que o Mantuano  
 D'elle cantou com voz tão desusada,  
 Mostrando-nos o engenho mais que humano.  
 Outras lá nas estrellas enlevada  
 A fantasia tinha os cursos vendo  
 Dos planetas, e a ordem concertada  
 Com que operações grandes vão fazendo  
 Em todos os mortaes e os movimentos  
 Dos céos, que ao Creador obedecendo,  
 Vão por medidos pontos, por momentos  
 Edades consummindo, renovando,  
 Mostrando em casos graves mil portentos.

Outras vezes o tempo ia gastando  
Em ler segredos mil da natureza,  
Que manifesto a Deos estão mostrando.  
Tratava dos agrestes a simpreza,  
O uso pastoril rudo e grossciro,  
Tratava de suas almas a purcza.  
Um amor via entre elles verdadeiro,  
Uma amisade facil, sem engano,  
Mui longe das que trata o lisongeiro.  
Ali passava o mez, passava o anno  
Sem vêr o vulgo misero queixar-se,  
E sem saber de amigo a perda ou dano.  
Nem via o mal para mais mal mudar-se,  
Ouvia só nas arvores frondosas  
Com o zefiro confuso um som formar-se.  
Em verdes campos cheios de fermosas  
E odoríferas flores sempre andava,  
Ou por serras erguidas e fragosas.  
A Actheon e a Cephalo imitava  
Seguindo a dura caça: ou na ribeira  
Tomar os brandos peixes procurava.  
Passava a vida assim d'esta maneira  
Contente por me vêr em tal estado  
Na gloria cá no mundo verdadeira.  
As mais que civis guerras no senado  
Por Cesar levantadas e movidas  
Contra o insigne genio celebrado,  
Onde tanta nobreza e tantas vidas  
De valerosos homens se perderam  
E em pouco espaço foram destruidas;  
Lia continuamente o que escreveram  
Salustio e Tito Livio apregoando  
As cousas que os Romãos então fizeram.  
Estes Authores lendo fui cuidando  
Com quanta mais razão justo seria  
Dos nossos Portuguezes ir tratando;

Pois em batalhas mil se lhes devia  
Uma fama e um nome eterno ao mundo,  
E de Homero ou de Virgilio a poesia.  
Este Cêrco que em Diu foi segundo  
Quiz escrever, assy como pudesse  
E o animo esforçado e furibundo.  
Os fortes Capitães que o interesse  
Da honra só lhes fez obrar taes feitos  
Que cada um por Cesar se tivesse.  
E dos outros fidalgos cujos peitos  
Ardendo em fogo de honra s'offereceram  
A' morte, sem ter mais outros respeitos.  
Trabalhos escrevi que padeceram  
No discurso do Cerquo, e a famosa  
Batalha que depois alli venceram.  
De minha propria mão a bellicosa  
Historia debuxei, e aquelle honrado  
Castigo que fez vista piadosa.  
Não mais outro interesse pretendendo  
Que acudir ao que se ia já apagando  
E já quasi de todo escurecendo,  
Me fez n'este tratado ir empregando  
O rudo e fraquo engenho a noite e o dia  
O divino favor só invocando.  
Quebrantada e opprimida a fantasia  
Mil vezes intentei atraz tornar-me  
E emfim alçar a mão do que escrevia.  
Mas logo ali sentia castigar-me  
Com dura reprehensão e um pungimento  
Não deixava ja mais de atormentar-me.  
Mostrava-me o ligeiro pensamento  
Estando quasi todo transportado  
Mil phantasticas formas n'um momento.  
Na erva fresca e flava reclinado  
Oo longo de um ribeiro sonoro,  
De alemos e freixos assombrado,

Estava sendo entrado o gracioso  
Tempo em que Filomena mais sentida  
Se mostrava do cunhado rigoroso.  
Os olhos tinha promptos na corrida,  
No rumor surdo e brando da agua pura  
Que ali por pedras vinha repartida.  
Quando do claro Delio a formosura  
Já nas inchadas ondas se escondia  
E a noite se chegava quasi escura.  
O rustico pastor já recolhia  
O vagaroso gado, e lá no Oriente  
A filha de Latona aparecia,  
Erguendo-se da terra mansamente  
Com prateados raios caminhava  
Para as partes remotas do Occidente.  
Ali o meu pensamento me mostrava  
Os trabalhos de Diu, e os perigos  
Do Cerquo que escrever determinava.  
Vi soberbos e fortes inimigos  
Mostrar-se poderosos aos cerquados,  
E vi morrer ali muitos amigos.  
A muitos d'elles via traspassados.  
Aquellas vivas côres já perdidas,  
Com sangue negro já desfigurados.  
Bradando me mostravam as feridas,  
As entranhas abertas, n'esta brava  
Batalha, em cem mil partes recebidas.  
De proseguir tal obra duvidava  
Quando a meu parecer um homem vi  
O qual d'esta maneira me falava:  
—Dize-me, que duvidas? vês aqui  
Varões tão sinalados que morreram  
Sem d'elles já memoria haver aí.  
Verás mortes crueis que receberam  
Por defender a Fé, a Patria honrando,  
Verás feitos heroicos que fizeram.—



Os olhos onde o vira levantando  
E lançados, um corpo vi aberto  
Grandes rios de sangue derramando.  
Vi o rosto já defunto descoberto,  
Foi de mi conhecido e alegrei-me  
Depois que se chegou a mi mais perto.  
Do grande sobresalto assegurei-me,  
Mas de o vêr vir assi tão maltratado  
Com feridas tão frescas espantei-me.  
*Dom Francisco d'Almeida*, nomeado  
No mundo com rezão, este é o que digo  
Este é o valeroso e esforçado.  
Este é o que no exercito inimigó  
Faz mil males e damnos, sempre dando  
Aos Mouros crudelissimo castigo.  
Este é o que os annos sempre foi passando  
Em guerras perigosas e alcançava  
Immortal fama n'ellas pelejando.  
A voz d'este varão me despertava  
O nome d'elle vi que bem merece  
Sobir ao céo que Marte dominava.  
Vi que a virtude d'este resplandece  
Por toda a redondeza e glorioso  
Gosa d'aquelle ao qual tudo obedece.  
N'aquelle fero assalto impetuoso  
A morte se rendeu tendo já feito  
Seu estrago nos Turcos espantoso.  
*Dom João Manoel* ali mostrava o peito  
Onde tanta virtude se encerrava  
Com lançadas, com golpes já desfeito.  
*Cosmo de Pina* vi que pelejava  
Com coração robusto e ousadia  
E a vida pela honra ali entregava.  
Vi *Atropos* rigorosa em triste dia  
Cortar a *Dom Fernando* os tenros annos,  
Mas o nome ao mais alto céo sobia.

Vi outros mil notaveis varios damnos,  
A morte tão sentida e lamentada  
D'aquelle, um dos mais fortes Luzitanos.  
Este era *Dom Francisco* cuja espada  
Dos Turcos foi temida, o apellido  
Dos antigos *Menezes* só chamada.  
No baluarte minado vi ardido  
*Dom João d'Almeida* dino de louvores,  
O corpo (não o nome) consummido.  
E vós *Jorge de Sousa* entre os milhores  
Contado por hum d'elles, traspassado  
De lançadas e golpes os maiores.  
Vi de *Tristão de Sá* desfigurado  
Aquelle gentil rosto que sabia  
Mostrar-se entre outros mil aventajado.  
Após estes logo aí me parecia  
De famosos varões em largo bando  
Uma mui generosa companhia.  
Vi que todos se andavam revolçando  
Pela sangrenta terra e a memoria  
D'ellas que se ia já quasi acabando.  
Vi outros que inda vivem, cuja historia  
Por toda a redondeza bem merece  
Ser celebrada com triumpho e gloria.  
Vi *Dom João Mascarenhas*, que enriquece  
O nome lusitano e o levanta  
Ao qual fortuna e fado favorece.  
As cousas d'elle vi que nos espanta  
Aquelle estreito Cerquo perigoso  
No qual honra ganhou e fama tanta.  
Aquelles mil combates que animoso  
Resistiu e venceu e a derradeira  
Batalha, onde ficou victorioso,  
Vi-lhe levar ali a dianteira  
Mostrando grão valia e braço forte  
Vi que os Turcos lhe dão larga carreira;

Passar vi muitos d'estes crua morte  
Aos peis d'este varão tão excellente  
O' estrella ditosa e rara sorte.  
Tambem me offerecia juntamente  
Aquelle *Dom Manoel de Lima* ousado  
Aquelle que venceu a tanta gente.  
Aquelle que de louro coroado  
Merece que triumphos mui bravosos  
Ser como *Pompeo e Cesar* memorado.  
Aquelle que com mil fogos espantosos  
Cidades abrazou na fertil terra  
Que os Mouros fez ficar d'elle medrosos;  
Aquelle que em *Cambaya* tanta guerra  
E tanto estrago fez como he sabido,  
Aquelle que em si valor e honra encerra.  
A *Dom Alvaro de Crasto* vi metido  
No meio de um grão golpho procelloso  
Pera ser d'elle *Diu* socorrida;  
Mil vezes alagado de um furioso  
Embravecido vento atraz tornava  
Da ventura amostrando-se queixoso,  
Vi que as soberbas ondas constratava  
Lutando ali com ellas as vencia,  
E em *Diu* quasi só desembarcava.  
*Lourenço Pires* vi cuja valia  
Os *Tavoras* antigos illustrava,  
E a insigue prosapia enobrecia.  
Aos fortes sarracenos assombrava  
O esforço e conselho tão prudente  
D'este heroe valeroso que alcançava.  
De *Helicon e Parnaso* juntamente  
Segredos milagrosos e escondidos  
Pela mór parte são á mais da gente;  
Na guerra casos mil encarecidos  
Lhe concedeu *Bellona*, e em *Sciencia*  
Minerva o assentou entre escolhidos.

Vi Dom Pedro d'Almeida em competencia  
Pelejando imitar os mais ousados  
Fazendo aos mouros grande resistencia.  
Não tendo ainda então bem acabados  
Dezoito annos no assalto tão violento  
Os annos tenros bem afortunados.  
Mostrava-me tambem o pensamento  
A *Bastião de Sá* muito ferido  
Em honra só fazendo fundamento.  
Mostrava-se ousado e atrevido,  
Mostrava o grão valor de sangue puro  
Enobrecia o seu nobre apellido.  
Com esforço, com animo seguro  
Dissimulando a dor acerba e fera  
Defendia o aberto e roto muro.  
Este e outros mil feitos que fizera  
Durando aquel' duro Cerquo mereciam  
Que este meu Livro só d'elle escrevera.  
As cousas sinaladas que faziam  
Aquelles dous valentes cavalleiros  
Que aos Romanos antigos precediam;  
Estes dous eram sempre dos primeiros  
Que a vida pela honra aventurando  
Se arriscaram a perigos verdadeiros.  
Dom Jorge um d'elles he que pelejando  
Mostra aver sempre n'elle alta bondade  
Muitos e grandes feitos acabando.  
N'este Livro verás a calidade  
D'este gentil mancebo a valentia  
Destruindo Barache em tal idade.  
O outro que com este apparecia  
*Antonio Moniz* era, que bradava  
Ah não deixeis tal obra assi tão fria.  
Grandes cousas notaveis d'elle achava,  
Dignas de se escreverem em pedra dura,  
E a este a India mil louvores dava.

Divido e justo é que na futura .  
Edade se apressem, não ficando  
O que um tal homem fez em sombra escura.  
Vi que vinha rompendo e assombrando  
Um conflicto naval, e transparente  
Remedio onde Neptuno tem seu mando;  
Vi bem armada, e destra e forte gente  
Em fustas, galeões, galés ligeiras  
E vi um Capitão n'ellas potente.  
Dobrando os remos abrem mil carreiras  
Pelo mar alterado e turbulento  
Com ricos estandartes e bandeiras.  
Levam velas inchadas com bom vento,  
De branca, espessa espuma rodeados  
Em numero eram dez, menos de cento.  
Todos com grossos tiros vão armados  
Passando umas por outras á porfia  
Com mil gritos nos ares levantados.  
O Viso Rei aqui me apparecia  
Desejando já ver-se dentro em Dio  
Onde grande victoria pretendia.  
Onde aquelle soberbo rei gentio  
Perdeu capitães grandes, perdeu gentes,  
Perdeu artelharia e senhorio.  
Tudo isto o pensamento ali presente  
Continuo me trazia estimulando  
Ao meu espirito seu fervor impaciente.  
Que estas imagens todas vinham dando  
Gritos me parecia, que se queixavam  
De mi porque me ia descuidando.  
A honra e fama da patria apresentavam,  
Venceram-me com isto, e não sabiam,  
Que escolhendo-me a mi não acertavam.  
Trabalhei por fazer o que pediam,  
Em fraco estylo, rudo, escurecido,  
Mas assi n'elle vae o que queriam.

A ti, que no mais alto estás subido,  
 Do Parnaso, e das Musas tens mais partes  
 E de todos és tão favorecido,  
 A ti, que tal prudencia, engenho e arte  
 Animo valeroso e esforçado  
 Ambos Deoses te dão Apollo e Marte;  
 Peço com diligencia e com cuidado  
 Queiras ver este Livro que escrevi,  
 Que a mi tanto trabalho tem custado;  
 E peço-te que emendes o que aí  
 Desnecessario fôr e mal polido,  
 E sabendo-se que o viste, e já de ti  
 Vem, será de todos recebido. (1)

D. PEDRO OUVI A NOVA DO ASSASSINATO DE INEZ  
 DE CASTRO

186

MESSAGEIRO:

Oh, triste nova, triste mensageiro  
 Tens ante ti, senhor.

IFFANTE:

Que novas trazes?

MESS:

Novas crueis! cruel sou contra ti,  
 Pois me atrevi trazel-as. Mas primeiro  
 Soccega teu sprito, e n'elle finge  
 A mór desaventura, que te agora  
 Podia acontecer; que gram remedio  
 E' ter o sprito armado á má fortuna.  
 Tens-me suspenso. Conta; que accreentas  
 O mal com a tardança.

IFF:

MESS:

E' morta Dona Inez, que tanto amavas.  
 Oh Deos, oh céos! que contas? que me dizes?  
 De morte tão cruel, que é nova magoa  
 Contar-t'a; não me atrevo.

IFF:

MESS:

(1) Canc. de Luiz Franco, fl. 55 a 69 x.

E' morta?

Si.

IFF: Quem m'a matou?

MESS: Teu pay, com gente armada,  
 Foy hoje salteal-a. A innocente  
 Que tão segura estava, não fugiu;  
 Não lhe valeu o amor com que te amava;  
 Não teus filhos com quem se defendia;  
 Não aquella innocencia e piadade  
 Com que pediu perdão aos pés lançada  
 D'el-rei, teu pay, que teve tanta força  
 Que lh'o deu já chorando. Mas aquelles  
 Cruéis ministros seus e Conselheiros  
 Contr'aquelle perdão tão merecido  
 Arrancando as espadas se vão a ella  
 Traspassando-lhe os peitos cruelmente.  
 Abraçada cos filhos a mataram,  
 Que inda ficaram tintos do seu sangue.  
 IFF: Que direy? que farey? que clamarey?  
 Oh fortuna! oh crueza! oh mal tamanho!  
 Oh minha D. Inez! oh alma minha  
 Morta m'és tu? morte houve tão ousada  
 Que contra ti pudesse? Ouço-o e vivo?  
 Eu vivo e tu és morta? Oh morte crua,  
 Morte cega, matas-te minha vida,  
 E não me vejo morto? abra-se a terra,  
 Sorva-me n'um momento; rompa-se alma  
 Aparte-se de um corpo tão pezado  
 Que m'a detem por força.  
 Ah minha D. Inez, ah, ah, minha alma!

MESS: Senhor, pera chorar fica assaz tempo;  
 Mas lagrimas que fazem contra a morte?  
 IFF: Vae vêr aquelle corpo; vae fazer-lhe  
 As honras que lhe deves.

Tristes honras!

Outras honras, senhora, te guardava  
 Outras se te deviam. Oh triste, triste!  
 Enganado, nascido em cruel signo,  
 Quem m'enganou? ah cego, que não cria  
 Aquellas ameaças! mas quem crêra  
 Que tal podia ser?  
 Como poderei vêr aquelles olhos  
 Cerrados para sempre? como aquelles  
 Cabellos, já não de ouro, mas de sangue?  
 Aquellas mãos tão frias e tão negras,  
 Que antes via tão alvas e fermosas?  
 Aquelles brancos peitos traspassados  
 De golpes tão crucis? aquelle corpo  
 Que tantas vezes tive nos meus braços  
 Vivo, e fermoso, como morto agora,  
 E frio o posso vêr.

Já me não amas? já não te hei-de vêr?  
 Já te não posso achar em toda a terra?  
 Chorem meu mal commigo quantos me ouvem.  
 Chorem as pedras duras, pois nos homens  
 Se achou tanta crueza. . . . .

Eu te matei senhora, eu te matei.  
 Com morte te paguei o meu amor.  
 Mas eu me matarey mais cruelmente  
 Do que te a ti mataram se não vingo  
 Com novas crueldades tua morte.  
 Par'isto me dê Deos sómente vida.  
 Abra eu com minhas mãos aquelles peitos;  
 Arranque d'elles uns corações feros  
 Que tal crueza ousaram: entam acabe.



SECÇÃO 3.<sup>a</sup>

**ESCHOLA DA MEDIDA VELHA**

- I** GENERO EPICO: a) *Tradicional*. 187. Romance historico. b) *Litterario*. 188. Romance subjectivo.
- II** GENERO LYRICO: *Litterario*. 189. Endechas—190. Cantiga glosada—191. Romance lyrico—192. Carta—193. Trovas allegoricas.
- III** GENERO DRAMATICO: *Litterario*. 194. Dialogo.

## ROMANCE DA BATALHA DE LEPANTO

(VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

187 Sua alteza, a quem Deos guarde,  
Aviso mandou ao mar,  
Que se apparelhasse o Conde  
Para uma manhã largar.  
O Conde se apparelhou  
De uma maneira tão bella!  
Pela meia noute em ponto  
Atirou peça de leva.  
As lagrimas eram tantas  
Em riba d'aquelle caes;  
Choram as mães pelos filhos  
Que vão para nunca mais.  
Chegando a dita Náo,  
Ouviram grandes terrores,  
Eram mestre e contra-mestre  
Amostrando os seus valores.  
Oh que rico Commandante  
Leva esta real fragata,  
Tocando novos apitos  
Encastoados em prata;  
Oh que rico Commandante  
Leva este real thezouro;  
Tocando novos apitos  
Encastoados em ouro.

Caminhava Dom João  
Na sua viagem seguida;  
Era meio dia em ponto  
Mandou gageiro acima.  
O gageiro subiu logo  
Para vêr que descobria,

O gageiro lá de cima  
Em altas vozes dizia:

«Safa, safa Dom João,  
Safa a tua artilheria,  
Que aqui vem tamanha Armada  
Que o sol e a lua encobria.

Dentro da mesma Armada  
Um renegado vinha;  
Empenhando as suas barbas,  
Dom João lh'o pagaria!  
Dom João que tal ouvira  
De tristeza se cobria;  
Pega em Jesus nos seus braços,  
De pôpa á prôa corria:

—Sondes neto de Sant'Anna,  
Filho da Virgem Maria;  
Não permittaes vós, Senhor,  
De eu acabar em Turquia!  
Não permittaes que os Mouros  
Se encham de phantazia.  
Não quaeiraes que os vossos filhos  
Se encham de covardia.

Chegou a Armada uma á outra  
Em pino do meio dia;  
A fumaria era tanta  
Nem uns, nem outros se viam.  
Bala que Dom João botava  
Era de ferro, rendia;  
Bala que elles deitavam  
Tornava-se em mosquetaria.  
A sangreira era tanta  
Que p'los embornaes corria.

Era tanta a gente morta,  
 Os navios empeçariam.  
 De setecentos e outenta  
 Só uma galera havia;  
 Com os seus mastros quebrados  
 O seu gorupés rendido.  
 Com a bandeira de rastos  
 P'ra desprezo da Turquia.  
 Chegando á sua terra  
 Ancoram em francaria;  
 O rei seu que o ouvira,  
 Pergunta que succedia?

«Foi o Dom João da Armada,  
 Que a todos meteu a pique.

O rei lhe respondeu:

—«Não se me dá d'os navios,  
 Eu outros melhores faria;  
 Dá-se-me da minha gente,  
 Que era a flor da Turquia.  
 Quem venceu esta batalha,  
 Que era de tanta valia?  
 «Foi o Dom João da Armada  
 Que era o rei da valentia.

*Cantos populares do Archipelago aço-  
 riano, n.º 46.*

## ROMANCE SUBJECTIVO

188

Cobertas de espessa nevoa  
 As claras aguas do Tejo,  
 A' força do remo duro  
 Abriam caminho estreito.

Por divertir um cuidado  
Ajudava aos marinheiros,  
Revesando-me ao trabalho,  
Como se não fora isento.  
Mas como sempre acha um triste  
O mal no mesmo remedio,  
A cada pancada na agua  
Me soavam n'alma cento.  
Mas tinha esta differença  
Que feria n'agua o remo,  
E á pancada do cuidado  
Brotavam as aguas de dentro.  
— Ai duro remo, dizia,  
Meu alivio e refrigerio,  
Acho-te já tam pesado  
Que não posso com teu peso.  
Mas este trabalho teu  
E' descanso e passatempo,  
Que quando quero deixar-te  
Sem me forcarem te deixo.  
Mas este cuidado meu  
Que tanto me traz sujeito,  
Como o largarei das mãos  
Pois que dentro d'alma o tenho;  
E é cuidado de tal sorte  
Que me aferrolha ao tormento,  
E se remo em leve barco  
Me faz da galé remeiro,  
E se algum pouco surdiria  
Animara o soffrimento,  
Mas remando noite e dia  
Acabo d'onde começo.  
Em tudo te acho mais brando,  
Que este cuidado que levo;  
Levas-me pela agua abaixo,  
N'alma contra agua navego.

Mas aí que canso, e largar-te  
Quero, triste companheiro,  
Que se este outro me persegue  
E' porque lhe fujo a remo.  
N'isto a nevoa se desfaz,  
Salta o rio, fica o vento,  
Colhem remos, largam vela,  
E correm com novo tempo.

*Variante:*

Anda na mór calma o mundo,  
De espessa nevoa cuberto;  
E quando se abre caminho  
Abre-se caminho estreito.  
Traz um cuidado após outro,  
Todos sômos marinheiros;  
Que nenhum dos que navegam  
Está do trabalho isempto.  
Traz nós confusos e tristes  
Os males não tem remedio,  
E quando um remedio vem  
Vem remedio para cento.  
Inda que haja differença  
A cada qual dá seu remo;  
A uns dá fóra a pancada,  
A outros a pancada dentro.  
Transtorna muda e varia  
'Num momento o refrigerio;  
A balança agora leve  
Já vae abaixo com o pezo.  
E tão cego, mudo estou  
Com um só falso passatempo,  
Que vendo que é bem deixar-te  
Não sei como te não deixo.  
Tão mal me tens costumado,

Tanto me fazes sujeito,  
 Que para fugir de ti  
 Nem modo, nem forças tenho;  
 Que se suspeitas que fujo,  
 Metes-me logo a tormento,  
 Guardas-me aferrolhado  
 Como de galé remeiro.  
 Com um véo me cobres os olhos  
 Porque anime o soffrimento,  
 E trazes-me em roda viva  
 Que acabo donde começo.  
 Como um Sisyphe me trataas,  
 Nem menos trabalho levo,  
 E se vou pela agua abaixo  
 Logo contra agua navego,  
 Mostras-me á vista o prazer,  
 Dás-me o mal por companheiro,  
 E do porto do meu bem  
 Me mandas fugir a remo.  
 Se esta nevoa se desfaz,  
 E do céo me sópra o vento,  
 Largarei remos e vela,  
 E correrá novo tempo.

Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco,  
*Disc. sobre a Vida de Santa Isabel e outras va-  
 rias Rimas*, p. 135 e 136. Ed. 1597.

ENDECHAS A UMA CATIVA, COM QUEM ANDAVA  
 DE AMORES NA INDIA, CHAMADA BARBORA

189

Aquella cativa,  
 Que me tem cativo,  
 Porque n'ella vivo  
 Já não quer que viva.  
 Eu nunca ví rosa  
 Em suaves molhos,

Que para meus olhos  
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,  
Nem no céo estrellas  
Me parecem bellas  
Como os meus amores:  
Rosto singular,  
Olhos socegados,  
Pretos e cansados,  
Mas não de matar.

Uma graça viva  
Que n'elles lhe mora,  
Para ser senhora  
De quem é cativa.  
Pretos os cabellos,  
Onde o povo vão  
Perde opinião,  
Que os louros são bellos.

Pretidão de Amor,  
Tão doce a figura,  
Que a neve lhe jura  
Que trocara a côr.  
Leda mansidão,  
Que o siso acompanha  
Bem parece extranha,  
Mas barbara não.

Presença serena,  
Que a tormenta amansa;  
Nella emfim descansa  
Toda minha pena.  
Esta he a cativa  
Que me tem cativo;  
E pois n'ella vivo  
E' força que viva.



## CANTIGA ALHEIA

190

Na fonte está Leonor  
Lavando a talha e chorando,  
A's amigas perguntando:  
Vistes lá o meu amor?

*Voltas*

Posto o pensamento n'elle,  
Porque a tudo o Amor obriga,  
Cantava, mas a cantiga  
Eram suspiros por elle.  
N'isto estava Leonor  
O seu desejo enganando,  
A's amigas perguntando:  
Vistes lá o meu amor?

O rosto sobre uma mão,  
Os olhos no chão pregados,  
Que de chorar já cansados  
Algun descanso lhe dão;  
D'esta sorte Leonor  
Suspende de quando em quando  
Sua dor; e em si tornando,  
Mais pezada sente a dor.

Não deita dos olhos agua  
Que não quer que a dor se abrande  
Amor, porque em magua grande  
Secca as lagrimas a mágoa.  
Despois que do seu amor  
Soube novas perguntando,  
De improviso a vi chorando.  
Olhae que extremos de dor.

## ROMANCE LYRICO

191

Onde acharei soffrimento  
 pera vida tão penada?  
 Não me deixa meu tormento  
 com a dor desesperada;  
 tem-me feito tanto dano,  
 que me tem a alma chagada;  
 no meio do coração  
 tristeza apousentada;  
 não lhe posso fogir, nam,  
 que commigo vay pegada;  
 tem-me as potencias somadas,  
 que me não servem de nada;  
 nenhuma cousa de gosto  
 em mim pode ter entrada;  
 se alguma hora prazer vejo  
 faz-me ser mais enojada;  
 mil gritos dam meus sentidos  
 quando eu estou calada.

D. Joanna da Gama, *Ditos da Freira*, p. 101.

## CARTA

QUE SE ACHOU ENTRE OS PAPEIS DE JORGE FERREIRA  
 DE VASCONCELLOS

192

Quem sem remedio padece,  
 O remedio é soffrimento,  
 E este vence o tormento  
 Que ora assi ora assi crece.  
 Onde a sem rasão florece  
 A rasão fica sem flor,  
 Triste de quem tem a dor,  
 Que lhe negam, se merece.

Quem fez emprego da vida  
 E não segurou ventura,  
 Por tempo a magoa segura  
 Com esperança perdida;  
 Justiça não é ouvida,  
 O clamor é no deserto,  
 E o remedio mais certo  
 E' ter na morte a guarida.

Mais se queixa o mais culpado,  
 Geme entre si o innocente,  
 E dá mui pouco e contente  
 Por quem vive magoado:  
 Tudo o que foi já estinado  
 Perdeu n'este tempo o preço,  
 A quem entendo aborreço,  
 Se engano, sou enganado, etc.

Ap. *Aulegraphia*, fl. 178. (São 43 estrophes.)

## TROVAS DO MOLEYRO

NOVAMENTE FEITAS POR TREZ AUTHORES MUITO GRAVES,  
 EM QUE SE CONTAM  
 CANSEIRAS E TRABALHOS, QUE PASSOU COM SEU QUERIDO  
 PELOTE:

193

Já furtaram ao Moleyro  
 seu pelote domingueiro.

Se a quantos zombam furtassem  
 a cada um seu pelote,  
 seguro que não zombassem  
 como se zomba de cote;  
 Vêr-se o Moleyro enchiote,  
 vede se terá marteyro  
 de se ver sem domingueiro.

Já não he quem ser soia,  
já não tem contentamento;  
sente tanto o seu tormento,  
que não quer mais alegria:  
ninguem faça zombaria  
pois é certo que ao Moleyro  
furtaram o domingueiro.

Marcos Fernandes sapateiro  
natural do Monte-Mór,  
morador no Limoeiro  
fez este ao seu amor,  
por manifestar a dor  
que tinha este Moleyro  
do pelote domingueiro.

Bem sei que se fazem trovas  
a este nobre Moleyro,  
mas ninguem lhe dá dinheiro  
para umas botas novas;  
folgavam algumas cachopas  
quando viam o moleyro  
com pelote domingueiro.

Furtaram-lhe um pelote  
que chegou a trez tostões  
já não falo nos botões,  
que eram de pano mui forte;  
um debrum de chamalote  
tinha um quarto dianteiro  
o pelote domingueiro.

Andava já tão ufano  
com o pelote azul ferrete,  
que trez vezes só no anno  
o vestia com barrete;

pregava-lhe um alfinete  
n'esse quarto dianteiro  
do pelote domingueiro.

Guarnece-o de maquias  
que ganhava no moinho;  
e deixou de beber vinho  
um anno e mais trez dias;  
levou muitas noutes frias  
por ganhar este dinheiro  
do pelote domingueiro.

Duas moças namorava  
e ambas eram formosas,  
senam que as fez golosas,  
com os mimos que lhe dava.  
Vinham cada madrugada  
preguntar pelo Moleyro  
do pelote domingueiro.

Folguei de as ver andar  
um domingo que faltou,  
a nenhum visinho ficou  
que não fosse perguntar.  
Nunca poderam achar  
nova alguma do Moleyro  
do pelote domingueiro

Uma ataca encarnada  
levava na dianteira,  
que lhe deu uma padeira  
que chamavam Branca Honrada;  
sempre lhe dava arvorada,  
d'esta se présa o Moleyro  
do pelote domingueiro.

Os lenços que ella trazia  
apertados na cabeça  
mandou-lh'os com grande pressa  
esta dama que servia;  
tomava muita alegria,  
quando via o seu Moleyro  
com o pelote domingueiro.

D'este trigo do Alemtejo  
duas vezes maquiava,  
todo o mundo se queixava,  
de ratinho tam sobejo;  
tinha mui grande desejo  
de juntar tanto dinheiro  
pera outro domingueiro.

Pois vêl-o tomar amores,  
com a filha de seu amo,  
mas passou-se mais de um anno  
que lhe não mostrou favores;  
soffria infinitas dores  
até que juntou dinheiro  
para um rico domingueiro.

Cada festa se vestia  
um pelote de mil côres,  
até que alcançou favores  
com cousas que lhe offerecia.  
Continuamente dizia  
que ajuntava dinheiro  
para outro domingueiro.

Mui galante á maravilha,  
era gentil namorado,  
com pelote debruado  
se foi morar a Sevilha;

de lá trouxe uma mantilha  
pera a filha do Moleyro,  
e para si um domingueiro.

*Outras por ANTONIO LEITÃO:*

Já furtaram o pelote  
com que todos assombrava,  
e as damas namorava  
mostrando-se Lançarote;  
nem de festa, nem de cote  
já não terá o Moleyro  
tal pelote domingueiro.

No descuido tão sobejo  
já não deve ser culpado,  
pois o seu grande desejo  
o traz tão embaraçado;  
andava tão transportado  
o mofino do Moleyro  
que perdeu o domingueiro.

Entre si o vi fallar  
o que dizia não sei,  
samente o que lhe notei  
foi no muito suspirar;  
quasi que o vi chorar  
queixando-se ao companheiro  
já não tenho domingueiro.

Dizia mui magoado  
já não sinto o que perdi;  
mas sinto vêres-me assi  
andar tam farrapado.

Nam quero ser namorado  
dizia o triste Moleyro  
pois perdi tal domingueiro.

A dor d'aqueste mesquinho  
a muitos nos magoava;  
e a elle lhe causava  
a senhora do moinho;  
nam lhe dava do visinho  
nem mesmo do companheiro  
com perda do domingueiro.

Muitos dizem que frisado  
era o querido pelote;  
mas para tam nomeado  
era de mui baixa sorte;  
eu creio que outro mal forte  
foi o d'aquelle Moleyro  
e não só do domingueiro.

Moleyro d'esta feição  
não se vê em toda a parte,  
porque sua opinião  
traz consigo amor que farte.  
Moleyro que é de tal arte  
não lhe faltará dinheiro  
para outro domingueiro.

A perda não é de sorte  
que seja tão nomeada;  
que elle não se lhe dá nada  
da perda do seu pelote;  
o mal que tem é tão forte  
que não sente o dinheiro  
que custou o domingueiro.



Já o pelote frisado  
que comprou no pelourinho,  
já apanhou seu caminho  
não sendo meio usado;  
de catasol debuxado  
olhay se terá marteyro  
vendo-se sem domingueiro.

Este pelote frisado  
era de tão fino pano,  
que lhe durou mais de um anno  
e o comprou já usado;  
andava tão entonado  
que parecia escudeiro  
quando punha o domingueiro.

Tinha em a dianteira  
quinze ou vinte botões;  
tamanhos como tostões  
ou como farteis da Beira;  
namorava uma padeira,  
dizia-lhe: tem dinheiro  
quem merca tal domingueiro.

Tinha dois ilhós de linhas  
pespontados no colar;  
e por mais graça lhe dar  
pela cintura bainhas;  
gostava quando as visinhas  
diziam: Com bem, Moleyro,  
rompeis esse domingueiro.

Quando lhe assim falava,  
de recacho respondia,  
tinha tanta fantezia  
que a todos enfadava;

tam de ligeiro passeava  
que luvas e o sombreiro  
tinha com o domingueiro.

Huma moça namorava  
e esta vendia pão;  
soltava tanto o galão,  
que o pelote lhe mostrava;  
fingia que o limpava,  
por que vissem que o Moleyro  
vestisse tal domingueiro.

Outros dizem não ser tal  
como se sôa o pelote,  
dizem que para decote  
servia já muito mal;  
porem com seu bem ou mal  
o quizera o Moleyro,  
pois ficou sem domingueiro.

Repara qual ficaria  
vendo o pelote furtado;  
o meu pelote frisado  
então com isso grunhia;  
e se outra cousa dizia  
sempre acabava o Moleyro:  
Já não tenho domingueiro.

Não é justo que folguemos  
sabendo que lhe levaram  
um pelote, ou lhe furtaram  
e dar-lhe outro não podemos.  
E' mui bem que faça extremos  
o coytado do Moleyro  
pois perdeu o domingueiro.

*Outro por* LUIS BROCHADO:

Depois de já ver furtado  
pelote de tal valia,  
o Moleyro se carpia,  
como se traz por ditado:  
andava desesperado  
buscando o ladrão arteyro  
que furtou o domingueiro.

Por enculcas perguntava  
se lh'o vira algum furtar  
e n'isto veiu a topar  
quem lhe certas novas dava;  
já lhe disseram que estava  
*entre o cisco de um palheiro*  
seu pelote domingueiro.

Foi-se á Praça da Palha,  
cuidando ser isto assim;  
mas não pode achar ali;  
quem lhe socorra nem valha;  
foi tudo mentira e falha,  
tornou como malhadeyro  
sem achar o domingueiro.

Des que se viu tão corrido  
tomou isto mais a peito;  
dizendo: Per força ou geito  
ei-de topar meu vestido;  
foi-se á feira escondido,  
olhando mui sorrateiro  
se via o domingueiro.

Nem cessa de roçar  
as aljabeas honradas,  
que estavam bem descuidadas  
do que podia buscar;  
mas elle sem buquejar  
trazia o olho rasteiro  
buscando seu domingueiro.

Descobrimdo e revolvendo  
fingia ser comprador;  
dava voltas de redor  
as tendas todas correndo;  
andava preços fazendo,  
mas o seu fim verdadeiro  
era achar o domingueiro.

Entre si mui affligido  
se chamava mui mofino,  
pois seu pelote tam fino  
devia estar escondido;  
temia ser já vendido  
do aljabebe ou roupeiro  
seu pelote domingueiro.

Quando seus olhos alçava  
e tantos vestidos via,  
mui depressa arremetia  
cuidando que já achava;  
em a cor se lhe antejava,  
ser de flor de pecegueiro  
que tinha o seu domingueiro.

O ratinho não curando  
de ouvir nenhuma razão  
apertou rijo a mão,  
seu pelote arrecadando;

o algibebe puxando,  
por lhe custar seu dinheiro  
fez rasgar o domingueiro.

Ficou todo esfarrapado  
pela manga e cabeçaõ,  
seu quarto cada um na mão  
por muitas partes rasgado;  
o Moleyro espantado  
do amo e mais do obreiro  
por amor do domingueiro.

Gritava: A que del-rei,  
mas não lhe aproveitou nada,  
por ser muita a bofetada  
dos d'aquelle officio e ley.  
Ajuntou-se uma grey  
de gente com um quadrilheiro  
para ver o domingueiro.

Tomou logo testemunhas  
do furto do seu pelote;  
mas foi-lhe mal n'esta sorte  
pelo não levar nas unhas;  
fez duzentas caramunhas  
por ir chamar um porteyro  
para haver seu domingueiro.

Vendo-se em tanto aperto  
o algibebe manhoso,  
viu ser-lhe mais proveitoso  
fazer n'isto algum concerto;  
prometteu de lhe dar certo  
um tostão todo inteiro  
e tornar-lhe o domingueiro.

O Moleyro que queria  
senão seguir a demanda,  
porque quem em males anda  
a esse negocio perfia,  
allegava que valia  
seu pelote um gram carneyro,  
por que era o seu domingueiro.

Por encurtarmos razões  
de muitas que aqui passaram,  
rogadores concertaram  
tornar-lhe cinco tostões,  
e pelote de girões  
foi tornado ao Moleyro,  
pois era seu domingueiro.

*Outras, por* JOÃO DE COUTO:

Tanto que se acabaram  
as suas tribulações  
comprou um por trez tostões  
dos cinco que lhe pagaram;  
e dos dois que lhe ficaram,  
foi-se comprar um sombreiro,  
para com o domingueiro.

Depois de estar já vestido  
se foi presto acolhendo,  
e muitas cousas dizendo  
do trabalho recebido;  
mas já levava o sentido  
mui alegre e presenteiro  
porque achou o domingueiro.

Tinha muyta affeição  
e não só pela valia  
senão porque lhe vestia  
muito justo o seu cortão;  
nos bocaes e cabeção  
gastou somente o Moleyro  
trez vintens no domingueiro.

Na rua onde morava  
fez muitas grandes folias,  
e gastou muitas maquias  
em bolos que a todos dava;  
a gente toda pasmava,  
de ver como o Moleyro  
festejava o domingueiro.

Mandou fazer mais de mil  
iguarias de farinha,  
e com soma de sardinha  
fez uma festa gentil;  
este tangendo o rabil  
e sua dama um pandeiro  
festejando o domingueiro,

Ambos juntos de chacota  
mil vilancetes cantando,  
de gente mui grande frota  
vestido á marquesota,  
saiu bailando ao terreiro  
festejando o domingueiro.

Muitas visinhas chegavam  
perguntando como estava,  
e elle a todos dava  
rasão do que perguntavam;

as profaças que lhe davam  
eram: embora Moleyro  
vos seja o domingueiro.

Entonces com estas graças  
mandava que se sentassem  
e que logo os convidassem  
pois lhe diziam profaças;  
todos bebiam por taças  
de casca de soveiro  
á honra do domingueiro.

Vinham mil vilões de cote,  
de cinco legoas a vel-o;  
alhos traziam no capello,  
outros na aba do chiote;  
enfim, que com o pelote  
ganhou o bom do Moleiro  
tres tantos do domingueiro

B. do Porto, Misc. (N-8-74.)

## PRATICA DE OUTO FIGURAS

194

- GAMA: Alguma nova dess'eu  
que ouvis lá do *Emperador*?
- LOPO: Dizem, hontem ó embaixador  
que era chegado um corrêo.
- GAMA: Contae-me d'isso, senhor.
- LOPO: Do que ouvi vos contarei;  
dizem que veo a el-rei  
uma carta, eu não na vi,  
que ficava em Valhadoli,  
s'assi é eu não no sei;



e dizem cá por sob capa  
que vem elle descontente.

GAMA:

Todavia perdeu gente  
Senhor, como homem escapa  
todo ess'outro nem se sente;

LOPO:

e mais o *emperador*  
*he muito grande senhor*  
*nenhuma perda o espanta;*  
fará gente outra tanta  
e retanta e remilhor.

GAMA:

Foi um caso mui terrivel  
ir em bocca de invernada.

LOPO:

Isso não releva nada  
pera Deos tudo é possível.  
Elle é muito bem inclinado,  
amigo de Deos, e então,  
tem vencimento na mão.

GAMA:

Deos accrecente o estado  
da christã religião.

LOPO:

Esta ida de Almeyrim  
se é certa, se não é certa.  
A certeza anda encuberta  
certo pezar-mi-ha a mim.  
Mais el-rei nosso senhor  
em que queira não pode ir.

GAMA:

Isso quero eu ouvir.

LOPO:

Não lhe dou eu outra côr  
que á que vos podeis sentir.

GAMA:

O que eu sinto vos direi  
bacarote, ha casamento.

LOPO:

Senhor, senhor, são ventos  
ou da vontade del-rei.

GAMA:

Alem vejo q~~ue~~ arrefece.

LOPO:

Tudo agora está em paz,

GAMA:

Isso é que me apraz.

O Xerife?

- LOPO: Não parece,  
dizem que em Marrocos jaz.
- GAMA: Senhor, como nos accodes  
á maior tribulaçam.
- LOPO: Sabeis já de Mazagam,  
que é outro segundo Rhodes.
- GAMA: Tendes infinda rezão  
a fortaleza  
está sobre penedia  
que não pode ser minada.
- LOPO: Dizem-me que está cercada.
- GAMA: Si; da banda da enxovia,  
que do mar não he feito nada.
- LOPO: Porem tudo hade ter fim,  
não ha quem viva quieto;  
ho melhor é ser discreto  
e assentae que passa assi.

Chiado, *Pratica de oito Figuras*, fl. 34. (1539?)

---

QUARTA EPOCA

ESCHOLA SEISCENTISTA

(SECULO XVII)

---

**I** GENERO EPICO: a) *Tradicional*: 195. Romance sacro—196. Romance de assimilação litteraria.

**II** GENERO LYRICO: a) *Tradicional*: 197. Chacara. b) *Litterario*: 198. Trovas—199—203. Sonetos—204. Canção—205. Vilancico—206—207. Cantigas trovadas—208—211. Fabulas.

**III** GENERO DRAMATICO: *Litterario*: 212. Scena da farça *Fidalgo Aprendiz*.

## ROMANCE DE S. ANTONIO E A PRINCEZA

(VERSÃO DA ILHA DE S. JORGE)

195

Era elrei de Leão  
Casado com uma princeza  
Devota de Portugal  
De Santo Antonio varão;  
Tinha uma só rainha,  
Uma filha já mulher,  
Ella só lhe convem  
Pelo muito que lhe quer;  
Trez dias chegou a estar  
Morta para se enterrar.  
O rei mais e mais a côrte  
Para a sepultura se ajuntam;  
A mãe em continuo pranto,  
Com grande fé no seu Santo  
Que lh'a hade ressuscitar,  
Ergueu seu rosto choroso  
Ao céo com fé verdadeira:

«Vós que sois universal  
Dos milagres que fazeis,  
Dae-me a minha filha viva,  
A verdade a não negueis.

Ainda não tinha feito  
Sua oração santa,  
O Santo lhe poz a mão,  
A moça se alevanta.  
Aggravada, offendida  
Contra a mãe responderia:

—Deos vol-o perdoe, senhora,  
D'entre as virgens me tirastes,

Do côro celeste, santo  
 Onde eu estava agora;  
 Trez dias trago dispensa  
 Para estar em vossa presença  
 E tornar a subir a gloria.

Oh que ditoso recado  
 Traz a ditosa menina,  
 E' o tempo acabado  
 D'ir pr'a pratica divina.

*Cantos do Archipelago, n.º 72.*

## ROMANCE DE ASSIMILAÇÃO LITTERARIA

196

Estava el-rei de Leão.  
 Casado com uma princeza  
 De portugueza nação,  
 Devota, por portugueza,  
 De Antonio Santo varão.

Tinha morta esta rainha  
 Uma filha já mulher;  
 A qual não póde soffrer  
 Que enterrem, como convinha,  
 Pelo muito que lhe quer.

El-rei e toda a mais côrte  
 Para a sepultura se ajunta;  
 Mas era o amor tão forte,  
 Que, tendo a filha defunta,  
 Não crê a rainha a morte.

Trez dias chegou a estar  
 A mãe em conção pranto  
 E a filha sem sepultar,  
 Com grande fé no seu Santo  
 Que lhe hade ressuscitar.

Erguendo o rosto choroso  
 Ao céo com fé verdadeira  
 Ao seu Santo glorioso  
 Tão santo e tão poderoso  
 Orava d'esta maneira:

«Já que sois universal  
 Nos milagres que fazeis,  
 Por todo o mundo em geral,  
 O remedio não negueis  
 A està vossa natural.

E se é justo que sintaes  
 Esta ausencia tão esquiva,  
 Porque a vida lhe negaes,  
 Dae-me minha filha viva,  
 Pois tantos ressuscitaes.»

Inda a rainha não tinha  
 Dita sua oração santa,  
 Quando Deos ouve a rainha,  
 E Antonio põe a mésinha  
 Com que a moça se levanta.

Porem a Infanta amada  
 Que tornou cá a esta vida  
 Lá da angelica morada,  
 Arrojada e offendida  
 Contra a mãe responde irada:

—Perdoe-vos Deos, senhora,  
 Que me tirastes dos céos,  
 Aonde eu estava agora,  
 Porque Santo Antonio fôra  
 O que isto pedira a Deos.

E Deos, como o ama tanto,  
 Porque tanto a Deos amou,  
 Por applicar vosso pranto,

D'entre as virgens me tirou  
Do côro celeste santo.

Porem a bondade immensa  
Que tudo move e governa,  
Quinze dias só dispensa  
Que esteja em vossa presença  
E que torne á vida eterna.—

Como o divino recado  
Deu a ditosa menina  
Do que Deos tinha ordenado,  
Sendo este tempo acabado  
Subiu á patria divina.

Francisco Lopes, *Santo Antonio de Lisboa*, Milag. XXXVI.

## XACARA DA FREIRA ARREPENDIDA

(VERSÃO DA BEIRA BAIXA)

197

Não sei para que nasci  
De tão bello parecer,  
Formosa e gentil mulher,  
E tão bonita.

Meteram-me a capuchinha  
Cá n'este pobre mosteiro  
Onde pago por inteiro  
Meus peccados.

Nunca me faltam enfados  
Em cuidar em tal clausura,  
Pois se me faz noite escura  
Ao meio dia.

Nunca terei alegria  
Nem no mundo a pôde haver,

Em cuidar que heide comer  
Em refeitório.

Lá junto ao dormitório  
Onde dormem as mais madres,  
Suspiram por seculares  
Cá entre nós.

Em vêr que durmimos sós  
Me causa grande agonia,  
Pois lá pela noite fria  
Já me alevanto.

Agora faço o meu pranto,  
Já me desvaneço em choro,  
Em cuidar que heide ir ao côro  
Rezar matinas.

Rezando as horas divinas  
Lá por esses corredores,  
Me lembram os meus amores  
Por quem morro.

Toda a minha cella corro,  
Indo-me vêr ao espelho;  
Meu rosto já vejo velho  
Sem que eu queira.

E a Abbadeça ligeira,  
Como malvada leôa,  
Manda que tanjam á nôa  
E a disciplina.

Triste, coitada, mofina,  
Que estás metida entre redes,  
Entre tão fortes paredes,  
Em casa escura.

A meu pae torno a culpa,  
E a meus irmãos também,  
Podendo casar-me bem  
Me desterraram.

A meu pae aconselharam  
Que me não desse o meu dote;



Porque era melhor sorte  
O ser freira.  
Avisaram a porteira,  
Tambem a madre abbadeça,  
Que me metesse em cabeça  
Que casaria.  
Eu, como menina, cria  
Cuidando que era verdade,  
Que qualquer freira ou frade  
Casar podia.  
Toda a gente me dizia  
Que fosse sem arreceio;  
Que havia aqui mais recreio,  
Divertimento.  
Agora que estou cá dentro,  
Que ainda casar podia,  
Eu vejo-me noite e dia  
Aqui fechada.  
Mais valêra ser casada,  
De noite embalar meninos,  
Do que andar a tocar sinos  
No campanario.  
Quando tudo é solitario,  
E estão todas a dormir,  
Ainda estou a carpir  
Magoa tamanha.  
Minha mãe, que Deos a tenha,  
Deos lhe dê contentamento,  
Deixou no seu testamento  
Que me casassem.  
E se bem não me esposassem  
Que me botem d'aqui fóra,  
E da casa arrenegasse  
Que não tem homem.

TROVAS FEITAS Á CANTIGA DA MENINA  
FERMOSA, Á MANEIRA DE DIALOGO:

198

Menina fermosa,  
dizei do que vem  
que sejaes irosa  
a quem vos quer bem?  
Porque se concerta  
rosto e condiçam,  
dais por galardam  
a pena mais certa.  
Sendo tam fermosa,  
dizei do que vem  
que sejaes irosa  
a quem vos quer bem.

*Ella:*

Que me da a mim d'isso  
que vós padeçaes,  
será por demais  
o vosso serviço.  
Nam serei piadosa  
nunca com ninguem  
senam sempre irosa  
com quem me quer bem.

*Elle:*

Mostrai-vos sogeita,  
minina tão bella,  
pois vos sois aquella  
que Deus fez direita.  
Pois sois tão fermosa,  
muito vos convem  
seres piadosa  
com quem vos quer bem.  
Teres piedade  
não vos custa nada,  
que vos é taxada  
tanta crueldade.

Cruel e fermosa  
não no tem ninguem,  
porque sois irosa  
com quem vos quer bem?

*Ella:*

Pois que perguntaes  
dir-vos-hei por que,  
porque certo é  
que vos enganaes.  
A mulher fermosa  
que virtude tem,  
hade ser irosa  
com quem lhe quer bem.

*Elle:*

Com quem vos quer bem  
não deveis ter ira,  
quem por vos suspira  
de amor lhe vem.  
Mostrar tal desordem  
é cousa espantosa,  
não sejaes irosa  
com quem vos quer bem.

*Ella:*

Quem me injuriasse  
perdoar-lhe-hia,  
o que não faria  
a quem me amasse.  
A tençam danosa,  
que os homens tem  
á que é virtuosa  
soffrer não convem.

*Elle:*

Que quereis que queira  
por vos contentar  
deixar-me-ei matar  
pois sois tam guerreira.

Morte mui famosa  
soffrer me convem,  
porque sois irosa  
com quem vos quer bem.

*Ella:*

Se vós vos mataes  
vós sois o culpado,  
vós mesmo coitado  
a vós condemnaes.  
Porque em ser fermosa  
não mato ninguem,  
nem por ser irosa  
com quem me quer bem.

*Elle:*

Mostrae vossa graça  
pois sois generosa,  
mas sois tam irosa  
que não sei que faça.  
Menina, meu bem,  
pois sois tão fermosa,  
sede piedosa  
com quem vos quer bem.  
Minina fermosa,  
uma só bastara  
e não me matara  
com ser rigorosa;  
seres piedosa  
muito vos convem,  
nam sejaes irosa  
com quem vos quer bem.  
Vencer o vencido  
é o morto matar,  
não queiraes tomar  
tão fraco partido.

Morrer me convem  
morte mui penosa,  
porque sois irosa  
com quem vos quer bem.

*Ella:*

De ouvir vossa fala  
não sou desejosa,  
porque a virtuosa  
vence quando cala.  
Falar não convem  
assim desdenhosa,  
porque sou irosa  
com quem me quer bem.  
Se usar piedade  
com ser amorosa,  
serei suspeitosa  
de minha bondade.  
Nam cuide ninguem  
que por ser fermosa  
que seja piadosa  
com quem me quer bem.  
Eu sou mui menina  
de mui pouca idade,  
minha mocidade  
a amores me inclina.  
A tençam danosa  
que os homens tem,  
me faz ser irosa  
com quem me quer bem.

*Elle:*

Vossa formosura  
com serdes minina,  
a todos inclina  
pedir sepultura.

Morte mui danosa  
soffrer me convem,  
porque sois irosa  
com quem vos quer bem.

*Ella:* Olhae cá meu amo,  
sois mui despejado,  
se sois avisado  
já vos desengano.  
Sei que sou fermosa  
se por tal me tem,  
hei de ser irosa  
com quem me quer bem.  
Não quero mensagem,  
que quereis de mim,  
deixae o latim  
e falae lingoagem.  
Eu não sei por grossa  
o mal que vos vem,  
e se sou irosa  
faço muito bem.

*Elle:* Eu sei portuguez,  
nem fallo latim,  
espero o fim  
que vós me darcis.  
E pois sois fermosa  
morrer me convem,  
porque sois irosa  
com quem vos quer bem.

*Ella:* Sempre portuguezes  
tem louca ousadia,  
minha fantasia  
é a dos Menezes.  
Se sou tam fermosa

e por tal me tem,  
e se sou teimosa  
sei que faço bem.  
Prometti ser freira  
e fiz profissão  
com vontade inteira  
no meu coração.  
He mui virtuosa  
quem tal tensão tem,  
e se sou irosa  
não me culpe alguém.

*Elle:* Mais sois vós perfeita  
para casamento,  
que para convento  
serdes tão sujeita.  
Sois mui enganosa,  
e d'aqui vos vem  
que sejaes irosa  
com quem vos quer bem.

*Ella:* A mulher garrida  
em que seja boa,  
de toda a pessoa  
é favorecida.  
E muito danosa  
quem virtude tem,  
se for amorosa  
com quem lhe quer bem:  
Quem me vir falar  
com tanto despejo  
cuida que desejo  
de vos agradar.  
E se sou fermosa  
não cuide ninguém  
que ei-de ser piadosa

com quem me quer bem.  
 Não quero agora  
 falar co*o* meu pae;  
 o dia se vae  
 ficae muito embora.

*Elle:*

Não se vá *minha* rosa  
 que morto me tem,  
 por ser tão irosa  
 com quem lhe quer bem.

Bib. Nac. (A-2-48).

199

Quantas vezes conheço meu estado,  
 E contemplo na duvida que o espera;  
 Tantas e muitas mais d'elle quizera  
 Antes ser despedido, que enganado.

Torno a cuidar depois que inda apartado  
 Quem me assegura a mi de que o estivera?  
 Se para sempre amar, sempre é uma éra  
 Para sempre temer, sempre um estado.

Já propuz de passar o mundo a êsmo,  
 Pois no tempo, logar, fé, gosto e morte  
 A fraude é certa e nunca conhecida.

Vós, que sabeis de mi mais do que eu mesmo,  
 Ensinæe-me a viver com *minha* sorte,  
 Fareis de todo vossas Sorte e Vida.

D. Francisco Manoel de Mello, *Obras  
 metricas*, t. II, Son. 27.

200

Esses mares que vejo, essas arêas  
 Rompi, pizei, beijei hoje, ha sete annos;  
 Sete servi, sete perdi; tyrannos  
 Sempre os fados nas vozes das sereias.

Tantos ha que arrastando crueis cadeias  
 Não guardo ovelhas, mas aguardo danos,



Das fermosas Raqueis vendo os enganos,  
Sem a promessa ouvir das Lias feias.

Soffra Jacob fiel Labão mentindo;  
Que se dobra o servir, da alta consorte  
Já não pode negar-lhe a mão devida,

Ay do que espera; quanto mais, servindo!  
Para um tão triste fim, tão leda morte,  
Para um tão largo amor, tão curta vida.

D. Francisco Manoel, *Ibid.*, Son. 62.

201 Feroso rio Liz, que entre arvoredos  
Ides detendo as aguas vagarosas,  
Até que umas sobre outras, invejosas,  
Ficam cobrindo o vão d'estes penedos.

Verdes lapas, que aos pés d'altos rochedos  
Sois moradas das nymphas mais fermosas,  
Fontes, arvores, ervas, lyrios, rosas,  
Em que esconde Amor tantos segredos:

Se vós, livres de humano sentimento,  
Em quem não cabe escolha, nem vontade  
Tambem ás leis de amor guardaes respeito;

Como se ha de livrar meu pensamento  
De render alma, vida e liberdade,  
Se conhece a rasão de estar sujeito!

Francisco Rodrigues Lobo, *Primavera*,  
p. 164, Ed. 1723.

202 Se a memoria no mundo não se achara  
do laberinto em Creta fabricado,  
pudera ser bastante meu cuidado,  
á que por elle só se restaurara.

Quando no monte de Etna se apagara  
o fogo, por Vulcano mal soprado,

aqui meu peito está, que de inflammado  
officinas maiores abrasara.

Se de grandes ardores de um portento  
secos os rios, cursos suspenderam,  
meus olhos deram fontes cento a cento.

Quando os ventos fechar-se bem quizeram,  
ays e suspiros dou, com cujo vento  
muitas montanhas navegar puderam.

Manoel de Faria e Sousa, *Fuente de  
Aganippe*, P. III, Son. 27.

### SONETO CENTONICO,

203

SACADO DAS RIMAS DE CAMÕES

De um comprido, amarissimo tormento (CANÇ. X.)  
Sem me poder ficar mais que a lembrança, (CANÇ. IV)  
Para desenganar minha esperanza (ECLOG. II)  
Passo por meus trabalhos tão isempto. (SONET. XI)  
Assi, que indo perdendo o sentimento (CANÇ. VII)  
Pela tranquillidade da bonança (ECLOG. I)  
Dou as lagrimas minhas em fiança; (ECL. VII)  
Lagrimas de immortal contentamento, (SON. VIII)  
Que soube ser capaz de tanta pena? (CAPITULO)  
E' por exprimentar que dita minha, (SON. LXXXIX)  
Que mereça tão grave penitencia. (CANÇ. VI)  
Quando vejo que meu destino ordena (SON. LIV)  
Que nem ter esperanza me convinha, (SON. LXXXIX)  
Atada ao remo tenho a paciencia. (SON. LII.)

Faria e Sousa, *Ibid.*, Son. 71.

## CANÇÃO AO OURO

## I

204 Louro metal, que lá do centro escuro  
Da terra, que no centro te escondia,  
Saíste a vêr o dia,  
Por mãos de ferro, mais que o ferro duro,  
E mais que o ferro artifice de guerra;  
Tyrannizando a terra,  
Soberbo foste, brandamente forte,  
Adquirindo o poder da propria morte.

## II

Indigno foi do nome generoso  
Quem penetrando abobadas escuras  
Viu das entranhas duras  
Da terra, anatomista riguroso,  
Os reconcavos intimos, adonde  
Justa, a terra te esconde,  
Pois crendo que a teu jugo se redime,  
Entre grilhões de marmore te opprime.

## III

Em seu rigor, piedosamente esquiva,  
Quando ao trato commum te difficulta,  
No centro em que te occulta  
Em carceres te põe de penha viva,  
Avara, conservando d'este modo  
A paz do mundo todo,  
Porque, soberbo em diligencias tantas,  
Com os imperios do mundo te alevantas.

## IV

Com presumpção de intrepido e de altivo,  
A effeito trouxe de seu proprio dano,  
Atrevimento humano  
Do luminoso ardor, ardor nocivo;  
Porem mais temerario atrevimento  
Por impulso violento,  
Te fui buscar em destruição do mundo,  
Palida furia au Barathro profundo.

## V

A violencia trouxeste, a fraude impia,  
Perturbadoras do socego humano;  
E disculpando o engano  
Fizeste lei da propria tyrannia.  
O trato fiel, e inexpugnavel muro,  
E' por ti mal seguro,  
Pois sigurada em vão, deixa rendida  
Danáe a honra, e Polidoro a vida.

## VI

Tu deste alentos ao primeiro pinho  
Para que, arando o campo nunca enxuto,  
Largasse, resoluta,  
Azas ao vento de delgado linho:  
Tu quebrantaste a paz ao mar sagrado;  
E enganando o cuidado,  
Porque esqueça o perigo c'o a memoria  
Deste ao perigo titulos de gloria.

## VII

Tu só, por insolente, respeitado  
 Ao vulgo, superior dos metais todos,  
 Cobras por varios modos  
 Logar sôbola sorte colocado;  
 E em virtude da propria fermosura,  
 Andas sobre a ventura,  
 Acclamado do mundo, não somente  
 Rey dos metaes, mas idolo da gente.

Paulo Gonçalves d'Andrade, *Varias Poezias*,  
 fl. 48. Ed. 1629.

## VILLANCICO A S. JOÃO BAUTISTA

205

Querido Bautista  
 Vinde muito embora  
 A dar-nos venturas  
 E causar-nos glorias.  
 Vinde a ser de Christo  
 Soberana aurora,  
 Principio de luzes  
 Termo das sombras.  
 Vinde a ser do mundo  
 Maravilha heroica,  
 Gloria dos divinos,  
 Dos humanos honra.  
 Vinde a dar ás flores  
 Belleza tão nova,  
 Que luzam estrellas  
 Sendo em vós corôas.  
 Vinde a ser feitiço  
 De almas tão ditosas;  
 Que vossas grandezas  
 Venerem absortas.

Vinde a ser exemplo  
De divinas obras;  
Pois obra divina  
Quem humano assombra.

Vinde a ser prodigio  
Das esferas todas,  
Motivo de applausos  
Causa de victorias.

Vinde a ser valia  
Para as tres Pessoas,  
Pois sois da segunda  
Uma viva cópia.

Soberano Bautista  
Minino de rosas  
Venturosa a vontade mil vezes  
Que vos adora.  
Porque sois o maior dos nascidos  
E sois quem nascido já grande se mostra. etc.

Sora Violante do Céu, *Parnaso luz. de divinos  
e humanos versos*, II, 833.

---

## CANTIGA

206

Antes que o sol se levante  
Vay Vilante a ver o gado;  
Mas não vê sol levantado  
Quem vê primeiro a Vilante.

### *Voltas*

E' tanta a graça que tem,  
Com uma touca mal envolta,  
Manga da camisa solta,  
Faixa pregada ao desdem,  
Que se o sol a vir diante,  
Quando vae munir o gado,

Ficará como enleado  
 Ante os olhos de Vilante  
 Descalsa ás vezes se atreve  
 Ir em mangas de camisa,  
 Se entre as hervas neve pisa  
 Não se julga qual é neve.  
 Duvida o que está diante  
 Quando a vê munir o gado,  
 Se é tudo leite amassado  
 Se tudo mãos de Vilante.  
 Se acaso o braço levanta,  
 Porque a beatilha encolhe,  
 De qualquer pastor que a olhe  
 Leva a alma na garganta.  
 E inda que o sol se alevante  
 A dar graça e luz ao prado,  
 Já Vilante lh'a tem dado  
 Que o sol tomou de Vilante.

Francisco Rodrigues Lobo, *Ibid.*

### CANTIGA

207

Descalsa vae para a fonte  
 Leanor pela verdura,  
 Vay fermosa e não segura.

#### *Voltas*

A talha leva pedrada,  
 Pucarinho de feição,  
 Saia de cor de limão  
 Beatilha soqueixada.  
 Cantando de madrugada,  
 Pisa as flores na verdura,  
 Vae fermosa e não segura.

Leva na mão a rodilha  
 Feyta da sua toalha,  
 Com uma sustenta a talha,  
 Ergue com outra a fraldilha.  
 Mostra os pés por maravilha,  
 Que a neve deixam escura,  
 Vay fermosa e não segura.  
 As flores, por onde passa,  
 Se os pés lhe acerta de pôr  
 Ficam de inveja sem côr  
 E de vergonha com graça.  
 Qualquer pégada que faça  
 Faz florescer a verdura,  
 Vae fermosa e não segura.  
 Não na ver o sol lhe val,  
 Por não ter novo inimigo,  
 Mas ella corre perigo  
 Se na fonte se vê tal.  
 Descuidada d'este mal  
 Se vae vêr na fonte pura  
 Vay fermosa e não segura.

Francisco Rodrigues Lobo, *Eclogas*, X.

## FABULAS

### I

#### O ODIO E O AMOR

Ouvi que o Amor e o Odio  
 Jogaram a matar um dia,  
 A quem matava melhor.  
 Um se armou todo de dor,  
 Outro todo de alegria.  
 Ia o Odio o arco atezando,



Sempre envolto em furia brava,  
Fero, medonho, indinado.

Ia o Amor repousado  
Salvando a quantos topava.

As gentes que o Odio viam  
De tal geito antepararam;  
E as mais sem parar fugiam;  
As setas se lhe perdiam  
Como do arco lhe voavam.

Mas indo d'ellas fugindo  
Os tristes homens com medo,  
Eis o Amor que era já vindo,  
Vae matando e vae ferindo,  
Muito falso e muito quedo.

Depois ao fazer da conta  
Com ser déstro o Odio e membrudo  
Não fez nada ou tanto monta;  
E o Amor só, sem perder-ponta  
Tinha morto quasi tudo.

D'onde de certo se sabe  
Que por mais que o Amor estude  
Inda o Odio é menos grave,  
Sômos taes, que em nós não cabe  
Excesso, nem de virtude.

D. Francisco Manoel de Mello, *Canfonhe  
d' Euterpe*, p. 77.

---

## II

### A FORTUNA

Diz um conto: que jazia  
Sôbola borda de um poço  
Cheio e fundo em femazia,  
Onde, com párvoa ousadia  
Quiz dormir a sésta um moço.

N'isto a Fortuna passou,  
 E vendo o que ali se azava;  
 Foi-se ao moço e o acordou;  
 Deu-lhe muita; elle gritou,  
 Ella dava, elle gritava.

— Porque (diz) com tam mortaes  
 Golpes, me trataes assim?  
 Ella responde e dá mais:  
 «Porque errais, e do que errais  
 Me pondees a culpa a mim.

Quer no mar e quer na terra  
 Buscaes o risco por cama;  
 Trocaes a paz pela guerra,  
 Então se o apetite o erra  
 A Fortuna é quem se chama.»

*Ibid.*, p. 80.

### III

#### AS LEBRES E AS RANS

210 Diz, que as Lebres, como gente,  
 Um dia conselho houveram,  
 Por não viver tristemente;  
 E afogar-se de repente  
 Todas juntas resolveram.

Duas Rans, como sobiam,  
 Junto ao charco eram pastando,  
 Adonde as Lebres corriam,  
 E de medo do que ouviam  
 Vão-se no charco lançando.

Uma Lebre mais ladina  
 Que isto viu, teve-se quedo  
 E gritou pela campina:  
 «Tende mão, gente mofina,  
 Que inda ha rans que vos tem medo.»

Vedes que assi padeceis  
 O que dizeis e callaes,  
 D'esses males tão crueis;  
 Quantos homens cuidareis  
 Que vos trocaram seus ais.

D. Francisco Manoel, *Ibid.*, p. 91.

---

 IV

## A RAPOSA E O LOBO

211

Quando tudo era fallante,  
 Diz, que a Raposa caíu  
 N'um poço d'agua abundante;  
 Chegou um Lobo arrogante  
 Que passava acaso e viu,  
 De uma polé pendurava  
 (Porque o poço era profundo)  
 Uma corda, a qual atava  
 Dois baldes; um, no alto estava,  
 N'outro a Raposa no fundo.

Pois a bicha que era arteira  
 Chama o Lobo e diz:— Senhor,  
 Já que eu não fui a primeira  
 Soccorrei vossa praceira,  
 Que eu sei que tendes valor.

Ora assim, sem mais profia  
 O Lobo que é fanfarrão,  
 Já no balde se metia,  
 Elle cae, ella subia  
 Por uma mesma invenção.

Toparam-se ao prepassar,  
 E o Lobo meio cahindo  
 Nem lhe ousava de fallar;

Ella a rir e a arrebentar  
De se vêr também subindo.

Em fim ao medo venceu,  
Falla o Lobo e diz: «Comadre,  
Isto vos mereço eu?»

Ella a zombar do sandeu  
Nem lhe quiz chamar compadre.

Mas diz-lhe:—D'um vagabundo  
Teus queixumes não me empecem;  
Acaba já de ir-te ao fundo,  
Isto são cousas do mundo,  
Quando um sobe os outros decem.

Eis aqui nem mais nem menos,  
(Mas já não ha ahi mais Fraudes  
Nos estados mais pequenos)  
Por levantar dois pequenos  
Abaixa o mundo dez grandes.

D. Francisco Manoel, *Ibid.*, p. 93.

## SCENA EM CASA DE BRITES, NO *FIDALGO*

212

### APRENDIZ

BRITES: Entoaç por meu prazer  
Qualquer cousa.

GIL: Sem guitarra?

BRITES: Eyl-a, tomaç.

(Da-lhe uma viola, tange como que quer cantar.)

GIL: Pois que não posso al fazer...

BRITES: Ay, que canta e não escarra!

GIL: Ora, eyl-o vay.

(Canta Dom Gil o melhor que pode o que se segue:)

*Passeava-se Sylvana  
por um corredor um dia...*

BRITES: Ay Senhor! eu não queria  
Senão letra castelhana.  
GIL: Cantarey algaravia  
Se mandais; pois que quereis?  
BRITES: Uma letra nova quero.  
GIL: (*Canta*)  
*A cassar vá Cavallero...*

BRITES: Ay mãe! acinte o fezeis?  
Por isso eu me desespero.  
GIL: Ora estae, que já entendo,  
Quereis Romances trovados:  
*Mis amorosos cuidados  
como s'estaran durmendo...*

BRITES: Isso foram meus peccados,  
Vós, cuido, que estaes zombando  
Ora dizey.  
GIL: Já me estanco:  
*Gavião, gavião branco  
Vay ferido e vay voando...*

BRITES: Huy, pelo passaro manco!  
Sabeis alguma ao divino?

GIL: Sei.

BRITES: Dizei

GIL: Pois é famosa:

*Andorinha gloriosa...*

BRITES: Tendes cousas de menino!  
GIL: Sou todo amor, minha rosa.

D. Francisco Manoel, *Fidalgo Aprendiz*, p. 247.

## QUINTA EPOCA

# ESCHOLA ARCÁDICA

(SECULO XVIII)

---

- I GENERO EPICO:** a) *Tradicional:* 213-214. Romances em Cartas. b) *Litterario.* 215. Xácara alfamista—216. Romance sacro—217. Episodio do Caramurú—218. Episodio heroi-comico.
- II GENERO LYRICO:** a) *Tradicional:* 219. Cantigas b) *Litterario:* 220. Modinha—221. Lyra—222. Cantata—223. Idylio—224-232. Sonetos—233-234. Epigrammas—235-236. Apologos—237. Mote—238. Ode.
- III GENERO DRAMATICO:** a) *Tradicional:* 239. Lôa de Natal. b) *Litterario:* 240. Dialogo da Comedia «Annos de Prosa».

## CARTA DO SOLDADO

213

Indo pela rua abaixo,  
Indo já quasi no fim,  
Vêjo vir dois rebuçados  
Logo direitos a mim.  
Perguntaram-me o meu nome,  
Respondi-lhe: — Raphael. —  
Disseram-me que estava prêso  
A' ordem do seu coronel.  
Perguntei-lhe para o que?  
Disseram-me para soldado,  
Querendo sem mais demora  
D'ali fosse algemado.  
Porém reflecti prudente,  
Pois me vi tão perseguido,  
D'uma tão rustica gente:  
Eu lhe peço meus senhores,  
Usem de attenção,  
Que eu sou um homem de bem,  
Levem-me solto á prisão.  
Solto em fim me levaram.  
Lagrimas e mais suspiros  
Tive eu a primeira ceia,  
Quando entrei para dentro  
Até ao logar da cadcia.  
Logo no seguinte dia  
Fui á mostra ao meu Major,  
D'onde os meus males cresceram  
Cada vez para peor.  
Na rigorosa prisão  
Vejo vir romper o dia,  
Bem alegre para todos  
Só para mim de agonia.  
Mas te juro, clara prenda,

Segundo bem me parece,  
Para um pobre desgraçado  
Nunca alegre amanhece.

Bellermann, *Portugiesische Volkslieder und Romanzen*, p. 206. Ed. 1864.

### CARTA DA MULHER

214

Estando eu na minha casa  
Livre de todo o cuidado,  
Chegaram os Auxiliares  
Meu amor, a mim levaram,  
Com rigorosas algemas  
Nem que fôra um ladrão,  
Só para pagar o crime  
De roubar meu coração.  
Ficando eu assim suspensa  
Sem saber o que faria,  
Peguei em papel e tinta  
Uma petição fazia;  
Fui com ella a toda a pressa  
A casa do General,  
Pedi ao guarda da porta  
Que me deixasse entrar.  
Pondo-me eu de joelhos  
A petição lhe presentava,  
E sem o despacho d'ella  
D'ali não me levantava.  
Pondo-me a esperar  
Que despacho me daria,  
Disseram-me estava assente  
No Livro da Vedoria.  
Saí pela porta fóra  
Chorando sem ter alentos,  
Encontrei-o no caminho  
N'uma léva de sargentos.



Levava uma farda azul  
 Por isso não o conhecia,  
 Com lagrimas e suspiros  
 Já d'elle me despedia.  
 Amor, que vás para a guerra,  
 Bem sei que vaes a morrer,  
 Saudades de continuo,  
 Não te heide tornar a ver.  
 Emquanto por lá andares  
 E acabares a vida,  
 Saibaes que eu tambem cá dou  
 Amores a despedida.  
 Ai te vae esta carta  
 Que te mando, lê, meu bem,  
 Não he justo que eu logre  
 Depois de ti mais ninguem.

*Ibid.*, p. 210.

## XÁCARA

DA DESPÉDIDA DE UM MARUJO EM ESTYLLO E GIRIA  
DE ALFAMISTA

215 Nas praias que o Tejo banha  
 Onde a maré lança o cisco,  
 Se despedia um marujo  
 De uma Cloris de cachimbo.  
 Ella de mãos nas ilhargas,  
 Elle de chapeo cahido,  
 A qualquer lhe acode o choro,  
 E ambos provocam o riso.  
 Vendo ella que elle se parte,  
 (Que bem merece partido)  
 Já como quem se despede  
 Lhe fala por este estyllo:

«E' *possivoli* que te apartas  
D'este coração *afrito*?  
Mal haja quem faz *incessios*  
Por nenhum homem *marinho*!  
*Desne* que sei que *t'alzentas*  
Choram *meis* olhos *infindo*  
Com mais *prúvecas* correntes  
Que o chafariz do *Rechio*.  
Se *desne* cando *t'amí*  
Tal *avera* conhecido,  
Esta *vinorica* alegre  
Ninguem *m'avera* ter visto.  
*Cantas* razões se me vem  
De *sauidade* as não digo,  
Que as minhas *safocações*  
Nas minhas queixas *fravico*.  
O' *Manel*, vaes para bôrdo?  
Coitado do *provesinho*,  
Criaram-te para *Crelgo*  
E vens a ser *pelingrino*.  
Deos te leve a *Fernambuco*,  
Que eu cá ficarei pedindo  
Que *infindas* facilidades  
Te conceda o Ceo *prospicio*.  
E que venhas para ó anno  
Tão *apoquentado* e rico,  
Co *Rey da Divina* marca  
Não possa *ugalhar* contigo.  
Bem podes dar *creto* a canto  
Nesta *incagião* *pruvico*,  
Não cuides que são *lijunjas*  
Os *socates* que te digo.  
Vae, que eu cá *martelizada*  
De *tromentos* *incessivos*,  
Chorarei tuas *mimorias*  
Sem o mais *ínimo* alívio.

Sendo esta cara uma *umage*,  
 Creio que hasde achar-me em vindo,  
 Uma *estatula* da morte,  
 Um *escaraleta* vivo.  
 Tu lá lograrás mil *grolias*,  
 E com rasão o *consid'ro*;  
 Que eu na materia de *estremes*  
 Sempre *luwarey os uitros*.»

Aqui chegava da moça  
 O queixume repetido,  
 Quando elle por esta phrase  
 Lhe responde iguaes delirios:

— Já que quiz minha *disgracia*  
 Que d'esses *luzios* divinos  
 Eu mesmo vá dando ás *trancas*  
 Sem que fique aqui *morrído*.  
 Mal haja quem não *fíjer*  
 Na náó algum *desatino*,  
 Mas que me leve o *diacho*  
 Por esses mares de *Christo*.  
 Que vou tão *disispirado*,  
 Que a não ter d'outrem motivo,  
*Indas que eu fora mey pai*  
 Brigara eu mesmo commigo.  
 Vou-me eu, bem sei eu porque,  
 Senão! porem eu *to digo*:  
 Porque meto a mão no *golpe*  
 E não *saco* nenhum *gimbo*.  
 Se eu criara o *grão*, a *roda*,  
 A *cheta*, quanto é preciso  
 Comprar no estanque o *fumelio*  
 Pagar na *baiúca* o *pio*;  
 Se eu tivera para o vulto  
 A *rede*, se o *gabio* fino,

Para a *bola* para as *gambias*  
 A *meia* e *calço* polido;  
 Se eu *trouvera* cada vez  
 Que *quijera*, tudo isto,  
*Má ochas* que eu de *Lisbeo*  
 Abalara cos *cachimbos*.  
 E *má ochas* que eu deixara  
*Augeto* tão *pelingrino*,  
 Por quem vivo *marabundio*,  
 Por quem ando *infinissido*.

Alexandre de Lima, *Rasgos metricos*, p. 203.

## O SANTO CHRISTO DA PASTORINHA

216

O reino de Portugal,  
 Santo e virtuoso reino,  
 Onde o filho de Maria  
 Quiz fundar o seu Imperio:  
 Teve um rei Diniz chamado,  
 Para que nenhum projecto  
 Por mais difficil que fosse  
 Deixou de ter prompto effeito:  
 A mão deu a Isabel santa,  
 Em casto e fecundo leito,  
 Que de dadas e honras  
 Enchera de Deos o templo.

No monte chamado Iraz  
 Havia um rico mancebo,  
 E que de illustre familia  
 Trazia o seu nascimento;  
 N'este monte acaso um dia,  
 Uma pastorinha vendo,  
 Namorado d'ella quiz

Conquistal-a com extremos:  
Era de rosto formoso  
De animo limpo e sincero,  
Qual reina n'aquella edade,  
Cheia de innocencia e pejo.  
Resistiu constantemente  
Ao moço por algum tempo,  
Que lhe dava por penhor  
Palavra de casamento.  
Condendeu a taes rogos,  
Rendeu-se por fim dizendo,  
Que se elle aquella promessa  
Fizesse com voto expresso  
Diante d'um Crucifixo  
Que estava d'aqui mui perto  
Colocado n'uma ermida  
Que então havia n'este ermo,  
Daria satisfação  
A seus amantes desejos,  
E na fé d'esta cerimonia  
Caminharam para o templo.  
Na face de Jesus Christo  
O temerario mancebo  
(Pode ser que lhe convenha  
Mais o nome de perverso)  
Então reiterando o voto  
Malicioso ou sincero,  
Faz ao Senhor testemunha  
Da obrigação e protesto.  
D'este modo os despozarios  
Celebraram: passou tempo,  
Até que a simples Pastorinha  
O engano conhecendo,  
Demanda o moço, e levado  
Como he já costume velho  
Ante o Vigario geral

Nega de plano o successo;  
Mas a enganada pastora  
Que só fiava em Deos mesmo,  
D'este tribunal appella  
Para tribunal supremo:  
Diz-lhe que tem da verdade  
Testimunha d'alto apreço,  
Mas que ali se lhe não ha de  
Tirar seu depoimento;  
Que era o Senhor que na ermida  
Do Monte Iraz o mancebo  
Tomara por testimunha  
Do seu alto juramento.  
O Prelado commovido  
De alta inspiração, querendo  
Com toda a legalidade  
Apurar um tal successo,  
Com os seus officiaes,  
E os contrahentes, vae mesmo  
A' presença do Senhor,  
Da innocencia amparo certo.  
A Pastorinha banhada  
Em lagrimas, de joelhos  
Estas palavras sentidas  
Arrancou do afflicto peito:  
« Senhor vos que conheceis  
Os mais occultos intentos,  
Que penetraes corações  
Que sois justo e pio a um tempo;  
E que sabeis a promessa  
Que me fez este mancebo;  
Amparae tão justa causa  
Com que aqui buscar vos venho:  
Fui facil, mas simplesmente,  
Cahi, meu erro confesso:

Patrocinae-me accudi-me,  
Sou mulher, desculpa tenho.»  
Então o Senhor, oh caso  
Raro, novo e estupendo!  
Despregando-se da Cruz  
Quer reduzir o mancebo;  
E como se não bastasse  
A attrahir o mundo enfermo  
Ser, por puro amor dos homens  
Cravado em duro madeiro;  
Bem que não desceu, comtudo  
A mão e o braço estendendo,  
Mostra sim querer tomar  
N'elle o dito jûramento:  
Os circumstantes pasmaram,  
Treme o confuso mancebo,  
E adoram postos por terra  
Todos, tão grande successo.  
Uns para os outros olharam  
Cheios d'assombro e respeito,  
Gelada a voz na garganta,  
Guardam profundo silencio,  
Té que o delinquente o rompe  
Com os olhos no chão, tremendo  
Pois com troncadas palavras  
Chora e confessa o seu erro.  
Não o castiga o Senhor,  
E oh quantas vezes o vemos  
Para castigar remisso,  
Para perdoar propenso!  
Assim o entôa a egreja,  
Que por fim em Deos eterno  
Parece que este attributo  
He mais proprio d'elle mesmo.  
N'este e em outros prodigios

Oh quanto em todos os tempos  
Vos tendes sido mimosos  
Oh devotos Santarenos.

João Xavier de Mattos, *Dialogo entre  
quatro figuras*, (1787.)

## MORTE DE MOËMA

217

Dizendo assim, com calma vê luctando  
Formosa Náo de gállica bandeira,  
Que a terra ao parecer vinha buscando,  
E a prôa mete sobre a propria esteira;  
Vem seguindo a canôa, e signaes dando  
Até que aborda a embarcação velleira;  
E de paz dando a mostra conhecida,  
A's praias da Bahia a Náo convida.

A Gupeva entretanto, e Taparica  
Dava o ultimo abraço, e á forte esposa,  
A intenção de leval-a significa  
A vêr da Europa a região famosa:  
Suspensa entre alvoroço e pena fica,  
Paraguassu contente, mas saudosa;  
E quando o pranto, na sentida fuga  
Começava a saudade, amor lhe enchuga.

E' fama, então que a multidão formosa  
Das damas que Diogo pertendiam  
Vendo avançar-se a Náo na via undosa  
E que a esperança de o alcançar perdiam;



Entre as ondas, com ancia furiosa  
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,  
E nem tanta agua que fluctua vaga  
O ardor que o peito tem banhando apaga.

Copiosa multidão da Náo franceza  
Corre a vêr o spectaculo assombrada;  
E ignorando a occasião da extranha empreza  
Pasma da turba feminil que náda.  
Uma, que ás mais precede em gentileza,  
Não vinha menos bella do que irada;  
Era Moêma, que de inveja geme,  
E já visinha á Náo, se apega ao leme:

«Barbaro (a bella diz) tigre e não homem...  
Porém no tigre por cruel, que brame,  
Acha forças amor, que emfim o domem;  
Só a ti não domou, por mais que eu te ame;  
Furias, raios, coriscos que o ár consommem,  
Como não consummis aquelle infame?  
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...  
Ah, que o corisco és tu, raio, e penhasco.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,  
Quando eu a fé rendia ao teu engano,  
Nem me offenderas a escutar-me altivo,  
Que é favor, dado a tempo, um desengano:  
Porem deixando o coração cativo  
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,  
Fugiste-me, traidor, e d'esta sorte  
Paga meu fino amor tão crua morte?

Tão dura ingratitude menos sentira,  
E esse fado cruel doce me fôra,  
Se a meu despeito triumphar não vira  
Essa indigna, essa infame, essa traidora.

Por serva, por escrava te seguira,  
Se não temera de chamar senhora  
A vil Paraguassu que, sem que o creia  
Sobre ser-me inferior é nescia e feia.

Emfim, tens coração de vêr-me afflicta  
Fluctuar moribunda entre estas ondas,  
Nem o passado amor teu peito incita  
A um ai sómente, com que aos meus respondas?  
Barbaro, si esta fé teu peito irrita,  
(Disse, vendo-o fugir) oh! não te escondas,  
Dispara sobre mim teu cruel raio!...»  
E indo a dizer o mais, cae n'um desmaio.

Perde-o lume dos olhos, pasma e treme,  
Pallida a côr, o aspecto moribundo,  
Com mão já sem vigor soltando o leme,  
Entre as salsas escumas desce ao fundo;  
Mas na onda do mar que irado freme,  
Tornando a apparecer desde o profundo:  
«Ah Diogo cruel!» disse com magoa,  
E sem mais vista ser, sorveu-se n'agoa.

Choraram da Bahia as nymphas bellas,  
Que nadando a Moêma acompanhavam;  
E vendo que sem dor navegam d'ellas,  
A' branca praia com furor tornavam:  
Nem pode o claro heroe sem pena vêl-as,  
Com tantas provas que d'amor lhe davam;  
Nem mais lhe lembra o nome de Moêma,  
Sem que ou amante a chore, ou grato a gema.

## O EPISODIO DA APPELLAÇÃO

218

Já na rica liteira recostado  
 Da cidade saía o gordo Bispo,  
 Dous lacaios membrudos e possantes  
 Guiavam a compasso os grandes machos,  
 E dois do mesmo talhe na dianteira  
 A lenta e preguiçosa marcha abriam.  
 Nos altos campanarios os Donatos  
 E das freiras as moças, muito alegres  
 Davam, como costumam, aos badalos.  
 Quando o bom Escrivão, que prompto estava  
 Qual sagaz caçador, que alegre e fero  
 A' porta d'uma mancha a rez espera,  
 A' liteira se chega e respeitoso  
 Uma carta ao Prelado logo entrega,  
 Na qual a Appellação descomedida  
 Em letra garrafal ia traçada.  
 O innocente Pastor, que não suspeita  
 O veneno mortal que em si levava,  
 Depois de lhe lançar a santa benção,  
 Com risinho semblante, pega n'ella,  
 O sobrescripto rompe, e soletrando,  
 Entra a ler com trabalho; mas apenas  
 O sentido da astuta carta entende,  
 Começou a tremer; das mãos lhe cae  
 O atrevido papel. Não, se cem boccas  
 Cem linguas eu tivesse e a voz de ferro,  
 Poderia contar qual foi a raiva  
 Do gordo Bispo. A Ira, a Impaciencia  
 A Soberba, a Vingança e outras Furias  
 O rodeiam, o agitam e o transportam.  
 O rosto se lhe inflamma; os olhos tintos  
 D'um vivo e negro sangue lhe chammejam,  
 Escuma, geme e brama, range os dentes.  
 Tão cruel, tão feroz, tão espantoso

Não treme, não avança, não se rasga  
O que mordido foi do cão danado,  
Quando o triste veneno, que fervendo  
Pelas veias lhe corre impetuoso,  
Ao coração lhe chega e lh'o devora,  
Como o grave Pastor! A vil Priguiça  
Que a seu lado jazia recostada,  
Ao vel-o d'alli foge espavorida.  
Emfim, em raiva ardendo, grita e clama  
Aos Lacaios, que logo sem piedade  
Aquelle infame ousado lh'o castiguem.

Então os insolentes, vis Mochilas  
Arrancam das espadas, que em desprezo  
Das Leis e Magistrado á cinta trazem,  
E cheios de grande ira, quaes raivosos  
Arremessados cães que árdidos seguem  
O fero javali que veloz foge  
A emboscar-se na densa e vasta moita,  
Correm sem tino apoz o bom Gonçalves,  
Que em seguro, já posto ao pé da guarda  
Os olha com desprezo e com insulto.  
Não de outra sorte rubido podengo  
Que seguindo fiel e lisongeiro  
O rustico saloio, que á cidade  
Vem dos seus campos a vender os fructos,  
Se ao pé de alguma esquina se demora,  
Preso da vista das formosas cores  
Da galhocira cidadã cadella,  
E sobre elle caindo a roaz turba  
Dos bairristas cachorros, que a namoram,  
Entre as pernas metendo a longa cauda,  
Corre, sem se deter, até que chega  
Junto do seu senhor, a cujas abas

Seguro e confiado encréspa as ventas,  
 Contra elles se revira, então rosnando  
 Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

Diniz, *O Hyssope*, cant. VI.

### SIM E NÃO

219

Sei de teus novos amores,  
 Tudo tim-tim por tim-tim;  
 Tu dizes que tal, que não,  
 Eu digo, que tal, que sim.  
 Sei que deste aos teus amores  
 Um raminho de jasmim;  
 Quem te viu dar as flores,  
 Te ouviu dizer que sim.  
 Esse sim, que tu lhe deste  
 Deve ser por algum fim;  
 Julgal-o mal, isso não,  
 Mas que é por bem, isso sim.  
 Tem meu bem uma certa teima  
 Quando eu choro ella se ri,  
 Quando eu me rio, ella chora,  
 Eu digo não e ella sim.  
 Hei-de mandar vir da India  
 Um boneco de marfim,  
 Que esteja dando á cabeça  
 Sempre dizendo que sim.

Bellarmann, *Portugiesische Volkslieder  
 und Romaneen*, p. 206. Ed. 1864.

### MODINHA DO ABC DE AMOR

220

Uma menina  
 Quer que lhe eu dê  
 Lições de amores  
 Por A B C:

A—é amante,  
Não ardilosa.

B—é benigna  
não bolicosa.

C—é constante  
não curiosa.

Tome menina,  
Lição gostosa

Uma menina, etc.

D—delicada  
não desdenhosa.

E'—engraçada  
não enganosa.

F—fiel  
não furiosa.

Tome menina  
Lição gostosa.

Uma menina, etc.

G—é galante  
mas não gulosa,

J—é ser justa  
não invejosa.

L—leal,  
não lacrimosa.

Tome menina  
Lição gostosa.

Uma menina, etc.

M—é ser meiga  
não mentirosa,

N—andar nedia  
não enojosa.

O—obediente  
nunca orgulhosa.

Tome, menina,  
Lição gostosa.

Uma menina, etc.

P—é prudente,  
não prigueirosa:

Q—é quieta  
nada queixosa.

R—risonha  
não rigorosa.

Tome, menina,  
Lição gostosa.

Uma menina, etc.

S—é sincera  
não suspeitosa

T—é ser terna,  
nunca teimosa.

V—verdadeira  
nada vaidosa.

Tome, menina,  
Lição gostosa.

Uma menina, etc.

X—xocarreira  
pouco xorosa.

Z—zombeiteira,  
pouco zelosa.

Tome, menina,  
Lição gostosa.

Uma menina, etc.

Depois das letras  
Bem decorar,  
Quer que lhe ensine  
A soletrar?  
Tome sentido,  
Vá de vagar:  
A. M. A. R  
Soletre *amar*.

Quero ensinal-a  
Tim-tim por tim-tim;  
E lições dar-lhe  
Até ao fim.  
Olhe, menina,  
Bem para mim,  
S. I. M  
Diga-me *sim*.

Mas se lhe falla  
Um maganão,  
Então é outra  
Nova lição:  
A mão levante,  
Dê bofetão  
N. A. O  
Diga-lhe *não*.



## MARILIA DE DIRCEU

221

Acaso são estes  
 Os sitios formosos  
 Aonde passava  
 Os annos gostosos?  
 São estes os prados  
 Aonde brincava,  
 Emquanto pastava  
 O gordo rebanho  
 Que Alcco me deixou?  
     São estes os sitios,  
     São estes; mas eu  
     O mesmo não sou.  
     Marilia, tu chamas?  
     Espera, que eu vou.

D'aquelle penhasco  
 Um rio caía,  
 Ao som do enxurro,  
 Que vezes dormia!  
 Agora não cobrem  
 Espumas nevadas,  
 As pedras quebradas:  
 Parece que o rio  
 O curso voltou.  
     São estes os sitios,  
     São estes; mas eu  
     O mesmo não sou.  
     Marilia, tu chamas?  
     Espera, que eu vou.

Meus versos, alegre,  
 Aqui repetia;  
 O Ecco as palavras

Tres vezes dizia.  
Se chamo por elle  
Já não me responde;  
Parece se esconde  
Cansado de dar-me  
Os ais que lhe dou.  
São estes os sitios  
São estes; mas eu  
O mesmo não sou...

Aqui um regato  
Corria sereno  
Por margens cobertas  
De flores e feno.  
A' esquerda se erguia  
Um bosque fechado;  
E o tempo apressado  
Que nada respeita  
Já tudo mudou.  
São estes os sitios,  
São estes; mas eu  
O mesmo não sou...

Mas como discorro?  
Acaso podia  
Já tudo mudar-se  
No espaço de um día?  
Existem as fontes,  
E os freixos copados,  
Dão flores os prados,  
E corre a cascata  
Que nunca seccou.  
São estes os sitios  
São estes; mas eu  
O mesmo não sou...

Minha alma, que tinha  
 Liberta a vontade,  
 Agora já sente  
 Amor e saudade.  
 Os sitios formosos  
 Que já me agradaram,  
 Ah não se mudaram;  
 Mudaram-se os olhos,  
 De triste que estou.  
     São estes os sitios,  
     São estes; mas eu  
     O mesmo não sou.  
     Marilia, tu chamas?  
     Espera, que eu vou.

Thomaz Antonio Gonzaga, *Lyra* VI.

### CANTATA DE DIDO

222

Já no roxo Oriente branqueando  
 As prenas velas da troyana fróta,  
 Entre as vagas azues do mar irado  
 Sobre as azas dos ventos se escondiam.  
     A miserrima Dido  
 Pelos paços reaes vaga ululando,  
 C'os turvos olhos inda em vão procura,  
     O fugitivo Eneas.  
 Só ermas ruas, só desertas praças  
 A recente Carthago lhe apresenta;  
 Com medonho fragor na praia nua.  
 Fremem da noite as solitarias ondas;  
     E nas douradas grimpas  
     Das cúpulas soberbas  
 Piam nocturnas agoureiras aves.  
     Do marmoreo sepulchro  
     Attonita imagina

Que mil vezes ouviu as frias cinzas  
Do defunto Sichêo, com debeis vozes,  
Suspirando chamar: Elysa! Elysa!

D'Orco aos tremendos numes  
Sacrificios prepara;  
Mas viu esmorecida

Em torno dos thurícremos altares  
Negra escuma ferver nas ricas taças:

E o derramado vinho

Em pelagos de sangue converter-se.

Frenetica delira;

Pallido o rosto lindo,

A madeixa subtil desentrançada;

Já com tremulo pé entra sem tino

No ditoso aposento

Onde do infido amante

Ouviu enternecida

Magoados suspiros, brandas queixas.

Ali as crueis Parcas lhe mostraram

As iliacas roupas, que pendentes

Do thalamo dourado descobriam

O lustrozo pavêz, a tencra espada.

Com a convulsa mão subito arranca

A lamina fulgente da bainha,

E sobre o duro ferro penetrante

Arroja o tenro, crystalino peito:

E em borbotões de espuma murmurando

O quente sangue da ferida salta;

De roxas espadanas rociadas

Tremem da sala as dóricas columns.

Trez vezes tenta erguer-se,

Trez vezes desmaiada sobre o leito

O corpo revolvendo, ao céo levanta

Os macerados olhos.

Depois attenta na lustrosa malha

Do profugo Dardanio,

Estas ultimas vozes repetia,  
 E os lastimosos, lugubres accentos  
 Pelas aureas abobadas voando  
 Longo tempo depois gemer se ouviram:

Doces despojos  
 Tão bem guardados  
 Dos olhos meus,  
 Em quanto os Fados  
 Em quanto Deos  
 O consentiam!  
 Da triste Dido  
 A alma acceitae;  
 D'estes cuidados  
 Me libertae.

Dido infelice  
 Assás viveu;  
 D'alta Carthago  
 O muro ergueu.  
 Agora núa,  
 Já de Charonte  
 A sombra sua  
 Na barca feia  
 De Phlegetonte  
 A negra veia  
 Surcando vae.

Pedro Antonio Corrêa Garção, *Obras*, p. 259.

## IDYLIO

223 Já la sinto rugir das avelleiras  
 As bolicosas folhas; já escuto  
 Um rumor leve de subtis pizadas;  
 Entre as confusas ramas já diviso  
 Mover-se um vulto... se virá Tircêa?

Por mais que affirmo a vista não distingo.  
Ora lá se escondeu agora a lua.  
Mas, oh quanto o desejo vão me engana!  
Uma ovelha é, perdida da manada,  
Lá vae balando pelo vale abaixo.  
Mas eu deliro, ou sonho? Que pondero?  
Oh quanto da saudade o golpe fero  
Nos sentidos me opprime, e me confunde!  
Eu não julgava agora que este valle  
Era aquelle feliz e delectoso,  
Onde a minha Pastora sempre espero?  
Que esta sonora fonte, que murmura,  
Entre cheirosas flores e verdura,  
Cuberta de sombrios arvoredos,  
Era aquelle logar, aonde a calma  
Costumamos passar da ardente sésta?  
Quem viu já phantasia mais confusa?  
Oh poderoso amor, quanto me enlêas.  
Oh quem pizara agora os venturosos  
Campos, que os resplendores luminosos  
Dos olhos de Tircêa estão gosando!  
Quem vira agora o seu formoso rosto!  
Oh quem sequer ao menos escutara  
Os conhecidos ladros, os balidos  
De suas ovelhinhas e rafeiro!  
Oh duras penhas, oh sombrios vales,  
Que meus saudosos ais estaes ouvindo,  
Se agora aquelles bellos olhos visseis  
Por quem meu coração tanto suspira,  
Vericis de repente a roxa Aurora  
Verter o fresco orvalho sobre as flores,  
Raiar o louro sol nos horisontes,  
E enriquecer de luz os altos montes.  
Parece-me, Tircêa, que te vejo  
Deixar na fonte o cantaro vasio,  
E na mais alta penha d'essa praia

Subida, estar os olhos estendendo,  
 Cheios de pranto para as altas serras  
 Onde tão larga ausencia estou chorando;  
 Que saudosa, d'ali estás chamando  
 Alcino, Alcino! quem de mim te aparta?  
 Parece-me que te ouço a voz magoada  
 Já de ingrato accusar-me, de esquecido;  
 Que vás depois ao vale suspirando,  
 E que ali muitas vezes estás lendo  
 Os amorosos versos, que nos troncos  
 Eu escrevi na amarga despedida.  
 Oh pastora mais firme do que os montes  
 Mais amante, mais terna do que as rôlas,  
 Mais perfeita, mais candida e formosa  
 Que a pura neve, que a vermelha rosa,  
 Só por ti, eu o juro a estas penhas,  
 Só por ti ha de Amor dentro em meu peito  
 Cravar as setas, accender as chammas;  
 Só por ti meus suspiros serão dados,  
 Só por ti chorarão d'amor meus olhos:  
 Meus olhos, que por esses tão formosos  
 Agora estão chorando tão saudosos.

Domingos dos Reis Quita, *Obras*, t. 1, p. 151.

## SONETOS

### Á VIDA RUSTICA

- 224      Feliz o que da côrte retirado  
 Lá nos campos que herdou de seus maiores,  
 Imitando os singelos lavradores,  
 Volve os patrios torrões co' liso arado,  
     Não desperta jamais alvoraçado  
 Da rude chusma aos nauticos clamores;  
 Nem ao tom dos horrificos tambores,  
 Ou da estrondosa bomba ao ronco brado.

Sem de temor pender, nem de esperança,  
 Não vae co' a leve turba adulatora  
 Incensar os altares da privança.

Humilde emfim a Providencia adora,  
 No meio da tormenta ou da bonança:  
 Esta é a vida, oh céos, que me namora.

Domingos Maximiano Torres, *Versos*, p. 17.

225 Pelo campo cantando vae contente  
 O lavrador, seguindo o curvo arado;  
 E canta na prisão o desgraçado  
 Ao triste som de uma aspera corrente.

Aquelle, canta alegre e docemente  
 Nas suaves pensões de seu estado;  
 Este, só por vingar-se de seu fado,  
 Com o canto disfarça o mal que sente.

Eu tambem já em doces alegrias  
 Qual lavrador, cantei n'esta espessura,  
 Sem conhecer do Fado as tyrannias.

Porem hoje de Amor na prisão dura,  
 Com o canto disfarço as agonias  
 Por vingar-me de minha desventura.

Quita, *Obras*, t. I, p. 282.

226 Onde estou? Este sitio desconheço:  
 Quem fez tão differente aquelle prado?  
 Tudo outra natureza tem tomado  
 E em contemplal-a tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço  
 De estar a ella um dia reclinado;  
 Ali em valle o monte está mudado,  
 Quanto pode dos annos o progresso.

Arvores aqui vi tão florescentes,  
 Que faziam perpetua a primavera;  
 Nem troncos vejo agora decadentes!



Eu me engano; a região esta não era:  
Mas que venho a extranhar, si estão presentes  
Meus males, com que tudo degenera!

Claudio Manoel da Costa, *Poesias*.

- 227      Eu não lastimo o proximo perigo,  
Huma estreita prizão, estreita e forte,  
Lastimo as caras filhas, a consorte,  
A perda irreparavel de hum amigo.  
A prizão não lastimo, outra vez digo,  
Nem o ver imminente o duro córte;  
Que he ventura tambem achar a morte  
Quando a vida só serve de castigo.  
Ah! quem ja bem depressa acabar vira  
Este enredo, este sonho, esta quimera,  
Que passa por verdade huma mentira.  
Se filhas, se consorte não tivera,  
E do amigo as virtudes possuira  
Da vida hum só instante não quizera.

Alvarenga.

## A CAMÕES

COMPARANDO COM OS D'ELLE, OS SEUS PROPRIOS  
INFORTUNIOS

- 229      Camões, grande Camões! quam similhante  
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!  
Egual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
Arrostar co' fatidico Gigante.  
Como tu, junto ao Gange sussurrante  
Da penuria cruel no horror me vejo;  
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,  
Tambem carpindo estou, saudoso amante.

Ludibrio, como tu, da sorte dura,  
 Meu fim demando ao céo, pela certeza  
 De que só terei paz na sepultura.

Modello meu tu és... Mas oh tristeza!  
 Se te imito nos transes da ventura,  
 Não te imito nos dons da natureza.

Bocage, *Soneto* 138. (Ed. da *Actualidade*.)

### Á RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL EM 1640

- 230 Cesarões, Viriathos, Apimanos,  
 Vós, que brandindo a vingadora espada,  
 Tentastes sacudir da patria amada,  
 O vil, o ferreo jugo dos Romanos;  
 Surgi, vede-a no sangue de tyrannos  
 Inda peores outra vez banhada,  
 E a nossa liberdade edificada  
 No estrago dos intrusos Castelhanos.  
 Aos senhores do mundo armipotentes  
 Arrancastes em bellica porfia  
 Parte do louro que lhe honrava as frentes;  
 Porem com milagrosa valentia,  
 Os vossos memoraveis descendentes  
 Fizeram mais — livraram-se n'um dia!

Bocage, *Son.* 150. *Ibid.*

- 231 Meu sêr evaporei na lida insana  
 Do tropel das paixões que me arrastava;  
 Ah, cego, eu cria! ah, misero, eu sonhava  
 Em mim quasi immortal a essencia humana.  
 De que innumerous sóes a mente ufana  
 Existencia fallaz me não dourava!  
 Mais eis succumbe natureza escrava  
 Ao mal, que a vida em sua orgia damna.

Prazeres, socios meus e meus tyranos,  
 Esta alma, que sedenta em si não coube  
 No abysmo vos sumiu dos desenganos!

Deos! oh Deos!... Quando a morte á luz me roube,  
 Ganhe um momento o que perderam annos,  
 Saiba morrer o que viver não soube.

Bocage, Son. 307 (Ed. da *Actualidade*.)

232

Oh quanto vive alegre o que da aldêa  
 A' rustica vivenda se accomoda;  
 A donde os campos lavra, as vides póda,  
 E em santa paz o seu casal grangêa.

Veste o burel peludo e não receia  
 Que o culpe o mundo por faltar á moda;  
 E sem que tema da fortuna a róda,  
 Com gosto almoça e com socego cêa.

Teme a Deos, teme ao rey; e assim procura  
 Lograr dos annos seus o giro inteiro,  
 Sem que o fim lhe antecipe a parca dura.

Até que em braços de um fiel herdeiro,  
 Ouvindo o Credo velho ao Padre cura,  
 Morre feliz na fé do Carvoeiro.

Abb. de Jazende, *Poesias*, t. I, p. 8.

## A UM ECCLESIASTICO,

TENDO UM CRAVO NO PEITO:

233

Tendes o cravo no peito,  
 O logar improprio é;  
 Pois se o tivesses no pé  
 Era o logar mais perfeito;  
 Não julgueis que o meu conceito  
 Vos faz a menor censura;

E' só com doce brandura  
 E sem vos fazer aggravo,  
 Dar-vos pancada no cravo  
 Sem tocar na ferradura.

Abb. de Jazende, *Poesias*, t. II, 201.

234

Consta que um medico fôra  
 Inventor da guilhotina;  
 Deu bem rapidez á morte!  
 Mostrou saber medicina.

Bocage, *Obras*, t. III, (Ed. da *Actualidade*.)

## APOLOGOS

### O CUCO E O ROUXINOL

235

Tendo o ninho seu provido  
 De mantimento diario,  
 Nobre canto ameno e vario  
 Um rouxinol entoôu.

Ocioso Cuco ouvindo-o  
 Resmunga: «Que mandrião!  
 «Com taes sons engordarão  
 «Os pobrinhos que gerou!»

No dia seguinte o meigo  
 Vigilante rouxinol,  
 Calado, de sol a sol  
 A buscar sustento andou.

O Cuco attento dizia:  
 «Que comilão! Nada o farta;  
 «Máo raio te apanhe e parta!  
 «Já de cantar se enjoou!»

Ora pois, digo eu agora,  
 Ouvi lá os taes damnados!  
 A commentos depravados  
 Nunca a virtude escapou.

J. V. Pimentel Maldonado, *Apologos*, p. 56.

### O ELEPHANTE E O BURRO

236

No tempo em que inda fallavam  
 Os animaes com a gente,  
 E' tradição que tiveram  
 Conferencia em caso urgente.

O Burro, que não sei como  
 Se introduziu no conselho,  
 Quiz, fingindo-se estadista,  
 Tambem metter seu bedelho.

Eis, n'um tom que differia  
 Bem pouco do que hoje é zurro,  
 Foi revolvendo a questão,  
 Discreteou como um burro.

Depois de lhe ter ouvido  
 Alguns conceitos de arromba,  
 O carrancudo Elephante  
 Lhe disse, torcendo a tromba:

«Esse tempo que tens gasto  
 «Inutilmente em clamar,  
 «Insensato, não podias  
 «Aproveital-o em pastar?

«Vens affectar eloquencia,  
 «Animal servil e objecto!  
 «Um tolo nunca é mais tolo  
 «Que quando quer ser discreto.»

Bocage, *Obras*, t. III. p. 255.

## MOTTE

237

Pergunta certa senhora  
Sem presumir mal algum,  
Se um só beijo á sexta feira  
Fará perder o jejum?

*Glossa*

«Padre Mestre aposentado,  
Pergunto e saber desejo  
Se perde o jejum um beijo  
Sendo á sexta feira dado?  
— Eu no Larrága encontrado  
Não tenho o caso até 'gora;  
Por isso alguma demora...  
«Não, não, não se canse muito  
Que eu cá por mim não pergunto;  
*Pergunta certa senhora.»*

— Olhe! se ella o beijo deu  
*Simpliciter*, não peccou,  
Que a lei a ninguem tirou  
Poder dar o que fôr seu;  
Comtudo, se fôra eu,  
Beijo não dera nenhum;  
Porém como deu só um,  
Não tem o jejum quebrado,  
E muito mais sendo dado  
*Sem presumir mal algum.*

«Porém, seu mestre Melgaço,  
Que eu por cá seguido vejo,  
Nos diz que o solido beijo  
Sustenta mais que o abraço.

— Eu tal distincção não faço,  
 Nem distincção verdadeira  
 Acho, inda que dar-lh'a queira;  
 Nem eu sei qual mais seria,  
 Se um abraço em qualquer dia,  
*Se um só beijo á sexta feira.*

«Logo, pode um beijo dar  
 Muito bem á sexta feira,  
 Qualquer secular ou freira  
 Sem n'isso o jejum quebrar?  
 — Pode, sim; mas sem formar  
 N'esse instante gosto algum;  
 Nem hade dar mais do que um,  
 Pois se deu mais ou fez gosto,  
 Como o beijo é já composto  
*Fará perder o jejum.*

Nicoláo Tolcutino, *Obras completas*, p. 387.  
 Ed. 1861.

## A ESPERANÇA

238

Vem, vem doce esperança, unico alivio  
 D'esta alma lastimada;  
 Mostra, na c'roa a flor da amendoeira,  
 Que ao lavrador previsto  
 Da primavera proxima dá novas.

Vem, vem doce esperança, tu que animas  
 Na escravidão pezada  
 O afflicto prisioneiro;—por ti canta  
 Condemnado ao trabalho  
 Ao som da braga que nos pés lhe sôa.

Por ti veleja o panno na tormenta,  
O mareante affouto;  
No mar largo, ao saudoso passageiro  
Da esposa e dos filhinhos,  
Tu lhe pintas a terra pelas nuvens.

Tu consolas no leito o lasso enfermo,  
C'os árcs da melhora;  
Tu dás vivos clarões ao moribundo,  
Nos já vidrados olhos,  
Dos horisontes da celeste patria.

Eu já fui de teus dons tambem mimoso;  
A vida, largos annos  
Rebatida entre acerbos infortunios  
A sustentei robusta  
Com os pômos de teus vergeis viçosos.

Mas agora que Marcia vive ausente,  
Que não me alenta esquiva,  
C'o brando mimo de um de seus agrados,  
Que farei, infelice,  
Se tu, meiga esperança, não me accodes.

Ah, que um de seus agrados é mais doce  
Que o nectar saboroso;  
E mais doce que os beijos requintados  
Da namorada Venus,  
A que o grego põe preço tão subido.

Vem, vem doce esperança, que eu prometto  
Ornar os teus altares  
Co'a viçosa verbena, que te agrada,  
Co'a linda flor, que agora  
Enfeita os troncos que te são sagrados.



## LOA DE NATAL

239

PASTOR: Pois todos sômos chegados  
A' cidade de Belem,  
P'lo Anjo de Deus guiados  
Onde todo o nosso bem  
Nasceu p'ra remir peccados:  
Vamos-lhe offerecer  
E dar graças todos juntos,  
Pois este par de presuntos  
Lhe trago para comer  
Atados com esse junco.

OUTRO: Só este par de tassalhos  
Achei lá no meu fumeiro;  
E este gordo carneiro,  
Com doze cabeças de alhos,  
Vos manda meu companheiro.  
Não vos pude mais trazer  
Por ser longe o caminho,  
E mais este barril de vinho  
E' para o velho beber,  
Que está muito fraquinho;  
Que hade-vos despertar  
E fazer fallar francez,  
Porem olhar não tombar,  
Nem jogar Martim Cortez.

. . . . .

OUTRO: A vós, senhora Rainha  
Mãe d'este lindo donzel  
Esta infusa de mel  
Para lhe fazer papinha,  
Vos trago no meu fardel;  
E' mui bom, de enxame novo,

Não dou outro, que faz fio,  
E n'estas manhãs de frio  
Misturado com um ovo  
Não ha quem tenha fastio.

PASTORA: Eu esta pobre camisa  
Vos offereço, Senhora,  
Supposto que venha agora.  
*Trinqua forte, mala guisa,*  
Obra de mão de pastora.  
Mas ainda que seja grossa,  
E' feita de panno crú,  
Vesti-a por vida nossa  
Com o nome de Jesu.

. . . . .

## DESPEDIDA:

Senhor ficae-vos embora,  
Querido, amado de vós;  
Sim, estamos satisfeitos  
Em que, morrendo por nós,  
Pois sendo vós nosso bem,  
O que tudo confessamos  
Querendo-vos como firmes  
Em que sempre, vos amamos.

Ms. da Bibl. da Universidade (Ap.  
*Canc. popular*, p. 165.)

## CRITICA DO THEATRO

VASCO: . . . . . Mas aqui,  
Em confiança, pode e faço gosto  
De ouvir o seu juizo, a sua pratica . . .

EMPREZARIO: Eu não lhes acho graça, nem a tem,

E nem a podem ter. Como hãode tel-a  
Se não tem *Graciosos*?

VASCO: Ah! são d'essas?

EMPRESARIO: Tenho ali dois fanhosos mais notaveis  
Que aquelles que fallavam nos Bonecros:  
Não 'mc servem de nada: está perdida  
Aquella graça n'elles. São Comedias  
Que não tem um *A'parte*; ora, bem sabe  
Que elles eram, senhor, os que faziam  
Rir a gente.

VASCO: Sem duvida!

EMPRESARIO: Bem sabe

Que era nos *soliloquios* que luzia  
A dama que pizava bem as taboas

.....  
Nem tem os Intermedios dos *graciosos*  
(Que era o sal da Comedia) arremedando  
Os amores dos amos; e por fim  
Casando-se tambem quando elles casam.  
De mais...

VASCO: Que mais?

EMPRESARIO: Dizem que são

*Em verso...*

VASCO: Mas não são?

EMPRESARIO: Ao menos d'estes

Com que fômos criados certamente.  
Eu conheço o que é *Romance* e *Redondilha*,  
*Endecha*, *Madrigal*, *Silva*, *Canção*,  
*Decimas* e *Quintilha*, *Outava rima*.

VASCO: E consoantes?

EMPRESARIO: Nada, nada d'isso  
Consoante?! Deos livre! A tal Arcadia  
Lá terá de dar conta d'esses dannos  
Que fez á Poesia, irreparavel!

VASCO: Mas que casta de verso?

EMPRESARIO: Prosa escripta

A' maneira de verso.....  
O melhor me esqueci.

VASCO:

Diga lá...

EMPRES.::

Comedias sem amor...

Pois o amor

Cá no meu entender, e não tem duvida,  
Não é carne de vaca dos Theatros?

Manoel de Figueiredo, *Poeta em annos  
de prosa*, (Theatro, t. IV, 288.)

## SEXTA EPOCA

# ESCHOLA ROMANTICA

(SECULO XIX)

---

- I** GENERO EPICO: *Litterario*: 241. Episodio do Poema Camões.
- II** GENERO LYRICO: *Litterario*: 242. As minhas azas — 243. Partida.
- III** GENERO DRAMATICO: *Litterario*: 244. Scena da tragedia Catão.

## LEITURA DO EPISODIO DA ILHA DOS AMORES

241

Agora os sons do canto embravecidos  
Co' as delicias de Paphos e Amathunta,  
Por namorados bosques, aguas limpidas,  
Fresquidões deleitosas vão soando.  
—Eis vês a filha das cerúleas ondas,  
A bella Venus, que repouso amigo  
Delicioso lhes traz; ilha divina  
Onde quanto espalhou a natureza  
Por mares, céos e terra em formosura  
Tudo ajuntou ali: copados bosques,  
Cantos d'amena sombra; vecejantes  
Relvas em que o primor de seus matizes  
Esmerou Flora, e lh'as bordou mais lindas  
Que o proprio leite onde com doces beijos  
Zephyro lhe mitiga o ardor da sésta;  
Murmurantes arroios, mansamente  
Em seu correr d'amores conversando  
Co' as dryadas do bosque; os rubicundos  
E dourados thesouros de Pomona.  
Oh que scena de languidos prazeres.  
Que paraíso de deleite, ó Venus!  
Pelo travesso filho aseteadas  
As esquivas Nereidas suspirando,  
Seguem a bella deusa que promette  
A suspirar tão doce um doce premio.

---

Mas em mar leite navegando alegres  
Os esforçados nautas já descobrem  
Entre a alva espuma das ambientes aguas  
Viçar a Ilha formosa: qual no seio  
Lacteo-termente da modesta noiva  
Puro verdeja o sponsalicio ramo.

Já proa e rumo para ali apontam;  
 Eis chegam, eis do encanto e maravilha  
 Absortos pasmam. . . . pela sombra amena  
 Se embrenham, caça agreste procurando.  
 Mas ferida lh'a tinhas, Erycina,  
 Menos aspera já, mais doce e linda.  
 Correndo vão após as nymphas bellas,  
 Que fogem, que se escondem, mas fugindo  
 Nem tudo escondem; fogem, mas tão leve  
 Não corre o lindo pé que não tropece. . .  
 E cáem. . . . Certa amor canta a victoria,  
 Se lhe cae sobre a relva o fugitivo.  
 Oh! que famintos beijos na floresta!  
 E que mimoso chôro que soava!  
 Que afagos tão macios! . . . Breve e rapido  
 No seio do prazer se esvae o dia.

Garrett, *Cambes*, cant. VIII, st. XII—XIII.

## AS MINHAS AZAS

242

Eu tinha umas azas brancas  
 Azas que um anjo me deu,  
 Que em me eu cansando da terra  
 Batia-as, voava ao céo.  
 —Eram brancas, brancas, brancas,  
 Como as do anjo que m'as deu;  
 Eu innocente como ellas  
 Por isso voava ao céo.

Vem a cobiça da terra,  
 Vinha para me tentar;  
 Por seus montes de thezouros  
 Minhas azas não quiz dar.  
 Veiu a ambição, co' as grandezas,  
 Vinham para m'as cortar,

Davam-me poder e gloria;  
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,  
Azas que um anjo me deu,  
Em me eu cansando da terra  
Batia-as, voavas ao céo.

Mas uma noute sem lua,  
Que eu contemplava as estrellas,  
E já suspenso da terra  
Ia voar para ellas,  
—Deixei descair os olhos  
Do céo alto e das estrellas....  
Vi entre a nevoa da terra  
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,  
Azas que um anjo me deu,  
Para a terra me pesavam,  
Já não se erguiam ao céo.

Cegou-me essa luz funesta  
De infeitiçados amores....  
Fatal amor, negra hora  
Foi aquella hora de dores!  
—Tudo perdi n'essa hora  
Que provei nos seus amores  
O doce fel do deleite,  
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,  
Azas que um anjo me deu,  
Penna a penna me cahiram....  
Nunca mais voei ao céo.



## PARTIDA

243 Ai, adeus! acabaram-se os dias  
Que ditoso vivi a teu lado;  
Sôa a hora, o momento fadado,  
E' forçoso deixar-te e partir.  
Quão formosos, quam breves que foram  
Esses dias d'amor e ventura!  
E quão cheios de longa amargura  
Os da ausencia vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:  
Já o outono lhe despe os encantos;  
Cêdo o inverno com gélidos mantos  
Baixará das montanhas d'alem.  
Tudo triste sombrio e gelado,  
Ficará sem verdura nem flores;  
Tal meu seio privado d'amores  
Ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo, não sei se o destino  
Me dará que eu te abraçe na volta...  
Ai quem sabe onde a vaga revolta  
Levará meu perdido baixel?  
Talvez longe de ti na tormenta,  
Açoitado por ventos funestos,  
Sumirá para sempre meus restos  
Nas voragens d'ignoto parcel.

Mas, oh! longe esta ideia sombria!  
Longe, longe o cruel desalento!  
Após dias d'amargo tormento  
Virão dias mais bellos talvez.  
Dá-me ainda um sorriso em teus labios  
Uma esp'rança que esta alma alimente,

E na volta da quadra florente  
Eu co' as flores virei outra vez.

Mas se as flores dos campos voltarem  
Sem que eu volte co' as flores da vida,  
Chora aquelle que em tumba esquecida  
Dorme ao longe seu longo dormir:  
E cada anno que o sôpro do outono  
Desfolhar a verdura do olmeiro,  
Lembra-te inda do adeus derradeiro,  
D'este adeus que te disse ao partir.

Soares de Passos, *Poesias*.

## SCENA DA TRAGEDIA CATÃO

244

MANLIO: E' Decio o embaixador.

CATÃO: Quem? Oh vergonha!

Decio, um equestre!... Vista indigna!

DECIO: A Catão saudar Cesar envia.

CATÃO: Catão não vejo aqui, vejo o Senado.  
Eu Cesar não conheço.

DECIO: O invicto, o grande

Triumphador do mundo a ti me envia.

Suas hostes em frente d'estes muros

O signal só aguardam da peleja...

Antes o da victoria. Mas tal preço

Tem Catão a seus olhos, tanto adora

O Dictador magnanimo as virtudes

De seu grande inimigo, que estremece

Pela primeira vez, e mal se atreve

A seguir a fortuna que o precede.

Diante do teu seu genio acovardado

Vacilla: teme o vencedor da terra

De ficar vencedor! Tal é o zelo,

O empenho, com que á custa de seus louros  
 Quer salvar os teus dias preciosos.  
 No rendido universo tu sómente  
 Lhe resistes: e a grande alma de Julio  
 Com tal competidor se ensoberbece.  
 Virtuosa vaidade, ambição nobre!  
 Triunphar de Catão Cesar deseja,  
 Mas não co' a espada. Generoso outorga  
 Aos companheiros teus, por teu respeito  
 Amnistia geral: dadiua tanta  
 Por condições só tem—Catão amigo.

CATÃO: Disseste?

DECIO: Disse.

CATÃO: Julio nada envia  
 A dizer ao Senado?

DECIO: Nada.

CATÃO: Parte.

DECIO: Catão, ouve um momento. Os teus amigos  
 Queres sacrificar? Queres tu mesmo  
 Desafiar do vencedor as iras?  
 Quando elle generoso vem propôr-te  
 O sancto bem da paz, nem ouvir queres  
 As condições?

CATÃO: As condições são estas:

Desarme as legiões; deponha a purpura;  
 Abdique a dictadura; á classe torne  
 De simples cidadão; e humilde aguarde  
 A sentença de Roma! Então eu proprio  
 Quanto inimigo fui, cordeal amigo,  
 Seu defensor serei. Jamais no Fóro  
 No Senado se ergueu meu brado austero  
 Para defender crimes:—e a tal crime  
 Como o d'elle, Catão será patrono.  
 Sel-o-ha: por elle subirei aos Rostros,  
 E heide pedir, rogar, supplice, humilde

Empenhar quanto sou e valho em Roma,  
E alcançar-lhe o perdão, volvel-o á patria.  
Vê que...

DECIO:

CATÃO:

DECIO:

Nada vejo

Acaso ignoras

Quem Cesar nomeou á dictadura?

Que o Senado de Roma?...

CATÃO:

Esse Senado

E' vil rebanho dos mais vis escravos:

Nem ás margens do Tibre existe Roma.

Eu e os que vês, nos sômos o Senado:

E em nossos corações é que está Roma.

.....

Garrett, *Catão*, acto II, scen. V.

**FIM.**

# INDICES

## POETICA HISTORICA PORTUGUEZA

### PARTE I

#### DA METRIFICAÇÃO (\*)

- Metro, § 1.  
Quantidade e Accento, 2.  
Importancia da Poetica, 3.

#### I—Da Accentuação

- Como se perdeu a quantidade nas linguas romanicas, 4, 5.  
Vogal accentuada, 6.  
Alterações phoneticas, 7.  
Caracteristica do verso segundo o numero de syllabas, 8.

#### II—Do Verso

- Definição do verso, 9.  
Hemistychios, 10.

##### a) Segundo o numero de Syllabas

- Versos de duas, trez ou quatro syllabas, 11.  
Verso de cinco syllabas, ou redondilha, 12.  
— de seis syllabas, 13.  
— de sete syllabas, 14.  
— de oito syllabas, 15.

(\*) Os numeros referem se aos paragraphos da Poetica.

- Verso de nove syllabas, 16.
- de dez syllabas, 17.
- de onze syllabas, 18.
- de doze syllabas, 19.

b) Segundo a disposição da Syllaba metrica

- Syllaba metrica, 20.
- Verso agudo, 21.
- » grave, 21.
- » exdruxulo, 21.
- » quebrado, 22.

### III—Da Estrophe

Estancia ou estrophe, 23.

a) Segundo o numero de Versos

- De um verso: Divisa ou Mote, 24.
- De dous versos: Parelhas, 25.
- De trez versos: Terceto, 26.
- De quatro versos: Quadra, 27.
- De cinco versos: Quintilha, 28.
- De seis versos: Sextilha, 29.
- De sete versos: Septilha, 30.
- De oito versos: Outava, 31.
- De dez versos: Decima, 32.
- Verso solto, 33.

b) Segundo a disposição metrica

Variedades estrophicas, 34, 35.

### IV—Da Rima

Valor da rima, 36.

a) Em quanto á repetição da mesma letra

- Aliteração, 37.
- Tautologia, 38.
- Monorrimo, 39.
- Neuma, 39.

b) Enquanto á aproximação de uma letra

Assonancia, 40.

Consoante, 41.

c) Formas estrophicas derivadas da disposição da Rima

Acrostico, 42.

Telestichio, 42.

Labyrinthos, 42.

Eccos, 42.

Centão, 42.

Rima encadeada, 43.

Lexaprem, 43.

---

PARTE II

DA TAXONOMIA POETICA

Classificação dos generos poeticos, 44.

Epopêa, 45.

Lyrismo, 46.

Drama, 47.

Imitação poetica, 48.

**I—Eschola provençal**

a) Genero epico

Gesta, ou Canção, 49.

Loenda, 50.

Romance, 51.

Chacone, 52.

b) Genero lyrico—Eschola gallega

Canto de ledino, 53.

Serranilha ou Serrana, 54.

Cantiga d'Amigo, 55.

Cantar guayado, 55.

Dizer, 55.  
Ditado, 55.  
Barcarola, 56.

#### Eschola franceza

Sirvente, 57.  
Cantiga de mal dizer, 57.  
Planh, 58.  
Devinalhs, 58.  
Noellaire, 58.  
Jocs partitz, 59.  
Jocs enamorats, 59.  
Torneamens, 59.  
Alvorada, 60.  
Baylata, 61.  
Descort, 62.  
Canção franceza, 63.  
Coblas monorrimas, 63.  
Mansobre doble, 64.  
Mansobre menor, 64.  
Canção redonda, ou Iexaprem, 64.  
Refrem, 65.  
Lyras, 65.  
Decimas, 66.  
Donaire, 67.  
Salutz, 67.  
Solatz, 67.  
Pastorella, 68.  
Vaqueira, 68.  
Tenção, 69.

#### Eschola bretã

Lai, 70.  
Virelay, 70.

## II—Eschola hespanhola

#### Genero epico

Romance, 71.  
Glosa, 72.  
Aravia, 72.  
Lamentação, 73.



Genero lyrico

Cantarcilho, 74.  
Tonadilha, 74.  
Seguidilha, 74.  
Clamores, 74.  
Esparsa, 75.  
Volta, 76.  
Mote, 76.  
Vilancete, 76.  
Copla, 77.  
Trova, 77.  
Rifão, Apodo, Perguntas, Ajudas, 77.  
Farsiture, 78.

Genero dramatico

Chacota, 79.  
Ratorta, 79.  
Mômo, 79.  
Breve, 79.

### III—Eschola quinhentista

A) IMITAÇÃO HISPANO-ITALICA

Genero epico

Romances burlescos, 80.  
— mouriscos, 80.  
Poemetos, 81.  
Fabula, 82.

Genero lyrico

Rumor, 83.  
Salva, 83.  
Prosa, 83.  
Orações, 83.  
Jogos, 83.  
Exclamações em *ecco*, 85.  
Ecloga, 86.  
Vilancico, 86.  
Carta, 87.

Genero dramatico

Auto hieratico, 88.  
Farsa, 88.  
Tragicomedia, 88.

B) IMITAÇÃO ITALIANA

Forma epica

Epopêa, 89.  
Maravilhoso, 89.  
Episodio, 89.

Forma lyrica

Soneto, 90.  
Canção, 91.  
Elegia, 91.  
Idylio, 91.  
Madrigaes, 91.  
Balatas, 91.  
Odes, 92.

Formas dramaticas

Tragedia, 93.  
Côro, 93.

**IV — Eschola seiscentista**

Xácara, 94.  
Sylva, 95.  
Tonos, 95.  
Lôa, 96.

**V — Eschola arcádica**

Modinha, 97.  
Lyra, 97.  
Dythirambo, 98.  
Pindarica, 98.  
Cantata, 98.  
Amphiguri, 98.  
Opera, 99.

**VI — Eschola romantica**

Espontaneidade de fórmas, 100.  
Tradição nacional, 100.

---

# ANTOLOGIA PORTUGUEZA

## PRIMEIRA EPOCHA

### ESCHOLA PROVENÇAL

(SECULOS XIII E XIV)

#### Secção 1.<sup>a</sup> — Eschola gallega ou jogralesca

Anonymos (*)	3, 4
Ayres Nunes, Clerigo	5, 20, 22, 28
Frei Mendo Vasque de Briteiros	7
Martim Codax	7
Pero Meogo	8, 18
Lourenço Jograr	9
Pedro Amigo, de Sevilha	9, 21
Nuno Fernandes Torneol	10
El-Rei Dom Diniz	11, 14, 15, 23, 29
Fernam d'Esquyo	12
Dom João Soares Coelho	13
Bernal de Benaval	13
Payo Gomes Charrinho	14, 26
Ruy Martins do Casal	16
Fernam Rodrigues Calheyros	16, 17
João Zorro	18, 24
Ruy Paes de Ribela	19
João Ayres	19
Pero Gonçalves de Portocarrero	24

(\*) Os numeros referem-se ás paginas da Antologia.

Nuno Porco.....	25
Ruy Fernandes.....	26
Estevam Coelho.....	27

Secção 2.<sup>a</sup> — Cyclo dionisio de imitação franceza

Affonso Lopes Baião.....	31
Anonymos.....	33, 37, 38, 39, 47
Affonso Giraldes.....	35
João Jograr.....	36
El-Rei Dom Diniz.....	43
D. João d'Aboim.....	48, 49
Mem Rodrigues Tenoyro.....	51
Dom Affonso Sanches.....	52

Secção 3.<sup>a</sup> — Influencia das tradições bretãs

Fernam Rodrigues Redondo.....	55
-------------------------------	----

---

SEGUNDA EPOCHA

**ESCHOLA HESPAÑHOLA**

(SECULO XV)

Anonymo.....	}	58 a 66, 70,
		79 a 83
Luiz d'Azevedo.....		66
Diogo Brandão.....		74, 89, 90
Infante D. Pedro.....		84
Condestavel de Portugal.....		85
D. Filippa.....		86
Gil Moniz.....		86

João de Barros .....	129, 143
Sá de Miranda.....	131, 132, 136, 137, 138, 147, 148, 149, 151, 174
Jorge da Silva.....	143
Christovam Falcão.....	149, 150
Garcia de Resende.....	153
Gregorio Affonso.....	161
Bernardim Ribeiro.....	165, 166
Manoel Machado de Azevedo.....	184, 187
Frei Antonio de Portalegre.....	193

### Secção 2.<sup>a</sup> — Eschola italiana

Luiz de Camões.....	199, 208 a 212, 220, 223
Sá de Miranda.....	203
D. Manoel de Portugal.....	204, 205
Diogo Bernardes.....	205
André Falcão de Resende.....	206
Frei Agostinho da Cruz.....	206
Dr. Antonio Ferreira.....	207, 234
Frei Paulo da Cruz.....	212
Anonymos.....	213, 218
Pedro da Costa Perestrello.....	215
Francisco Galvão.....	215
Bernardo Rodrigues.....	216
Estevam Rodrigues de Castro.....	216
Fernão Rodrigues Lobo Soropita.....	217
Fernão Alvares d'Oriente.....	217
Frei Bernardo de Brito.....	219
P. <sup>e</sup> Balthazar Estaço.....	219
Jeronymo Corte Real.....	225

### Secção 3.<sup>a</sup> — Eschola da medida velha

Anonymo.....	238
Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco.....	240
Luiz de Camões.....	243, 245
D. Joanna da Gama.....	246
Jorge Ferreira.....	246

Luiz Brochado.....	247, 255
Antonio Leitão.....	251
João do Couto.....	258
Antonio Ribeiro Chiado.....	260

---

QUARTA EPOCHA

**ESCHOLA SEISCENTISTA**

(SECULO XVII)

Anonymos.....	264, 267, 270
Francisco Lopes.....	265
D. Francisco Manoel de Mello.....	276, 284 a 289
Francisco Rodrigues Lobo.....	277, 282, 283
Manoel de Faria e Sousa.....	278
Paulo Gonçalves de Andrade.....	279
Soror Violante do Céu.....	281

---

QUINTA EPOCHA

**ESCHOLA ARCÁDICA**

(SECULO XVIII)

Anonymo.....	292, 293, 306
Alexandre Antonio de Lima.....	294
João Xavier de Mattos.....	297

Frei José de Santa Rita Durão .....	301
Antonio Diniz da Cruz e Silva.....	304
Domingos Caldas Barbosa.....	306
Thomaz Antonio Gonzaga.....	310
Pedro Antonio Correia Garção.....	312
Domingos dos Reis Quita.....	314, 317
Domingos Maximiano Torres.....	316
Claudio Manoel da Costa.....	317
Alvarenga.....	318
Manoel Maria Barbosa du Bocage.....	318, 319
Abbade de Jazende.....	320

---

SEXTA EPOCHA

**ESCHOLA ROMANTICA**

(SECULO XIX)

Almeida Garrett.....	} 332, 333, 334, 337, 338
Soares de Passos.....	

---